

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

“O IMIGRANTE E A FLORESTA”

**Transformações ambientais, das práticas e da produção rural nas
colônias do Vale do Itajaí-SC**

MANOEL P. R. TEIXEIRA DOS SANTOS

Tese de doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito parcial
para obtenção do título de doutor.

Orientador: Prof. Dr. João Klug

Florianópolis

Fevereiro de 2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

S237i Santos, Manoel Pereira Rego Teixeira dos
O imigrante e a Floresta [tese] : transformações
ambientais, das práticas e da produção rural nas colônias do
Vale do Itajaí-SC / Manoel Pereira Rego Teixeira dos Santos ;
orientador, João Klug. - Florianópolis, SC, 2011.
218 p.: il., tabs., mapas, plantas

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina,
Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-
Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. Colonização. 3. Florestas. 4. Comportamento humano. I. Klug, João. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU 93/99

O imigrante e a floresta: transformações ambientais, das práticas e da produção rural nas colônias do Vale do Itajaí-SC.

MANOEL PEREIRA REGO TEIXEIRA DOS SANTOS

Esta Tese foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de

DOUTOR EM HISTÓRIA CULTURAL

Banca Examinadora


Dr. João Klug – Presidente e Orientador – UFSC


Dr. Clécio Azevedo da Silva – UFSC

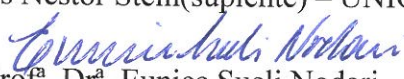

Dra. Eunice Sueli Nodari – UFSC


Dr. Paulo Afonso Zarth – UFFS


Dra. Ellen Fensterseifer Woortmann – UnB

Dr. Paulo Pinheiro Machado(suplente) – UFSC

Dr. Marcos Nestor Stein(suplente) – UNIOESTE


Prof^a. Dr^a. Eunice Sueli Nodari
Coordenadora do PPGH/UFSC

Florianópolis, 14 de fevereiro de 2011.

Dedico à minha Luísa, amor do papai.

AGRADECIMENTOS

Neste espaço pretendo demonstrar um pouco da minha gratidão às pessoas que nunca me deixaram desistir de seguir lutando, mesmo nos momentos mais difíceis que passei.

Em primeiro lugar um agradecimento mais do que especial ao meu orientador e amigo João Klug. Além de sua incontestável competência acadêmica, foi o grande incentivador para que esse trabalho chegasse aqui. Carregarei pra sempre comigo seus valiosos conselhos sobre a estrada da vida. Ainda no meio acadêmico, agradeço a Profa. Eunice Nodari pelo seu apoio e auxílio na minha formação e ao Prof. Paulo Zarth, que através de nossas prazerosas conversas na UFFS me estimulou e ensinou muito sobre História.

Minha família também foi fundamental neste percurso. Aos meus pais agradeço muito por seus incentivos diários. Para Anamaria, minha irmã, um muito obrigado! Você foi minha *fiel escudeira* e, mesmo morando na Grécia, me ajudou por muitas vezes com desenhos e no que mais eu precisei. Ao meu irmão João, agradeço muito pelo auxílio técnico providencial e pela nossa grande amizade. Agradeço também a Cristina, que me acompanhou em grande parte deste trabalho, e me presenteou com a nossa Luísa.

Enfim, agradeço a todos os meus parentes e amigos que me motivaram a seguir e concluir esta caminhada.

RESUMO

Esta tese de doutorado tem por objetivo analisar e refletir sobre os impactos da implantação de colônias de imigrantes na mata atlântica da região do vale do Itajaí em Santa Catarina. A colonização europeia em florestas consideradas desabitadas tornou-se uma das grandes marcas da colonização do sul do país. Esta condição foi decisiva na formação do modo de vida dos colonos, e este é um aspecto de grande relevância para pesquisa. As interferências dos imigrantes no novo meio eram determinadas pela mescla entre sua bagagem cultural trazida da Europa e a assimilação de práticas e hábitos locais. A pequena propriedade rural é analisada como o centro das atividades coloniais, pois é através das práticas rurais que ocorrem algumas das mais significativas formas de interação entre o colono e o meio natural. A atividade agrícola adotada pelos colonos é marcada por novas influências, sejam elas culturais, econômicas, climáticas ou geográficas, e que determinam por muito tempo o que e como eram plantadas as culturas agrícolas. Inicialmente, procuramos entender os significados da vida na floresta para os imigrantes com a análise de uma série de depoimentos de habitantes e visitantes. Posteriormente concentramos nossas atenções na análise da construção do espaço rural colonial, através da descrição do modelo de colonização, da estrutura das propriedades e do significado da posse da terra para os colonos. Na sequência, com objetivo de identificar as diferentes interferências, buscamos analisar as técnicas agrícolas adotadas e os índices estatísticos da produção na colônia Blumenau. Por fim, procuramos refletir sobre avanços técnicos e as barreiras para o processo de modernização das práticas rurais na região. Como apoio teórico desta pesquisa, contamos com as contribuições da História Ambiental e da História Agrária que nos permitiram revelar aspectos da colonização europeia descobertos pela tradicional historiografia da imigração.

Palavras chave: Colonização - Floresta - Práticas Rurais

ABSTRACT

This thesis aims to analyze and to reflect on the effects of the establishment of colonies of immigrants in the Atlantic Forest in the region of the *Vale do Itajaí* in *Santa Catarina*, Brazil. European colonization in forests considered uninhabited became one of the major marks of the colonization in the south of the country. This condition was decisive in shaping the lifestyle of the settlers, and is a relevant subject for research. The interference of immigrants in the new environment were determined by the blend of its cultural baggage brought from Europe and by the assimilation of local practices and habits. The small rural property is analyzed as the center of the colonial activities, since it is through the practice of rural activities that occurred some of the most significant kinds of interaction between the settler and the natural environment. Farming, as adopted by the settlers, was marked by new influences, be they cultural, economic, climatic or geographic, that determined for a very long time what and how crops were cultivated. Initially, we tried to understand what meant the life in the forest for the immigrants with the analysis of a series of testimonials from residents and visitors. Later on, we focused on the analysis of the construction of the rural colonial space through the description of the settlement model, of the structure of the properties, and of the significance of land possession for the settlers. Following, in order to identify the various interferences, we analyzed the agricultural techniques adopted and the statistical indices of production in the colony *Blumenau*. Finally, we reflected on the technical advances and on the barriers to the modernization of rural practices in that region. As a theoretical support for this research, we relied on contributions of Environmental History and Agricultural History that enabled us to reveal aspects of the European colonization discovered by the traditional historiography of immigration.

Keywords: Colonization - Forest - Rural Practice

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Mapa de Santa Catarina (região do Vale do Itajaí)</i>	22
Figura 2: <i>A chegada dos Imigrantes</i>	44
Figura 3: <i>O Ajustamento</i>	54
Figura 4: <i>Mapa de Vegetação do Vale do Itajaí</i>	55
Figura 5: <i>Floresta Ombrófila Densa</i>	55
Figura 6: <i>Índios Xokleng do Vale do Itajaí</i>	106
Figura 7: <i>Bugreiros do Vale do Itajaí, ostentando suas armas – anos 1904</i>	112
Figura 8: <i>Modelo de colonização</i>	122
Figura 9: <i>Manutenção de reserva de mata no topo dos morros</i>	123
Figura 10: <i>Planta da Colônia Blumenau – 1864</i>	1245
Figura 11: <i>Planta da Colônia Blumenau – 1872</i>	126
Figura 12: <i>Moradias dos primeiros colonos</i>	133
Figura 13: <i>Moradias cobertas com folhas de palmeiras</i>	134
Figura 14: <i>Casa de madeira</i>	135
Figura 15: <i>Casa no estilo enxaimel</i>	136
Figura 16: <i>Estrutura da pequena propriedade rural colonial</i>	137
Figura 17: <i>Premiação recebida pela colônia Blumenau na Exposição Nacional de 1869</i>	208
Figura 18: <i>Criação de gado em Blumenau no início do século XX</i>	225

Figura 19: Criação de gado leiteiro da raça holandesa em Blumenau no início do século227

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Expansão da ocupação espacial da Colônia Blumenau (1861-1880).....	129
Gráfico 2: Área cultivada por proprietário (HA).....	130
Gráfico 3: Área cultivada (pasto) por proprietário.....	130
Gráfico 4: Áreas cultivadas na Colônia Blumenau - 1861.....	158
Gráfico 5: Área cultivada na Colônia Blumenau - 1862.....	160
Gráfico 6: Tubérculos.....	164
Gráfico 7: Milho.....	165
Gráfico 8: Farinha de mandioca.....	166
Gráfico 9: Açúcar.....	167
Gráfico 10: Arroz.....	170
Gráfico 11: Fumo.....	171
Gráfico 12: Café.....	172
Gráfico 13: Manteiga.....	187

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados ocupação espacial da Colônia Blumenau (1861-1880).....	128
Tabela 2 - Produção da Colônia Blumenau (1859-1885).....	161
Tabela 3 – Estabelecimentos agrícolas (1861-1880).....	169
Tabela 4 – Exportação de Blumenau (1908 – 1928) – Reino Vegetal.....	175
Tabela 5 - Criação de animais na Colônia Blumenau.....	182
Tabela 6 - Produção de Gêneros de origem animal da Colônia Blumenau.....	186
Tabela 7 - Patrimônio Animal de Blumenau em 1921.....	188
Tabela 8 - Blumenau: Exportação de Produtos de origem animal.....	189
Tabela 9 - Blumenau: Exportação 1910-1919 (Reino Vegetal x Reino Animal).....	190
Tabela 10 - Blumenau: Exportação 1919-1923 (Reino Vegetal x Reino Animal).....	191
Tabela 11 - Blumenau: arrecadação com exportação 1919-1921... 	192

SUMÁRIO

Introdução.....	21
1. Capítulo 1 – A colonização européia nas florestas do sul do Brasil.....	42
1.1. Paisagem e Identidade	
1.2. Depoimentos e descrições sobre a floresta	
1.3. Orientações aos futuros emigrantes	
1.4. Habitantes da floresta.	
1.5. O índio e o imigrante	
2. Capítulo 2 – A construção do espaço rural.....	114
2.1. Privatização das terras florestais	
2.2. Modelos de colonização e ocupação.	
2.3. Estrutura da pequena propriedade colonial	
2.4. A conquista de um pedaço de <i>terra</i>	
3. Capítulo 3 – Produção Rural: técnicas, dados estatísticos e impactos ambientais.....	145
3.1. Técnicas agrícolas: a aproximação com os lavradores nacionais	
3.2. Análise de dados estatísticos da produção rural de Blumenau	
3.2.1. Produtos do Reino Vegetal	
3.2.2 – Criação de animais e produção de derivados	
4. Capítulo 4 – Tentativas de Modernização das Práticas Rurais.....	195
4.1. Avanços técnicos e barreiras naturais, econômicas e culturais	
4.2. Associações de Agricultores e Exposições Agrícolas	
4.3. Estações Experimentais e Postos Zootécnicos	
Considerações Finais.....	231
Referências Bibliográficas.....	237
Lista de Fontes.....	251

INTRODUÇÃO

O meio rural brasileiro vem sendo cada vez mais objeto de estudo nas mais variadas áreas das ciências humanas. Sociólogos, antropólogos, geógrafos e historiadores inserem nos debates acadêmicos pesquisas sobre diferentes aspectos que compõem a configuração rural brasileira. Nos últimos anos, temas como agricultura familiar, agroecologia, movimentos sociais rurais e êxodo rural conquistaram importante espaço no universo da pesquisa acadêmica. No campo da História, o reconhecimento das transformações no meio rural aparece como valiosa contribuição. Ao historiador contemporâneo, cabe estar atento as mais variadas formas de interação do homem com o meio rural e suas mudanças ao longo dos anos. Neste sentido, a análise deste processo histórico nos remete a temas de pesquisa que possam valorizar aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais e ambientais do meio rural. Nesta pesquisa, através de uma análise conduzida pela perspectiva ambiental, procuramos enriquecer o debate com o auxílio significativo de dados econômicos e políticos, assim como o reconhecimento e interpretação das estruturas sociais e culturais das comunidades estudadas.

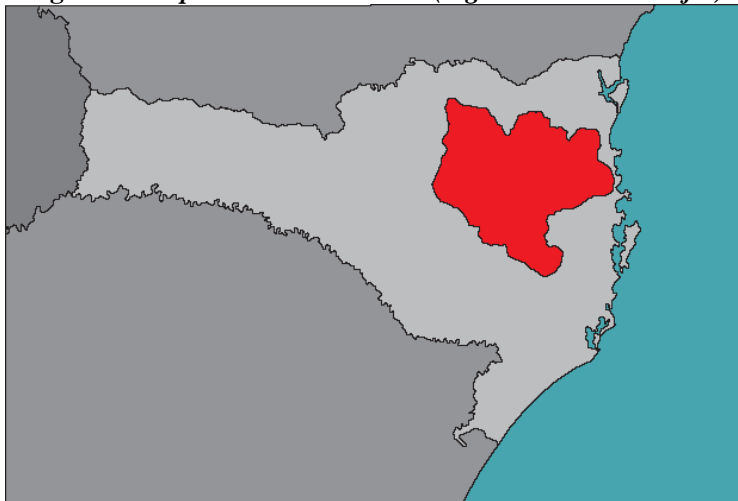
O processo de colonização do sul do Brasil inseriu na sociedade brasileira uma nova configuração para região. Através da fundação de diversos núcleos coloniais em áreas florestais consideradas desabitadas, houve a inserção de novos sujeitos que passam a transformar o seu novo ambiente a partir de suas necessidades e tradições culturais. Na prática, os colonos tornam-se habitantes da floresta e essa condição acabou determinando diversos aspectos do modo de vida colonial.

A imigração no Brasil é um tema recorrente na historiografia brasileira e regional. Os temas abordados pelos mais diferentes trabalhos visaram reconhecer a estrutura social, econômica e cultural das regiões coloniais através das variadas orientações teóricas e metodológicas. Nesta tese, buscamos analisar a formação e transformação da região do Vale do Itajaí em Santa Catarina a partir de uma perspectiva diferente da maior parte do que já foi produzido a respeito da colonização do sul do Brasil. Procuramos elucidar aspectos da história regional a partir de uma aproximação entre duas correntes historiográficas: a História Ambiental

e a História da Agricultura.

O vale do Itajaí, objeto desta pesquisa, recebeu grandes levas de imigrantes a partir da segunda metade do século XIX. Apesar da fundação de alguns núcleos coloniais anteriores, foi com o estabelecimento da colônia Blumenau em 1850 que esta região iniciou um grande processo de transformação. Uma década depois, por iniciativa do governo Imperial, foi fundada nas margens do rio Itajaí-mirim a colônia Brusque. Estas antigas colônias deram origem a municípios promissores economicamente, referências em diversos setores industriais importantes para economia regional e nacional. A transformação das antigas áreas florestais em cidades foi por vezes retratada por memorialistas que enfatizaram o pioneirismo e a bravura dos colonizadores. O ideal desbravador foi sendo construído ao longo dos anos com objetivo evidente de valorização dos imigrantes como responsáveis diretos por estas *conquistas*. Entretanto, cabe ao historiador reconhecer neste processo fatos e personagens comumente omitidos pela literatura da imigração. Portanto, é neste caminho que seguimos essa pesquisa.

Figura 1: Mapa de Santa Catarina (região do Vale do Itajaí)



Fonte: desenho da arquiteta Anamaria P. R. Teixeira dos Santos.

Escala 1:4.986.600

Neste trabalho, objetivamos compreender as relações estabelecidas entre os imigrantes e a floresta a partir da inserção deste personagem em seu novo ambiente até a consolidação de uma estrutura agrária marcada pela pequena propriedade policultora. As formas de interação entre os colonos e a mata vão sendo construídas e modificadas ao longo dos anos. Neste sentido, a análise apresentada visa reconhecer o processo de transformação ambiental, das práticas e da produção rural ocorridas na região do vale do Itajaí entre 1850 e 1930. O ponto de partida do recorte temporal adotado é justificado pela fundação da colônia Blumenau, responsável por grandes mudanças no vale do Itajaí e principal foco da pesquisa. A definição de 1930 como ponto final está relacionada ao início da Era Vargas (1930-1945) e as grandes interferências de seus governos nas regiões coloniais, como a suspensão dos estímulos à imigração e posteriormente o Projeto de Nacionalização do Estado Novo (1937-1945).

Nas últimas décadas, o meio ambiente está cada vez mais no centro das preocupações da sociedade contemporânea. Problemas como a poluição, o desmatamento, o clima, a extinção de espécies e as catástrofes naturais ganham privilegiado espaço na mídia, nos debates acadêmicos e até mesmo nas rodas de conversa. No campo das pesquisas acadêmicas as questões ambientais já estão há muito tempo presentes nos trabalhos das ciências naturais e biológicas, e recentemente também passaram a ter espaço nas ciências humanas e sociais.

Entre as novas contribuições de análise que contemplam o meio ambiente está a história ambiental. Sua origem está relacionada ao crescimento do movimento ambientalista nos anos 1970. Esta linha historiográfica reúne, além de historiadores, pesquisadores de outras áreas como a geografia, a biologia, a agronomia, etc. Segundo Regina Horta, *os primeiros a cunharem o termo “história ambiental” foram historiadores norte-americanos, reunidos em 1977, em torno da fundação da Sociedade Americana de História Ambiental (American Society for Environmental History) e da revista Environmental History, especializada no tema, além de congressos anuais organizados.*¹

¹ DUARTE, Regina Horta. **História e Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.31

Anos mais tarde, a história ambiental começou a ter espaço nas discussões historiográficas de diversos centros de pesquisa pelo mundo. Em 1999, foi criada a *European Society for Environmental History*, que passou a publicar uma revista exclusivamente dedicada ao tema, a *Environmental and History*, além da realização de congressos a cada dois anos.

Na América Latina e Caribe a história ambiental ganhou maior visibilidade no meio acadêmico a partir da fundação da *Sociedade Latino-americana e Caribenha de História Ambiental* (SOLCHA) num encontro em Cuba no ano de 2004. Esta sociedade vem realizando eventos regulares em diversos países do subcontinente. O primeiro evento deste grupo foi realizado antes mesmo da criação da SOLCHA, em 2003, na cidade de Santiago (Chile). Depois ainda foram realizados os eventos de Havana (Cuba), em 2004; Sevilha (Espanha), em 2006; Belo Horizonte (Brasil); em 2008; e La Paz - Baja California Sur (México), em 2010.

No Brasil, a história ambiental apareceu com maior frequência nas pesquisas e publicações históricas a partir no início dos anos 1990. Em 1991, a revista *Estudos Históricos*² publicou o dossiê “História e Natureza” com artigos de autores como Warren Dean, Donald Worster e José Augusto Drumond. Os dois últimos publicaram respectivamente os artigos “Para fazer história ambiental” e “A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa” que acabaram por influenciar e dar suporte para uma série de novos pesquisadores ambientais. Em seu texto, Worster expõe suas idéias e conceitos sobre esta disciplina. Em termos simples e abrangentes, ele define como função da história ambiental, tratar do papel e do lugar da natureza na vida humana.

O artigo de José Augusto Drumond é visto por muitos como um dos primeiros trabalhos de história ambiental produzidos por um pesquisador brasileiro. Neste texto o autor procurou apresentar orientações metodológicas e sugestões de fontes e temas de pesquisa. Entre suas indicações está a valorização da importância dos relatos de viajantes e naturalistas como fonte de pesquisa para história ambiental. Segundo ele, estes textos, de modo geral, estão recheados de descrições

² *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 4, n.8, 1991. p149-280.

detalhadas sobre o meio natural da localidade visitada. Assim como este historiador sugere, a presente pesquisa utiliza, e muito, este tipo de fonte.

Durante os anos 1990, a história ambiental começou a conquistar seu lugar nas pesquisas realizadas pelas universidades brasileiras. Foi neste contexto que o então Laboratório de Imigração e Migração (LABIMI) da Universidade Federal de Santa Catarina iniciou pesquisas que procuraram articular as questões migratórias com as ambientais. Ainda no fim dos anos 1990, através da coordenação dos professores Dra. Eunice Sueli Nodari e Dr. João Klug começaram a ser desenvolvidas pesquisas acadêmica tanto no âmbito da graduação como da pós-graduação que tinham como suporte a história ambiental. O crescimento da perspectiva ambiental nos trabalhos deste grupo estimulou, inclusive, a mudança no nome do LABIMI para Laboratório de imigração, Migração e História Ambiental (LABIMHA).

A partir de 2004, através do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina foram defendidas diversas dissertações de mestrado e teses de doutorado no campo da História Ambiental. Nos últimos anos outros professores passaram a integrar o grupo do LABIMHA ao lado de Nodari e Klug, caso dos professores Dr. Silvio Correa e Dr. Marcos Montysuma. Além das teses e dissertações o grupo ainda produziu e colaborou com a publicação de diversos artigos e livros. Em 2010, o LABIMHA ganhou ainda mais visibilidade nacional e internacional com a organização do I Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações. A maior parte dos historiadores ambientais brasileiros atua de forma muito isolada em seus departamentos e programas de pós-graduação, condição que valoriza ainda mais a consolidação deste grupo da Universidade Federal de Santa Catarina nos últimos anos.

No contexto nacional, são cada vez maiores as publicações no campo da história ambiental. Pesquisadores como José Augusto de Pádua (UFRJ), Regina Horta (UFMG) e Gilmar Arruda (UEM) são alguns dos historiadores que também contribuíram para ampliação significativa das publicações nesta corrente historiográfica. A ampliação dos programas de pós-graduação no país também ajudou muito para produção de dissertações e teses que colocam o meio ambiente como fio condutor de suas pesquisas.

Ao analisar o crescimento da história ambiental nas últimas

décadas, Regina Horta afirmou:

O mais importante a ser observado em todos esses dados é que os historiadores constituíram uma nova especialidade. A realização de congressos regulares e a publicação de revistas fazem com que pessoas de países e universidades diversas se comuniquem e/ou se encontrem, apresentem-se mutuamente o que vêm pesquisando, troquem idéias, aprendam uns com os outros sobre o que deve ser essa área de conhecimento histórico acerca de seus métodos e pressupostos.³

José Augusto de Pádua, em seu artigo *As bases teóricas da história ambiental*, reforçou a vanguarda deste campo historiográfico.

A história ambiental apresenta-se hoje como campo vasto e diversificado de pesquisa. Diferentes aspectos das interações entre sistemas sociais e sistemas naturais são esquadrihados anualmente por milhares de pesquisadores. A produção atual engloba tanto realidades florestais e rurais quanto urbanas e industriais, dialogando com inúmeras questões econômicas, políticas, sociais e culturais. A pesquisa em história ambiental, de toda maneira, até pelo próprio fato de ser “ambiental”, não costuma se fazer na abstração das teorias puras, mas sim nas contradições de lugares e experiências vividas. Na maioria das vezes, ela se dá por meio de recortes geográficos e biofísicos concretos: uma região florestal, uma bacia hidrográfica, uma cidade, uma zona agrícola.⁴

³ DUARTE, Regina Horta. Op. Cit. p.33

⁴ PÁDUA, José Augusto de. **As bases teóricas da história ambiental**. Dossiê Teorias sócioambientais. Revista Estudos Avançados/USP. N.68, 2010.

As virtudes da história ambiental estão relacionadas as diversas novas possibilidades que este campo apresenta. Essa condição pode ser percebida pela grande aproximação com outras áreas do conhecimento para além das ciências humanas e sociais. *A interdisciplinaridade – ou seja, o encontro de várias áreas do conhecimento – é uma das maiores tônicas da autodenominada história ambiental.*⁵ Outra reflexão importante desta disciplina está direcionada a conexão dos historiadores ambientais com as questões fundamentais do seu tempo como também afirma Regina Horta:

O fato dos historiadores terem dirigido suas indagações de forma tão sistemática em direção à natureza, a ponto de criarem um novo “ramo” de estudos, demonstra muito bem como a produção do conhecimento histórico se faz em sintonia com seu próprio tempo. Como vimos, as últimas décadas se caracterizam por intensos debates ambientais em setores muito diversos da sociedade. Ora, os historiadores muitas vezes são confundidos como pessoas que só gostam de “velharias”, de coisas antigas, passadas ou ainda como aqueles que cultivam uma espécie de cultura inútil, com a memorização de datas, batalhas, nomes, eventos, etc. Mas isso não é verdade, mesmo que realmente existam historiadores que são exatamente assim, infelizmente. Assim, quando os historiadores se voltam para o tema da natureza da forma específica como têm feito, evidenciam como vivem em um lugar social e não no “mundo da lua”. Apresentam-se como homens de diálogo com seu tempo e, principalmente, como pesquisadores de um saber não apenas válido, mas essencial para compreendermos nosso presente e atuarmos na construção de nosso futuro.⁶

⁵ DUARTE, Regina Horta. **História e Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.33

⁶ Idem.. p.31/32

Ao contrário do reducionismo que esta especificidade temática possa aparentar, a história ambiental proporcionou uma abordagem cada vez mais ampla. Segundo Pádua, este foi um movimento já observado em outras áreas da história.

Ela leva adiante o movimento observado desde o final do século XIX, no sentido de expandir as temáticas e dimensões da historiografia para além da história dos Estados e dos grandes personagens. Um movimento que se manifestou na história econômica, na história social, na micro-história etc. Não se trata, portanto, de reduzir a análise histórica ao biofísico, como se esse aspecto fosse capaz de explicar todos os outros, mas incorporá-lo de maneira forte – junto com outras dimensões econômicas, cultural, sociais e políticas – na busca por uma abordagem cada vez mais ampla e inclusiva de investigação histórica. O crescimento acadêmico recente da história ambiental, ao menos em parte, se explica exatamente por sua capacidade concreta para ampliar a análise histórica e trazer novas perspectivas para o estudo de antigos problemas historiográficos.⁷

Neste mesmo sentido James O'Connor, argumenta que pode ser vista como a culminação de todas as histórias anteriores, assumindo que sejam incluídas dimensões ambientais da história política, econômica e cultural contemporânea. Segundo ele, *longe de ser um tema marginal como é vista ainda por tantos historiadores, a história ambiental está (ou deveria estar) no centro mesmo da historiografia atual.*⁸ Como

⁷ PÁDUA, José Augusto de. Op. Cit.

⁸ O'Connor, James. *Qué es la historia ambiental? Por qué historia ambiental?* (versão traduzida por Guilherme Castro) In: *Causas Naturales. Ensayos de marxismo ecológico*. México, Siglo XXI, 2001

define o historiador ambiental J. Donald Hugues, “*Um historiador que decidiu colocar a história no seu contexto e “encontrar-lhe sentido”, se converte em historiador ambiental.*”⁹ Para O’Connor, a afirmação de que a história ambiental é a culminação de toda história anterior, pode não ser tão extravagante como parece a primeira vista. Muitos historiadores ambientais definem seu campo nos termos mais influentes que se possa imaginar.

A história ambiental costuma entender-se como a história da relação humana com o mundo físico, com o ambiente como objeto, agente ou influência na história humana. Neste campo, a natureza figura como o habitat natural humano, e as estações, os solos, a vegetação e a topografia, a vida animal, são vistos como algo que influencia significativamente a atividade, a produção e a criatividade humana. Para David Arnold,

a história ambiental se ocupa, não só de assuntos como a forma em que mudou o ambiente (se como resultado das mudanças na sociedades humanas ou por outras causas) e de efeitos das mudanças nas sociedades humanas senão também as ideias sobre o mundo natural e como estas se desenvolveram e passaram a fazer parte de nosso conhecimento da história e da cultura.¹⁰

Na seqüência da busca por referenciais teóricos que contribuam para construção desta tese, nos aproximamos da obra *O homem e o Mundo Natural*, de Keith Thomas¹¹. Neste trabalho, o autor destaca a relação entre o homem e a floresta através da análise de diversos aspectos deste envolvimento: o domínio do homem sobre a natureza, a companhia dos animais domésticos, a aproximação com árvores e flores e o dilema humano de escolher entre a cidade ou o campo. K. Thomas

⁹ Idem.

¹⁰ ARNOLD, David. **La naturaleza como problema histórico: el medio, la cultura y la expansión de Europa**. México: Fondo de Cultura Económica, 2000. p. 11 (trecho traduzido para tese)

¹¹ THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

defende a introdução desta perspectiva ambiental no universo das preocupações dos historiadores contemporâneos. Segundo ele,

o predomínio do Homem sobre o mundo animal e vegetal foi e é, afinal de contas, uma precondição básica da história humana. A forma com que ele racionalizou e questionou tal predomínio constitui um tema vasto e inquietante, que nos últimos anos recebeu bastante atenção por parte dos filósofos, teólogos, geógrafos e críticos literários. O assunto tem igualmente muito a oferecer aos historiadores, pois é impossível desemaranhar o que as pessoas pensavam no passado sobre as plantas e animais daquilo que elas pensavam sobre si mesmas.¹²

Como afirmamos anteriormente, ao lado da história ambiental este trabalho teve o apoio teórico da história da agricultura. Esta área da historiografia é mais antigo do que a história ambiental. O campo de estudos da História da Agricultura recebeu nomes como Marc Bloch e Georges Duby que além de outros trabalhos, escreveram *A terra e seus homens: Agricultura e Vida Rural no Século XVII e XVIII*¹³ e *Economia rural e vida no campo no ocidente medieval*^{14*}, respectivamente. Apesar de deterem-se a aspectos da vida rural em períodos e locais completamente distintos do proposto para esta pesquisa, estes autores reforçam a importância e a relevância deste tema.

A história da agricultura brasileira já foi tema de importantes estudos de pesquisadores, como Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr, além de outros trabalhos mais recentes de pesquisadores como

¹² Idem, p.19.

¹³ BLOCH, Marc. *A terra e seus homens. Agricultura e Vida Rural no Século XVII e XVIII*. São Paulo: Edusc, 2001.

¹⁴ DUBY, Georges, 1919-. *Economia rural e vida no campo no ocidente medieval*: [volume 1]. Lisboa: Edições 70, [1987].

* Entre as obras de Georges Duby que envolvem o mundo rural também está: DUBY, Georges. *Senhores e camponeses*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Ciro Flamarion Cardoso, Maria Yedda Linhares, Tamás Szmrecsanyi e Oriowaldo Queda. Nos últimos anos a História Agrária vem sendo tema de diversas publicações no Brasil, e ganhando visibilidade através da criação de GTs e eventos específicos da área. Márcia Mota, Paulo Zarth, Giralda Seyfert e Ellen Woortmann são alguns exemplos de pesquisadores atuantes na produção historiográfica sobre o meio rural.

Márcia Motta, em seu artigo *Movimentos rurais nos oitocentos: uma história em (re)construção*, destacou a importância do Programa de Pós Graduação em História Universidade Federal Fluminense na formação de historiadores dedicados a história da agricultura. Ela destacou *os estudos realizados por um grupo dedicado a História Social da Agricultura do programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense que, ao longo das décadas de 80 e 90, desenvolveu uma série de dissertações e teses sobre aqueles homens do século XIX*.¹⁵

Deste grupo surgiram nomes como Ciro F. Cardoso, Paulo Zarth e a própria Márcia Motta. A história da agricultura, segundo Ciro Flamarion Cardoso pode ser dividida em quatro grandes campos: história da agricultura *strictu sensu*; história agrária; história econômica do mundo rural; e história da civilização rural. Através desta pesquisa procuramos nos aproximar do que Ciro Flamarion Cardoso descreveu como história da agricultura *strictu sensu*. Segundo ele, esta seria

uma pesquisa ampla que tratar-se-ia de um aspecto da História das Ciências e das Técnicas, ocupando-se dos métodos, instrumental e organização da agricultura; de saber quais eram exatamente as plantas cultivadas e os animais criados em determinado período e lugar, e como; se os conhecimentos sobre agricultura eram apenas empíricos ou estavam sistematizados, etc. Este tipo de História da Agricultura normalmente tem como sistema de referencia o eixo: meio ambiente / superfície cultivada e tecnologia

¹⁵ MOTTA, Márcia. *Movimentos rurais nos oitocentos: uma história em (re)construção*. *Revista Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, CPDA, abril de 2001.p.4

agrícola (no sentido mais amplo deste termo) / população.¹⁶

No mesmo campo da história da agricultura, Maria Yedda Linhares define que, em resumo, a agricultura combina o trabalho, a terra e a tecnologia de acordo com as condições específicas. Segundo ela, a análise do processo histórico da agricultura deve contemplar *elementos que se associam o sistema socioeconômico em questão, as condições de acesso à terra, as normas jurídicas que regem a propriedade, o meio geográfico e as condições de uso da terra, o perfil demográfico, o universo profissional e as hierarquias sociais. Essa é a história agrária de que falamos: a história econômica e social do mundo rural.*¹⁷

Entre os pontos abordados por Maria Yedda Linhares, destacamos questões como a compreensão do contexto socioeconômico e do meio geográfico de cada região, além da análise histórica do universo profissional rural através de uma história social e, em alguns momentos, econômica do mundo rural. Estas perspectivas fizeram parte das preocupações desta pesquisa que procurou aproximar aspectos da historiada agricultura com a história ambiental. Esta possibilidade já foi levantada por Ciro F. Cardoso ainda em 1979, ao valorizar o enfoque ecológico nas preocupações dos historiadores da agricultura. Em sua obra *Agricultura, Escravidão e Capitalismo*¹⁸, ele afirmou que *o estudo dos efeitos – voluntários ou não – da atividade agropecuária sobre o meio ambiente constitui terreno de pesquisa de grande interesse.*¹⁹ Para Cardoso,

A agricultura – e portanto a História da Agricultura – pode ser focalizada a partir da Ecologia. [...] O enfoque ecológico em História

¹⁶ CARDOSO, Ciro Flamarion. **Agricultura, Escravidão e Capitalismo**. Petrópolis; Editora Vozes, 1979. p.15

¹⁷ LINHARES, Maria Yedda e SILVA, Francisco Carlos Teixeira. **A história da agricultura brasileira: debates e controvérsias**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.p.170

¹⁸ CARDOSO, Ciro Flamarion. **Agricultura, Escravidão e Capitalismo**. Petrópolis; Editora Vozes, 1979.

¹⁹ CARDOSO, Ciro Flamarion S.. Op. Cit. p.23

da Agricultura consiste basicamente em estudar: 1) as condições do meio ambiente em relação à eclosão, reprodução, extensão, transformação ou desaparecimento de um dado sistema agrícola; 2) os efeitos voluntários e involuntários da atividade agrícola e pastoril sobre o meio ambiente.²⁰

Portanto, para este trabalho utilizamos como referenciais teóricos dois campos da historiografia que, apesar de suas diferenças, se aproximam de forma muito positiva para este objeto de pesquisa. Neste percurso, procuramos incorporar aspectos da história ambiental e da história da agricultura para compreensão das transformações ambientais, das práticas e da produção rural nas colônias do vale do Itajaí. A partir deste aparato teórico partimos para a investigação empírica.

O suporte empírico desta tese é formado por uma grande diversidade de fontes. Mesmo buscando preencher lacunas deixadas pela historiografia da imigração, esta pesquisa não descarta a análise de fontes tradicionalmente utilizadas. Os mesmos documentos oficiais podem trazer ricas contribuições quando investigados através de um olhar diferenciado sobre as mesmas informações. Entre estes tipos de documentação estão os relatórios anuais produzidos nas diversas esferas de poder. Para as especificidades locais, os relatórios coloniais e posteriormente municipais nos remetem a informações pontuais quanto as transformações econômicas e sociais das localidades investigadas. Ao lado destes, os relatórios de Presidente de Província e as Mensagens de Governador permitem a compreensão do papel destas regiões coloniais em escala regional. Ainda neste sentido, os relatórios do Ministério da Agricultura nos apresentam informações pertinentes em relação as preocupações centrais dos governos imperial e republicano a respeito da colonização e produção agrícola em pequenas propriedades no Brasil. A documentação citada e diversos outros documentos avulsos estão disponíveis para pesquisa nos arquivos municipais, estaduais e nacionais. Para realização de uma análise mais cuidadosa das informações contidas a maior parte dos documentos referentes ao objeto de estudo foi digitalizada e arquivada durante a pesquisa de campo.

²⁰ Idem, p.22

Além da percepção do olhar oficial sobre a colonização esta documentação nos ofereceu um valioso acervo de dados e mapas estatísticos sobre a produção rural do vale do Itajaí e de sua importância para Santa Catarina. Nestes mesmos documentos também encontramos registros das políticas públicas destinadas ao meio rural colonial, estadual e nacional assim como a percepção do estado sobre as razões das deficiências na produção rural. A ausência de algumas informações, como por exemplo registros referentes as preocupações com a devastação, também nos esclarecem alguns aspectos da visão do estado sobre o meio natural.

Na procura por interpretações fora da esfera pública oficial, buscamos auxílio de uma grande diversidade de depoimentos pessoais. A partir do século XIX, além de grandes contingentes de imigrantes, o Brasil também passou a receber diversos viajantes europeus interessados em conhecer a fauna, a flora e o modo de vida dos brasileiros. Grande parte deles, ao retornar à Europa publicava suas experiências em forma de relatos. A presença de colonos europeus no sul do Brasil estimulou a vinda de diversos viajantes as principais colônias da região. O olhar destes europeus sobre as florestas e sobre a forma como os imigrantes viviam no sul país foram publicadas em obras de viajantes como Hugo Zoeller, Wilhelm Lacmann, Robert Ave-Lallemant e Johann Jakob von Tschudi.

Esta documentação é composta por informações explícitas, ou seja, suas descrições narrativas, e as implícitas, onde se encontram suas opiniões e pontos de vista. Segundo Miriam Moreira Leite, nestas obras,

a percepção das condições de vida social do local visitado tende a aglutinar-se às demais informações e observações sobre a natureza e o trabalho, até chegar a uma apresentação global das condições de vida da população visitada. [...] Os relatos de viajantes podem fornecer as primeiras pistas para estudiosos, levando questões que mais tarde mereceriam outras investigações mais longas e cuidadosas. [...] A literatura de viagem do século XIX como um todo, raramente perdeu seu caráter de testemunho

de uma experiência vivida - condição essencial das fontes primárias.²¹

Outro tipo de depoimento utilizado nesta pesquisa foram as correspondências de imigrantes a suas famílias na Europa. É evidente que assim como os relatos e mesmo os relatórios oficiais, estes documentos devem ser analisados levando-se em consideração as possíveis intenções de quem está escrevendo. A publicação de relatos que enfatizavam as vantagens da emigração eram muito utilizados pelos agentes responsáveis pela captação de futuros emigrantes na Europa. Por outro lado, devemos estar atentos nos referenciais de quem escreve. O olhar de viajante europeu que chegava pela primeira vez a América era certamente distinto de um brasileiro ou mesmo de um estrangeiro com maiores experiências em terras brasileiras. Como afirmou Miriam Leite, *para melhor compreender as observações dos viajantes, seria necessário verificar também quais os costumes e valores do país que provinham, quais os preconceitos que traziam consigo*.²²

O valor das contribuições dos depoimentos pessoais não é perdido pela intencionalidade de quem a escreve. Em muitos casos é justamente a carga de intenções que está no foco das atenções do pesquisador. Miriam Moreira Leite ressalta que

com todas restrições que lhes foram feitas, os viajantes continuam a ser utilizados por historiadores, sociólogos e antropólogos, ao estudar aspectos e períodos para os quais não foram descobertas outras fontes. Na verdade apesar dos estereótipos introduzidos e do prosaísmo cientificista, o viajante escritor permitiu, uma possibilidade, ainda que imperfeita, de auto-conhecimento.²³

²¹ LEITE, Miriam Moreira. **A condição Feminina no Rio de Janeiro: séc. XIX**. São Paulo: Hucitec/Ed USP. 1993. p.18/176/177

²² Idem, p 201.

²³ Idem, p. 31.

Para realização da pesquisa contamos com o apoio dos principais Arquivos públicos do Estado, especialmente a documentação existente no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva de Blumenau e no Arquivo Histórico do Estado de Santa Catarina. Estes acervos possuem documentos oficiais e pessoais que foram fundamentais para a pesquisa. Além das diversas visitas as instalações do arquivo blumenauense, tivemos acesso a um grande número de documentos sobre a colônia Blumenau através dos exemplares da revista *Blumenau em Cadernos*. Em circulação desde 1957, este periódico conta em seus diversos volumes com uma grande variedade de artigos e a transcrição de documentos originais de enorme valia. Correspondências pessoais ou oficiais, relatórios, relatos de viajantes, etc., foram por diversas vezes publicados nos diversos números da revista. No próprio Arquivo José Ferreira da Silva e na Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina é possível encontrar a coleção completa.

Outro importante recurso para a pesquisa foi a *home page*²⁴ do **Projeto de Imagens de Documentos oficiais do Brasil** desenvolvido pelos pesquisadores da Universidade de Chicago nos Estados Unidos. Neste espaço é possível ter acesso a valiosos documentos oficiais brasileiros digitalizados com boa qualidade e organizados de forma clara ao pesquisador. Através desta página tivemos acesso a todos os relatórios do Ministério da Agricultura entre sua criação em 1860 e 1960. Os relatórios anuais dos presidentes de província de Santa Catarina, analisados no próprio Arquivo do Estado, também estão disponíveis nesta página. Com isso, por diversas vezes foi possível a consulta a esta documentação foi feita de forma mais fácil do que no acervo impresso.

O processo de investigação histórica manteve como eixo norteador a compreensão da transformação das áreas florestais em colônia. Desta forma, alguns questionamentos iniciais direcionaram a construção da tese: Qual foi a relação estabelecida entre os colonos europeus e seu novo habitat? De que forma a bagagem cultural européia influenciou nas transformações ambientais decorrentes da colonização? Houve aproximação entre imigrantes e lavradores nacionais? Em caso

²⁴ Ver: www.crl.edu/brazil

positivo, onde podemos identificar este contato? Do ponto de vista espacial, de que forma estas colônias foram concebidas? Quais foram os modelos de colonização, de ocupação e de propriedades instaladas? No que diz respeito as práticas rurais (técnicas, culturas, animais, etc), ocorreu uma grande transposição das experiências européias ou uma significativa assimilação de novos hábitos influenciados pelo novo meio? Quais foram as principais transformações na produção e nas práticas rurais coloniais? Que interferências foram relevantes para as possíveis mudanças?

Ao longo dos quatro capítulos desta tese, com apoio de um vasto conjunto de fontes já citadas, das contribuições de obras importantes para temática e com o suporte teórico das já mencionadas história ambiental e história da agricultura, procuramos enriquecer a historiografia da imigração a partir de uma perspectiva inovadora.

No primeiro capítulo buscamos construir uma abrangente análise sobre a relação entre o imigrante e a floresta no contexto do processo colonizador. Na busca pelo reconhecimento dos significados da floresta para os imigrantes europeus estabelecidos no vale do Itajaí, resgatamos elementos formadores das tradições culturais. A partir disso, analisamos as transformações paisagísticas na região relacionadas a identidade cultural de seus novos e velhos habitantes. Neste sentido, refletimos a relação *paisagem e identidade* a partir do que Francisco Carlos Teixeira da Silva define como *História das Paisagens*. Segundo ele, *esta não seria uma história econômica de uma região ou seu retrato, nem tampouco de um processo de urbanização ou de esvaziamento de uma cidade, embora estes elementos devam estar presentes. Trata-se de uma visão de conjunto, do enlace de múltiplas variáveis, em uma duração sempre longa*²⁵.

Segundo Teixeira da Silva, *o diferencial que devemos reter na percepção da história das paisagens é a noção de conjunto, sistêmica*²⁶. Desta forma, a análise das paisagens agrárias deve ocorrer através de uma visão global considerando tanto os diversos aspectos formadores quanto seus principais agentes de transformação. Através desta visão

²⁵ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *História das Paisagens*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997. p.205.

²⁶ Idem, p.205.

global sobre as paisagens, encontramos na formação identitária um de seus papéis mais significativos. Para Simon Schama, *as paisagens podem ser conscientemente concebidas para expressar as virtudes de uma determinada comunidade política ou social*.²⁷

Ainda no primeiro capítulo desta tese, intitulado *A colonização europeia nas florestas do sul do Brasil*, seguimos nossa análise a partir das diversas interpretações de colonos e viajantes sobre a vida na floresta do vale do Itajaí. Como afirmamos anteriormente, apesar de um grande carga de intencionalidade, estes depoimentos traduzem sentimentos e percepções sobre os significados da floresta para moradores e visitantes.

O estabelecimento de colonos europeus nas áreas florestais de Santa Catarina desencadeou evidentes transformações tanto nas áreas ocupadas quanto na vida das pessoas envolvidas com este processo. Após a distribuição dos lotes a mata fechada era a grande adversária para a implantação das primeiras lavouras. No entanto, era da mesma mata que saíam as madeiras para edificações e caça praticada por lazer ou necessidade. As transformações nestas relações ao longo dos anos é objeto de debate na última parte do primeiro capítulo.

No segundo capítulo, chamado de *A construção do Espaço Rural*, objetivamos a compreensão das mudanças espaciais desencadeadas pela implantação e desenvolvimento dos núcleos coloniais, em especial da Colônia Blumenau. Neste momento procuramos entender a construção e transformação do espaço regional através da análise dos modelos de colonização, de ocupação e das propriedades rurais utilizados no vale do Itajaí.

O processo de ocupação e comercialização de lotes coloniais nas áreas florestais determinou o que se chamou de *Privatização das terras florestais*. A partir da lei de terras em 1850, foram criadas diversas companhias colonizadoras particulares que visavam obter lucro com a especulação imobiliária na venda de lotes. Além das transformações espaciais proporcionadas por este processo, procuramos refletir sobre o processo de aquisição do lote pelo colono.

²⁷SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.26.

A transformação das áreas florestais em colônias ocorria através da demarcação dos lotes a partir de modelos que se repetiram na maior parte do sul do Brasil. As referências naturais, principalmente morros e cursos d'água, eram utilizadas pelos agrimensores responsáveis por estas atividades. Para esta análise também buscamos relacionar dados estatísticos sobre a dimensão das áreas cultivadas com o número de proprietários. Através do cruzamento deste tipo de informação em diversos anos foi possível identificar, entre outras coisas, a intensificação dos impactos ambientais decorrentes das atividades rurais coloniais.

A pequena propriedade colonial e suas práticas rurais definiam as transformações espaciais a partir das necessidades de subsistência, da inserção de novas culturas agrícolas ou apropriação de práticas e espécies adotadas pelos camponeses nacionais. Esta aproximação com os caboclos, quase sempre silenciada, ganha espaço privilegiado neste e nos demais capítulos desta tese.

O descaso pela agricultura dos lavradores nacionais e escravos implica desconsiderar uma parcela significativa da população camponesa nacional e que é de extrema importância para o entendimento de uma série de aspectos relativos ao processo de ocupação da terra, do desbravamento da fronteira agrícola e da formação do mercado de trabalho livre em substituição aos escravos²⁸.

Na análise do modelo de propriedade, buscamos identificar algumas de suas características mais marcantes e as mudanças e permanências ao longo dos anos. A posse da terra, mesmo que muito longe de sua terra natal, representava para o imigrante, pelo menos inicialmente, a conquista da liberdade. A satisfação com o pedaço de terra ia muito além do sentimento de posse, ela representava a possibilidade de sobrevivência através do trabalho familiar na agricultura de subsistência e na comercialização dos excedentes. Neste

²⁸ ZARTH, Paulo Afonso. **Do Arcaico ao Moderno: o Rio Grande do Sul Agrário do século XIX**. Ijuí: Editora Unijuí, 2002. p.35.

momento buscamos analisar a colonização a partir do que Ellen Woortmann definiu como *significados da terra*²⁹. Entender o que representava a conquista de um pedaço de terra foi mais uma alternativa na percepção das transformações ambientais decorrentes do estabelecimento de colônias nas áreas florestais.

No terceiro capítulo iniciamos um debate mais técnico, estatístico e econômico do processo de interação dos imigrantes com as áreas florestais. Em a *A Produção Rural Técnicas, Estatísticas e Impacto Ambientais*, analisamos inicialmente as dificuldades enfrentadas pelos colonos europeus para cumprir um dos objetivos da política de imigração: a introdução de técnicas e cultivos agrícolas europeus no Brasil. As dificuldades climáticas, geográficas e financeiras tornaram-se grande adversárias para inserção de espécies como o trigo e a cevada, assim como a introdução de equipamentos como o arado.

Para compreensão das diversas transformações (ambientais, paisagísticas, das práticas rurais, etc) desencadeadas ao longo dos anos nas áreas florestais do vale do Itajaí buscamos analisar cuidadosamente os dados estatísticos sobre a produção agrícola e a criação de animais presentes nos diversos relatórios oficiais pesquisados. Desta forma foi possível observar os cultivos de maior relevância para região, a aproximação com culturas tradicionalmente adotadas pelos lavradores nacionais, assim como reconhecer as transformações mais significativas neste quadro ao longo dos anos. Neste mesmo sentido, buscamos compreender o papel da produção agrícola colonial do vale do Itajaí no contexto catarinense e nacional.

As tentativas de modernização das práticas rurais são assunto do último capítulo desta tese. A idéia central está relacionada a compreensão dos principais avanços técnicos num universo de significativas barreiras naturais, econômicas e culturais. As mudanças reconhecidas envolvem resultados de pequenas inovações tecnológicas,

²⁹ Em 2004, Ellen Woortmann organizou e publicou o livro *Significados da Terra*. Esta obra reúne pesquisas de especialistas em assuntos do universo rural através de uma abordagem multidisciplinar. Os artigos reunidos foram apresentados no Seminário Significados da Terra, organizado no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília por iniciativa da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Ver: WOORTAMNN, Ellen F (Org.). *Significados da Terra*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004. 290p

assim como a incorporação de novas espécies agrícolas e atividades agropastoris. A viabilização desta modernização foi resultado da ação de diversos setores sociais. Neste sentido, analisamos neste capítulo o papel das associações agrícolas, das exposições, das estações experimentais e das iniciativas individuais nas tentativas de aperfeiçoar as práticas rurais coloniais.

Portanto, através destes quatro capítulos procuramos compreender as transformações ambientais, das práticas e da produção rural nas colônias do vale do Itajaí. A análise desenvolvida contemplou diferentes perspectivas que variaram de questões mais subjetivas no que diz respeito a interação dos colonos europeus com a floresta até aspectos mais técnicos e estatísticos. A lida rural analisada como a atividade determinante para o modo em que os imigrantes se ajustaram ao novo ambiente.

CAPÍTULO 1

A COLONIZAÇÃO EUROPÉIA NAS FLORESTAS DO SUL DO BRASIL

Para o imigrante estabelecido nas colônias do Vale do Itajaí, o envolvimento com a floresta era inevitável. Ao longo dos anos esta relação foi construída através de um intenso processo de reconhecimento, interação e transformação do espaço. Os olhares sobre a floresta permitiram diferentes interpretações que variavam entre a admiração e o temor por este universo desconhecido. Visitantes e colonos buscavam reconhecer as virtudes e apontar as dificuldades do novo ambiente. As diversas interpretações sobre a floresta estavam claramente relacionadas com os referenciais e as expectativas do observador.

Assim como ocorreu no reconhecimento da floresta, a bagagem cultural do colonizador foi, sem dúvida, um aspecto relevante nas transformações ambientais e paisagísticas geradas pelo processo de colonização na região. No entanto, esta construção também foi resultado de significativas assimilações culturais, geralmente, silenciadas pelos discursos memorialistas. A aproximação com os lavradores nacionais, especialmente nos primeiros anos, influenciou diversos aspectos da vida e do trabalho dos imigrantes.

As mudanças proporcionadas pela implantação dos núcleos coloniais estavam, em grande parte, relacionadas com as necessidades emergenciais dos imigrantes. A proximidade com espécies animais e vegetais até então desconhecidas, assim como a aproximação com indígenas e caboclos e suas práticas culturais transformavam a floresta em um universo a ser desvendado, desbravado e, muitas vezes, destruído. Ao lado das culturas agrícolas tradicionais, os colonos foram aos poucos incorporando novas culturas e técnicas agrícolas a sua realidade. As diferenças entre a floresta do sul do Brasil e os bosques europeus eram significativas. Enquanto na Europa os bosques eram espaços praticamente restritos a nobreza, no sul do Brasil, a fechada mata atlântica tornava-se moradia para estes colonos. As possibilidades de caça eram algumas das virtudes destacadas pelos colonos na escolha pela emigração para o Brasil.

1.1 Paisagem e Identidade

Quando o imigrante europeu atravessava o Atlântico para fazer do Sul do Brasil sua nova pátria, trazia consigo, em sua bagagem, não somente bens materiais. Trazia também no baú de sua memória o patrimônio dos bens culturais cultivados ao longo dos séculos em sua terra natal. A herança cultural, tanto pessoal como coletiva, constitui a identidade, a marca registrada, de uma pessoa ou grupo social. Atravessar o Atlântico não significava, em hipótese alguma, apagar o passado.

O recém-chegado no Brasil conservava intacta a lembrança da pátria distante, com tudo aquilo que simbolizava sua natureza familiar, amigos e parentes, túmulos carinhosamente cuidados, templos veneráveis nas aldeias e cidades, usos e hábitos típicos, costumes consolidados, agricultura, artesanato, profissões, comércio, arte e ciência em plena atividade. Aqui, logo no início sentia-se em ambiente estranho, via plantas diferentes, outras espécies de animais, novas constelações, ninguém a quem pudesse fazer uma confidência, lugar algum que lhe fizesse recordar o passado, nenhuma igreja ou escola para os filhos, a par de usos e costumes diversos dos seus. Um permanente tatear, procurar, começar da estaca zero tudo o que na Europa já estava ordenado e demarcado. Enquanto lá a paisagem podia ser apreciada em sua beleza cultivada e até os bosques eram plantados e cuidados, aqui a natureza exuberante se manifestava pela mata virgem das florestas e pela extensão das campinas incultas, povoadas de animais estranhos, bravios, alguns venenosos, que se mostravam menos amigos do homem do que seus inimigos.³⁰

³⁰FOUQUET, Carlos. **O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil**. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1974.

Figura 2: A chegada dos Imigrantes



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Neste texto, Carlos Fouquet aponta para um aspecto raramente tomado em consideração pelos estudiosos da imigração alemã. O que representava para o alemão a floresta, em sua terra natal e, depois, aqui no Brasil?

Simon Schama, em sua obra *Paisagem e memória*, analisou de forma singular, a origem e o desenvolvimento históricos da devoção, do apreço e da valorização da floresta pelos alemães. No capítulo *Der Holzweg: a trilha na floresta* aponta para o fato de que para os povos germânicos, a floresta se constitui num dos fundamentos da cultura e da identidade dos alemães. Segundo Schama, o primeiro a levantar esta questão foi o escritor romano Tácito na sua pequena obra *Germânia*.

Embora não tenha estado pessoalmente nas regiões germânicas,

Tácito, que viveu no primeiro século da era cristã, compôs, sem dúvida, a melhor etnografia dos povos germânicos. Ele descreve os germanos como sendo bárbaros e habitantes das florestas, em oposição aos romanos considerados civilizados.

Antes da unificação alemã (1871) havia inúmeros principados autônomos. Muitos desses principados tinham uma legislação de proteção das florestas não com objetivos ecológicos mas como reserva de caça dos príncipes. Grande parte dessas leis passaram a ser mais tarde leis nacionais de preservação das florestas.

Datam também dessa época o surgimento de cientistas da natureza especializados em silvicultura que tratavam as matas como um laboratório. Muitas obras foram publicadas e artigos científicos que em muito contribuíram para o estudo de plantas e da natureza em geral.

Os expoentes da silvicultura imperial não só possuíam erudição histórica e conhecimento prático, como contribuíram, e muito, para levar os governos nacional e provinciais a aceitarem a responsabilidade da administração florestal. As áreas consideráveis, que haviam sido desmatadas arbitrariamente, segundo os caprichos do mercado madeireiro, agora eram mantidas pelo Estado como “estoque florestal” e, em alguns casos, replantadas com carvalhos, faias e coníferas. Esse procedimento tinha, evidentemente, mais um caráter comercial que ecológico no que se refere à preservação das matas. No entanto, tudo isso serviu para convencer o Estado de que as florestas eram mais que uma simples fonte de renda: de algum modo misterioso e indeterminado, elas constituíam um elemento essencial do caráter nacional.

A colonização européia na região do vale do Itajaí-SC, assim como em outras regiões colonizadas, proporcionou grandes transformações ambientais e paisagísticas. Através do modelo de pequena propriedade rural dependente de mão-de-obra familiar e com a produção destinada à subsistência e comercialização dos excedentes, esta região de Santa Catarina transformou-se num espaço de importantes manifestações identitárias. Esta colonização, marcada principalmente pela presença de ítalos e teutos, proporcionou uma configuração paisagística peculiar como resultado de um “ajustamento ao novo meio”, ou seja, a bagagem cultural européia mesclada à assimilação de diversos aspectos do novo ambiente construiu uma nova identidade cultural.

Esta idéia de ajustamento também pode ser entendida a partir do

que autores como Peter Burke definem como *hibridismo cultural*. Esta visão seria algo intermediário entre as visões mais extremistas. *A idéia de que encontros culturais levam a algum tipo de mistura cultural é uma posição intermediária entre duas visões do passado que podem ser criticadas como superficiais. Por um lado, há a alegação de que uma cultura ou uma tradição pode permanecer “pura”. Por outro lado, temos a afirmativa de que uma única cultura pode conquistar a outra por completo.*³¹

A formação da paisagem do vale do Itajaí, assim como qualquer outra, resultou de um diversificado universo de interferências. Segundo Milton Santos, a paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica de produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que tem idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos.(...) suscetível a mudanças irregulares ao longo do tempo, a paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço.³²

Partindo desta consideração, devemos entender que a intervenção humana na transformação ambiental da região não foi, logicamente, resultado apenas da interferência dos colonos imigrantes e suas práticas rurais. Para análise destas intervenções podemos estabelecer, pelo menos, quatro fases distintas: 1) a intervenção indireta; 2) a ação dos indígenas e caboclos; 3) a colonização européia e suas atividades rurais; e 4) o processo de urbanização e industrialização.

A idéia de uma floresta virgem, completamente isenta da interferência humana é algo cada vez mais questionado pelos especialistas. Para Teixeira da Silva, *somente o olhar mais treinado - do agrônomo, do geógrafo ou do historiador - pôde aos poucos, perceber o ‘continuum’ existente entre a Aldeia, seus campos, pastos e o bosque ao fundo. Mesmo o ‘olhar treinado’ não percebia, de imediato, em*

³¹ BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. Coleção Aldus. n° 18. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2006. p. 112-113.

³² SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 68.

*paisagens ditas naturais, a decisiva ação do homem. Segundo O autor, a natureza virgem não é mais do que um mito criado pela ideologia de civilizados sonhadores de um mundo diferente do seu.*³³

Gomez-Pompa e Kaus, em “O mito da Natureza Selvagem”³⁴ afirmam que

muitos dos últimos refúgios de ecossistemas virgens que a nossa sociedade deseja proteger foram habitados por milênios, embora possam parecer intocados. Por exemplo, em qualquer diálogo atual sobre florestas tropicais, a bacia amazônica é comumente mencionada como área vital que deve ser intocada e protegida. Cada vez mais, porém, evidências arqueológicas, históricas e ecológicas mostram não só uma elevada densidade demográfica no passado, e locais de contínua ocupação humana ao longo de vários séculos, como um meio ambiente intensivamente manejado e também conseqüentemente modificado.³⁵

Ainda sobre este conceito, Simon Schama afirma que, *apesar da atuação de vários ecossistemas que sustentam a vida no planeta já estarem atuando muito antes da atuação humana, é muito difícil imaginar um único sistema natural que a cultura humana não tenha modificado substancialmente. Segundo ele, até mesmo as paisagens que parecem mais livres da nossa cultura, a um exame mais atento, podem revelar-se como seu produto*³⁶. Seguindo este raciocínio, devemos levar em consideração que as interferências humanas na paisagem do vale do Itajaí poderiam estar acontecendo muito antes da sua real ocupação.

³³ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **História das Paisagens**. In: CARDOSO, Ciro Flamarión. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997. p. 204.

³⁴ GÓMEZ-POMPA, Arturo e KAUS, Andrea. **Domesticando o Mito da Natureza Selvagem**. In: DIEGUES, Antônio Carlos. *ETNOCONSERVAÇÃO: Novos Rumos para a Conservação da Natureza*. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 132.

³⁵ Idem.

³⁶ SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 20.

A presença das populações indígenas pode ser entendida como uma nova fase do processo de transformação ambiental e paisagística da região. Apesar da grande interação com a mata e do aparente uso racional dos recursos naturais, não é possível descartar a interferência da população indígena³⁷ no Vale do Itajaí. A prática da agricultura de coivara ou mesmo a caça e a coleta desencadearam transformações nesta paisagem. Ainda nesta segunda fase, podemos incluir a presença de famílias de lavradores nacionais (caboclos) que ocupavam porções de terras junto ao rio Itajaí-açú para a prática agrícola. Os caboclos, pela sua própria formação étnica³⁸, já simbolizavam uma aproximação entre europeus e indígenas. Estes, aliás, foram responsáveis pela transmissão de diversos conhecimentos adquiridos pelos imigrantes na chegada ao vale. O modelo das primeiras residências, uso da coivara e a assimilação de uma série de culturas agrícolas são alguns dos principais exemplos desta aproximação.

O processo de imigração e colonização do vale do Itajaí ganhou significativa dimensão a partir da segunda metade do século XIX com a fundação de colônias como Blumenau, em 1850 e Brusque, em 1860. Considerado um *vazio demográfico*³⁹ pelas autoridades públicas, esta região iniciou um intenso processo de transformação ambiental e paisagística. Neste percurso, a presença de caboclos e indígenas foi

³⁷ Na região do Vale do Itajaí, destaca-se a presença do grupo Xokleng, conhecidos no contexto da colonização como *botocudos*.

³⁸ *O termo caboclo se originou junto à formação social e étnica dos trabalhadores camponeses brasileiros. Como substantivo de dois gêneros, designa os(as) mestiços(as) de ascendência indígena e branca. (...) Designa também os indígenas que, desintegrados de seus valores nativos (destribalizados), perdiam seus vínculos socioculturais e passavam a agir sob valores culturais “dos europeus”. Por muito tempo, teve sentido pejorativo de sujeito atrasado, ignorante, preguiçoso e portador de maus hábitos. Depois, passou a designar pessoa do interior, caipira, matreiro e pouco instruído, forjado por traços físcos e influências culturais indígenas e sociais do modo de vida urbano. Mais recente, após passar a designar parte significativa da população brasileira, em especial da Amazônia, o sentido pejorativo foi sendo desfeito(...).* (MOTTA, Márcia. Dicionário da Terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.p. 68)

³⁹ A interpretação da região do vale do Itajaí como um “vazio demográfico”, antes do início do processo colonizador na região, desconsidera a presença indígena e cabocla na região, ao menos no que diz respeito direto a terra.

praticamente desconsiderada, restando-lhes o papel de *instrutores*⁴⁰ e *inimigos*⁴¹, respectivamente.

A colonização europeia e suas atividades rurais significam, portanto, uma terceira fase de intervenção no meio natural e na paisagem do vale do Itajaí. A ocupação de regiões consideradas vazios demográficos pelo poder público, inseriu outra dinâmica neste processo de transformação ambiental. A acelerada devastação de grandes áreas de floresta para instalação de pequenas propriedades e suas lavouras foi, sem dúvida, a primeira grande mudança paisagística. Aliás, a configuração da paisagem regional permaneceu em constante mudança. Segundo Milton Santos, *através das novas técnicas vemos a substituição de uma forma de trabalho por outra, e de uma configuração territorial por outra*⁴².

Nesta divisão, a quarta e última etapa desta mudança ambiental é representada pelo processo de industrialização e a conseqüente aceleração da urbanização. Mesmo não sendo o foco desta análise, estas mudanças no meio urbano desencadeiam e ou resultam de uma série de alterações no meio rural. A partir da segunda metade do século XIX, em função do crescimento industrial e da grande fragmentação dos lotes coloniais, a lógica colonial começou a ser modificada. Surge a categoria de colonos-operários, ou seja, trabalhadores rurais que passam a trabalhar grande parte de sua jornada nas indústrias com o objetivo de completar o orçamento familiar. Para esta nova categoria de colono, a terra deixa de ser o único sustento. Desde então, a paisagem rural vem sendo constantemente modificada e diminuída. Mesmo com a notória manutenção de algumas características fundamentais do modelo de colonização adotado, a chegada de “novidades” como a luz elétrica, a mecanização agrícola ou mesmo a proliferação dos sítios de lazer

⁴⁰ Apesar de silenciada por muitos anos pela historiografia da imigração, a população cabocla foi responsável por importantes ensinamentos aos colonos, especialmente nos primeiros anos. As influências caboclas poderiam ser observadas nos modelos das primeiras residências, nas culturas e técnicas agrícolas adotadas pelos imigrantes.

⁴¹ Os conflitos entre colonos e imigrantes foram freqüentes no contexto da colonização no vale do Itajaí. Sobre este assunto ver: ALVES, Roselane Maria. **“Se mostram os bugres” Abordagens da imprensa catarinense sobre o indígena (1900-1914)**. Florianópolis 2000. Dissertação (Mestrado em, História). Universidade Federal de Santa Catarina.

⁴² SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.p. 67.

consolidam uma nova lógica deste meio rural e por sua vez de sua paisagem.

No percurso desta análise, da mesma forma que entendemos a formação da paisagem como resultado de diferentes influências culturais (identitárias), sociais, econômicas ou climáticas, devemos reforçar que a bagagem cultural ou a formação pessoal, por exemplo, permitem interpretações muito diferentes sobre a mesma paisagem. Segundo Milton Santos, *a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diferentes versões do mesmo fato*⁴³.

Esta compreensão sobre percepção e conhecimento nos leva a reflexão de que pessoas diferentes possuem visões distintas sobre a mesma paisagem. Portanto, o que um agrônomo observa sobre uma determinada paisagem é, certamente, diferente da visão que um historiador tem sobre a mesma. Da mesma forma, devemos diferenciar a maneira como imigrantes e caboclos percebiam a floresta do vale do Itajaí.

A decisão de emigrar revelava como consequência imediata um grande afastamento do modo de vida europeu. Entretanto, além de alguns de seus bens materiais este emigrante carregava consigo uma “outra bagagem”, suas lembranças, conceitos e significados, geralmente relacionados com suas heranças culturais. Entre os diversos elementos que compunham esta “bagagem”, se reveste de grande relevância para esta análise: a forma como percebiam a floresta. Para Simon Schama, *nem todas as culturas abraçam natureza e paisagem com igual ardor e as que as abraçam conhecem fases de maior ou menor entusiasmo. O que os mitos da floresta antiga significam para uma cultura européia nacional pode traduzir algo totalmente diverso em outra cultura*⁴⁴. Desta forma, entende-se que o mesmo ambiente natural pode significar um lugar obscuro e assustador ou um ambiente exclusivo da nobreza ou ainda um local de curiosidade e admiração, sendo determinado pela

⁴³ SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 62.

⁴⁴ SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 25.

forma como cada indivíduo percebe a floresta. Segundo Gilmar Arruda, *o que conta realmente é o que se quer ver, são os desejos projetados sobre a natureza*⁴⁵.

A identidade de um povo é, muitas vezes, construída através de representações paisagísticas. *Na Alemanha, por exemplo, a floresta primitiva era o lugar de auto-afirmação tribal contra o Império Romano de pedras e leis*⁴⁶. Schama ressalta que a identidade nacional perderia muito de seu fascínio feroz sem a mística de uma tradição paisagística particular⁴⁷. Memórias e identidades são fenômenos subjetivos, não são coisas fixas, mas representações ou construções da realidade⁴⁸.

A “bagagem de significados”, a que nos referimos anteriormente, certamente não foi esquecida por aqueles que emigraram para as colônias do sul do Brasil, entretanto, desde os primeiros contatos com o “novo ambiente” ela passa a sofrer transformações.

A grande maioria dos imigrantes germânicos que procuraram o Brasil durante o século XIX era de origem camponesa. A terra, a paisagem, sua vegetação e suas criaturas estavam perfeitamente integradas as suas vidas. *O camponês europeu convive realmente com seus campos e seu gado, abrigando este, sua família e seus agregados, não raro sob o mesmo teto*⁴⁹. Para Maurice Halbwachs, *é, portanto muito natural que uma família e a terra não se desliguem um da outra, no pensamento comum*. É desta forma, que entendemos que as dificuldades impostas pelo meio físico a que passaram a viver milhares de famílias de imigrantes estabelecidas no sul do Brasil eram reforçadas por suas fortes ligações culturais com seu país de origem. Segundo Emílio Willems, *nenhuma das manifestações culturais típicas dos grupos rurais seria concebível fora de um determinado meio [...] Nada*

⁴⁵ ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões: entre a história e a memória**. Bauru-SP: EDUSC, 2000. p.165.

⁴⁶ SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 25.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ GILLIS, John R. **Commemorations: the politics of national identity**. Princeton: Princeton University Press, 1994. p. 3.

⁴⁹ WILLEMS, Emílio. **Assimilação e Populações Marginais no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940. p. 28-29.

*mais estranho e triste do que um campônio legítimo fora de seu meio nativo, mesmo que seja num ambiente rural, entre homens que são camponeses com ele*⁵⁰.

A maior parte das colônias fundadas no sul do Brasil ocupou grandes áreas de floresta ombrófila densa (Mata Fluvial Atlântica) até então desabitadas por europeus. Esta região apresentava-se como um local de difícil acesso, sua grande biodiversidade era algo completamente distinto ao que estavam acostumados. As “florestas virgens”⁵¹ européias já não existiam desde meados de 1700, portanto eram desconhecidas dos europeus do século XIX. Estas áreas foram submetidas a milhares de anos de impactos de agricultura, pecuária, vida urbana, quando não de plantios e replantios intencionais e de grande escala. As florestas conhecidas e ocupadas pelos futuros emigrantes foram totalmente plantadas e apresentavam-se como áreas florestais domesticadas e controladas pelo homem. Desta forma, as enormes diferenças entre estes bosques plantados pelos europeus e a mata nativa que se tornou o novo lar de muitos imigrantes poderiam ser rapidamente percebidas.

Por existirem estas significativas diferenças entre estas florestas domesticadas da Europa e a floresta sul brasileira, consideramos equivocadas afirmações como a de Carlos Hunsche:

(...) o mais importante para os alemães, foi que as terras estavam cobertas de florestas, as quais até então eram considerados pesos mortos, abandonados ao domínio das feras e dos bugres. A raça germânica, desde tempos imemoriais, tem preferido as florestas a tal extremo que mesmo a sua religião parece influenciada por reminiscências selváticas, podendo-se afirmar que o estilo mais típico das suas igrejas – o

⁵⁰ Idem. p. 20-31.

⁵¹ Neste caso utilizamos a expressão “floresta virgem” apenas para evidenciar a grande transformação ocorrida na Europa até o final do século XVII, sem desconsiderar as interferências indiretas ou mesmo a existência de sistemas de cultivo de *derrubada e queimada* já utilizados na Europa no que chamamos de Pré-História e que regeneravam as áreas florestais em função dos longos períodos de pousio.

gótico, com suas longas naves e seus altos arcobotantes – representa uma repetição em pedra, do seu amor pelos bosques.⁵²

Os alemães que emigraram para o sul do Brasil não escolheram o estabelecimento nas florestas, visto que estes locais, desprezados pelos brasileiros, eram os únicos espaços disponíveis para a fundação de colônias. Que as origens dos alemães possuem significativas ligações com a floresta, não questionamos, entretanto, os ambientes são extremamente distintos e a estrutura da floresta meridional brasileira certamente não foi um elemento facilitador para os colonos, pelo contrário, tornou-se responsável por suas maiores dificuldades nos primeiros anos.

Ao analisar a ocupação do espaço agrário riograndense, Paulo Zarth reforça a idéia de que a escolha pela ocupação das florestas do sul do Brasil não partiu dos imigrantes. Segundo ele, “essa posição de dividir as matas sem mexer nos campos nativos foi a saída encontrada para resolver os problemas levantados e atribuídos aos latifúndios pastoris. Os campos poderiam continuar como estâncias de grandes extensões, mas a colonização não seria prejudicada se os imigrantes ocupassem as matas desertas e devolutas. Essa foi a fórmula adotada com sucesso até que as últimas áreas florestais foram apropriadas.”⁵³

Portanto, diferente do que afirma Hunsche, a escolha pelas áreas florestais consideradas pelo poder público como “*pesos mortos, abandonados ao domínio das feras e dos bugres*” não partiu dos próprios colonos. Entre as principais motivações para intensificação do processo de colonização do Brasil Meridional a partir de 1850⁵⁴ estava justamente a possibilidade de privatização e comercialização das terras florestais.

A vida no “novo ambiente” necessitava de alguns ajustes nos costumes e conseqüentemente nos significados e conceitos trazidos da

⁵² HUNSCHE, Carlos H. **O Biênio 1824/25 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro – Secretaria de educação e Cultura, 1975. p. 15.

⁵³ ZARTH, Paulo. **Do arcaico ao moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX**. Ijuí: Editora Unijui, 2002. p. 73.

⁵⁴ Ano da promulgação da Lei de Terras.

Europa pelos colonos. Não poderíamos afirmar que os imigrantes adaptaram-se (com seu modo de vida europeu) na floresta da forma como a encontraram em sua chegada. A dita adaptação ocorreu através de ajustes em suas “bagagens de significados” aliadas às transformações ocorridas na floresta ao longo da ocupação pelos colonos. Por esta razão, desconsideraremos o conceito de adaptação, passando a tratar este processo como um “ajustamento”. Para João Baptista Borges Pereira, *é ponto pacífico que esta integração entre homem-natureza não se faz num plano de entendimentos tão perfeito, [...] a ação do homem não se limita apenas em interpretar, a dar sentido a paisagem, mas também trabalhá-la a fim de conformá-la às suas necessidades*⁵⁵. Segundo ele, *“ao chegar o colono encontrou, nesse plano ergonológico, margem bastante para reconstruir suas experiências culturais de origem e copiar modelos da cultura brasileira”*.⁵⁶

Figura 3: O Ajustamento



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

⁵⁵ PEREIRA, João Baptista Borges. **Os italianos no mundo rural paulista**. São Paulo: Edusp, 2002. p.63-64.

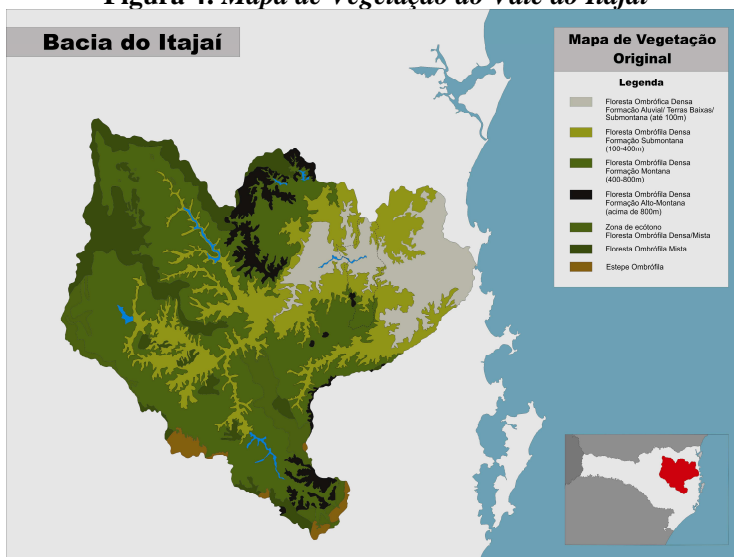
⁵⁶ Idem. p. 99.

1.2 – Depoimentos e descrições sobre a floresta

Viver nas colônias de imigrantes em Santa Catarina significava, especialmente nos primeiros anos, morar literalmente na floresta. Esta noção pode ser observada nos vários depoimentos sobre a vida nas colônias, especialmente em cartas de colonos e relatos de viajantes. O estabelecimento de núcleos coloniais em áreas florestais consideradas desabitadas desencadeou ao longo dos anos um grande processo de interação entre imigrantes e a mata.

A vegetação do vale do Itajaí onde foram estabelecidas colônias de imigrantes é formada pela Floresta Ombrófila Densa, mais conhecida como Floresta Atlântica da região sul. Esta formação é caracterizada por imponentes árvores de alturas que atingem entre 25 e 30 metros.⁵⁷

Figura 4: Mapa de Vegetação do Vale do Itajaí



Fonte: Adaptado KLEIN, Roberto Miguel. *Mapa Fitoterápico de Santa Catarina*. 1978. Escala 1: 2.008.923

⁵⁷ Geografia do Brasil. Vol. 2. Região Sul. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. p.117-118.

Figura 5: Floresta Ombrófila Densa



Fonte: <http://www.infoescola.com/biomas/floresta-ombrofila/>

Veremos a seguir, algumas impressões sobre a floresta, especialmente de áreas da então província de Santa Catarina, onde foram fundadas algumas colônias de imigrantes. As correspondências de colonos e os relatos de viajantes aparecem-nos como importantes instrumentos para análise da interação entre imigrantes e a floresta e de como esta era percebida nestes depoimentos. A mata nativa da região foi descrita em seus pequenos detalhes, misturando, por vezes, impressões de estranhamento e admiração.

O Brasil foi, a partir da abertura dos portos em 1808, destino de muitos viajantes europeus interessados em conhecer e descrever a natureza e o modo de vida das Américas. Para muitos deles, especialmente para os oriundos de países onde ocorria uma emigração em massa, visitar e relatar como e onde viviam seus patrícios que se decidiram pela emigração eram atividades obrigatórias. Através disso, a publicação na Europa dos relatos destes viajantes caminhava lado a lado

com processo emigratório e atuava como um veículo de divulgação do que estaria à espera dos futuros emigrantes.

As colônias aqui estudadas foram fundadas a partir da segunda metade do século XIX, no entanto, a fonte de informações dos envolvidos com a emigração incluía, certamente, textos mais antigos, publicados por viajantes que conheceram no Brasil algumas importantes colônias, como São Leopoldo e Nova Friburgo, poucos anos após as suas fundações.

Um destes viajantes que se aventuraram por terras brasileiras em um período onde a emigração ainda caminhava a passos curtos foi Friedrich von Weech. Seu relato foi publicado em 1828, e aparece como uma das primeiras obras com um objetivo preciso e específico: orientar os emigrantes do seu país, especialmente aos agricultores. Sua obra poderia ser lida como uma espécie de guia ou manual aos interessados em construir uma vida no Brasil. Friedrich von Weech era um oficial do exército alemão que veio ao Brasil tentar a sorte como colono. Em seu relato, Weech preocupa-se em descrever o novo país, sua vegetação, seus habitantes seus usos e costumes, sua organização social. As suas observações foram realizadas em 1827, quando o Brasil ainda era uma região desconhecida para maioria dos europeus, suas informações e conselhos procuravam facilitar a vida dos recém chegados ao novo país. Segundo Débora Bendocchi Alves, o modelo adotado por Weech, com tabelas de peso e medida, preço de mercado, custos para uma instalação, tipo de cultura existente, etc, tornou-se desnecessário ao longo dos anos quando este tipo de informação já ganhara divulgação na Europa através dos jornais e folhetos de agências de emigração.⁵⁸

Logo no início de sua obra, Weech procura demonstrar sua predileção pelo Brasil entre os diversos países americanos. Em tom poético e ameaçador, o viajante escreve:

A ‘toda poderosa’ mãe natureza deitou-se em derramar sobre os países da zona quente toda riqueza de sua cornucópia. Porém, ainda que as entranhas da Terra abriguem os mais preciosos e

⁵⁸ ALVES, Débora Bendocchi. **Apresentação da edição brasileira** In: WEECH, Friedrich von. *A Agricultura e o comércio do Brasil no sistema colonial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p.18.

úteis metais, ainda que nela brilhem valiosíssimas pedras preciosas, e que em seu peito se nutra avidamente à vegetação abundante - o mortal aqui aprende: “sob as estrelas, nada é perfeito”. Terríveis doenças, que em poucas horas matam, febres malignas, um calor quase insuportável, insetos venenosos, feras de todos os tipos lutam pela sobrevivência, e a força da Europa com frequência desaparece sob poucos raios de sol no cinturão incandescente da Terra nas Américas. Depois que o agricultor venceu o medo do terremoto, os furacões ameaçam engolir os frutos de seu esforço de muitos anos, destruir seu bem-estar e reduzi-lo a miséria. Mas, um desses países desfruta de todas as vantagens acima mencionadas e apresenta poucas desvantagens de que se lamentar: esse magnífico país, esse favorito da natureza, é o Brasil.⁵⁹

Como viviam os colonos no Brasil, era objeto de longas descrições na obra de Friedrich von Weech. Suas observações são recheadas de conselhos aos interessados em emigrar, indica que tipo de emigrante poderia ter mais sucesso e como se adaptariam com maior facilidade a vida nos trópicos. Estas eram as suas impressões:

A vida do colono é árdua, extremamente monótona, uma constante luta contra privações de todo tipo. O nativo habituado ao clima, à alimentação e ao modo de vida, desconhece as comodidades de um país civilizado e, indiferente de tudo o que o cerca, suporta-o sem se sentir insatisfeito. O europeu, contudo, que chega ao Brasil muitas vezes com uma visão equivocada, precisa de uma grande força interior para, vivendo numa floresta virgem, não se tornar em pouco tempo misantropo ou hipocondríaco.

⁵⁹ WEECH, Friedrich von. **A Agricultura e o comércio do Brasil no sistema colonial**. São Paulo: Martins Fontes, 1889. p.25.

Aquele que na Europa tiver vivido apenas no campo se adaptará melhor a esse tipo de vida. Aquele, porém, que tiver morado constantemente na cidade, estiver acostumado com a vida mundana e tiver sido educada para ela, ou se deixará abater pelo desânimo e, nostálgico da convivência com seres civilizados, empreenderá todos os esforços para retornar a sua pátria, ou se perderá na indiferença mental e física dos nativos.⁶⁰

Viver na floresta brasileira era considerado por Weech, e por quase todos viajantes europeus, uma das grandes dificuldades a serem enfrentadas e deveriam ser levadas em consideração pelos interessados em emigrar. Para ele,

[...] quem não viveu algum tempo nas florestas do Brasil e não conhece exatamente o caráter dos nativos não tem a noção da indescritível tristeza que significa permanecer ali; só um verdadeiro amante da natureza, que na Europa dela se rodeava, suportaria uma permanência prolongada. Se fosse possível ter convicção de, após alguns anos, reunir o suficiente para viver de seus próprios recursos na Europa com independência, então o período passado no Brasil não seria absolutamente perdido.⁶¹

Valorizando-se de sua experiência como colono, Weech procurou demonstrar em seu relato sua isenção ao divulgar a vida nas colônias no Brasil. Segundo ele,

Muito já se falou contra a emigração, porém, a ouvidos surdos; longe de mim encorajar a isso meus compatriotas. Mas também não estou disposto, já que eles não podem ser afastados

⁶⁰ Idem. p. 110.

⁶¹ WEECH, Friedrich von. **A Agricultura e o comércio do Brasil no sistema colonial**. São Paulo: Martins Fontes, 1889.

desta mania, a traçar-lhe um triste quadro, inventado e exagerado, de seu futuro destino. Também eu fui colono, conheci os esforços a que o lavrador emigrante deve se submeter; sei, por experiência própria, que se pode suporta-los, com dedicação e perseverança, elimina-los. Existe somente um mal contra o qual a vontade humana luta em vão; a perda da saúde. Na bela província que a partir de agora será destinada ao europeu, o perigo de adoecer não deve ser temido, desde que se tenha um estilo de vida moderado.⁶²

Ao final de sua obra, Friedrich von Weech, faz uma previsão conformista para o futuro das famílias estabelecidas nas colônias visitadas por ele. Projetava que a situação mudaria de figura quando uma nova geração, que só conhecia a Europa de nome, estivesse habituada aos usos, costumes e modo de vida do país e que não tivesse noção da existência de grandes comodidades, de outras alegrias, tomasse o lugar da antiga geração. Observava que dentre os fundadores, muito poucos haviam usufruído a alegria de assistir ao desenvolvimento de sua criação; e em todas as partes das Américas os primeiros recém-chegados lutaram contra grandes e diversas dificuldades. Sua última frase pode ser lida para qualquer época ou situação, segundo Weech, “poucos homens têm a satisfação de repousar à sombra de uma árvore que ele mesmo plantou”.^{63 64}

O médico alemão Robert Ave-Lallemant, natural de Lübeck, residiu e trabalhou no Rio de Janeiro por cerca de 17 anos.⁶⁵ Após uma

⁶² Idem. p. 183.

⁶³ Idem. p. 186.

⁶⁴ Sobre as propostas para agricultura no início do Império brasileiro ver mais em: KLUG, João. **Propostas para a agricultura no início do Império: um estudo comparativo entre as idéias de Friedrich von Weech e Carlos Augusto Taunay.** In: *História: Debates s e Tendências* / Universidade de Passo Fundo, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas., Programa de Pós-Graduação em História. – Vol. 1, n.1, (junho, 2009). (p. 21-35)

⁶⁵ NODARI, Eunice Sueli. **Imagens do Brasil na Alemanha do século XIX.** Anais da XII Reunião da SBPH: Porto Alegre, 1992. p.210.

temporada na Alemanha, retornou ao Brasil quando enfim realizou a viagem ao sul do país e escreveu sua obra *Viagens para Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo em 1858*.⁶⁶

Em sua visita, Lallemand analisou alguns aspectos da vida rural dos colonos de Blumenau. Segundo ele, aqueles colonos que ainda na Europa viviam apenas as custas de seus braços eram os mais satisfeitos com a vida rural na colônia. Para aquelas famílias que em sua pátria natal formavam o grupo de transição entre o campo e a cidade e não tinham muita necessidade de emigrar, tornava-se mais comum os problemas de adaptação. As mulheres foram geralmente as mais insatisfeitas. Segundo Avé-Lallemand, os homens encontravam consolo e até alegria nos duros trabalhos na mata e resultados obtidos.⁶⁷ Ao visitar uma família na colônia o viajante observou:

O homem estava sofrivelmente satisfeito e animado. A senhora, porém, desalentada! A casa ainda aberta de todos os lados; entre os esbeltos troncos de palmeiras, que ainda formam a maior parte das paredes, o vento sopra com força; e o tapume onde vivem a senhora e as três filhas por muito tempo não será uma sala. Junto das pseudo-paredes, alguns móveis europeus, restos de um dote.⁶⁸

Entre as diversas famílias de colonos que se instalaram em Blumenau estava um jovem casal que encheu os olhos de Avé-Lallemand.

Reside aqui um interessante casal, imigrantes, como são quase todos; ambos muito jovens, são como um pero⁶⁹ e, decerto, infinitamente enamorados um ao outro. Construíram uma engraçada casinha de troncos de palmeira; a

⁶⁶ AVÉ-LALLEMAND, Robert. **Viagens para Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo**. São Paulo Ed. Itatiaia, 1980.

⁶⁷ Idem. p.159-160.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Esta expressão refere-se a “fidelidade de um cão”.

divisão da sala é bem ornada com quadrinhos, variegadas penas de tucano e outros artigos coloridos da mata. Diante da mesa fixa, um banco de pequenos troncos de palmeiras e um escabelo feito da mesma maneira: não se pode ver recanto mais agradável para duas pessoas. Um jardimzinho em frente da casa não só com bonitas flores até lindos ornatos de caracol e orlas de conchas.[...] Além disso, o campo atrás da casa, muito bem lavrado e a cana-de-açúcar cresce viçosamente. É uma pura alegria contemplar casal tão jovem na idade, na casa, e no campo.⁷⁰

Entre os interessantes depoimentos sobre a floresta do sul do Brasil estão os textos de Hermann Blumenau. Na busca de terras para instalação de uma colônia na Província de Santa Catarina, Dr. Blumenau e Fernando Hackradt, seu parceiro naqueles anos, percorreram as terras que estavam às margens do Itajaí Açu. Para José Ferreira da Silva, a majestosa floresta de abundante caça e madeiras de lei, as terras férteis de fácil manejo* e a natureza exuberante, lhes deslumbraram, empolgando-lhes para ali estabelecerem a dita colônia. A escolha da região entre a o ribeirão Garcia e foz do ribeirão da Velha como sede da Colônia explicava-se, por este ser o último ponto francamente navegável do rio Itajaí Açu. Desta forma, o transporte da Colônia Blumenau às demais regiões da Província e do País poderia iniciar pelo seu leito⁷¹.

Em seu primeiro contato com a floresta da região onde dois anos mais tarde seria fundada sua colônia, Hermann Blumenau evidencia, através de uma carta aos seus pais em 21 de abril de 1848, sua admiração pela paisagem do vale do Itajaí, assim descrevendo-a:

⁷⁰ AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens para Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo**. São Paulo Ed. Itatiaia, 1980. p. 164.

* Ao contrário do que afirmou José Ferreira da Silva, o relevo montanhoso do vale do Itajaí somado aos restos da exuberante floresta da região não permitiam o dito fácil manejo da agricultura. Aliás, estas condições dificultaram a utilização sistemática de instrumentos como o arado.

⁷¹ SILVA, José Ferreira da. **História de Blumenau**. Florianópolis: Edeme, 1972. p. 33.

Quanto mais para cima eu chegava, mais bela a terra se tornava e jamais havia visto paisagens tão maravilhosas como no Rio Benedito e Rio dos Cedros. As gigantescas árvores, os cipós e trepadeiras, as diversas espécies de bambus, as flores com suas cores incandescentes como o vermelho escarlate, o amarelo, algumas azuis e lilá, estendendo sua sombra às margens do rio, em volta de águas plácidas. O silêncio absoluto, apenas quebrado pelo graso do galo silvestre, que em bando levantava vôo e, sobre isso, estendia-se majestosamente uma paz indescritível, um ar agradável, impregnado de perfume – foram maravilhosos estes dois dias que passei lá em cima, na mais completa solidão, onde antes de mim nenhuma pessoa civilizada havia estado.⁷²

Ao afirmar que “jamais havia visto paisagem tão maravilhosas” deixa claro sua impressão extremamente positiva desta floresta. Como parte integrante deste objeto admirado está o agradável silêncio, interrompido apenas pelo canto das aves.

Em sua obra *Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã* Hermann Blumenau relata sobre as florestas que compõe a região sul do Brasil, descrevendo suas árvores comparando-as com as formações florestais européias.

Não se deve imaginar que a floresta sul-brasileira se compõe exclusivamente de árvores muito grandes, excetuando-se as figueiras selvagens e as araucárias, cujos troncos são às vezes de uma altura e grossura monstruosas. No geral, o diâmetro dos troncos é igual ao de uma floresta alemã desenvolvida, porém a parte aproveitável desses troncos alcança uma altura maior até o

⁷² BLUMENAU, Hermann. **Carta aos pais**, 21 de abril de 1848. In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli. (ORG.) *Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil*. Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p. 35.

início dos primeiros galhos. A grossura dos troncos depende da proximidade de outras árvores e da fertilidade do solo, tanto mais grossos troncos, mais próximas às árvores, mais valiosas as madeiras, tanto maior, portanto, o rendimento para todos os tempos, mas também maior é o trabalho da derrubada. Há uma diferença muito grande entre a floresta do sul do Brasil e a tropical, principalmente nas baixadas fluviais, freqüentemente alagadas. Na Europa, dificilmente se conseguiria fazer idéia desta última.⁷³

Esta última afirmação, quanto à dificuldade dos europeus em compreender esta floresta meridional brasileira reforça a idéia de que a floresta pode possuir significados diferentes em cada cultura. Possivelmente, mesmo aqueles emigrantes europeus mais integrados e identificados com o que entendiam como floresta não tiveram facilidade na adaptação inicial ao “novo ambiente”. Para o Dr. Blumenau, as poucas semelhanças entre uma floresta alemã desenvolvida e a floresta sul brasileira encontravam-se no diâmetro da maior parte das árvores.

Pe. Arcângelo Ganarini, em sua obra *Noticias de Brusque e Nova Trento* (1880)⁷⁴, refletiu sobre as dificuldades dos primeiros europeus estabelecidos no vale do Itajaí Mirim em se habituarem à vida na floresta sul brasileira. O “olhar” deste tirolês italiano sobre a floresta, entendia-a como algo assustador e misterioso. Assim, apresenta-nos mais uma forma como a mata da região poderia ser percebida pelos europeus que por ela passaram.

Interessante é agora conhecer-se as aventuras de viagem dos primeiros que por ela transitaram

⁷³ BLUMENAU, Hermann. **Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã.** In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) *Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil.* Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p. 75.

⁷⁴ GANARINI, Dom Arcângelo. *Noticias de Brusque e Nova Trento.* **Revista Blumenau em Cadernos.** Vol 1/11, 1959.

com a família e bagagem, agravadas pelo temor de animais ferozes e cobras venenosas e sob a apreensão de acharem-se assim internados em tão sombrias florestas e longe dos povoados. É indefinível a sensação que experimenta todo aquele habituado à vida da cidade ou de povoado ou somente de terras cultivadas, onde a vida se espalha por longo trato, ao sentir-se como sepultado entre árvores gigantescas, sem uma casa, sem uma nesga de terreno que apresenta vestígios de cultura humana.⁷⁵ (...) Por toda parte a mesma monotonia da floresta, impedindo o exame da configuração do terreno em que encontramos ocasiona tristeza, que aumenta com os bramidos estranhos nunca ouvidos por quem não seja dos mais corajosos. Por mais de uma vez tem-se visto famílias, dois ou três dias após sua partida para as terras distantes, voltarem atrás ao primeiro sítio, por não terem podido resistir ao terror de encontrarem-se em um lugar tão ermo.⁷⁶

Ao visitar as colônias do vale do Itajaí em 1858, Robert Avé-Lallemant, manteve olhar atento a flora e fauna da região. As florestas foram alvo de grande parte de suas observações relatadas em sua obra *Viagens para Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo*.

Em seus percursos pela floresta onde foi fundada a colônia Blumenau, parecia encarar ao mesmo tempo aquele “mundo natural” como um inimigo a ser derrotado e um paraíso poético a ser admirado.

Como deve ser soberbo o Itajaí ao tempo do carnaval, quando a mata ostenta toda sua riqueza floral e milhares de variegadas borboletas adejam em volta dos aromáticos cálices das flores e neles sorvem o orvalho do céu. [...] Penetramos na mata e, ao longo do rio, vencemos todos os

⁷⁵ Idem. p. 38.

⁷⁶ Idem. p. 59.

obstáculos que a mata virgem oferece ao viandante. Troncos de árvores caídos formam as mais estranhas barricadas, trepadeiras trancam o caminho; é preciso contornar blocos de pedra ou empregar pés e mãos para voltar uma viçosa palmeira que pende sobre um riacho. Esse passeio é uma excursão de ginastas. Entra em ação a espingarda de caça e do alto de esbelto araçazeiro cai magnífico tucano, que fornece excelente sopa e apetitoso assado. Então começa o rio a bramir com mais violência. Saímos da mata para o leito do rio, entremeado de pedras negras, por entre as quais passa o Itajaí sussurrando numa multidão de cachoeiras. Magnífico cenário silvestre da mata virgem que, estando nas sombreadas pedras da margem tranqüila, a gente não cansa de contemplar!⁷⁷

O interesse pelo estudo da vida na selva trouxe ao Brasil no século XIX um grande número de cientistas e naturalistas. O território brasileiro tornava-se um grandioso laboratório para estes estudiosos.⁷⁸ Em Blumenau, por exemplo, instalou-se o naturalista Dr. Fritz Müller (colaborador e amigo de Charles Darwin com quem mantinha freqüente correspondência), onde conheceu e pesquisou a fundo a fauna e flora da região.

Fritz Muller, também proprietário de terras na colônia Blumenau, manifestava uma percepção diferenciada dos demais colonos em relação à mata, mas mesmo assim, não escapou de problemas dentro da floresta nativa. Um destes casos é assim relatado por ele em uma carta à Alemanha para sua irmã Röschen:

Ainda preciso contar-te que uma vez quase perdi a vida no mato. Havíamos cortado árvores e

⁷⁷ AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens para Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo**. São Paulo Ed. Itatiaia, 1980. p. 164-165.

⁷⁸ Sobre este assunto ver: SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

estávamos partindo os galhos espalhados no chão. Encontrava-me entre os galhos de uma laranjeira, quando ouvi chamar o meu nome e vi que o palmito que Augusto (seu irmão) estava cortando, caía em minha direção. Não pude fugir tão depressa e o tronco bateu na minha cabeça. Caí sangrando, no chão. Logo, porém, recuperei os sentidos e com compressas que fiz durante toda à tarde, melhorei bastante. Mas, ainda hoje, muito sol faz mal à minha cabeça. Cortar árvores aqui na mata é muito perigoso, pois, muitas vezes, a direção da queda dos troncos cortados é desviada por cipós e outras plantas.⁷⁹

Hugo Zoeller, encarregado pelo proprietário do jornal “Koelnischer Zeitung” a viajar pelas colônias de imigração alemã no Brasil para narrar suas impressões, revela em sua obra um título bastante sugestivo e curioso para esta análise: *Os alemães na floresta brasileira*. Escreveu suas observações sobre o que encontrou em sua viagem as colônias Blumenau e Dona Francisca quase 30 anos após a fundação destas. Procurou percorrer os vários cantos das regiões de floresta nativa, preocupando-se em detalhar algumas das plantas que encontrou inclusive as espécies introduzidas pelos imigrantes no processo de “ajustamento” ao novo meio.⁸⁰

[...] Entre as plantas ornamentais quero mencionar as numerosas palmeiras (coco e tamareiras não vingam por aqui) na sua maioria introduzidas, entre as quais salienta a Palmeira Imperial (Maximiliana Régia) e a Palmeira Anã Européia e mais o Bambu gigante curiosamente trazido de uma estufa da Bélgica. Aqui se

⁷⁹ MULLER, Fritz. **Carta para sua Irmã Röschen**. In: *Centenário de Blumenau 1850 – 2 de setembro – 1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p. 149.

⁸⁰ Sobre os alemães e a floresta brasileira ver mais em: KLUG, João. **Imigração alemã, agricultura e meio ambiente no sul do Brasil no início do século XX**. In: *Construindo Diálogos. História, educação e ecumenismo. Homenagem a Martin N. Dreher*/ Organizadores Miquéias Henrique Mugge, Erny Mugge e Iria Hauenstein – São Leopoldo: Oikos, 2010. (p. 3001-312).

desenvolveu uma variedade que dentro de alguns anos crescem em alturas gigantescas e cujo caule atinge um diâmetro de 12,5 cm. Existem agaves Kohtecn (cactus), maravilhosos Epheu (hera), violetas (em agosto), camélias (em julho), rosas (durante o ano todo), cravos, azaléias Stielmutterches etc. As árvores de maior diâmetro e alturas semelhantes ao carvalho eram as figueiras (variedade Fícus) e os cedros (fornecem madeira para caixas de charutos e é material excelente para canoas) entrelaçados por centenas de variedades de trepadeiras. Uma infinidade de plantas parasitas, (na verdade Epífitas), orquídeas, gravatás que nas bases das folhas retém água formando um habitat para um peculiar mundo de insetos e até caranguejos*. Ao seu lado a Imbaúba, a árvore mais característica, dezenas de variedades de bambus, Riziumbaum, mamonas, palmitos, mais abaixo alguns musgos, samambaia, gramíneas, framboesas européias (morangos silvestres crescem somente no planalto) nós moscada silvestre e dezenas de outras frutas. [...] Nota-se uma abundância de palmitos (*Euterpe edulis*) miúdos da altura de um dedo até a altura de uma casa de dois pavimentos. Os brotos desta planta úteis fornecem um legume que, preparado com óleo e vinagre, é muito saboroso.⁸¹

Em suas excursões pelas florestas do médio vale do Itajaí, Zoeller afirmava invejar as crianças que lhe acompanhavam de vez em quando, pois eram geralmente mais informadas que seus pais e avós sobre o mundo selvagem. Os homens especialistas em percorrer a mata fechada tiveram suas técnicas observadas pelo jornalista. Segundo ele, o “mateiro legítimo” andava descalço nas incursões, como, aliás, era

* O autor refere-se aos caranguejos dos manguezais de Dona Francisca.

⁸¹ ZOELLER, Hugo. Os alemães na floresta brasileira. **Revista Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Vol. 5. p. 145, 1990.

comum na região, não por falta de recursos, mas sim por comodidade, desprezava qualquer calçado.⁸²

Nas práticas rurais, a derrubada e queimada da mata nativa para o preparo das primeiras lavouras era uma necessidade eminente. A utilização da coivara proporcionava a abertura de imensas clareiras e modificava rapidamente a paisagem da região. Este acontecimento representava para os colonos uma importante e vitoriosa conquista. Esta técnica rudimentar, inadmissível para os olhares críticos atuais, era utilizada a cada ocupação de um lote colonial.

Através das correspondências entre colonos e seus familiares que permaneceram na Europa é possível analisar a forma como percebiam e “ajustava-se” a floresta. O colono Philipp Kirschner e seu irmão Rudolph, informam, em suas cartas, detalhes da situação em que viviam na floresta. Philipp, em 1856, em carta ao seu irmão Luís, deixa clara sua idéia de floresta como adversária ao desenvolvimento e destaca que a mata nativa tinha sentido o efeito dos machados e cedido lugar a campos produtivos e a plantações de cana-de-açúcar e de café.

Em contrapartida, já em 1882, Hugo Zoeller demonstra, através de seu relato, sua preocupação quanto a grande destruição da Mata Atlântica onde foi instalada a colônia Blumenau.

Lamentavelmente o homem destrói desnecessariamente a natureza e somente ao atingir um nível mais elevado de cultura restaura com muito trabalho pequena parte do destruído. Também não são raras as clareiras causadas por temporais, mas nunca apresentam um aspecto tão triste como o destruído intencionalmente pelo homem.⁸³

O mesmo tipo de inquietação pode ser observado em um artigo escrito em 1900 por Richard Hinsch⁸⁴, então diretor da Estação

⁸² Idem.

⁸³ ZOELLER, Hugo. Os alemães na floresta brasileira. **Revista Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Vol. 5. p. 145, 1990.

⁸⁴ Richard Hinsch foi diretor da Estação agropecuária de Salto Weissbach. Escreveu em 1900 um artigo orientando os colonos a respeito dos procedimentos adequados para o melhor

Agropecuária de Salto Weissbach. Neste texto, além de outros assuntos, descreveu o envolvimento dos colonos agricultores com a floresta nos primeiros anos da colônia, e observou, como Zoeller, a imagem da destruição da floresta.

Certamente, um pedaço de mata destruído por machado e fogo não causa impressão poética, nem tão pouco idílica. Os troncos amontoados e enegrecidos pela fumaça oferecem uma visão desoladora. As árvores mais próximas às margens da mata, com suas folhas marrons, ressecadas e sapecadas pelo fogo, guardam luto pela devastação cometida. Aqui e acolá, em meio a algum vão livre sobra uma árvore que já estava morta antes do desmatamento, esticando espantosamente seus galhos desfolhados em direção ao céu.⁸⁵

Esta consciência crítica diante da destruição da floresta é geralmente reconhecida como um fenômeno atual inspirado em movimentos norte-americanos e europeus. No entanto, observamos através de depoimentos como estes a existência de uma preocupação ambiental no século XIX. E mais que isso, a obra de José Augusto de Pádua, “Um sopro de Destruição” nos apresenta uma série de textos e discursos políticos dedicados à crítica ambiental da destruição florestal ocorrida no Brasil durante os séculos XVIII e XIX, escritos por brasileiros como José Bonifácio e Joaquim Nabuco.⁸⁶

Na análise desta relação entre o imigrante e a floresta, especialmente neste processo destrutivo da mata, devemos, além de considerar as “bagagens culturais” anteriormente citadas, procurar entender o homem pelo seu tempo. Seus valores, suas informações e seu

aproveitamento do solo e as atividades de preparo da terra. Este texto foi publicado no jornal *Der Urwaldsbote* em 1900 por ocasião dos cinquenta anos de Blumenau e republicado em edição bilíngüe em junho de 2000 na Revista Blumenau em Cadernos com tradução de Brigitte Kretzschmar.

⁸⁵ HINSCH, Richard. Documentos originais: O desenvolvimento da agricultura em Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Vol. 6, p. 9, 2000.

⁸⁶ PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de Destruição: Pensamento político e Crítica ambiental no Brasil Escravista (1786-1888)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2002.

contexto eram muito distintos dos nossos atuais. Não devemos, e não podemos julgá-los com nossos olhos de hoje. Nesta pesquisa, procuramos entendê-los sob a ênfase do trabalho rural, do seu lazer e de sua sobrevivência, mas também não pretendemos justificar seus atos.

Para entendermos melhor o que passou a representar esta floresta sul brasileira na vida destes colonos, verifica-se que a mesma chegou a emprestar o título ao maior jornal na colônia Blumenau: *Der Urswaldbote*, ou seja, “O correio da selva”. Outros vários textos, de colonos ou viajantes, identificavam a vida nestas colônias como a vida nas florestas, com esta aparecendo como adjetivo comum em vários depoimentos. Um exemplo disso é o texto de Hugo Zoeller, aqui analisado, conhecido como *Os alemães na floresta brasileira*. Podemos perceber que este sentimento de habitantes da floresta foi incorporado a vida dos colonos.

Assim como os relatos de viajantes, as correspondências pessoais de imigrantes possuíam, geralmente, a finalidade de informar aqueles que permaneceram na Europa de que forma viviam os europeus que escolheram a vida nas colônias do sul do Brasil. Entretanto, seus depoimentos foram utilizados, por vezes, pelos interessados em promover a emigração.

Os depoimentos pessoais estão comumente agregados as influências do meio em que viviam. Não se pode ter com clareza a dimensão em que este tipo de interferência determinava o que estaria escrito nas cartas enviadas por colonos para Europa. Percebe-se que grande parte das correspondências e relatos de viajantes retratavam momentos logo após a chegada às colônias. Observamos também que a “construção” de uma espécie de *memória coletiva* sobre o modo de vida que levavam parece comum à boa parte destes depoimentos. Segundo Marina Maluf, “as lembranças pessoais são dotadas de preceitos de comportamento, de apresentação de imagens que não podem ser tratadas como o ‘verdadeiro’ testemunho do privado”.⁸⁷ Para analisarmos este processo seguimos Maurice Halbwachs, considerando que a memória coletiva “evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais

⁸⁷ LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar, (re) lembranças de migrantes**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999. p. 79. apud: MALUF, Marina. Ruidos da Memória. p 40.

penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal”.⁸⁸

O controle sobre o serviço postal das colônias era uma das preocupações das diretorias administrativas. Entre os “23 Artigos” elaborados pela Companhia Protetora de Emigrados Alemães e a Província de Santa Catarina para normatizar a emigração, estava a preocupação de não permitir que correspondências privadas ou oficiais enviadas ou recebidas por colonos deixassem de passar “pelas mãos” da direção dos núcleos coloniais.⁸⁹ Enfim, sabe-se que algumas destas correspondências já possuíam fins estabelecidos mesmo antes de sua composição e isto pode ser encarado como fenômeno de influência externa. Além disso, o contexto da leitura poderia fazer com que um mesmo depoimento fosse utilizado tanto para valorizar quanto para denegrir a imagem da vida nestas colônias do sul do Brasil.⁹⁰

A grande maioria dos textos arquivados que se tem contato, descreve informações positivas das colônias, e quando possível aconselham aos seus patrícios que permaneceram na Europa a deixarem tudo em troca de uma “vida agradável” no sul do Brasil. Curiosamente, a maior parte destas cartas apaixonadas pelo “novo ambiente” refere-se aos primeiros anos na colônia, quando evidentemente as dificuldades eram consideravelmente maiores. Observa-se que estas dificuldades dos primeiros anos eram comumente descritas como forma de evidenciar a valentia destes imigrantes na busca bem sucedida de uma vida melhor a que tinham na Europa. A intensidade de problemas como a proliferação de doenças⁹¹, a complicada e violenta relação com a população indígena nativa e as dificuldades para o estabelecimento das primeiras lavouras, motivavam a grande rotatividade destas populações.

⁸⁸ TEDESCO, João Carlos. **Memória e cultura**. Porto Alegre: EST, 2001. p. 19.

⁸⁹ SALOMON, Marlon. **As correspondências, uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí**. Editora da UFSC: Florianópolis, 2002. p. 31.

⁹⁰ Idem, p. 53.

⁹¹ Segundo Carlos Ficker, em Dona Francisca as atividades iniciadas pelos colonos eram freqüentemente interrompidas com os primeiros casos fatais de desintéria bacilar e tifo.

FICKER, Carlos. **História de Joinville: Crônicas da Colônia Dona Francisca**. Joinville: Tupy, 1965. p. 104.

As impressões e informações “mais negativas” sobre a imigração para o Brasil são mais facilmente encontradas em relatos e correspondências divulgados na Europa⁹² com o intuito de prevenir sobre as dificuldades que poderiam enfrentar os interessados em emigrar. As maiores queixas de imigrantes que escolheram o Brasil como “novo lar” estavam focadas nas regiões de plantação de café que utilizavam o “sistema de parceria”, onde estes trabalhadores atuavam como substituição da mão-de-obra escrava.⁹³ A gravidade das reclamações motivou o governo da Prússia a dificultar emigração para o Brasil.⁹⁴

As propagandas de companhias colonizadoras destinadas a conquistar europeus interessados em emigrar para as colônias do sul do Brasil utilizavam como meio de divulgação uma série de folhetos. Este material era de grande importância para o processo emigratório, suas informações deveriam conter descrições curtas e positivas sobre o destino.⁹⁵

Em conjunto ao fenômeno emigratório surgiram na Europa do século XIX, uma variedade de periódicos especializados no tema. Nos estados alemães, origens da maior parte dos imigrantes estabelecidos nas colônias aqui pesquisadas, foram fundados vários destes jornais, no entanto, apenas dois deles não tiveram curta duração. O *Deutsche Auswanderer-Zeitung* de Bremen, publicado de 1852 a 1875 e o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, de Rudolstadt, fundado por Günther Fröbel e publicado entre 1846/47 e 1871, foram as exceções.⁹⁶

⁹² Sobre este assunto ver mais em: ALVES, Debora bendocchi. **Colhedores de Café: Cartas de imigrantes alemães publicadas nos jornais da Turíngia**. Berlim: WVB, 2006.

⁹³ Ler mais sobre este assunto em: DEAN, Warren. **RIO CLARO: um sistema brasileiro de grande lavoura 1820-1920**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

⁹⁴ Em 1859, a Prússia promulgou o chamado rescrito de Heydt, que devido ao mau tratamento sofrido pelos colonos alemães no estado de São Paulo, proibiu a propaganda em favor da emigração para o Brasil. Este, teve um efeito desfavorável sobre os possíveis emigrantes na Prússia e de 1871 em diante, em toda Alemanha. Em relação aos três estados do sul do país, este decreto foi revogado em 1896, no entanto, para o resto do Brasil a proibição nunca foi cancelada. (Léo Waibel, 1949. p. 170).

⁹⁵ ALVES, Débora Bendochi. **A propaganda dos expedidores concessionários de Hamburgo e a emigração alemã para o Brasil no século XIX**.

⁹⁶ ALVES, Débora Bendocchi. Notícias de Blumenau: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turíngia. **Revista Blumenau em Cadernos**, Tomo XLI – N.11/12, 2000. p. 66.

O *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, da pobre e pequena cidade de Rudolstadt na Turíngia era considerado o mais importante do gênero, sua publicação era inicialmente semanal, mas logo passou a circular com três tiragens por semana. Segundo Débora Bendocchi Alves, “era o melhor veículo de informação que havia para os interessados em emigrar, pois publicava artigos sobre vários países receptores, os nomes dos navios, os preços das passagens, os dias de embarque, as leis alemãs e as dos países de destino em relação à emigração, resenhas de livros especializados, o valor das moedas e o alojamento nos portos”.⁹⁷ No mesmo jornal, havia também um importante espaço dedicado a publicação de cartas pessoais de emigrantes já estabelecidos no Brasil.

O conteúdo deste jornal deveria ser constituído de “*artigos originais sobre teoria e prática da emigração e principalmente regiões mais apropriadas para os emigrantes; resumos de impressões gerais de viagem de interesse dos emigrantes; notícias sobre rotas de viagem, oportunidades e custos da travessia oceânica; informações políticas de interesse dos emigrantes; etc*”.⁹⁸

Além do “*Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*”, Fröbel passou a editar a partir de 1855 o *Der Pilot – Unterhaltendes Wochenblatt*, um tipo de folhetim que foi mantido até o ano de 1864. *O Der Pilot* publicava uma maior quantidade de cartas dos imigrantes, poesias, pequenos comunicados e anúncios pertinentes à emigração.⁹⁹

A publicação destas correspondências pessoais em jornais especializados tinha a clara função de incentivar a emigração. As cartas eram um grande veículo de propaganda, pois representavam a voz dos que optaram por emigrar, eram depoimentos pessoais em linguagem simples, geralmente, destinados a familiares que permaneceram na Europa. O material era muito propício para esta função, já que os

⁹⁷ Idem. p. 66-67.

⁹⁸ RUHE, Rudolf. **Para a História da Emigração Ultramarina da Soberania Territorial do Antigo Principado de Schwarzburg-Rudolstadt no século XIX.** (tradução de André Werle).

⁹⁹ ALVES, Débora Bendocchi. Notícias de Blumenau: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turíngia. **Revista Blumenau em Cadernos**, Tomo XLI – N.11/12, 2000. p. 67-68.

colonos procuravam narrar suas experiências e descrever seu novo país. Alguns aproveitavam estas oportunidades para tentar convencer parentes e amigos a emigrar.¹⁰⁰

No entanto, ao analisarmos estas correspondências, devemos levar em consideração que os depoimentos publicados foram selecionados com fim estabelecido, e, portanto, sua análise deve ser ainda mais criteriosa. Entendemos, assim como Débora Bendocchi Alves, que “é bem possível que um editor, como Günter Fröbel, por exemplo, tenha, em relação ao Brasil, selecionado aquelas cartas que estavam de acordo com os seus ideais e que tenha excluído os trechos que podiam prejudicar a imagem do país”.¹⁰¹

A possibilidade de aliar sua agência de emigração com a publicação destes periódicos era de grande valia para Günter Fröbel. A abrangência do *Allgemeine Aswanderungs-Zeitung* extrapolou os limites do continente europeu chegando a circular em vários cantos do mundo, entre eles nas colônias Blumenau e Dona Francisca no sul do Brasil.¹⁰²

Por outro lado, a influência das correspondências na Europa também poderia ser percebida através de publicações que visavam advertir aos futuros emigrantes sobre as dificuldades que poderiam enfrentar na “nova terra”. Uma destas publicações, *Advertência contra a emigração para o Brasil*¹⁰³ de W. Schentke, escrita em 1873, apresenta-nos alguns exemplos de dificuldades que deveriam inibir uma possível emigração para a então Província de Santa Catarina.

Ao sul da província do Paraná que ainda se encontra completamente inaproveitada e despovoada, está situada Santa Catarina onde, infelizmente, vegetam duas povoações artificialmente agrupadas, cada uma com 4 a

¹⁰⁰ Idem. p. 68.

¹⁰¹ ALVES, Débora Bendocchi. Notícias de Blumenau: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turingia. **Revista Blumenau em Cadernos**, Tomo XLI – N.11/12, 2000. p. 68-69.

¹⁰² RUHE, Rudolf. **A Emigração da Soberania de Rodolstadt ao Brasil na metade do século XIX**. (tradução de André Werle).

¹⁰³ SCHENTKE, W. **Advertência contra a emigração para o Brasil**. (tradução de Guido Imaguire/ revisão de Valberto Dirksen).

5.000 indivíduos¹⁰⁴, com um futuro completamente desolador. É uma região montanhosa coberta de densa floresta, o que torna quase **impossível** a construção de estradas e o transporte de produtos.¹⁰⁵

A falta de estradas para o escoamento da produção foi realmente um dos mais graves problemas enfrentados pelos colonos de Santa Catarina, no entanto, ao longo da segunda metade do século XIX as colônias mais afastadas do litoral, caso de Blumenau, receberam maior atenção do governo através de investimentos na construção de vias de ligação.

Schentke também alerta para os problemas a que estavam sujeitos os colonos no uso de técnicas agrícolas rudimentares. O autor adverte para um dos aspectos mais significativos da lida rural nas colônias catarinense: a incompatibilidade entre o uso do arado e a agricultura local. Para ele:

Se, pois, um colono tiver que cultivar sua lavoura com a enxada, como se faz de modo geral em quase toda costa da província de Santa Catarina, para cuja cultura pode alguém em outros lugares usar o arado, então, no aspecto econômico, o primeiro está em significativa desvantagem em relação às demais. Por isso, o colono desta região precisa optar por uma cultura em detrimento da outra. Esta é a razão porque as colônias em Santa Catarina não conseguem progredir.¹⁰⁶

Observamos através deste tipo de afirmação, que as práticas agrícolas adotadas nas colônias eram vistas, especialmente por estes opositores á emigração, como algo altamente retrógrado e completamente inadmissível.

¹⁰⁴ Esta afirmação é um pouco exagerada, pois uma população de 5.000 habitantes para jovens colônias era razoavelmente grande para a realidade brasileira naquele período.

¹⁰⁵ SCHENTKE, W. **Advertência contra a emigração para o Brasil**. (tradução de Guido Imaguire/ revisão de Valberto Dirksen). p. 9.

¹⁰⁶ Idem, p. 9.

Denúncias de dificuldades enfrentadas por colonos em Santa Catarina publicadas em jornais, também foram aproveitadas para reforçar este tipo de advertência contra a escolha do Brasil como “novo lar”.

Um jornal Liberal¹⁰⁷ do Império (*Kolonie-Zeitung*, diário de Dona Francisca, do dia 4 de dezembro de 1869) menciona, entre outras denúncias contra o governo, o fato de que se tem visto diariamente colonos da Colônia Itajaí voltando esfarrapados e esmolando pão para sobreviver.¹⁰⁸

Os mapas estatísticos das colônias, ao contrário dos registros de entrada, apresentam dados imprecisos quanto ao abandono dos núcleos coloniais. Mesmo assim, este tipo de denúncia é admissível, pois, nem todos chegavam com as mesmas condições ou adaptavam-se com facilidade. A alternativa do retorno para Europa, para casos como estes, era uma tarefa de grande dificuldade, já que, na maior parte dos casos, as últimas economias teriam sido gastas para vinda ao Brasil. Como já comentamos, muitos colonos foram iludidos por agentes “vendedores de almas”.

O dito descaso do governo também pode fazer sentido, pois alguns dos pagamentos prometidos aos imigrantes recém-chegados demoravam ou jamais chegavam¹⁰⁹. No entanto, outra explicação pode estar na então situação política brasileira, como o próprio Schentke alerta, tratava-se de um jornal liberal e neste período o poder político brasileiro estava sob controle do Partido Conservador.

Percebe-se que a publicação de W. Schentke evidencia um “olhar” muito diferente da maior parte das correspondências de colonos ou relatos de viajantes utilizados nesta pesquisa. Seu julgamento sobre a situação das colônias Blumenau e Dona Francisca procurava apontar os

¹⁰⁷ Neste período o poder político brasileiro estava sob dominação do partido Conservador, isto explica, em parte, estas denúncias de um jornal liberal às atitudes do governo.

¹⁰⁸ SCHENTKE, W. **Advertência contra a emigração para o Brasil**. (tradução de Guido Imaguire/ revisão de Valberto Dirksen). p. 16.

¹⁰⁹ Este tipo de problema foi objeto de intensos protestos ao final da década de 1870. (MACHADO, P.108/109)

insucessos e alertar para a dura vida que levariam seus futuros habitantes. Suas observações enfatizam as adversidades climáticas, os problemas com a população indígena, a falta de escrúpulo dos proprietários destas colônias e a escassez de estradas.

As adversas condições climáticas associam-se com selvagens habitantes da floresta para sufocar esses pobres habitantes de Blumenau e seus objetivos enquanto, justamente eles, são freqüentemente usados como exemplo para glorificar o gênio colonizador da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849 e do Senhor Blumenau.

Como Blumenau, também Dona Francisca se arrasta com muletas da subvenção estatal. A colônia está por ora atarefada em resolver as dificuldades com o arroteamento do terreno que, em geral, caracteriza a província de Santa Catarina de modo que a opinião de um alemão que lá vive só pode ser verdadeira quando diz: “As colônias de Santa Catarina não são aptas para se viver, tanto por falta de bons portos e caminhos, como por falta de qualquer instalação de navegação fluvial e, por causa da inexistência de um povoamento interior, não se deve esperar um desenvolvimento através do comércio e da indústria.”¹¹⁰

A explícita má vontade de Schentke com a opção pela emigração faz com que suas afirmações sejam carregadas de preconceito. A maior parte dos problemas apresentados fazia parte da realidade de Blumenau e Dona Francisca, no entanto, muitos deles foram sendo suprimidos ao longo dos anos. Na década de 1870, período abordado pelo autor, as duas colônias já completavam vinte anos e muita coisa já havia melhorado. Os índices de produção (apresentados no cap. III) dão conta

¹¹⁰ SCHENTKE, W. **Advertência contra a emigração para o Brasil**. (tradução de Guido Imaguire/ revisão de Valberto Dirksen). p. 25.

de que neste período a exportação de uma grande variedade de produtos já era uma realidade constante para as duas localidades.

Escrever para aqueles que permaneceram na Europa era certamente um momento especial de aproximação com sua pátria de origem e com seus entes queridos. O colono alemão Johan August Priestien emigrou para Blumenau em 1855 em busca de uma vida de proprietário rural. Sua origem foi Rothenhausen em Lübeck onde era arrendatário de terras. Sua propriedade era considerada um modelo de estrutura para região, sua experiência e competência nas atividades rurais foram elogiadas por vários visitantes, inclusive por Robert Avé-Lallemant, autor de críticas significativas a esta colônia.¹¹¹

Em 1868, Priestien publicou um livro contando suas impressões sobre a colônia Blumenau e apresentando conselhos aos que desejassem emigrar para esta região. Em seu depoimento, chegou, por vezes, a comparar a vida de “agricultor pobre” na Europa com o modo de vida rural nas colônias do sul do Brasil. No prefácio do livro o autor apresenta claramente sua satisfação com a nova terra.

Eu escrevi para vocês, pais de família que olham com pena o grande número de seus filhos por não estarem, como também comigo acontecia, em condições de alimenta-los devidamente. Para vocês, arrendatários de terras de custosos aluguéis que, como também comigo acontecia, vêm escoar-se as melhores forças e os melhores anos de suas vidas, gastam dinheiro inutilmente, atrasando-se de ano para ano, consumindo-se com as suas famílias, para, afinal, quando não estiverem mais em condições de pagar o aluguel, serem despejados sumariamente. Se ainda for tempo, e se ainda puderem salvar os meios para vir para cá, decidam-se de uma vez e venham, que não se arrependarão.¹¹²

¹¹¹ AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens para Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo**. São Paulo Ed. Itatiaia, 1980. p. 161-162.

¹¹² PRESTIEN, Johan August. Vida de Colono. **Revista Blumenau em Cadernos**. Fundação Cultural de Blumenau. Vol. 7, p. 128, 1965. p. 25.

Neste depoimento, chama-nos atenção a preocupação em evidenciar as difíceis condições sociais a que estavam sujeitos os camponeses alemães. A condição de arrendatários era, segundo Priestien, algo inadmissível para aqueles que possuíam condições de emigrar. Observa-se um grande temor da possibilidade de despejo dos campos arrendados.

Este tipo de publicação encontrava-se como um importante instrumento de convencimento dos mais temerosos candidatos a emigrar. O depoimento de Johan Priestien ainda continha uma espécie de “ultimato” destacando as diversas vantagens que a escolha por emigrar poderia proporcionar.

Se tiverdes aí na Alemanha, algum projeto ou proposta vantajosa em vista, não empregueis as vossas economias em qualquer outro meio de vida. Muitos aí caíram em verdadeiras arapucas; muitos foram espoliados, outros estão próximos ao completo esgotamento. Aqui porém, tudo corre limpo e claro, rico e saudável. Por fim, eu escrevi-as para vós, prezados patrícios e colegas, que ansiais por possuir uma pequena propriedade e não tendes os meios necessários para isso e nem para começar aí na velha Pátria algo seguro. Vinde, sem grandes hesitações, para cá eu vos asseguro que não vos arrependereis. Eu sei que vocês aí pagam mais de um aluguel por um alqueire de terra do que pagariam por dez alqueires de terra tão boa como daí. **Aí, um alqueire de terra vos dará apenas uma colheita por ano e aqui, na mesma quantidade vocês podem ter três colheitas por ano.** Naturalmente, o terreno aqui ainda está coberto de mata virgem, que deveis primeiro renovar. Mesmo assim, já no primeiro semestre podereis contar com uma colheita e depois é só plantar e colher sem pagar qualquer imposto ou arrendamento.¹¹³

¹¹³ PRESTIEN, Johan August. Vida de Colono. **Revista Blumenau em Cadernos**. Fundação Cultural de Blumenau. Vol. 7, p. 128, 1965. p. 128.

Este apelo, repleto de comparações positivas para o lado brasileiro, enfatiza algo de extrema importância para um agricultor: a possibilidade de ao invés de uma poder chegar a ter até três colheitas por ano.

Apesar de em seu livro apresentar-se claramente favorável à chegada de novos emigrantes à colônia Blumenau, Johan Prestien teve seus escritos utilizados como argumento contra a emigração por W. Schentke, em sua “Advertência contra a emigração para o Brasil”.

Segundo August Prestien, um dos mais velhos imigrantes de Blumenau, enquanto o pouco húmus da colônia é levado pelas chuvas torrenciais e o solo empobrecido, o adubo necessário não é fornecido por falta de pastagem natural. Acrescenta-se aqui a impossibilidade de valorizar devidamente a colheita por falta de mercado e de comunicação”. Para W. Schentke: Então se compreende porque as colônias Blumenau e Dona Francisca , apesar das subvenções estatais de 1 milhão de Táleres, encaminham-se para a dissolução e que centenas de colonos as abandonam anualmente (de 1870 a 1871 aproximadamente 400 e no ano de 1871 ainda mais*).¹¹⁴

O colono Philipp Kirschner e seu irmão Rudolph, emigraram da Alemanha para Colônia Blumenau em 1854, nos anos seguintes passaram a escrever para o irmão Luís, que permanecera em Berlim, informando detalhes da situação em que viviam. Algumas de suas cartas foram publicadas no *Allgemeine Aswanderungs-Zeeitung* e com isso seus depoimentos ganharam grande divulgação. A escolha destas correspondências, certamente, levou em consideração a aparente satisfação destes colonos com a vida no sul do Brasil. Em carta escrita

* Esta informação é de difícil comprovação, pois eram feitos apenas os registros de chegada e não de abandono dos coloniais.

¹¹⁴ SCHENTKE, W. **Advertência contra a emigração para o Brasil**. (tradução de Guido Imaguire/ revisão de Valberto Dirksen). p. 24.

em julho de 1856, Philipp relembra a situação difícil que passaram no ano anterior, mas, declara que a vida na “nova terra” havia melhorado. A mata nativa tinha sentido o efeito dos machados e cedido lugar a campos produtivos e a plantações de cana-de-açúcar e de café. Para ele uma das causas do bom desenvolvimento da colônia Blumenau era o fato de esta ser habitada quase que exclusivamente por alemães. Na mesma carta, Phillip destaca as possibilidades que a nova terra ofereceria aos agricultores:

[...] aqui produzem em abundância diversas espécies de cereais, todas as frutas alemãs, especialmente batatas, feijão, cenouras e todas as espécies de verduras. Preparamos o nosso pão com as nutritivas raízes de mandioca e eu o acho muito saboroso. Além disso, o nosso solo produz mais uma porção de preciosos gêneros, como: arroz, milho, café e muitas frutas e também cana e tabaco estão sendo cultivados com muito sucesso. **Ao agricultor, pois, oferece a nossa terra tentadoras possibilidades.**¹¹⁵

O depoimento evidencia a importância dada a mandioca na alimentação dos colonos de Blumenau. A substituição do trigo – (cereal que pertencia à base alimentar destes europeus) pela mandioca (tubérculo de consumo intensivo entre índios, caboclos, etc.) é um aspecto de grande relevância para esta interação entre os imigrantes e o meio natural.

Em carta para o irmão Luís também escrita em julho de 1856, Rudolph procura descrever sua atividade rural. Estas informações poderiam ser de grande valia aos futuros emigrantes. Rudolph afirma que as colheitas de arroz, de cana-de-açúcar e de milho não foram positivas, mas ao contrário disso, a batata e especialmente o feijão tiveram ótimos resultados. Observamos os bons resultados e a importância dada por estes colonos de Blumenau a culturas tradicionalmente tropicais como o milho e a cana-de-açúcar.

¹¹⁵ KIRCHNER, Philipp e KIRCHNER, Rudolph. Interessante Correspondência. **Blumenau em Cadernos**. Fundação Cultural de Blumenau, Vol. 7, p. 196-197, 1966. (grifos meus)

A criação de animais, atividade comum a maior parte dos colonos, também é citada por Rudolph, segundo ele, “a manutenção de cavalos¹¹⁶, mulas, bois, porcos e de toda sorte de aves, é de pequeno custo e poucas dificuldades, já que esses animais, em grande parte, são postos em pastos e a outra parte é alimentada de frutos que aqui há com abundância. Os pastos são excelentes e apresentam aos olhos uma vista bem agradável”. Esta reserva de uma área de pastagem para os animais, comentada pelo colono, é condição essencial neste tipo de pequena propriedade.

A dificuldade de adaptação climática, comum à boa parte dos colonos, não foi problema para Rudolph Kirschner que destacou as virtudes do clima subtropical:

Quanto ao clima, tenho também que testemunhar de que me sinto satisfeito. Os meses mais quentes são os de janeiro, fevereiro e março, que constituem a força do verão. Há naturalmente, durante esta época do ano comumente das 7 até as 10 horas da manhã um forte calor mas também, e só neste tempo, sopra um vento fresco do mar, o qual purifica o ar e alivia o corpo, de sorte que se suporta qualquer serviço durante todo o dia. O calor a que faço referências, aliás, não é tão forte que não se possa suportar, como muitos talvez pensem aí na Alemanha. Ele atinge, no máximo, poucos graus mais do que na nossa pátria. Em contrapartida nós temos inverno e não temos que nos queixar de problemas sérios de saúde. Entretanto o nosso chamado inverno se caracteriza aqui por uma temperatura de 15° Reaumur (19°C)¹¹⁷, que sobe até 20 (25°C) graus ao meio dia para descer novamente a 11° (14°C) e 12° (15°C) à noite. Segundo as minhas

¹¹⁶ Na Europa, a posse de cavalos era praticamente restrita aos nobres. Esta é outra importante transformação na vida destes imigrantes, já que este passa a ser um animal de importância fundamental para transporte e tração. O Cap. III apresenta dados estatísticos da evolução do patrimônio animal nas colônias aqui estudadas.

¹¹⁷ Conversões de graus Reaumur para Celsius com valores aproximados.

observações, durante todo o ano nós não tivemos mais de 30 noites com temperatura menor de 10°, das quais 3 até 6 com apenas uma pequena queda de geada. Em fevereiro e nos meados de março há muitos temporais.¹¹⁸

Esta visão do clima blumenauense deixa clara a preocupação em valorizar a colônia.¹¹⁹ As comparações com o clima europeu demonstram que as adversidades do calor brasileiro eram foco de grandes preocupações de parentes e amigos que permaneceram no velho continente. Rudolph, assim como vários outros colonos e viajantes, preocupou-se em apontar similaridades entre o clima europeu e dos estados do sul e conseqüentemente diferencia-lo do resto do país.

Como procuramos evidenciar, as intenções daquele que escreve estavam comumente relacionadas com as expectativas e curiosidades de seu futuro leitor. As cartas para a família tinham, muitas vezes, a missão de tranquilizar aos que na Europa permaneceram, procurando evidenciar os aspectos positivos de sua escolha. Para grande parte dos colonos, já não era mais tempo de se arrepender da escolha. Uma boa interação com este “novo ambiente” em que passaram a viver era obrigatória, pois um retorno a Europa já era inviável. Aqueles que escreveram sobre suas lembranças dos primeiros anos na colônia geralmente retratavam estes momentos com um sentimento de vitória sobre os tempos difíceis. Para Célia Lucena, a “*Arte de lembrar*” é um ato de recuperação do “eu” e a história de vida é uma interpretação atual da vivência do passado¹²⁰. É possível observar uma certa uniformidade nos depoimentos daqueles que “rasgam” elogios à “nova terra”. Este sentimento pode ser entendido através da análise de Michael Pollak sobre *memória coletiva*. Sua visão sobre este fenômeno ressalta o *enquadramento da memória*. Segundo ele,

¹¹⁸ KIRCHNER, Philipp e KIRCHNER, Rudolph. Interessante Correspondência. **Blumenau em Cadernos**. Fundação Cultural de Blumenau, Vol. 7, p. 199-200, 1966.

¹¹⁹ Em função de sua posição geográfica, colocada entre morros, Blumenau é considerada uma das cidades mais quentes de Santa Catarina.

¹²⁰ LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar, (re) lembranças de migrantes**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999. p. 79.

estudar as memórias fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar os sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividade de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis.¹²¹

A análise dos depoimentos utilizados nesta pesquisa deve levar em consideração este possível *enquadramento de memória coletiva*. O processo de *seleção* do que deve ou não ser retratado nas cartas pessoais evidencia o valor deste tipo de documentação.

Portanto, a utilização destes depoimentos como fonte de pesquisa apresenta-se como um importante instrumento de reflexão para o estudo sobre o modo de vida rural das colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina. As diversas visões sobre o meio natural, considerado receptivo para alguns e repulsivo para outros, ampliam nosso leque de informações sobre o processo emigratório. A intencionalidade dos depoimentos, com seus interesses, explícitos ou não, demonstram-nos o grande interesse que estes geravam na Europa. A emigração gerava, além do deslocamento de milhares de pessoas, grandes interesses políticos e econômicos. As diversas companhias de navegação e colonização objetivavam em primeiro lugar o lucro. Ao lado disso, estava o interesse de países como o Brasil em substituir a mão-de-obra e ocupar seus territórios com população branca de homens livres. Todo este contexto gerava, como vimos através destes vários depoimentos,

¹²¹ POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. Vértice, n°3, p. 9, 1989.

grandes contradições ou, simplesmente, formas diferentes de observar o mesmo lugar.

1.3 Orientações aos Futuros emigrantes

Ao lado dos relatos de viajantes, eram comumente publicados na Europa, guias e manuais de orientação aos futuros emigrantes. Entre as diversas publicações deste tipo, uma ganha especial atenção nesta pesquisa, o “Guia” do Dr. Blumenau. Um dos aspectos que inicialmente nos chama atenção para esta obra é o fato de que este material foi elaborado pelo proprietário de uma colônia em formação no sul do Brasil. Este material instrutivo é rico em informações, conselhos e sugestões, além disso, teoricamente, não diz respeito somente a colônia Blumenau, sua intenção é instruir os futuros imigrantes de toda província de Santa Catarina.

Dr Hermann Blumenau, publicou em 1851 o chamado *Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina sul do Brasil* como uma espécie de manual de orientação para os interessados em emigrar. Esta obra apresenta-se como uma fonte riquíssima para o estudo da classe mais beneficiada com este tipo de emigração: os agricultores.

O primeiro capítulo deste *Guia de Instruções* indica *Quem pode obter vantagens emigrando para Santa Catarina*. Hermann Blumenau apresenta uma espécie de modelo de sociedade a ser formada nestas colônias. “Nos vilarejos ou no campo, todo artífice deveria ter, para uso próprio, um pasto com uma ou duas vacas, bem como um pedaço de terra para o plantio de verduras, batatas, arvores frutíferas, algodão, etc...”.¹²²

De acordo com Dr. Blumenau, os agricultores eram “a classe mais favorecida com a imigração e, normalmente, através de muito esforço e trabalho, conseguem sair de um estado precário e desolador, para uma situação bem melhor, vislumbrando assim um futuro confortável, despreocupado e estável”.¹²³ O texto ainda afirma que

¹²² BLUMENAU, Hermann. *Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina sul do Brasil*. In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) *Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil*. Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p. 189.

¹²³ Idem. p. 191.

mesmo estes imigrantes vindo em grande número, conseguiriam adquirir terras a um baixo preço e poderiam escolher a localidade e o tamanho da área para compra.

Os agricultores interessados em emigrar foram classificados pelo *Guia* do Dr. Blumenau em três categorias:

[...] aqueles que não possuem os meios deverão trabalhar como empregados, a fim de juntar o dinheiro necessário para poderem instalar-se por conta própria; aqueles cujos recursos são suficientes para estabelecer-se, mas apenas contam com a força de seus braços; e finalmente, os mais abastados, que desejam investir o capital e aplicar seus conhecimentos, mas devido ao fato de não pretenderem realizar trabalhos braçais, tornam-se dependentes de mão-de-obra assalariada.¹²⁴

Os trabalhadores rurais mais humildes poderiam ter boas perspectivas já que existia grande oferta de serviços, embora estivessem a depender desta garantia. Por isso, Hermann Blumenau prevê um futuro promissor apenas para os que realmente tenham disposição para trabalhar muito. Para enfim, em alguns anos economizarem o suficiente para aquisição de suas próprias terras na colônia.

Para os sem posses, as perspectivas são tão boas em Santa Catarina, quanto em qualquer outro lugar, pois não há falta de trabalho, mas sim de trabalhadores e, devido às dificuldades para consegui-los, é preciso procura-los nas redondezas e pagar caro pelos serviços mais urgentes. Esta falta de mão de obra aumenta conforme a demanda, como aconteceu no ano passado, quando chegaram alemães abastados,

¹²⁴ BLUMENAU, Hermann. **Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina sul do Brasil.** In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) *Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil.* Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p. 191.

que precisavam de trabalhadores para instalarem os seus negócios e darem continuidade aos mesmos. Portanto, posso garantir a estes que não precisam preocupar-se com o futuro porque logo encontrarão emprego com salário satisfatório.¹²⁵

Os agricultores da segunda categoria formavam a maioria e certamente seriam os mais independentes e satisfeitos, pois dependeriam apenas do esforço de seu trabalho. Para Dr. Blumenau, estes agricultores conhecem o valor do dinheiro e sabem o quanto é difícil consegui-lo. “Zelam pelo que possuem e não deixam levar-se por esperanças vãs, como acontece com as duas outras classes”.¹²⁶

O *Guia* faz previsões para atividade rural deste tipo de agricultor interessado em emigrar para Província de Santa Catarina.

A aquisição do gado somente será possível mais tarde, pois é preciso preparar o pasto para o mesmo, o que pode levar de 7 a 9 meses, porque quase tudo ainda é floresta. Aqueles colonos que possuem apenas a quantia mencionada, precisam restringir-se ao plantio de batatas, milho e feijão, porque o cultivo da cana-de-açúcar exige um investimento maior, com aquisição de moenda, tachos, etc., No entanto podem começar mais cedo a cultivar o tabaco e o algodão, que são relativamente lucrativos, contudo, obterão maior vantagem aqueles que entenderem sobre o plantio e o manuseio do tabaco. Por outro lado, quem dispuser de meios poderá começar com o plantio da cana-de-açúcar, que no momento é a cultura mais lucrativa em Santa Catarina.¹²⁷

125 Idem.

126 BLUMENAU, Hermann. **Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina sul do Brasil**. In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) *Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil*. Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p. 195.

127 Idem. p. 197.

Para Hermann Blumenau, as famílias desta classe intermediária que gozassem de um bom relacionamento e com condições financeiras semelhantes poderiam obter vantagens unindo-se para adquirir os equipamentos necessários para o plantio de cana-de-açúcar.¹²⁸

Para isso torna-se imprescindível a associação de mais colonos para um trabalho comunitário, e aqueles que puderem unir 10 a 15 famílias para o plantio da cana-de-açúcar, edificando no próprio local uma usina para beneficiamento da mesma, através do sistema de quotas, conseguiriam levar estas famílias a uma florescente prosperidade. Este é um belo ideal e pode ser perfeitamente aplicado por um empreendedor prático e relativamente abastado.¹²⁹

Os mais abastados eram também os mais difíceis de aconselhar, não sabiam manejar a maior parte dos utensílios agrícolas e dependeriam da contratação de empregados. Dr. Blumenau previa que um negócio rentável no futuro próximo seria a especulação imobiliária, onde um agricultor desta classe mais abastada compraria grandes porções de terra e posteriormente dividiria parte de sua propriedade em pequenos lotes a serem vendidos aos imigrantes mais pobres.¹³⁰ Hermann Blumenau informa que mesmo com as boas perspectivas para atividade agrícola nas colônias da província de Santa Catarina o futuro imigrante não deve criar grandes expectativas. “A agricultura é o modo mais seguro para aquele que aprecia uma vida independente e ama a natureza, pois assim, poderá unir ambas de modo agradável e construir, com muito trabalho uma existência confortável e tranqüila. Entretanto nenhuma pessoa sensata pode esperara enriquecer a curto prazo, voltando a Alemanha como primo rico do Brasil”.

¹²⁸ Idem.

¹²⁹BLUMENAU, Hermann. **Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina sul do Brasil.** In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) *Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil.* Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p. 201.

¹³⁰ Idem. p. 199.

Entre as principais indicações deste *Guia* estava a idéia de que inicialmente a agricultura serviria apenas como subsistência, posteriormente o excedente poderia ser investido nas melhorias da propriedade. As riquezas do agricultor estariam na sua propriedade, nas suas plantações, no seu gado e nas madeiras de lei. Por este motivo seria difícil garantir uma grande reserva de capital.¹³¹

Dr Blumenau relata que nos primeiros tempos da colônia, os trabalhos na agricultura ainda estavam sendo feitos de forma bastante rústicas e simples para os moldes europeus da época, o que facilitaria a aprendizagem. A derrubada e queimada da mata seria o primeiro passo para a instalação das primeiras lavouras, geralmente plantava-se milho, cana-de-açúcar e feijão. Segundo as expectativas do Dr. Blumenau, após um período de três a quatro anos os tocos e raízes estariam apodrecidos e poderiam ser retirados com um gancho, sendo assim a terra estaria pronta para ser arada, reduzindo o esforço em pelo menos 2/3 em relação ao trabalho manual com enxada.¹³² Entretanto, a introdução do arado na colônia Blumenau tornou-se lenta em virtude do relevo bastante acidentado e dos altos custos para limpeza dos restos da mata derrubada.

O plantio de arroz poderia ser outra atividade lucrativa, e com um campo arado e preparado poderiam produzir os “frutos da terra” como milho, feijão e batata. Nas propriedades maiores a garantia de maiores lucros poderia estar na contratação de diaristas¹³³ para estes serviços. Em atividades paralelas a agricultura seria possível garantir boa renda com a fabricação de manteiga e queijo.

131 Idem.

132 BLUMENAU, Hermann. **Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina sul do Brasil**. In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) *Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil*. Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p. 199.

133 A atividade de diarista era frequentemente ocupada pelos colonos recém-chegados, portanto antes de efetivamente ocuparem e produzirem em suas terras sobreviviam trabalhavam nas terras dos colonos mais antigos. No entanto, apesar da pesquisa ter encontrado poucos registros escritos sobre a atuação dos lavradores nacionais nestas funções, existem fortes indícios de que este grupo era utilizado desde o início da colonização como mão-de-obra eventual nas pequenas propriedades coloniais.

Para o Dr. Blumenau, a criação de porcos e o setor leiteiro poderiam futuramente dar bons resultados, mas, ainda passavam pelas dificuldades de escoar as mercadorias até o litoral devido à falta de estradas adequadas.¹³⁴ O desenvolvimento destas atividades teve um crescimento apenas no final do séc. XIX como observou o viajante alemão Dr. Wilhelm Lacmann. Sua viagem pelo sul do Brasil ocorreu entre 1903 e 1904 e nesta relatou suas impressões publicando-as em 1906 através de um livro intitulado *Cavalgadas e impressões no sul do Brasil*.¹³⁵ Segundo Lacmann, o colono recentemente havia passado a preocupar-se em não esgotar o solo por completo, mas sim transformá-lo em pastagem para o rebanho. Através disso ocorreu um crescimento considerável na produção de leite e conjuntamente na criação de suínos e produção de banha.

O Guia atua evidentemente como um mecanismo de propaganda em favor da emigração, entretanto, a responsabilidade em descrever as verdadeiras condições em que vão enfrentar os interessados é muito maior para Hermann Blumenau do que para o grande número de inescrupulosos agentes de emigrantes que circulavam na Europa. Desta forma, o texto prevê alguns problemas de adaptação nos primeiros meses após a chegada, entretanto deixa claro que com o tempo a escolha seria vantajosa.

No que se refere às demais condições de vida no sul do Brasil, não é possível encontrar aqui as comodidades e prazeres que a Europa oferece, pois no campo tudo ainda está por ser feito; mesmo a satisfação da companhia de pessoas instruídas é rara, porque, até agora, poucas se estabeleceram na colônia. O mais difícil é o começo, principalmente os três primeiros meses após a vinda dos recém-chegados desta classe, pois “a cama é dura, a alimentação é ruim e nada me agrada”, mas aos poucos, a gente se acostuma à vida selvagem, livre, peculiar e sem limites na floresta, ainda mais se alguns conhecidos ou amigos tiverem se estabelecido em propriedades próximas umas das outras, formando assim um círculo de pessoas que pensem da mesma maneira. E, inclusive, aqueles que estavam mal-acostumados com troca de idéias e

¹³⁴ BLUMENAU, Hermann. OP. Cit. p. 201-203.

¹³⁵ LACMANN, Wilhelm. Cavalgadas e Impressões no sul do Brasil. **Revista Blumenau em Cadernos**. Fundação Cultural de Blumenau, vol. 11, p. 35, 1997.

convívio com intelectuais, acabam gostando do belo país, de tal modo, que não pensam mais em voltar as suas condições anteriores, mesmo que a situação financeira permitisse.

O segundo capítulo deste *Guia de Instruções* refere-se aos *Preparativos para Viagem e transmigração*. É nesta parte do texto que Hermann Blumenau faz indicações sobre o que realmente deve ser adquirido na Europa para lida rural nas colônias da Província de Santa Catarina.

Uma série de ferramentas úteis aos imigrantes na prática agrícola da colônia é indicada neste texto. Naquele momento, não seria necessário trazer muitos instrumentos agrícolas. O arado, por exemplo, se tornaria inútil em terras férteis cobertas pela floresta tropical.¹³⁶ “Para quem quiser trabalhar na lavoura são indispensáveis as seguintes ferramentas: foices; enxadas; cavilhas; pás; foicinhas e, pelo menos, uma faca com bainha, para ser usada na cintura, pois as demais coisas, embora sejam úteis, não são essenciais”.¹³⁷

Todos necessitariam de um machado forte com fio de aço fundido para o corte de árvores. As enxadas brasileiras, mesmo sendo baratas, não eram consideradas de boa qualidade pelo Dr. Blumenau. Estas deveriam ser de dois tipos: uma pesada e uma leve. Ainda para lavoura de subsistência, Hermann Blumenau, indica aos imigrantes a compra de sementes na Europa por serem mais baratas que no Brasil.

Segue uma lista de sementes que recomendo: todas espécies de temperos; repolhos; nabos; beterrabas; rabanetes; alfaces; cebolas; pepinos; feijões e ervilhas doces, que se desenvolvem muito bem; os melões são muito apreciados, mas os melhores são os de polpa branca e esverdeada, que ainda não existem aqui e, aquele que trouxer desta semente, certamente obterá lucro.¹³⁸

¹³⁶ BLUMENAU, Hermann. **Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina sul do Brasil**. In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) *Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil*. Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p. 239.

¹³⁷ Idem. p. 243.

¹³⁸ Idem.

Os agricultores também deveriam lembrar de trazer ferramentas para carpintaria e marcenaria como “machado para cortar lenha; machadinha; martelo, ou mais adequado ainda, martelo-machado; torquês; furadeira; serra braçal com cavalete; algumas limas; uma fieira que servirá para esticar o arame e sua respectiva lâmina cortante; alguns formões; cinzéis e uma ou duas plainas”.¹³⁹ Quem desejasse instalar algum empreendimento maior, como uma usina de açúcar ou um moinho, deveria trazer outras ferramentas de marcenaria como: “diversos tamanhos de javradeira¹⁴⁰; broca; parafusos; ganchos para a bancada [...]”.¹⁴¹

O Guia de Instruções indicava algumas técnicas agrícolas a serem adotadas. A derrubada da mata deveria ser seguida de um intenso controle para que não cresça novamente, desta forma, a terra poderia aos poucos ser arada. Sendo assim em pouco tempo alguém passaria fabricar arados.

O plantio de milho, feijão e batata deve ser manejado com a enxada, plantando-se ao redor dos troncos e galhos, que apodrecem no decorrer do tempo em virtude de ação de insetos e das queimadas esporádicas e, após um certo período, remove-los com facilidade. Para o cultivo da cana-de-açúcar, os terrenos com troncos são os mais adequados, porque eles servem de escora para os pés de cana, evitando que caiam. O fogo ateadado após a colheita encarregar-se-á de eliminar a palha acumulada e a madeira menos resistente.¹⁴²

¹³⁹ Idem. p. 237.

¹⁴⁰ Javradeira: ferramenta usada para abrir o encaixe na extremidade das aduelas dos tonéis no qual se embutem os tampos (javres).

¹⁴¹ BLUMENAU, Hermann. **Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina sul do Brasil.** In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) *Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil.* Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p. 237.

¹⁴² Idem. p. 239.

A apicultura é mais uma das sugestões aos agricultores presentes no *Guia*. As abelhas européias só existiam no Rio de Janeiro e ainda seriam uma novidade na Província de Santa Catarina¹⁴³. Neste caso, o próprio Dr. Blumenau foi o pioneiro na introdução destas abelhas em 1851.

Ao final deste capítulo encontra-se uma referência a criação de gado. Para Hermann Blumenau, o gado comum brasileiro era bom e os bois eram excelentes animais de tração, entretanto as vacas produziam leite apenas quando amamentavam. Observava que o sul do Brasil não possuía um bom plantel de gado leiteiro europeu e introduzi-lo em Santa Catarina seria um negócio lucrativo. As sociedades entre 5 ou 6 emigrantes também são sugeridas para produção dos derivados do leite.¹⁴⁴ Para o local de aquisição deste plantel na Europa, Dr. Blumenau indica: “Hamburgo e seus arredores são os melhores lugares para compra de gado, pois como está localizada perto do porto, consegue animais da raça inglesa e holandesa, mas aconselho escolher os melhores e mais produtivos, evitando-se o gado das regiões pantanosas, pois, o mesmo costuma alimentar-se de pastagens altas, as quais não existem no Brasil”.¹⁴⁵

No terceiro e último capítulo deste *Guia*, encontram-se as informações necessárias sobre *A partida do torrão natal e a chegada à nova pátria*. Neste caso, as informações são comuns as diversas profissões. Hermann Blumenau faz referência a sua obra *Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã* onde descreve a região. Neste caso chega a citar o empreendimento da *Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849*, proprietária da colônia Dona Francisca, considerando que apesar deste possuir um transporte mais barato, vende as terras por um alto preço. Com este tipo de argumento, conclui seu texto deixando a escolha da melhor localidade para viver “a cargo do emigrante”.

¹⁴³ Afirmação do próprio Dr. Blumenau.

¹⁴⁴ BLUMENAU, Hermann. **Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina sul do Brasil**. In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) *Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil*. Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p. 257.

¹⁴⁵ Idem. p. 259.

Observamos através deste guia o tipo de informação considerada necessária aos interessados em emigrar. A apresentação das possibilidades de sucesso no novo país poderia ser, assim como os demais meios de divulgação aqui citados, um mecanismo de convencimento ou de repúdio a decisão de emigrar.

1.4. Habitantes da floresta

Desde o primeiro contato, seja na prestação de serviços para colônia ou na ocupação de seus lotes, imigrantes recém chegados estavam expostos a algumas adversidades até então desconhecidas. Do clima diferenciado à mata fechada e seus animais considerados selvagens, tudo poderia ser razão para desilusões e tristezas. É evidente, especialmente se resgatarmos as memórias de alguns colonos, que nem tudo eram “espinhos” e os bons momentos desta interação entre o imigrante e a mata também marcaram a história destas colônias.

A abundância de palmeiras nestas áreas foi frequentemente relatada nos vários depoimentos deixados por colonos e viajantes. Além de fornecerem troncos e folhas para construção de moradias e ranchos, ofereciam os palmitos, que logo se tornou um legume de grande valor para alimentação das famílias imigrantes.¹⁴⁶ Para Robert Avé-Lallemant, quando cozidos, os palmitos assemelhavam-se aos aspargos.¹⁴⁷

Entre os alimentos retirados da floresta que fizeram parte da vida dos colonos ainda estavam algumas aráceas*. Lallemant, assim as descreveu: “Enquanto as múltiplas aráceas crescem nos lugares úmidos em grandes exemplares e oferecem variado alimento ao colono, como o

¹⁴⁶ FERRAZ, Paulo Malta. **Como viviam os primeiros colonos**. In: *Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p.145.

¹⁴⁷ AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens para Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo**. São Paulo Ed. Itatiaia, 1980. p. 194.

* Aráceas: Grande família de plantas floríferas, monocotiledôneas, formada por plantas mais ou menos herbáceas, embora não de raro de grande porte, e que habitam, em geral, as matas sombrias e úmidas. As plantas tem, quase sempre, rizomas tuberosos, vários deles comestíveis. Vivem sobretudo na zona tropical, e há quase 2000 espécies, numerosas brasileiras.

taia** e o mangarito***, sobe os mais altos troncos de árvore e forma folhagem nos intervalos uma arácea trepadeira, um filodendro”.¹⁴⁸

Na visão de um imigrante alemão estabelecido em Blumenau, as transformações nos hábitos alimentares poderiam desencadear alguns “efeitos colaterais”. Em carta a seu cunhado na Alemanha, o colono Friedrich Ernst Weise apresenta uma curiosa justificativa para transformação na aparência dos europeus do norte. Segundo ele, “os primeiros tempos na floresta não passam sempre como se desejaria. Não há, todavia, problemas com o calor; acostuma-se logo. Perde-se um pouco da cor rosada, mas que volta. **Isto se deve à alimentação, pois não se está acostumado com as frutas do sul.** (“Der Pilot”, nr. 31, 4 de agosto de 1857)”¹⁴⁹

O mesmo Ernst Weise relata em outra correspondência sua impressão sobre a alimentação brasileira. A fartura de alimentos é por vezes destacada. Considerava que os alimentos, de forma geral, não eram muito diferentes dos consumidos na Alemanha. A diferença mais lamentada estava no pão. O clima da colônia não era propício para produção de trigo, o que determinou sua substituição por milho e mandioca. No entanto, Ernst Weise observou também uma importante vantagem na alimentação brasileira. O clima mais ameno permitia manter os animais nas pastagens durante o ano inteiro, conseqüentemente reduzia os gastos com ração, e isto era uma garantia de poder ter muito mais carne disponível a um menor custo. Além disso, a caça era permitida nas florestas brasileiras possibilitando outra fonte de alimento aos colonos (“Der Pilot”, nr. 32, 11 de agosto de 1857). O colono John. Georg Heinrich Weise, irmão e parceiro de Friedrich Ernst, comentou sobre a oferta de caça em Blumenau em uma de suas cartas

** Taiá: Erva da família das aráceas, originária da América Tropical e muito cultivada como alimento, de folhas longamente pecioladas, de tonalidade azulada, e que, picadas e cozidas, servem como couve.

*** Mangarito: Erva da família das aráceas, de origem incerta, produtora de rizoma farináceo e comestível, cujas grandes folhas sagitadas e cobertas de pruína azulada, e que alcança uns 50 cm de comprimento.

¹⁴⁸ AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens para Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo**. São Paulo Ed. Itatiaia, 1980. p. 192.

¹⁴⁹ ALVES, Débora Bendocchi. Notícias de Blumenau: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turíngia. **Revista Blumenau em Cadernos**, Tomo XLI – N.11/12, 2000. p. 70.

publicadas no “Der Pilot”. Segundo ele “Não há falta de carne; carne selvagem há em abundância. Um pouco antes de minha chegada meu irmão caçou uma onça e capturou uma segunda numa armadilha na floresta. Ele também mata várias galinhas por dia. (“Der Pitot”, nr. 30, 28 de julho de 1857)”

A caça é mais uma interessante atividade para compreendermos as transformações do significado da floresta da Europa para o sul do Brasil. De prática exclusiva dos nobres na Europa, as caçadas de animais selvagens tornaram-se possíveis aos mais humildes imigrantes nas florestas meridionais brasileiras. A caça é incorporada como uma das principais atividades de lazer dos colonos. Nos seus passeios pela mata, Hugo Zoeller preocupou-se em observar os animais selvagens e as possibilidades de caça para os colonos.

As condições de caça não são regulamentadas e a existência de caça é esporádica. Num ponto, abate-se milhares de animais; noutra, procura-se em vão por dias e semanas caças. Eu encontrei no mato somente beija-flores verdes, papagaios de cor verde e cinza, periquitos, arapongas, lagartos, sapos-boi (do tamanho de um gato) e rastos recentes de um cervo maturo escutei uma vez ao longe o bramido dos monos, mas o que mais me agradou foi a visita a um lindo representante dos jardins e das florestas brasileiras em meu quarto. [...] Era um beija-flor verde e branco do tamanho da falange do meu dedo.¹⁵⁰

Em seu livro *Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã*, Hermann Blumenau destaca a importância de um cachorro de caça para o futuro colono.

Em todos os lugares, encontram-se cachorros ruins e entre estes, em grande quantidade, os repugnantes sem pêlo, como também aqueles típicos comuns de canela longa, sem raça

¹⁵⁰ ZOELLER, Hugo. Os alemães na floresta brasileira. **Revista Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Vol. 5. 1990. p. 146.

definida. Porém faltam bons cachorros de raça, principalmente cães de caça, cujo preço é impraticável, mas que fazem o melhor para que não falte carne aos colonos estabelecidos na mata. Nem sempre é possível consegui-los, por isso é aconselhável que o imigrante traga consigo cachorros, casais ou fêmeas, de boa raça e de utilidade.¹⁵¹

W. Lacmann em sua obra **“Ritte und Rasttage in Südbrasilien - Reisebilder und studien aus dem Leben der deutschen Siedelungen”**,¹⁵² publicada em 1906, descreve a ocasião em que tomou parte de uma “turma de mato”, liderada por um agrimensor e que tinham a tarefa de medir terras na região da Hamônia (Ibirama). Neste contexto, subindo o rio Hercílio a bordo de uma canoa, relata em pormenores aspectos da fauna e flora. Fica evidente, em sua curta descrição, que a caça acontecia à medida que a “turma de mato” se deslocava em seu trabalho habitual. Não se parava o trabalho para caçar em busca de provisões. Lacmann descreve seu “primeiro jantar” num rancho montado para passar a noite, jantar este com carne de jacu, abatido à margem do rio, à medida que as canoas avançavam. Relata ainda, que no dia seguinte, os dois cães que faziam parte da “expedição”, em determinado momento, mostravam-se agitados por terem farejado alguma caça. Soltos na margem, logo localizaram um veado, o qual acuado, atirou-se no rio, onde foi abatido a tiros, reforçando substancialmente as provisões do grupo.

De acordo com Lacmann, o ato de caçar fazia parte do cotidiano de trabalho do colono na mata, visto que normalmente se fazia acompanhar de uma arma de fogo. Era uma maneira de garantir ou enriquecer a alimentação.

¹⁵¹ BLUMENAU, Hermann. **Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina sul do Brasil**. In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) *Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil*. Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p. 65.

¹⁵² LACMANN, Willhen. **Ritte und Rasttage in Südbrasilien - Reisebilder und studien aus dem Leben der deutschen Siedelungen**. Berlin: Verlag Dietrich Reimer, 1906.

Percebemos que esta atividade representava mais um passo no “ajustamento” entre colonos e a mata nativa do “novo ambiente”. Um exemplo disso é a fundação de sociedades de caça e tiro em várias colônias. Estas associações passaram a organizar freqüentes festejos junto às florestas. Um “velho colono” blumenauense assim relatava suas memórias:

A Primeira “Casa dos Atiradores” era muito modesta, mas satisfazia seus objetivos. Tudo ao redor ainda era floresta e, por isso, as festas se realizavam à sombra refrescante das frondosas árvores. Nos dias festivos, eram montadas barracas uma ao lado da outra, protegidas pela espessa folhagem das árvores gigantescas, que filtravam os raios do sol. As paredes das barracas eram de “ripa”, provenientes dos palmitais, e o teto coberto com folhas de palmeiras. Ao local acorria toda Blumenau, tornando-se um verdadeiro acontecimento popular.¹⁵³

Como vemos aqui, a vida na floresta também proporcionava aos colonos o contato com uma grande diversidade de animais selvagens. Contratando com as prazerosas caçadas esta proximidade também era responsável por algumas situações de perigo. Especialmente nos primeiros anos, ataques de animais selvagens considerados perigosos, como cobras e onças, tiraram tranqüilidade de algumas famílias. As cobras da espécie “Jararaca” eram as mais freqüentes e perigosas. Uma preocupação com este tipo de problema foi levantada por Hermann Blumenau ainda em 1850 em sua obra *Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã*. O texto atua, neste caso, como uma espécie de “manual de primeiros socorros”. A atitude a ser tomada em caso de mordida de cobras venenosas foi assim receitada pelo Dr. Blumenau:

[...] deve-se abrir o ferimento com uma faca e chupar o veneno, que é inofensivo internamente,

¹⁵³ Conversa de um Velho Colono Blumenauense. Joinville: Calendário **Der Volksbote**, 1903. In: DEEKE, José. *O município de Blumenau e a História de seu desenvolvimento*. Blumenau: Nova Letra, 1995. p. 71.

aplicando um torniquete com um barbante ou cipó acima do ferimento, colocando no mesmo a mistura acima mencionada e tomando 5 a 8 gotas da mesma diluída em água ou cachaça, a cada 30 minutos, até começar uma transpiração forte, e o tratamento estará terminado. A finalidade deste tratamento é excitar o sistema nervoso e provocar a transpiração e, para tanto, a mistura acima mencionada é a mais indicada. Caso não tenha à mão esta mistura, deve-se usar cachaça em grande quantidade, mascar fumo e engoli-lo, ou bater e sacudir a vítima até que esta esteja meio-morta ou banhada de suor.¹⁵⁴

Dr. Fritz Muller, grande estudioso da vida animal, teve durante toda sua longa vida na Colônia Blumenau uma relação muito estreita com a mata nativa. No entanto, assim como todos os outros colonos, ele estava sujeito a problemas com animais selvagens. Em carta a sua irmã Röschen, Müller descreve um curioso ataque de onça ocorrido junto a sua propriedade.

Ultimamente nossa vida teria decorrido muito calma, se não fosse algo que apavorou toda colônia: uma visita repetida de onças ou jaguares. Uma manhã contou-me um vizinho, que durante a noite um tigre, como aqui também denominam as onças, devorara seu cachorro. Não quis acredita-lo, porém logo duas noites após, apareceram mortos dois porcos de meu vizinho e, na manhã seguinte, encontramos no caminho uns rastros de animal, que devia ser muito grande e devia estar acompanhado por um outro menor, do tamanho de um gato bem grande. Preparamos, logo, as espingardas, as armadilhas e guardamos bem os animais. À noite, depois de ter notado o desaparecimento de um cachorro, um grito

¹⁵⁴ BLUMENAU, Hermann. **Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina sul do Brasil.** In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) *Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil.* Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p. 77.

repentino fez acordar meu irmão Augusto. Em companhia de S..., meu irmão foi ao chiqueiro e viu que duas tábuas do teto estavam separadas e no chão encontrava-se um porco morto. Pelas marcas de sangue, via-se que a onça já erguera sua presa no teto. Ambos, então, pegaram o animal morto e o amarraram a um tronco de árvore, próximo a casa, quando reapareceu a onça, que foi recebida com dois tiros. Por um pequeno instante, a fera estacou. Depois fugiu aos saltos para a mata. Na manhã seguinte, seguimos por muito tempo as marcas de sangue, mas, desde então a fera não mais apareceu.¹⁵⁵

Estes percursos na mata tinham no facão um grande aliado para abertura de caminhos e picadas. Segundo os relatos de viajantes, guias, manuais e depoimentos de colonos, esta ferramenta era indispensável para vida na floresta. Hugo Zoller destacou a importância deste instrumento, segundo ele: “Para abrir uma brecha no emaranhado da floresta usa-se um facão e um outro menor que é a faca de caça. Quando bem afiado cada golpe corta os galhos e cipós como se fosse manteiga ou queijo. No início se tem dificuldade, mas aos poucos se pega o jeito que consiste somente em golpear o galho da árvore no ângulo certo”.¹⁵⁶

Ao lado dos cultivos agrícolas, outra atividade comercial envolvendo o imigrante e mata ganhou espaço na vida das colônias: o comércio de madeiras serradas. Esta era certamente, uma das atividades onde o confronto entre imigrantes e a floresta se deu de forma mais intensa e longa. O surgimento de serrarias ao longo do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina demonstram-nos a importância destes empreendimentos para economia local. Com a matéria prima facilmente disponível esta se tornava, geralmente, uma atividade muito lucrativa.

Ainda em 1850, Hermann Blumenau observou as perspectivas deste comércio de madeiras, embora destacasse que o rendimento no

¹⁵⁵ MULLER, Fritz. **Carta para sua Irmã Röschen**. In: *Centenário de Blumenau 1850-2 de setembro – 1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p. 150.

¹⁵⁶ ZOELLER, Hugo. Os alemães na floresta brasileira. **Revista Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Vol. 5. 1990. p. 145.

corte destas árvores seria maior que na Europa, tinha consciência que as dificuldades na derrubada também são maiores.¹⁵⁷

O colono Rudolph Kirschner, numa de suas correspondências em 1856, procurou descrever a mata blumenauense e suas possibilidades econômicas, onde destacou a atividade madeireira.

As florestas de Blumenau são ricas de grandes árvores e como a colônia é cortada de cursos d'água, há facilidades para instalação de engenhos de serrar. As tábuas são muito procuradas e podem ser serradas à vontade. [...] A natureza ostenta sempre o seu magnífico verde, só que no tempo do verão o verde é mais escuro do que nos meses de inverno.¹⁵⁸

O importante papel exercido pelo comércio de madeiras serradas na economia destas colônias também pode ser compreendido através dos documentos oficiais. Os relatórios e os quadros estatísticos anuais nos dão conta do número de serrarias existentes em cada colônia ao longo dos anos. Estes estabelecimentos eram enquadrados ao lado de alambiques, engenhos de açúcar, de farinha e de moer grãos, como indústrias de transformação de produtos. Podemos observar em todas as colônias aqui estudadas, um alto crescimento no número de serrarias, o que assegura a importância dada a esta atividade extrativa. Em Blumenau, por exemplo, de três estabelecimentos deste tipo existentes em 1861 a colônia passou a ter trinta e dois em 1880.¹⁵⁹

O relatório provincial de 1875¹⁶⁰ procurou apresentar as origens da atividade madeireira em Brusque. Segundo este documento, a maior

¹⁵⁷ Idem, p. 231.

¹⁵⁸ KIRCHNER, Philipp e KIRCHNER, Rudolph. **Interessante Correspondência**. Blumenau e Cadernos. Blumenau, Vol. 7. p.199-200, 1996.

¹⁵⁹ COLOMBI, Luiz Vendelino. Blumenau: da economia de subsistência à industrialização (1850-1880). **Revista Blumenau em Cadernos**. Tomo XLII – N.1/2, 2001.

¹⁶⁰ *FALA DIRIGIDA Á ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 21 DE MARÇO DE 1875 PELO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1875.* p. 93. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.aspx>>> Acesso em 5 de novembro de 2010.

parte dos primeiros colonos, fracos agricultores, se o eram, não haviam encontrado incentivo para os trabalhos agrícolas, mas lutando com toda sorte de dificuldades, e principalmente falta de vias de comunicação, trocarão o arado pelo machado, a enxada pela serra, e entregaram-se a preferência pelos corte de madeiras. Segundo o mesmo relatório, esta estava sendo a causa maior do tardio desenvolvimento registrado nas colônias catarinenses.

A troca da produção pela extração aliada a valorização da madeira e um comércio mais imediato teria sido a grande motivação para esta escolha, já que a plantação aparecia como um objetivo em longo prazo. Em contraposição a este processo de derrubada de grandes áreas de mata, alguns imigrantes também foram responsáveis por um processo inverso, a introdução de espécies vegetais exóticas.

Hugo Zoller, durante sua visita as colônias de Santa Catarina, esteve atento a estas tentativas. O grande esforço do Dr. Hermann Blumenau em aprimorar a agricultura de sua colônia com a introdução de novas plantas teria tido como consequência desagradável à introdução involuntária de ervas invasoras. Estas teriam sido utilizadas como plantas ornamentais, mas em 1882, ano da visita, já dominavam grandes áreas.¹⁶¹

O jornalista ainda preocupa-se em diferenciar os resultados obtidos com plantas trazidas para Blumenau e Dona Francisca. Segundo ele, em Blumenau, de uma maneira geral, as árvores florestais não se aclimatizaram, mas legumes e verduras deram excelentes resultados. Das árvores florestais, somente alguns exemplares de carvalho, faia (Buche), Tília (Linde), Betuba (Birke), não haviam se adaptado. A única fruta alemã que havia se aclimatizado completamente e produzido mais do que em qualquer parte da Europa, era o pêssego. Morangos cresciam bem, mas, maçãs, pêras, ameixas aprilots, cerejas, uvas, uva espim (Stochelbure) groselha e olivas não havia na colônia. Já em Dona Francisca, os resultados eram outros. As frutas com excelentes desempenhos na região eram as bananas, laranjas, Mésperas Brasileiras, Wolnnesse, castanha do Pará e mangas. Entre os legumes europeus os

¹⁶¹ ZOELLER, Hugo. Os alemães na floresta brasileira. **Revista Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Vol. 5. p. 145, 1990.

melhores resultados tinham sido obtidos com ervilhas, feijão, aspargo, repolho e alface.¹⁶²

O conhecido interesse do Dr. Blumenau pela introdução de espécies de plantas exóticas, também se fez aparecer por seu sobrinho, Vitor Gaertner, que por volta de 1870 plantou na Colônia Blumenau o primeiro “Pinus Elliotis”¹⁶³ em terras Brasileiras. Duas mudas trazidas da Alemanha foram plantadas ao lado da Igreja Protestante e após muitos anos alcançaram um imenso porte.¹⁶⁴ Hoje esta espécie de pinheiro é bastante difundida em varias regiões do Brasil. Entre as suas finalidades comerciais está a fabricação de móveis por um baixo custo. As grandes madeireiras geralmente possuem grandes áreas desta espécie, visto que o seu rápido crescimento permite um reflorestamento constante. Entretanto, a qualidade destas madeiras serradas é muito baixa e a durabilidade dos seus móveis é frequentemente pequena.

Assim como nos dias de hoje, as excessivas chuvas causavam no século XIX sérios problemas para os habitantes do vale do Itajaí. Os prejuízos nas lavouras eram notadamente os mais sentidos pelos colonos, pois, neste caso, a recuperação das perdas poderia demorar muito tempo.

Em seu depoimento sobre o clima do vale do Itajaí, Zoeller observava que o verão poderia atingir altas temperaturas. Para ele, esta estação não era propícia para o estado de saúde dos Europeus nórdicos (Dinamarqueses, Pomeranos, Holsteiner, etc) e provocava mais doenças que o inverno. Entretanto, chamava sua atenção a baixa intensidade de casos de insolação, pois, mesmo com a elevada temperatura não houve uma vítima fatal durante os trinta anos que antecederam sua visita a Colônia Blumenau.¹⁶⁵

¹⁶²Idem, p. 144.

¹⁶³ Sobre pinus Elliotis ler: Samira Peruchi Moretto. Remontando a floresta: a implementação do Pinus e as práticas de reflorestamento na região de Lages (1960 – 1990). 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientadora: Eunice Sueli Nodari.

¹⁶⁴ Pioneirismo. **Revista Blumenau em Cadernos**. Maio de 1968. Vol. 9. p. 99-100.

¹⁶⁵ ZOELLER, Hugo. Os alemães na floresta brasileira. **Revista Blumenau em Cadernos**: maio de 1990. Vol. 5. p. 146.

Entre as ocorrências de vítimas fatais em Blumenau, chama-nos a atenção os vários casos de afogamentos no rio Itajaí Açu, especialmente nos primeiros anos. Algumas das primeiras vítimas estavam entre os 17 primeiros imigrantes estabelecidos na colônia.

1.5 O índio e o imigrante

Entre estas dificuldades encontradas pelos colonos na vida em meio à floresta também estava a complicada e violenta relação com a população nativa. A fundação de colônias de imigrantes em Santa Catarina, assim como toda ocupação do território brasileiro, desconsiderou a existência desta população nas áreas colonizadas. “O governo brasileiro nunca respeitou as terras indígenas e achava que a presença dos europeus bastaria para expulsá-los da região”.¹⁶⁶ No entanto, a colonização, especialmente no vale do Itajaí, foi marcada por constantes conflitos entre os Xokleng, tribo dominante na região, e os imigrantes ali estabelecidos.

Segundo Luísa Tombini Wittmann, nos últimos anos ocorreram algumas mudanças no meio acadêmico em relação à visão que se tinha dos índios “como resistentes culturais, sobreviventes, descaracterizados, à espera do desaparecimento peremptório, ou vítimas do extermínio”.¹⁶⁷ Esta nova concepção passa a entender os “índios como protagonistas e não apenas vítimas da história, demonstrando que eles dialogaram com as novas conjunturas e também foram agentes no contato com os colonizadores.”¹⁶⁸

Na história do processo de colonização os contatos colonos e os índios Xokleng foram inevitáveis, freqüentes e geralmente violentos. A primeira incursão dos Xokleng em Blumenau teria acontecido apenas dois anos após sua fundação, em 28 de dezembro de 1952.¹⁶⁹ O

¹⁶⁶ ALVES, Débora Bendochi. **Revista Blumenau em Cadernos**. p. 71.

¹⁶⁷ WITTMANN, Luísa Tombini. **O Vapor e o Botoque: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007. p. 22.

¹⁶⁸ Idem.

¹⁶⁹ WITTMANN, Luísa Tombini. **O Vapor e o Botoque: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007. p. 32.

naturalista alemão Fritz Muller descreveu o momento: “os bugres aproximaram-se fazendo grande alarido, cravaram suas flechas na parede da casa e começaram a saqueá-la. Chegaram a entrar no quarto do Dr. Blumenau (estava em Desterro). Nessa ocasião um dos índios foi atingido com um tiro desfechado por um dos brancos.”¹⁷⁰

Figura 6: Índios Xokleng do Vale do Itajaí



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

O avanço da ocupação das áreas florestais com a fundação de novos núcleos coloniais em direção ao Alto Vale do Itajaí fez com que

¹⁷⁰ Idem. p. 34.

os confrontos se tornassem ainda mais rotineiros. Segundo o memorialista José Deeke, “os índios realizaram 61 incursões, no município de Blumenau, entre os anos de 1852 e 1914.”¹⁷¹ Observamos, assim como Débora Bendocchi Alves, que alguns dos relatos deixados apontam para ataques considerados extremamente cruéis a famílias de colonos que instalavam-se na floresta. Os mais chocantes registravam o assassinato de mulheres e crianças imigrantes.¹⁷²

Luísa Wittmann lembra que “os relatórios dos presidentes da província e os jornais catarinenses, publicados nas colônias e nas cidades do litoral, descreveram as incursões sob o ponto de vista dos colonos, dos funcionários públicos e dos agentes colonizadores, narrando-as através das palavras saque, assassinato, cerco, entre outras. A iniciativa, afirmavam, partia sempre dos índios”. Segundo ela, “os documentos de época não esclarecem - e nem deveria esperar que o fizessem - as possíveis razões dos índios nos confrontos com os colonos. O interesse das pessoas ligadas à imigração era garantir o desenvolvimento das colônias e, conseqüentemente, o progresso da região. Para alcançar o objetivo, acredita-se ser fundamental resolver o chamado *problema dos bugres*.”¹⁷³

Dr. Hermann Blumenau registrou por diversas vezes suas preocupações com o dito *problema dos bugres*. Em cartas enviadas à Presidência da Província de Santa Catarina, ele relatava acontecimentos trágicos e reclamava por soluções. Em correspondência de novembro de 1862 ele escreveu:

(...) Ocorrendo regularmente na atual estação as correrias dos bugres, a pequena força disponível para efetivo serviço, está muito insuficiente para

¹⁷¹ WITTMANN, Luísa Tombini. **O Vapor e o Botoque: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007. p. 32.

¹⁷² Ao final do século XIX, com a intensificação dos conflitos, aumentam as expedições dos chamados bugreiros, conhecidos como caçadores de índios, contratados para defenderem os interesses dos colonos. Os bugreiros, “nas suas batidas pelo mato, muitas vezes matavam os homens e as mulheres Xokleng adultas e capturavam jovens e crianças que eram levados para as sedes dos distritos ou para cidade de Blumenau”.¹⁷² Estas ações eram encaradas, na visão destes agressores, como forma de revide aos ataques indígenas contra famílias de imigrantes.

¹⁷³ WITTMANN, Luísa Tombini. **O Vapor e o Botoque: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007. p. 32.

sua crescente extensão e necessidades e muito tenho a temer, que aconteça algum desastre, causado pela atrocidade dos bugres, que espalhe o terror entre os colonos e os ponha em fuga. Ouso pois repetir á V^a. Ex^a. o pedido tão instante quão respeitoso, que repetidas vezes dirigi á Presidência, de encher as lacunas na força existente n'esta colônia e augmental-a com mais três á cinco praças, expedindo as convenientes ordens, para que com a possível brevidade cheguem aqui.¹⁷⁴

Nesta carta Dr. Blumenau enfatiza a maior freqüência dos “ataques dos bugres” na primavera, e demonstra grande preocupação com a falta de apoio policial para conter o que chamava de “atrocidade dos bugres”. Em outra carta de dezembro do mesmo ano, Dr. Blumenau registrou detalhes sobre um dos ataques ocorridos neste ano.

Cumpro o desagradável dever de participar a Va. Excia. que na tarde do dia 27 do mez prox. passado, os bugres gentios atacam no Distrito do Ribeirão Garcia d'esta colônia a casa do colono Frederico Christiano Holles, cahindo de sobressalto com flechadas sobre a mulher do mesmo que ali se achava sozinha, a qual ficou ferida no braço superior, e roubando facões de mato, machados, todos os colchões de pennas, como umas roupas e outros objetos. Mandeí logo uma escolta de soldados em perseguição e os colonos também se reuniram para o mesmo fim, mas infelizmente acharão só rastros que se dirigiram para banda do Itajahy Mirim.¹⁷⁵

¹⁷⁴ BLUMENAU, Hermann. “Problemas enfrentados pelo fundador da Colônia: os bugres atacam e matam colonos e raptam crianças” **Revista Blumenau em Cadernos**. Vol.5. Maio/1978. p. 138.

¹⁷⁵ Idem.

Ao final da mesma carta de dezembro de 1862, o diretor da colônia ainda descreve um ataque mal sucedido dos bugres. A figura do índio comparada aos animais selvagens considerados perigosos e o apoio dado com o abastecimento de munição aos colonos são alguns registros significativamente válidos para compreensão da visão sobre os indígenas pelos colonos:

Abro ainda o afficio que já havia fechado, porque n'este momento, em que o queria entregar ao próprio, vem hum colono do mesmo distrito Garcia, participando-me que hontem á noitinha, dous bugres querião sobressalta-lo, rastejando na barriga como onças ou gatos do mato com as flechas e arcos, mas que avisado por seu filhinho, que lhe servia de sentinella, os afugentara, ferindo á hum dos gentios com um tiro de bala no braço. Foi infelizmente o seu último tiro e veio pedir-me dinheiro para chumbo e pólvora e alguns soldados, alegando que ainda perseguindo os bugres, estes desapareceram n'huma caverna natural.¹⁷⁶

Segundo Roselane Alves, “o mérito da questão, que colocava o indígena nesta posição de criminoso, não era ‘porque ele fez?’, mas ‘o que ele fez?’ e ‘como ele fez?’. Nesse caso, em especial, como ele fez, é ainda mais importante no discurso jornalístico.”¹⁷⁷ Para Luísa Wittmann, “as notícias publicadas nos jornais sobre as investidas indígenas enfatizam geralmente o seu caráter sanguinário, mesmo quando ninguém é ferido. Uma leitura mais cuidadosa permitiu descobrir algumas das motivações dos índios nos embates, entre elas os

¹⁷⁶ BLUMENAU, Hermann. “Problemas enfrentados pelo fundador da Colônia: os bugres atacam e matam colonos e raptam crianças” *Revista Blumenau em Cadernos*. Vol.5. Maio/1978. p. 138.

¹⁷⁷ ALVES, Roselane Maria. “Se mostram os bugres” *Abordagens da imprensa catarinense sobre o indígena (1900-1914)*. Florianópolis 2000. Dissertação (Mestrado em, História). Universidade Federal de Santa Catarina. p.103.

objetos dos colonos que passaram a interessar. Eram as novidades proporcionadas pelo contato”.¹⁷⁸

Em contrapartida, sobre a visão dos Xokleng para o contato com os colonos só podemos supor. Entendemos, como Sílvia Arend e Luísa Wittmann que “nas suas descrições, talvez, eles utilizassem as palavras medo, espanto, curiosidade, pegar, defesa, fome, guerra e outras que nem imaginamos”.¹⁷⁹

Em artigo publicado em 1907 o Pastor Dr. Paul Aldinger, reconhecido personagem da história da colônia Hansa-Hamônia (Ibirama), demonstrou sua enorme preocupação com os problemas enfrentados pelos colonos na relação com os bugres e apontou os principais problemas, a responsabilidade do poder público e as possíveis soluções:

O problema não é de difícil solução, desde que os governos do Estado e da União se convençam de que a economia de dinheiro é uma raiz de todos os males.

O primeiro e melhor meio são as verbas substanciais destinadas a colonização e é a sua intensificação, para o prolongamento das estradas para a serra, com o devastamento das matas virgens nas regiões dos braços do norte e do oeste do Itajaí.

Perdendo os seus pontos de caçadas e ocasiões para seus assaltos aos civilizados, os bugres serão obrigados a retirarem-se mais para o interior, ou para as aldeias dos seus irmãos já semicivilizados. Mas desde que não se pode esperar para breve uma tal expansão da tarefa colonizadora, é preciso, antes, lançar mão de outro meio.

Mais ou menos nas imediações do local em que foi encontrado o aldeamento, seria organizada

¹⁷⁸ WITTMANN, Luísa Tombini. **O Vapor e o Botoque: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.p. 25.

¹⁷⁹ AREND, Sílvia Maria Fávero e WITTMANN, Luisa Tombini. O problema dos Xokleng no município de Blumenau (1900-1914) polifonias. In **Revista Blumenau em Cadernos**. Tomo XLIII – n° 05/06 – Maio/Junho de 2002. p.65-66.

uma estação, com bugreiros e cães devidamente amestrados na perseguição dos bugres. Esses bugreiros e cães seriam uma tal constante ameaça aos indígenas que, por ali, não se sentiriam mais em segurança. No decorrer do tempo, a estação seria transformada numa fazenda como Pouso Redondo (Estação de Monta). Ou então poderia se organizar antes num posto de catequese dos indígenas.¹⁸⁰

Este artigo publicado pelo Dr. Aldinger, escrito 45 anos depois das cartas do Dr. Blumenau citadas anteriormente, demonstra que a visão sobre o “problema dos bugres” só aumentava a medida que a colonização era intensificada e que a ação armada com o apoio do poder público (agora estadual e republicano) continuavam sendo os mecanismos essenciais para solução do “problema. Outra medida citada, a catequização e civilização dos nativos, nos remete a medidas amplamente praticadas pelos padres jesuítas no período colonial brasileiro, mas que neste momento eram vistas como ações apenas a longo prazo.

Ainda em seu artigo o Dr. Aldinger cita o registro de preocupações com os ataques dos bugres aos imigrantes publicados no jornal *Deutschen Auswanderer* “É incompreensível e lamentável a indiferença, o descuido do governo para com o imigrante, não lhe dando proteção contra esses brutos e bárbaros indígenas, salteadores de estrada e ladrões”.¹⁸¹

¹⁸⁰ ALDINGER, Paul. O problema do índio. **Revista Blumenau em Cadernos**. Vol.2. Blumenau: fev. 1968. p. 35 e 36.

¹⁸¹ Idem. p. 36.

Figura 7: Bugreiros do Vale do Itajaí, ostentando suas armas – 1904.



Fonte: <http://indinho-brasil.blogspot.com/2010/04/xokleng-e-colonizacao-do-alto-vale-do.html>

A idéia da periculosidade indígena era utilizada como argumento para legitimar práticas de violência contra os índios em Santa Catarina, porém, também existiram vozes dissonantes. Em sua extensa pesquisa sobre a relação entre imigrantes alemães e os índios Xokleng, Luísa Wittmann percebeu que apesar do governo ser apontado como apoiador incondicional das práticas genocidas, existem documentos oficiais que revelam também gestões que assumiram posição contrária às ações dos bugreiros e de seus patrocinadores. “Foram discursos vencidos, mas proferidos.”¹⁸²

Apesar de não ser objeto central desta pesquisa, entendemos que os frequentes conflitos entre colonos e indígenas marcaram de forma intensa o processo de colonização e interação dos imigrantes com a floresta no Vale do Itajaí. O apoio do poder público e o aparelhamento bélico dos colonos foram determinantes para sua supremacia em relação aos índios. No entanto, a análise destes embates não pode ser reduzida a uma simples relação entre culpados e inocentes. Que o estabelecimento

¹⁸² WITTMANN, Luísa Tombini. **O Vapor e o Botoque: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007. p. 26.

de colônias de imigrantes em áreas florestais originalmente ocupadas pelos Xokleng desrespeitou por completo a posse dos nativos sobre esta terra é indiscutível. No entanto, esta ação partiu do poder público imperial, dos agentes colonizadores e, principalmente, da visão amplamente difundida de que os nativos eram seres bestiais e que, portanto, deveriam ser desconsiderados ou exterminados ou ainda civilizados através da catequização. Quanto aos colonos, fica claro que esta visão negativa sobre os indígenas foi sendo reforçada pelos ataques, saques e seqüestros nas áreas que já consideravam sendo suas propriedades. Afinal de contas, estes imigrantes que chegaram ao sul do Brasil abandonaram a Europa para conquistarem justamente o direito de possuir suas próprias terras. Eis a contradição.

CAPÍTULO 2

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO RURAL

A construção do espaço rural é o objeto de análise deste segundo capítulo da tese. Neste momento concentramos nossas atenções no processo de ocupação das áreas florestais a partir da fundação da colônia Blumenau na região do vale do Itajaí. O processo de colonização européia seguiu uma tendência comum na maior parte das colônias fundadas no sul do Brasil. Além da origem étnica dos colonos, as condições geográficas onde foram instaladas e a semelhança dos modelos de distribuição e estrutura dos lotes coloniais reforçam esta afirmação.

A primeira colônia alemã de Santa Catarina foi São Pedro de Alcântara, fundada em 1829 nas proximidades da capital. No entanto, a intensificação da colonização ocorreu somente a partir da segunda metade do século XIX como a fundação de colônias como Blumenau, Itajaí e Príncipe Dom Pedro (Brusque) no vale do Itajaí e Dona Francisca no norte do estado. Ao refletir sobre o sentido do processo de colonização em Santa Catarina Paulo Lago afirmou:

Os ambientes iniciais de assentamentos foram vales da *Vertente Atlântica*. O processo de ocupação de espaços e a correspondente aplicação de técnicas nas relações homem/meio balizaram-se por um rumo de interiorização Leste-Oeste em direção, às linhas divisoras entre a vertente Atlântica e as bacias dos rios Uruguai e Iguaçu.¹⁸³

¹⁸³ LAGO, Paulo Fernando. **Gente da Terra Catarinense – Desenvolvimento e Educação Ambiental**. Florianópolis: Ed. Da UFSC/FCC Edições /Ed. Lunardelli/UEDESC, 1988. p. 88.

A Mata Pluvial Atlântica era, portanto, o espaço a ser ocupado pelos imigrantes através do estabelecimento de pequenas propriedades dedicadas a policultura de subsistência e abastecimento do mercado interno. Este era um modelo de ocupação que contrastava significativamente com a estrutura fundiária brasileira baseada no latifúndio monocultor. A visão do Estado brasileiro era promover a ocupação do que chamava de “vazios demográficos”, no entanto, a instalação de “colônias” em terras antes devolutas ou adquiridas para fins colonizadores nem sempre se encontravam de fato demograficamente vazias. *Remanescentes pré-cabralinos e posseiros luso-brasileiros, com ou sem títulos legitimados de propriedade, freqüentemente miscigenando-se com os primeiros, eram comuns, ainda que muito rarefeitos.*¹⁸⁴

Como já observamos no capítulo anterior, estes contatos entre indígenas e colonos foram marcados pelo “estranhamento”. Desamparados pela justiça, os indígenas eram considerados intrusos em sua própria terra. Da mesma forma, os colonos que adquiriam seus lotes coloniais eram vistos pelos indígenas como os verdadeiros invasores. A participação dos lavradores nacionais (caboclos) neste contato foi pouco registrada em relatos e documentos oficiais, entretanto, a sua presença e influência no modo de vida dos colonos pode ser percebida em aspectos da vida colonial como o modelo de construção das primeiras residências e pelas técnicas e culturas agrícolas adotadas pelos imigrantes.

A marcha das frentes de colonização, no Leste ou no Oeste de Santa Catarina, sempre implicava na supressão de grupos ou pessoas que precediam, como habitantes sem amparo jurídico, os novos donos das terras.

Os índios e brancos *caboclos* pelo isolamento social não representaram resistências fortes aos avanços colonizadores, à exceção do ocorrido no Planalto, no interior de uma vasta região em que a questão dominante e central

¹⁸⁴ Idem, p. 88-89.

residia na própria definição de competência política.¹⁸⁵

2.1 Privatização das Terras Florestais

O processo de ocupação das florestas através do estabelecimento de colônias de imigrantes europeus proporcionou mudanças físicas evidentes no espaço regional, mas ao lado delas também estiveram presentes as transformações culturais e sociais. Entre os diversos aspectos significativos destas mudanças está a valorização da propriedade da terra para fins comerciais. A privatização das terras florestais consolidou a ocupação deste espaço pelo colonizador europeu assim como acelerou a exclusão de índios e lavradores nacionais. Segundo Zarth,

a privatização das terras florestais atingiu os lavradores nacionais que tinham como alternativa a ocupação das terras devolutas, onde poderiam sobreviver como camponeses independentes. Deste modo, na década de 1850 mais ou menos, deu-se início ao fechamento do livre acesso a terra para os lavradores pobres. A situação era curiosa: em meio a imensas áreas ociosas, os lavradores queixavam-se de não terem terras para trabalhar, eram sem-terras em meio à abundância de solos virgens.¹⁸⁶

A lei de Terras de 1850 permitiu, em muitas províncias do Império, um grande aumento na concentração das áreas cultiváveis nas mãos de uma elite latifundiária. Entretanto, no sul do país, a mesma lei estimulou que enormes áreas de solo virgem fossem objeto de grandes negócios imobiliários com a fundação de empreendimentos coloniais particulares e a comercialização de lotes aos imigrantes.

¹⁸⁵ Idem.

¹⁸⁶ ZARTH, Paulo. **Do Arcaico ao Moderno: O rio Grande do Sul Agrário do Século XIX.** Ijuí: Editora Unijuí, 2002. p. 83.

A colonização, como empreendimento privado ou sob o gerenciamento do poder público, procurava assegurar retorno de investimentos mediante esquemas de comercialização de lotes de terras. *As grandes glebas eram adquiridas por empresas ou particulares sob critérios semelhantes de pagamento e, em muitos exemplos, como prestação de serviços. Empreiteiras que abriam estradas de ferro ou rodovias foram, por muitos exemplos, transformadas em empresas de colonização loteando, em geral, faixas de terras linearmente dispostas ao longo das vias abertas.*¹⁸⁷

No caso das empresas privadas, o passo inicial era a organização técnica e financeira do empreendimento. Em diversos casos essas empresas colonizadoras valiam-se de recursos oriundos de grupos capitalistas internacionais. Posteriormente, as atenções eram dedicadas as operações burocráticas junto aos governos para definição das obrigações, a indicação e demarcação das terras para colonização. A etapa seguinte consistia na busca pelos futuros emigrantes através de campanhas publicitárias e agentes de emigração. Neste momento surgiam promessas nem sempre cumpridas pela própria empresa ou pelos setores oficiais.

A colonização era um negócio. Os investidores avaliavam os riscos e acreditavam no sucesso, baseados em concepções e planos elaborados visando aumentar o retorno dos investimentos. *Jamais encararam a experiência colonizadora como empreendimento aventureiro. Elas partiram do pressuposto de que as possibilidades de acerto eram consideráveis, o que colocava a colonização como uma hipótese de negócio rentável, pelo menos a longo prazo.*¹⁸⁸

No caso da Colônia Blumenau, o processo de colonização ocorreu a partir do planejamento de seu diretor¹⁸⁹, seguindo o que estava determinado pelo regulamento das coloniais estatais. Segundo

¹⁸⁷ LAGO, Paulo Fernando. **Gente da Terra Catarinense – Desenvolvimento e Educação Ambiental**. Florianópolis: Ed. Da UFSC/FCC Edições /Ed. Lunardelli/UEDESC, 1988.

¹⁸⁸ Idem. p. 204.

¹⁸⁹ Neste caso vale lembrar que a colônia Blumenau foi transferida do Dr. Hermann Blumenau para o governo imperial em 1860.

José Ferreira da Silva, o modelo adotado *era o da imigração espontânea, vindo colonos ordinariamente, às suas próprias custas e só e, casos especiais, era-lhes adiantado a passagem pela direção da Colônia*¹⁹⁰.

Entre a chegada na colônia e a colheita das primeiras lavouras existia uma longa jornada realizada, geralmente, com grandes sacrifícios. De uma forma geral eram os pobres que emigravam da Europa e, por isso, a aquisição dos lotes era realizada com suas poucas economias. Para sobrevivência nos primeiros meses existia um sistema de auxílio e também o parcelamento do lote adquirido.

A direção da colônia adiantava a cada colono, inclusive aos membros de sua família, auxílio de 100 dias, por meio de diárias no valor total de 20\$000 a 25\$000. Após este período de 100 dias, o colono já deveria ter condições suficientes para manutenção, através do próprio trabalho.¹⁹¹ (...) O fornecimento de alimentícios era feito aos imigrantes, a crédito, estando os mesmos obrigados a restituir o respectivo valor, após as primeiras colheitas, ficando suas terras alienadas até a devolução.¹⁹²

Os colonos recém chegados não possuíam condições de produzir, ao menos, nos primeiros três meses após o recebimento do lote. De uma forma geral, até os seis meses iniciais ainda dependiam

¹⁹⁰ SILVA, José Ferreira da Silva. **História de Blumenau**. Editora Empreendimentos Educacionais Ltda. Florianópolis, 1972. p. 56.

¹⁹¹ HILLESHEIM, Anselmo Antônio. O crescimento do mercado interno numa colônia do Império – O caso de Blumenau: 1850-1880. (Parte 2). In: **Revista Blumenau em Cadernos** – Tomo XLI – nº 6, Junho, 2000. p. 41.

¹⁹² HILLESHEIM, Anselmo Antônio. O crescimento do mercado interno numa colônia do Império – O caso de Blumenau: 1850-1880. (Parte 1). In: **Revista Blumenau em Cadernos** – Tomo XLI – nº 5, Maio, 2000. p. 34.

quase que exclusivamente do auxílio da direção ou dos serviços prestados a terceiros.

Uma das grandes dificuldades na relação colono/colonizadora residia nas normas das relações contratuais. As vendas dos lotes se efetuavam, geralmente, com o pagamento a longo prazo, com parcelas e juros adicionais. Ficavam presos a terra até a quitação das dívidas. Para contribuir com o pagamento era comum que os colonos atuassem na prestação de serviços como abrir estradas e picadas para empresas e para os governos.

Em sua obra sobre atuação da Sociedade Colonizadora Hanseática em Santa Catarina, Klaus Richter apontou o que entendia como os principais problemas do sistema de venda dos lotes aplicados no Brasil. Para ele o modelo possuía três graves defeitos.

Primeiro, os lotes de na média 25 hectares eram grandes demais para que uma família de colonos pudesse cultivá-lo, sendo que nos primeiros dez anos em geral não mais de 20% da área seriam cultivados, enquanto que por volta de 80% permaneceriam incultos, embora o colono tivesse que pagar prestação e juros por ele também.

Segundo, a classificação de acordo com a qualidade das terras estava sendo feita de maneira arbitrária, visando antes de tudo classificar um máximo de lotes na primeira classe de 44 mil-réis, a fim de garantir à Sociedade melhor receita.

Terceiro, as condições de pagamento, sobretudo o curto prazo e os juros elevados, não correspondiam às possibilidades financeiras dos colonos. Conseqüentemente, os recém-chegados estavam sendo prejudicados no sentido de terem que empregar capital demais dos seus poucos recursos para pagar pelos seus lotes, assim que a

economia da colônia Hansa não conseguia crescer tão rápida como seria de se esperar.¹⁹³

O primeiro defeito apontado por Richter é bastante controverso. Os lotes rurais de 25 hectares eram realmente subaproveitados nos primeiros anos e isso os tornava realmente caro. No entanto, as técnicas agrícolas adotadas nas regiões coloniais eram baseadas na derrubada e queimada e na mudança freqüente das áreas destinadas ao plantio, o que acabava exigindo de fato maiores extensões de terras. O uso deste sistema nas pequenas propriedades coloniais foi motivo de grandes críticas de especialistas.

As outras críticas de Richter estavam direcionadas aos interesses comerciais das companhias de colonização. A especulação imobiliária através da privatização das terras florestais ocorreu através da participação de diversas companhias colonizadoras nacionais e estrangeiras. Os modelos de colonização e ocupação dos espaços adotados nos diversos núcleos coloniais eram muito parecidos e acabaram por determinar características marcantes da vida rural colonial.

2.2 Modelos de colonização e ocupação.

O estabelecimento das colônias era condicionado a demarcação dos espaços destinados aos lotes rurais e a áreas prevista para sede, fragmentada em lotes urbanos. Segundo Paulo Lago,

A concepção deste esquema de fixação de grupos humanos foi, pioneiramente, germânica. O modelo se tornou repetitivo, com variações tanto nas proporções entre “lotes urbanos” e “lotes

¹⁹³ RICHTER, Klaus. **A Sociedade Colonizadora Hanseatica de 1897 e a colonização no interior de Joinville e Blumenau.** Florianópolis, SC: Ed. da UFSC; Blumenau: Ed. da FURB, 1986. 86p.

rurais” quanto nas próprias dimensões de cada unidade fundiária. Influências específicas dos sítios de assentamentos e outras relacionadas com interesses das empresas que gerenciavam a colonização bem como com suas dimensões influíram na caracterização particularizada das colônias.¹⁹⁴

Na demarcação dos lotes coloniais a participação dos agrimensores tornou-se fundamental. A medição de lotes rurais e urbanos, abertura de picadas, medição de frente e “linhas laterais e fundos, bem como a conservação dos diferentes marcos” eram de responsabilidade do agrimensor. Dentre os terrenos medidos, cujo tamanho médio era de 25 hectares¹⁹⁵, a distribuição era feita a livre escolha.

As dificuldades preliminares de demarcação e partilhamento dos lotes eram muito grandes. Para Paulo Lago, *os espaços eram virgens, frequentemente inacessíveis. Nada facilitava os trabalhos exaustivos dos agrimensores, a não ser a fértil disposição de referências como as linhas de umidade dos fluxos e a por vezes enganosa disposição das linhas de cumiadas.*^{196 *}

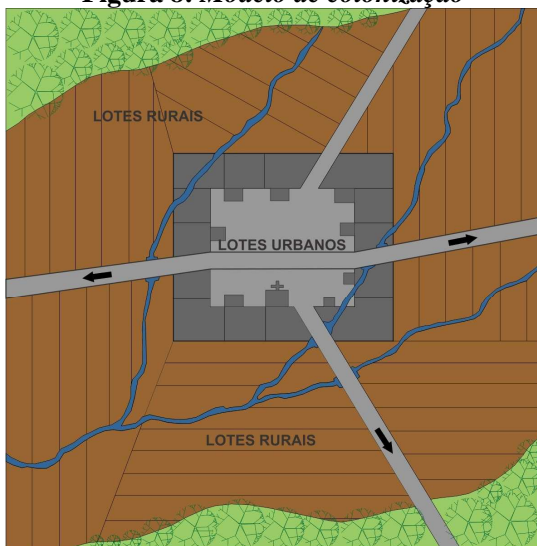
¹⁹⁴ LAGO, Paulo Fernando. **Gente da Terra Catarinense – Desenvolvimento e Educação Ambiental**. Florianópolis: Ed. Da UFSC/FCC Edições /Ed. Lunardelli/UEDESC, 1988. p. 205.

¹⁹⁵ O tamanho médio dos lotes sofreu transformações ao longo do processo de colonização. A fundação da colônia de São Leopoldo no Rio grande do Sul, em 1824, proporcionou a concessão de propriedades com até 75 hectares de superfície, no entanto, este modelo não foi adotado por muito tempo. Após a Lei de Terras, em 1850, onde a concessão foi substituída pela compra, o tamanho médio dos lotes foi reduzido primeiro para 50 hectares e, posteriormente, para o típico minifúndio de 25 a 30 hectares. Em Blumenau, por exemplo, a maior parte dos seus primeiros, lotes divididos em 28 de agosto de 1852 pelo Dr. Blumenau, possuía por volta de 35 hectares,mas, em sua seqüência os lotes passaram a girar entre 25 e 30 hectares.

¹⁹⁶ LAGO, Paulo Fernando. **Gente da Terra Catarinense – Desenvolvimento e Educação Ambiental**. Florianópolis: Ed. Da UFSC/FCC Edições /Ed. Lunardelli/UEDESC, 1988. p. 208.

A importância e complexidade do processo de colonização fizeram com que setores administrativos fossem especialmente criados para as operações de cadastramento de propriedades, como a Companhia de Terras e Colonização vinculada ao Ministério da Agricultura. A colonização, determinou, portanto, o retalhamento demarcatório de grandes extensões de terras em milhares de pequenas unidades. Esta ação ocorreu através da aplicação de técnicas de agrimensura para se estabelecer precisão de limites e, desta forma evitar maiores conflitos. Este tipo de ação contribuía para evitar problemas comuns nas áreas de terras adquiridas a partir da concessão de sesmarias¹⁹⁷.

Figura 8: Modelo de colonização



LEGENDA:
➔ SENTIDOS DA EXPANSÃO - 🌊 RIO - 🛣️ RUA, ESTRADA

Fonte: (Adaptado) LAGO, Paulo Fernando. *Gente da Terra Catarinense – Desenvolvimento e Educação Ambiental*. Florianópolis: Ed. Da UFSC/FCC Edições /Ed. Lunardelli/UEDESC, 1988.

* Entede-se aqui linhas de umidades como cursos d'água (rios, riachos, etc) e linhas cumiadas como morros.

¹⁹⁷ Distribuídas no Brasil através de concessão desde 1530 e extintas a partir da Lei de Terras de 1850.

As condições geográficas e a forma de distribuição dos lotes, indicadas na figura acima, impediram que houvesse demarcação de “propriedades rurais” com dimensões homogêneas. Entre os aspectos unificadores estava a disposição longitudinal relacionada as vias de acesso (picadas, estradas, etc) e a existência de cursos d’água. Este formato alongado fez com que, nas colônias fundadas em vales estreitos, os lotes tivessem seus fundos no alto dos morros. Desta forma, as plantações, iniciadas nas várzeas avançavam pelas encostas chegando até uma pequena reserva de mata no alto das colinas. Os morros não eram totalmente desmatados, permitindo uma reserva de madeira e lenha para propriedade. Estas paisagens podem ser identificadas até hoje nas regiões rurais do vale do Itajaí.

Figura 9: *Manutenção de reserva de mata no topo dos morros*



Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

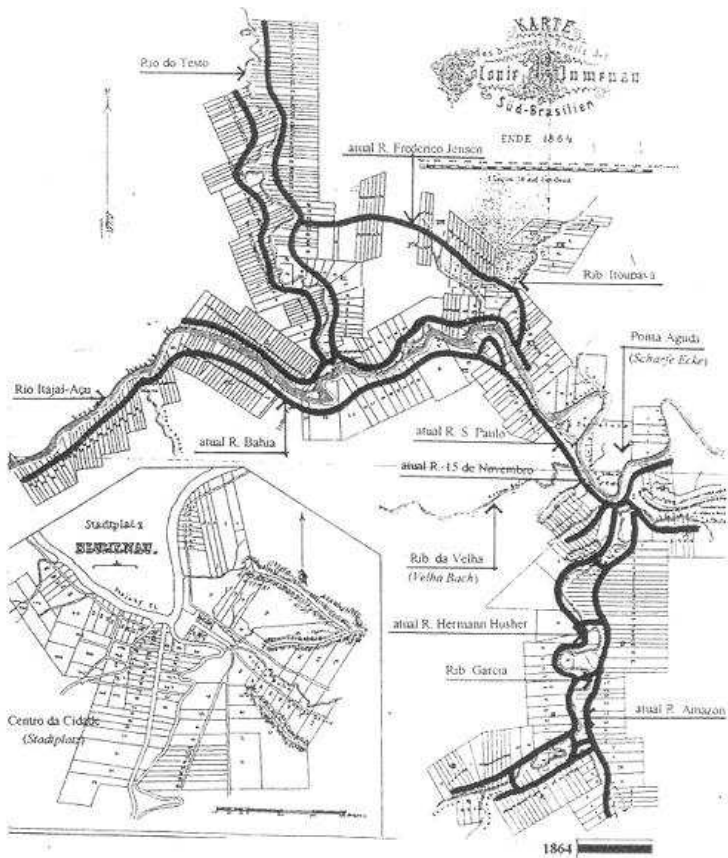
Esta forma de distribuição das propriedades rurais transformou-se numa das características mais marcantes desta colonização no sul do Brasil. Além de proporcionar a todos colonos lotes com características semelhantes e providos de água, mata e pelo menos mínimas condições de acesso (picadas, estradas, etc), este modelo também permitia uma maior aproximação física entre as casas dos colonos. Para Giralda Seyferth¹⁹⁸, o fato da propriedade rural também ser chamada de colônia é carregado de significado. Segundo ela, “A *colônia* (pequena propriedade) é concebida como um microcosmo auto-suficiente na visão dos imigrantes e seus descendentes”.¹⁹⁹ A pequena propriedade colonial foi assumida, desde o início, como a unidade básica do sistema colonial. As práticas rurais adotadas pelos imigrantes eram demarcadas pelos limites de cada lote colonial.

A forma de distribuição dos lotes coloniais também pode ser entendida através dos mapas de ocupação da colônia Blumenau publicados, eventualmente, nos relatórios coloniais. Através deles observamos mais uma vez a demarcação dos lotes de forma retangular com sentido longitudinal em relação a estradas e rios.

¹⁹⁸ SEYFERTH, Giralda. **Imigração e Cultura no Brasil**. Brasília: Editora da UNB, 1990. p. 25.

¹⁹⁹ Idem.

Figura 10: Planta da Colônia Blumenau – 1864



Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Escala 1: 167.461

Figura 11: Planta da Colônia Blumenau – 1872



Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Escala 1: 217.700

Os mapas acima também nos auxiliam a identificar o sentido da expansão territorial e da ocupação espacial da colônia, assim como apontam para as transformações ambientais desencadeadas por este processo. No curto intervalo entre os dois mapas apresentados (1864 e 1872), registra-se um grande aumento na demarcação e comercialização dos lotes coloniais. Trata-se de um período de maior desenvolvimento da colônia, já sob o controle do Império e com um aumento significativo dos recursos investidos.

Com objetivo de avançar na compreensão da ocupação espacial das áreas florestais onde foi instalada a colônia Blumenau buscamos valiosas informações presentes nos relatórios e mapas estatísticos produzidos pela direção da colônia entre 1861 e 1880²⁰⁰. Entre os dados mais relevantes para esta análise estão a expansão das áreas de cultivo e pastagem aliadas ao número de proprietários rurais na colônia.

²⁰⁰ Trata-se do período entre a aquisição da colônia pelo governo imperial e a emancipação de Blumenau.

Tabela 1 – Dados ocupação espacial da Colônia Blumenau (1861-1880)

Ano	Proprietários	Área Cultivada (ha)	área cultivada pasto (ha)
1861	279	279,27	290,4
1862	362	233,8	314,6
1863	441	705,19	377,52
1864	476	1013,5	580,8
1865	537	1222,47	620,8
1866	574	1215	824,49
1867	808	1593,2	981,31
1868	1083	2198,2	1344,31
1869	1400	2379,2	1519,85
1870	1423	2854,2	1810,28
1871	1427	3416	1839
1872	1200	3570	1853
1873	1282	3672	1898
1874	1388	4752	2428
1875	n.e	n.e	n.e
1876	2345	n.e	n.e
1877	2488	10200	5547
1878	2727	11000	5982,9
1879	2897	11140	6059,05
1880	2948	12388,2	6737,34

n.e = dados não existentes

Fonte:HILLESHEIM, Anselmo Antônio. O crescimento do mercado interno numa colônia do Império – O caso de Blumenau:

1850-1880. (Parte 1). In: **Revista Blumenau em Cadernos** – Tomo XLI – nº5, Maio, 2000.

HILLESHEIM, Anselmo Antônio. O crescimento do mercado interno numa colônia do Império – O caso de Blumenau: 1850-1880.

(Parte 3). In: **Revista Blumenau em Cadernos** – Tomo XLI – nº7, Julho , 2000

Através da tabela 1 identificamos em números as áreas (em hectares) ocupadas pelos cultivos e pastos. Para facilitar a interpretação destes dados, elaboramos alguns gráficos que nos permitem compreender melhor a evolução do número de proprietários e das áreas de pasto e cultivo no intervalo analisado.

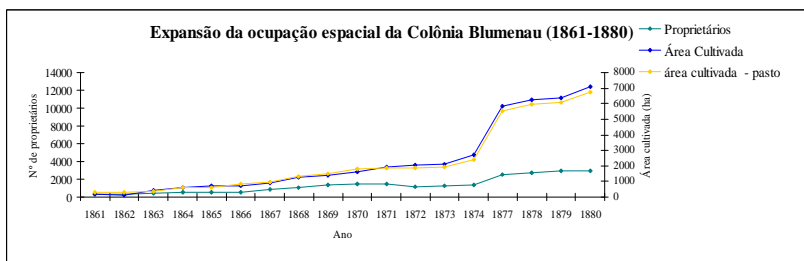


Gráfico 1: Expansão da ocupação espacial da Colônia Blumenau (1861-1880)

Fontes: HILLESHEIM, Anselmo Antônio. O crescimento do mercado interno numa colônia do Império – O caso de Blumenau: 1850-1880. (Parte1). In: **Revista Blumenau em Cadernos** – Tomo XLI – n°5, Maio, 2000.

HILLESHEIM, Anselmo Antônio. O crescimento do mercado interno numa colônia do Império – O caso de Blumenau: 1850-1880. (Parte 3). In: **Revista Blumenau em Cadernos** – Tomo XLI – n°7, Julho, 2000

Entre as possíveis interpretações do gráfico 1 está um dos aspectos fundamentais para esta pesquisa, a identificação da progressiva transformação das áreas florestais em espaços de produção rural pelos colonos. Observamos que a partir dos anos 1870 ocorre uma progressiva separação dos eixos que identifica o número de proprietários com os outros dois que representam os cultivos e as pastagens. Portanto, fica evidente que os métodos de cultivo baseados na derrubada e queimada aceleravam a da derrubada da mata e o abandono por alguns anos das terras em desgaste. Veremos no próximo capítulo os dados de produção dos diversos gêneros agrícolas produzidos na colônia e, para alguns anos o espaço ocupado por cada cultivo. Os dois gráficos apresentados a seguir indicam uma média de crescimento das áreas de cultivo e de pasto por cada proprietário.

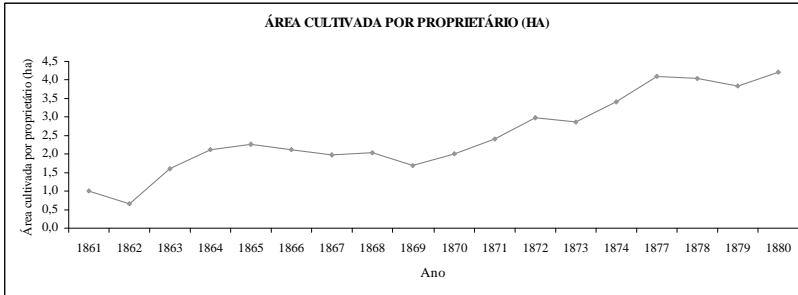


Gráfico 2: Área cultivada por proprietário (HA)

Fontes: HILLESHEIM, Anselmo Antônio. O crescimento do mercado interno numa colônia do Império – O caso de Blumenau: 1850-1880. (Parte1). In: **Revista Blumenau em Cadernos** – Tomo XLI – n°5, Maio, 2000.

HILLESHEIM, Anselmo Antônio. O crescimento do mercado interno numa colônia do Império – O caso de Blumenau: 1850-1880. (Parte 3). In: **Revista Blumenau em Cadernos** – Tomo XLI – n°7, Julho, 2000

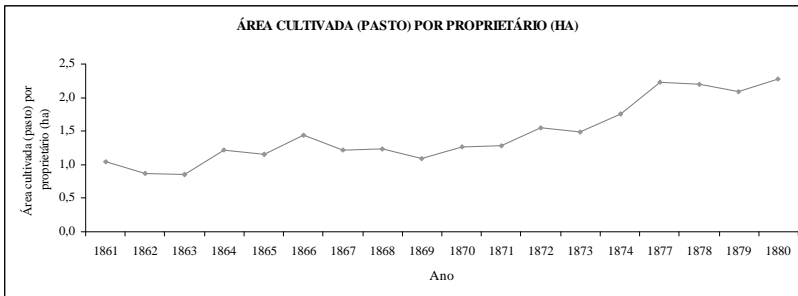


Gráfico 3: Área cultivada (pasto) por proprietário

Fontes: HILLESHEIM, Anselmo Antônio. O crescimento do mercado interno numa colônia do Império – O caso de Blumenau: 1850-1880. (Parte1). In: **Revista Blumenau em Cadernos** – Tomo XLI – n°5, Maio, 2000.

HILLESHEIM, Anselmo Antônio. O crescimento do mercado interno numa colônia do Império – O caso de Blumenau: 1850-1880. (Parte 3). In: **Revista Blumenau em Cadernos** – Tomo XLI – n°7, Julho, 2000

Observamos mais uma vez que este crescimento foi progressivo. As pequenas variações apresentadas poderiam ser justificadas principalmente pelos fatores climáticos que por diversas vezes afetaram os blumenauenses em sua história. As chuvas excessivas e as geadas nos invernos mais rigorosos foram frequentemente registradas nos relatos e documentos oficiais.

2.3 Estrutura da pequena propriedade colonial

A fundação de colônias nas matas fechadas da então Província de Santa Catarina modificou muito a paisagem destas regiões. É evidente que a derrubada de grandes áreas florestais não foi “privilégio” destes que lá habitaram. Enormes porções de florestas nativas foram destruídas em todo território brasileiro, na maior parte dos casos feita de forma irracional pelos grandes latifundiários, visando a exploração em grande escala nas monoculturas de café (Sudeste) e cana-de-açúcar (Nordeste)²⁰¹ e, sobretudo, o crescimento desenfreado das grandes cidades.

Uma descrição da atual formação geográfica da região onde se encontram as cidades de Blumenau, Brusque e Indaial, diferiria em muito da descrição feita por colonos e viajantes durante a segunda metade do século XIX. As razões que levaram a estas mudanças estavam automaticamente ligadas as necessidades das famílias que para ali se transferiram. A mata e a lavoura não poderiam ocupar o mesmo espaço e a roça era inicialmente seu único meio de subsistência.

Esta visão da floresta como adversária está relacionada às principais visões de desenvolvimento presentes em nossa sociedade ao longo da história. Keith Thomas, em sua análise sobre as relações do homem com o meio natural assim descreveu esta relação:

Há apenas poucos séculos atrás, a mera idéia de resistir à agricultura, ao invés de estimulá-la, parecia inteligível. Como teria progredido a civilização sem a limpeza das florestas, o cultivo do solo e a conversão da paisagem agreste em terra colonizada pelo homem? Os reis e grandes proprietários podiam reservar florestas e parques para caça e extração de madeira, mas na Inglaterra dos Tudor a preservação artificial dos cumes incultos teria parecido tão absurda como a criação de santuários para pássaros e animais selvagens que não podiam ser comidos ou caçados. A tarefa do homem nas palavras do

²⁰¹ Sobre este assunto ver mais em: DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo, a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Gênesis (1.28), era ‘encher a terra e submetê-la’: derrubar matas, lavar o solo, eliminar predadores, matar insetos nocivos, arrancar fetos, drenar pântanos. A agricultura estava para terra como o cozimento para carne crua. Convertia natureza em cultura. Terra não cultivada significava homens incultos. E quando os ingleses seiscentistas mudaram-se para Massachusetts, parte de sua argumentação em defesa da ocupação dos territórios indígenas foi que eles por si mesmos não submetiam e cultivavam a terra não tinham o direito de impedir que outros o fizessem.²⁰²

As primeiras residências

Ao adquirir um lote colonial, o primeiro passo, após a demarcação, era a construção de uma moradia onde fosse possível ao imigrante alojar-se com sua família. Neste momento, reconhecendo as difíceis circunstâncias, não restaria outra alternativa, senão, construir sua primeira casa utilizando, basicamente, matéria prima retirada da própria floresta. Estas e outras necessidades proporcionaram, especialmente nos primeiros tempos, uma circunstancial aproximação com a população cabocla. O modelo implantado era totalmente inspirado nas residências destes lavradores nacionais da região. O tipo primitivo da casa do colono deixava muito a desejar e este era o retrato da vida sem privilégios a que estavam sujeitos.

As palmeiras forneciam quase toda matéria prima necessária à confecção da casa primitiva: os troncos partidos e ligados por cipó formavam as paredes; as folhas entrelaçadas e amarradas às ripas, serviam de teto. Uma amarração de paus e cipó encostada a uma das paredes substituíam o leito. Troncos de árvores e caixotes substituíam a

²⁰² KEITH, Thomas. **O Homem e o Meio Natural**. São Paulo Companhia das Letras, 2001.

falta de cadeiras e mesas.²⁰³ Os ranchos consistiam em quatro postes que sustentavam um telhado de folhas de palmeira. Os currais para porcos e gado também eram feitos, como entre os caboclos, com varas de bambu ou palmito, ou estacas fincadas de modo a oferecer proteção contra a chuva. O interior da ‘casa’ era dividido em dois ou três cômodos. Um deles era a cozinha e a sala de estar onde havia um fogão aberto. Simples aberturas sem vidraças, mas fecháveis, serviam para ventilação. A choupana era feita rusticamente e o chão batido substituíva o assoalho.²⁰⁴

Figura 12: Moradias dos primeiros colonos



Fonte:<http://www.jornalocaminho.com.br/noticia.php?edicaoId=34&cadernoId=7¬iciaId=1671>

²⁰³ FERRAZ, Paulo Malta. **Como viviam os primeiros colonos**. In: *Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p. 151.

²⁰⁴ Idem, p. 215.

Figura 13: Moradias cobertas com folhas de palmeiras

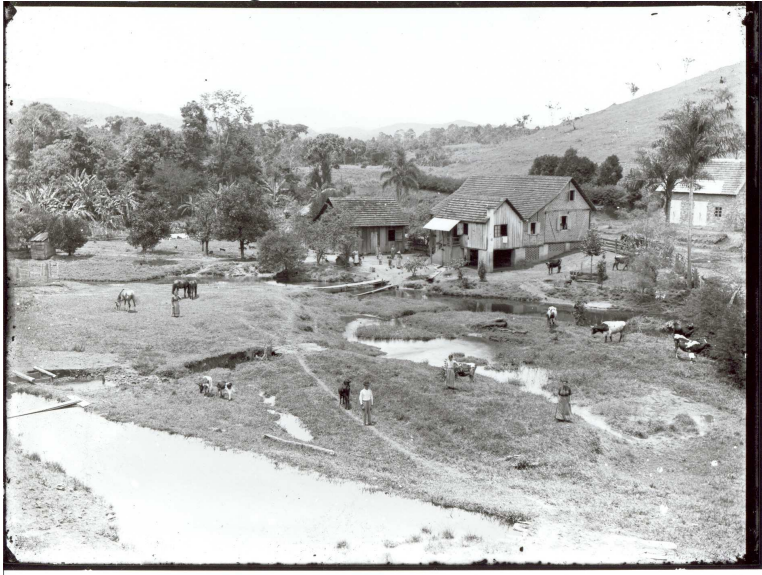


Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Com o crescimento econômico, os colonos passam a construir casas que vão se diferenciando dos ranchos de caboclos. As habitações passam a ser mais confortáveis, evidenciando suas experiências, cultura e tradições da terra de origem. Neste momento, o material de construção para casa e rancho já eram tabuas cortadas na serraria. Agora se tratava de uma casa de madeira bem feita e construída sobre pilares. A área era retangular e de 30 a 40 metros quadrados, o chão era assoalhado. O telhado era puxado para trás, cobrindo geralmente a cozinha. A chaminé de tijolos era levantada no lado de fora da cozinha.²⁰⁵

²⁰⁵ FERRAZ, Paulo Malta. **Como viviam os primeiros colonos.** In: *Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950.* Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p. 215.

Figura 14: Casa de madeira



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Foi apenas numa terceira etapa do desenvolvimento econômico que os colonos chegaram ao modelo de habitação que melhor combinou os traços europeus com alguns novos adotados na nova pátria. “A casa de tijolos com madeiramento a mostra, tipo enxaimel, com telhado puxado para frente para cobrir uma varanda, janelas com vidraças e chão assoalho. A casa de madeira antiga continua, não raro ao lado da construção mais recente e serve de cozinha ou paiol”.²⁰⁶

²⁰⁶ FERRAZ, Paulo Malta. **Como viviam os primeiros colonos**. In: Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p. 215.

Figura 15: Casa no estilo enxaimel



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

A distribuição espacial de cada lote colonial, apresentada no desenho abaixo, refletia a multiplicidade das atividades rurais dos colonos. A necessidade de ajustar o espaço à atividade policultora e a criação de animais fizeram com que cada propriedade possuísse seus espaços bem demarcados. Em sua maioria, as partes fundamentais estavam assim distribuídas: a casa ficava próxima de riachos e da estrada; os ranchos ficavam aos fundos e abrigava a oficina, um depósito para os utensílios agrícolas e os estábulos. Ao lado da casa ainda estavam um galinheiro, uma horta, um pomar, um chiqueiro e outras criações domésticas. Mais afastado ficavam as pastagens cercadas para cavalos e vacas, assim como os diversos cultivos, geralmente compostos pelo canavial e as roças de milho, feijão, mandioca, batata e arroz.

Figura 16: Estrutura da pequena propriedade rural colonial



Fonte: Desenho da Arq. Anamaria P. R. Teixeira dos Santos, baseado em croqui de Teobaldo Jamundá In: *Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. **Escala 1: 625**.

Esta forma de divisão do espaço dentro de uma propriedade rural colonial prevaleceu durante muitos anos, e ainda hoje é possível observar sua presença nos distritos rurais das antigas colônias. Mesmo com áreas cada vez mais fragmentadas, proporcionando propriedades cada vez mais inviáveis economicamente, o modelo de distribuição dos lotes também permanece com o sentido longitudinal em relação às estradas.

A lida rural era caracterizada pelo trabalho familiar. As famílias numerosas representavam mais braços para o trabalho. Como afirma Paulo Lago,

A família extensa era ideal, compatibilizando-se com as funções da propriedade rural, policultora e poliprocessadora de matérias-primas. As operações seriam, como se procurou, diversificadas. Havia lavouras para se cuidar, animais para criar, tratar, ordenhar, alimentar; havia argila para fabricação de tijolos, madeira para serrar e para manipulação de equipamentos, utensílios, cercas, construção de patrimônio,

abrigo de produtos vegetais e animais, casas, estábulos e pontes. Havia matérias-primas para fabricação de queijo, manteiga, creme, embutidos de carne, farinhas, enfim, serviços que implicavam a participação familiar, de homens, mulheres, crianças, em grande número. Nas colônias, a mão-de-obra não comportava escravos nem assalariados.²⁰⁷

As virtudes de uma família numerosa estavam condicionadas a manutenção do rendimento da terra. Nos primeiros anos, a fertilidade da terra logo após a derrubada da mata proporcionava altos níveis de produtividade. Entretanto, esta alta produção que inicialmente deslumbrava os colonos, apresentou forte redução, em tempo mais curto do que imaginavam. O uso intensivo das terras pelo sistema de derrubada e queimada não era compatível com o tamanho dos lotes colonias.

As resistências ambientais, nem sempre perceptíveis, acabam surgindo, surpreendendo agricultores experientes, mas de outros ambientes regidos por mecanismos distintos dos trópicos. O tamanho ideal da propriedade era imaginado sob a lógica de ambientes de *clima temperado* de chuvas pouco insistentes, de superfícies menos enérgicas. O que surpreendeu foi a velocidade do exaurimento de solos que pareciam apresentar excepcionais qualidades.²⁰⁸

Os problemas com o tamanho da propriedade familiar estavam, portanto, diretamente relacionados as técnicas e procedimentos de uso da terra no clima tropical. *O tamanho ideal de uma propriedade não é*

²⁰⁷ FERRAZ, Paulo Malta. **Como viviam os primeiros colonos**. In: *Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p. 215.

²⁰⁸ Idem.

*somente uma questão de grandeza espacial. Sua adequação depende de condições mais externas, naturais e sócio-econômicas-culturais. Sob tais influências, o tamanho de uma propriedade pode ser tanto excessivo quanto ínfimo. Será ideal, mas sob circunstâncias muito especiais.*²⁰⁹

2.4 – A conquista de um pedaço de terra

A colonização de terras no sul do país através do sistema de pequenas propriedades policultoras proporcionou a chegada de imigrantes que buscavam no Brasil a mobilidade social através da posse de sua terra. As dificuldades encontradas na Europa contrastavam com a promessa de ascensão social na América, atraindo uma grande massa para emigração. Segundo Ellen Woortmann, “a terra passa a ser vista como espaço de realização de oportunidades construídas pelo homem, e a América é o lugar onde se pode realizar a ascensão social e econômica, em contraposição ao imobilismo e à impermeabilidade da Alemanha”. Woortmann evidencia que “a emigração tinha como um de seus componentes a aspiração por liberdade, simbolicamente representada pela propriedade da terra, condição de autonomia”²¹⁰. Portanto, a posse da terra, mesmo muito distante de seu país de origem, era condição fundamental para a escolha pela emigração as colônias do sul do Brasil.

A aquisição de um lote de terra era carregado de simbolismos, mas sua conquista era, sem dúvida, o grande alicerce para o estabelecimento de um colono. Ao analisar o processo de compra de terras na colônia Blumenau, Anselmo Hillesheim faz uma interessante reflexão e descrição sobre o significado da terra para o imigrante recém chegado e suas principais dificuldades para consolidar a compra.

Consideremos a aquisição do lote colonial como um investimento básico para o colono. É um ponto de partida para os novos empreendimentos.

²⁰⁹ FERRAZ, Paulo Malta. **Como viviam os primeiros colonos**. In: *Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p. 217.

²¹⁰ WOORTMANN, Ellen F. **Ein gutes Land: uma categoria do imaginário teuto-brasileiro**. In: WOORTMANN, Ellen F. (Org.). *Significados da Terra*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004. p. 63.

A terra era o alicerce da produção da colônia. É sobre ela que o colono fazia o cultivo, a pastagem, e as edificações necessárias ao desenvolvimento. O colono bem situado, com engenhos, com armazéns, estábulos e áreas de pastagem, além de terras para o cultivo e experiência no trabalho rural, tinha meios para aumentar as rendas agropecuárias e uma capacidade de poupança. Uma das fortes atrações do imigrante europeu era a perspectiva de posse de terras próprias. Era sua esperança estabelecer-se e desenvolver a propriedade, que lhe proporcionava uma independência econômica. Assim transpunha o Atlântico em busca de novas fronteiras de produção e poupança. Aqui, adquirido o lote concretizaria o seu injeito. Para que pudesse usufruir de todos os direitos sobre o lote adquirido, devia primeiro cumprir todas as cláusulas constantes da designação de lotes de terras, pagando o preço das terras e outras dívidas acumuladas. Só não recebia o título definitivo de posse. Esse era uma meta importante para o Blumenauense.²¹¹

Citando a migração recente de descendentes de imigrantes do sul do Brasil para o Brasil central e para Amazônia a partir da década de 1970, Woortmann afirma que este movimento pode ser entendido como um processo semelhante de busca pela liberdade e condição de autonomia. A autora não desconsidera o insucesso de muitos imigrantes na busca por sua *Land*, mas, afirma, no entanto, que as possibilidades encontradas permitiram em muitos casos a conquistar o que procuravam. Para ela, “no Brasil o colono podia ainda possuir, como

²¹¹ HILLESHEIM, Anselmo Antônio. O crescimento do mercado interno numa colônia do Império – O caso de Blumenau: 1850-1880. (Parte 3). In: **Revista Blumenau em Cadernos** – Tomo XLI – n° 7, Julho, 2000. p 44.

marca de um *novo status*, aquilo que lhe era interdito na Europa: uma arma e um cavalo. Sem dúvida, o Novo Mundo era *ein Gutes Land*".²¹²

A maneira de obtenção da terra foi sendo modificada ao longo deste processo de colonização e imigração. Em seu artigo *Imigração, colonização e estrutura agrária*²¹³, Giralda Seyferth analisa estas transformações nas formas de cessão ou aquisição do lote e nas relações de trabalho e produção agrícola. Das primeiras tentativas de fundação de colônias de imigrantes no Brasil (1818 - Nova Friburgo-RJ) até a assinatura da Lei de Terras em 1850, a posse da terra era uma doação do Império (ou da Província), mas, a partir da Lei de Terras, a aquisição do lote só poderia ocorrer através da compra, o que acabou abrindo um grande espaço para o surgimento de empresas particulares, interessadas em lucrar com a colonização.

Segundo Seyferth, a simples doação de terras pelo governo era vista por figuras como Visconde de Abrantes como uma das principais razões para o fracasso de muitas colônias. Para Abrantes²¹⁴, O significado da terra comprada seria diferente da terra doada. Os colonos não dariam muito valor a essa doação, fazendo com que a terra não fosse cultivada com muito esforço levando ao insucesso da produção. Abrantes considerava que os subsídios e gratuidade da terra atraíam imigrantes indesejáveis e não os agricultores que o governo esperava trazer da Europa. No entanto, para ele, esta valorização da terra não deveria ter preços que inviabilizassem a compra.

A teoria de Abrantes pode ser questionada em alguns pontos. Pensar no significado que a terra adquire a partir da compra ou da doação nos leva a uma reflexão sobre a dimensão do interesse pela emigração. É certo que a posse de um lote de terra representava a liberdade e, muitas vezes, a única oportunidade de sobrevivência para uma grande massa de pobres na Europa do século XIX. Aquilo que

²¹² WOORTMANN Op. Cit. p. 64.

²¹³ SEYFERTH, Giralda. **Imigração Colonização e Estrutura Agrária**. In: WOORTMANN, Ellen F. (Org.). *Significados da Terra*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004. p. 69-150.

²¹⁴ ABRANTES, Visconde de. **Memória sobre os meios de promover a colonização**. Revista de Imigração e Colonização, ano II, n.2-3, 1941.

Abrantes considerava uma simples doação de terra, não poderia ser encarada de tal forma pela maior parte dos imigrantes. A posse da propriedade privada foi, sem dúvida, assegurada. Mas, a cobertura de custos dependeu de valores além da qualidade monetária. Dependeu de imenso sacrifício, de admirável capacidade de resistência a situações não previstas. O afastamento do continente de origem, onde passavam por grandes dificuldades já era razão suficiente para garantir a importância ao direito a posse da terra. Além disso, as dificuldades enfrentadas pelos primeiros colonos, estabelecidos em locais de difícil acesso para circular e distribuir a produção, a falta de auxílios para o desenvolvimento dos núcleos coloniais são razões mais importantes para o insucesso inicial.

A importância da lei de terras para o processo de colonização foi a possibilidade de ampliação dos núcleos coloniais a partir da participação de empreendimentos particulares. Além disso, Giralda Seyferth considera que este aumento da imigração a partir da segunda metade do século XIX não teria sido (apenas) resultado da lei de Terras. Nesse período também ocorreu um grande aumento no estímulo à imigração pelo governo imperial com a fundação de diversas colônias no sul do país e um grande esforço publicitário para atrair emigrantes na Europa.

Este estímulo à imigração a partir de 1850 resultou na fundação de diversos núcleos coloniais no vale do Itajaí. Como já vimos, as pequenas propriedades dependentes de mão-de-obra familiar caracterizaram a ocupação da região. A descaracterização do vale do Itajaí como uma área essencialmente agrícola, iniciada por volta da década de 1940, é resultado do crescimento populacional, do acúmulo de capital e investimento na produção industrial, das dificuldades de expansão das atividades agrícolas em propriedades agrícolas consideradas excessivamente pequenas para adoção de técnicas agrícolas tão rudimentares como a coivara. A este conjunto de razões que levaram a mudança do significado da terra nesta região, podemos acrescentar os critérios de herança adotados utilizados por imigrantes e descendentes.

Segundo Ellen Woortmann, em muitos casos decidia-se pela herança indivisa, onde a propriedade permanecia nas mãos ou do

filho mais velho ou do mais novo. Esta condição obrigava os outros filhos a buscarem um novo caminho através da conquista de seu lote em outra colônia. Ao longo dos anos, as possibilidades de aquisição de um novo lote foram ficando cada vez mais restritas contribuindo para o processo de exclusão da terra. A outra opção, a divisão dos já pequenos lotes rurais, impedia a utilização da terra como única forma de subsistência, fazendo com que muitos adotassem esta atividade como fonte de renda complementar. Para Paulo Lago, o *parcelamento das propriedades de tamanho ideal era fato óbvio, inevitável. Afinal, colonizar é quase sinônimo de criar condições para expandir o estoque demográfico.*²¹⁵

Nas localidades onde se iniciou a mais tempo a opção pela fragmentação dos lotes a também aconteceu mais cedo a descaracterização destas regiões rurais. Ao analisar a situação da região colonial do vale do Itajaí-mirim, na década de 1940, Emílio Willems afirmou que *a divisão da propriedade chegou ao ponto que os sítios não mais sustentam as famílias numerosas, obrigando os filhos a procurarem trabalho nas fábricas.*²¹⁶ Para Delma Neves, *a terra como patrimônio familiar só tem sentido se acenar com alternativas de sucessão na posição e não apenas como partilha de herança.*²¹⁷

A posse da terra é, portanto, carregada de significados. Dela o colono extraía o necessário para sua sobrevivência. A emigração para o sul Brasil era motivada justamente pela possibilidade de *conquistar seu pedaço de terra*, algo que para grande maioria dos imigrantes era completamente inacessível na Europa. Apesar de muitos dos colonos trabalharem como agricultores em seus países de origem, foi no Brasil que tornaram-se camponeses proprietários. No entanto, ao contrário do que imaginavam as autoridades promotoras da imigração, a transferência de técnicas e culturas agrícolas para o Brasil foi pouco

²¹⁵ FERRAZ, Paulo Malta. **Como viviam os primeiros colonos.** In: *Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950.* Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p. 215.

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ PESSANHA NEVES, Delma. **A agricultura familiar e o Claudicante Quadro Institucional.** In: LOPES, S. A.; MOTA, D. M. Da; MAGNO DA SILVA, T.E. (Org.). *Ensaio: desenvolvimento e transformação na agricultura.* EMBRAPA, 2002. p. 143-144.

significativa. No capítulo a seguir dedicamos atenção justamente as práticas rurais dos imigrantes através da análise das técnicas agrícolas e da produção rural dos colonos do vale do Itajaí.

CAPÍTULO 3

PRODUÇÃO RURAL: TÉCNICAS, DADOS ESTATÍSTICOS E IMPACTOS AMBIENTAIS

Como observamos no capítulo anterior, a colonização européia no sul do Brasil visava ocupar espaços considerados *vazios demográficos* através de núcleos coloniais organizados em pequenas propriedades dedicadas a policultura. A produção colonial tinha por objetivo inicial a subsistência, para posterior comercialização dos excedentes nos mercados local, regional, nacional e até mesmo internacional. Neste sentido, a escolha do que seria produzido, e, portanto, a forma de inserção e transformação do meio, estava em grande parte condicionada ao mercado. Apesar desta importância, como observamos nos capítulos anteriores, o processo de ocupação dos colonos no Vale do Itajaí foi marcado pela interferência de fatores ambientais, geográficos, culturais, sociais, políticos e, também, econômicos. Sendo assim, a configuração da produção rural colonial era definida pela junção destes diversos fatores mencionados e que, desta forma, foram condicionando importantes mudanças no destino das lavouras coloniais.

3.1 – Técnicas agrícolas: a aproximação com os lavradores nacionais

Entre os objetivos declarados dos promotores da imigração européia no sul do Brasil estava a inserção de modernas técnicas agrícolas. No entanto, deve-se reconhecer que, ao menos em seu início, parte deste projeto fracassou consideravelmente. Ao contrário do que desejavam as autoridades, o que mais se observou no diversos núcleos coloniais foi a adoção de técnicas e culturas agrícolas há muito tempo difundidas entre indígenas e lavradores nacionais (caboclos). Segundo Paulo Zarth, *com relação à tecnologia, as modernas técnicas européias encontraram dificuldades de serem transportadas para um meio com condições econômicas, sociais, e ecológicas diferentes, organizado a*

partir de outros critérios de racionalidade. Somente de forma seletiva e lentamente, ocorreram modificações nesse sentido. ²¹⁸ No caso do vale do Itajaí, as razões para não utilização das técnicas e utensílios agrícolas estavam claramente relacionadas a condições geográficas e ambientais somadas a questões econômicas e até mesmo pelo desconhecimento das ditas *técnicas modernas européias* por parte de um significativo número de colonos.

O sonho de ter sua *própria terra* era algo comum aos imigrantes que chegavam ao sul do Brasil na segunda metade o século XIX, entretanto, ao contrário do que os registros de entrada no Brasil anunciavam, uma boa parte deles não era agricultora na Europa ou “vinha de regiões européias onde a agricultura ainda não utilizava técnicas modernas de exploração”.²¹⁹ Assim, muitos imigrantes que chegavam ao Brasil não poderiam atuar como os desejados *instrutores agrícolas*.

As contribuições dos conhecimentos prévios daqueles imigrantes que de fato dominavam técnicas agrícolas mais modernas certamente contribuíram para o desenvolvimento da produção colonial. No entanto, diversas descrições sobre as regiões coloniais do vale do Itajaí evidenciavam o que entendiam como “atraso” do desenvolvimento técnico da produção colonial. Por esta razão, são exageradas definições como a de Paulo Lago sobre o desenvolvimento técnico das regiões colonizadas. Segundo ele,

as correntes imigratórias durante o século XIX e das décadas iniciais do seguinte, representadas por germânicos e itálicos, foram responsáveis por transferências de tecnologias que, em confronto com os níveis usuais vigentes no Brasil eram indubitavelmente, modernas. (...) Conquanto, pois, em seus países, a industrialização fosse apenas incipiente, eram conhecedores de técnicas avançadas e aspiravam, conscientemente,

²¹⁸ ZARTH, Paulo. **Do Arcaico ao Moderno: O rio Grande do Sul Agrário do Século XIX**. Ijuí: Editora Unijuí, 2002. p. 33.

²¹⁹ SEYFERTH, Giralda. **Imigração e Cultura no Brasil**. Brasília: Editora da UNB, 1990. p. 30.

desenvolvê-las naqueles para onde foram-se transferindo.²²⁰

O fracasso na implantação efetiva das “modernas técnicas européias” foi confessado pelo Dr. Hermann Blumenau em 1892, cerca de dez anos após sua saída da direção da colônia e retorno à Europa. Em correspondência ao seu procurador no Brasil, o fundador da colônia afirmava: “*Os velhos que ainda conheciam, mais ou menos, os métodos da agricultura alemã, estão se extinguindo, e seus descendentes perdem cada vez mais, os conhecimentos necessários, capacidades, costumes e destreza no trabalho, bem como, sobretudo, a necessária boa vontade para a execução organizada do mesmo.*”²²¹

O Dr. Blumenau lamentava a constatação de que cerca de quarenta anos após a fundação da colônia os colonos do vale do Itajaí enfrentavam dificuldades que ele observou em suas primeiras visitas a Santa Catarina. As regiões pioneiras de colonização na província foram instaladas em condições muito precárias que geraram evasão ou a sobrevivência apenas em condições de subsistência.

Tornar-se-ão iguais aos antigos colonos de São Pedro de Alcântara, no sertão do continente, em frente a Desterro e dos de Biguaçu, etc, que visitei em 1847 e aqueles já estabelecidos no Itajaí, quando lá cheguei em 1848 e junto aos quais fiquei morando. Na sua maioria, eram corretos e de comum inteligência, lutando valentemente pela subsistência. Excelentes trabalhadores, muitos dos quais empreguei de 1851 a 1854. Logo mais, porém, pude verificar a diferença entre eles e os novos imigrados, que vinham chegando. Cabeçadas deram uns nos outros, e uns e outros não dispensaram a vigilância para não desperdiçarem tempo e serviço.

²²⁰ LAGO, Paulo Fernando. **Gente da Terra Catarinense – Desenvolvimento e Educação Ambiental**. Florianópolis: Ed. Da UFSC/FCC Edições /Ed. Lunardelli/UEDESC, 1988. p. 97.

²²¹ Correspondência do Dr. Blumenau. In: **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau: Tomo IX. nº 7. Jul. 1968. p. 115.

Os colonos antigos, no entanto, negaram-se a qualquer inovação ao método de trabalho. Embora os mais velhos dentre eles ainda conhecessem da Alemanha, o manejo do arado e outras ferramentas mais, como sistemas de trabalhos agrícolas mais produtivos, eles, no desempenho dos mesmos, em quase nada se diferenciavam dos seus vizinhos brasileiros. Facão, foice, machado e enxada eram as únicas ferramentas por eles usadas.

O único arado que eu encontrei em Itajaí e Laguna, possuía e o ocupava na sua chácara, em Desterro, um farmacêutico, antigo imigrado português. Este arado era do tipo primitivo, conservado sem melhoramentos tal como era e é usado, possivelmente até hoje, nas regiões mais atrasadas de Portugal, Espanha, Itália, Turquia, etc, desde 2.000 e mais anos.²²²

As diversas dificuldades enfrentadas para adoção das “modernas técnicas européias” contribuíram decisivamente para já comentada aproximação entre colonos e lavradores nacionais. A presença dos caboclos no vale do Itajaí praticamente não aparece nos principais documentos oficiais e relatos sobre a colonização desta região. Esta ausência de informações mais frequentes poderia nos levar a pensar que de fato este grupo teve uma atuação insignificante na história da região, mas isso não é verdade. O descaso com a agricultura de subsistência praticada por estes lavradores brasileiros em todo país pode ser percebida justamente pelo silêncio ou pela forma como esta era mencionada pelos documentos oficiais. A mudança de visão do Império sobre a agricultura em pequena escala só ocorre a partir da colonização do sul do país. *Com a chegada de novos e constantes contingentes de imigrantes, a partir de 1850, pode-se observar, nos relatórios oficiais, uma série de informações sobre a produção agrícola e muitos elogios*

²²² Correspondência do Dr. Blumenau. In: **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau: Tomo IX. n° 7. Jul. 1968. p. 115.

aos colonos e seu trabalho. Por isso tem sido natural o raciocínio de que apenas os colonos se dedicavam a agricultura.²²³

Como já vimos, a presença e a conseqüente aproximação dos nacionais com os imigrantes europeus ocorreram desde a construção das primeiras residências, discutidas no primeiro capítulo, até a adoção de culturas e técnicas agrícolas há muito tempo praticadas pelos caboclos no Brasil meridional. O relevo montanhoso, a vegetação arbórea com seus tocos e raízes eram dificuldades imediatas para o uso do arado, utensílio que neste período era um dos símbolos das práticas mais modernas da agricultura.

Ao contrário do que projetavam as autoridades, práticas rudimentares, simbolizadas pelo sistema de *derrubada e queimada* (coivara), tornaram-se a base da produção agrícola colonial das colônias agrícolas do Vale do Itajaí. Segundo Marcel Mazoyer²²⁴ o sistema de *derrubada e queimada* teve origem no neolítico, foi base dos sistemas agrários da pré-história e ainda hoje é praticado por diferentes povos e sociedades. Esta técnica “consiste em derrubar e queimar a mata seguida do plantio que emprega basicamente a enxada. Depois de cultivar esta clareira durante alguns anos, ela é deixada em descanso, transformando-se em vegetação secundária, enquanto uma nova área de mata é derrubada para ter a mesma função”.²²⁵ Em sua obra *Evolução Agrária e Pressão demográfica*²²⁶, Ester Boserup afirma que “este sistema associa-se a um método de cultivo que pouco varia de uma a outra parte do mundo. (...) Não é possível usar o arado em terras abertas por método tão sumário. Nem é necessário, pois as cinzas abundantes asseguravam grande produção se o solo e o clima são razoavelmente favoráveis”.²²⁷

²²³ ZARTH, Paulo Afonso. **Do Arcaico ao Moderno: O rio Grande do Sul Agrário do Século XIX**. Ijuí: Editora Unijuí, 2002. p. 35.

²²⁴ MAZOYER, Marcel e ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no Mundo: do neolítico à crise contemporânea**. (Tradução de Claudia F. Falluh Balduino Ferreira). – São Paulo: Editora da UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

²²⁵ WAIBEL, Léo. Princípios da colonização europeia no sul do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**. Ano XI – Abril-Junho de 1949 – Nr.2. p. 180.

²²⁶ BOSERUP, Ester. **Evolução Agrária e Pressão demográfica**. Coleção Estudos rurais. São Paulo: HUCITEC/POLIS, 1987.

²²⁷ Idem.

Estas práticas eram amplamente utilizadas por indígenas, lavradores nacionais e também pelos latifúndios monocultores. Portanto, com a imigração, ao invés de uma transposição completa de técnicas e cultivos agrícolas considerados modernos (europeus) para o Brasil meridional, o que se observou foi um intenso processo de assimilação de modelos e culturas agrícolas adotados pelos rurícolas nacionais.

O grande problema não estava no sistema em si, mas na sua adoção sem o pousio adequado. Segundo Ester Boserup, este sistema sob a seguinte prática: *“clareiras são abertas anualmente nas florestas e semeadas ou plantadas por um ano ou dois. Em seguida, são abandonadas durante um período longo suficiente para que a floresta as invada outra vez. O que significa que o pousio deve durar de vinte a trinta anos pelo menos. O tipo de floresta que cresce nas áreas que são utilizadas sob esse sistema é conhecido como floresta secundária, em oposição à primária, ou floresta virgem, e que jamais foi cultivada ou o foi há um século ou mais.”*²²⁸

Portanto, o sistema de derrubada e queimada, também conhecido como sistema de rotação de terras, tem como um de seus maiores problemas o desgaste excessivo da terra, ao longo dos anos, quando a terra em descanso passa a ser reutilizada após pequeno período de pousio, a qualidade já é muito inferior ao primeiro uso. Segundo o geógrafo alemão Léo Waibel, “se os sistemas agrícolas extensivos não dão resultados satisfatórios nas grandes propriedades, quando aplicados nas pequenas, tornam-se ilógicos e perigosos. O termo extensivo quer dizer que os três fatores da produção – terra, capital e trabalho – a terra, é o principal e deve ser abundante. Mas isto não acontece nas pequenas propriedades dos colonos europeus do Brasil meridional”.²²⁹

O tradicional lote colonial de 25 hectares não permite o pousio das terras por um período longo, ou ao menos suficiente, resultando no rápido esgotamento do solo.²³⁰ Este fato, ao lado do parcelamento dos

²²⁸ BOSERUP, Esther **Evolução Agrária e Pressão demográfica**. Coleção Estudos rurais. São Paulo: HUCITEC/POLIS, 1987. p. 13.

²²⁹ WAIBEL, Léo. Princípios da colonização européia no sul do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**. Ano XI – Abril-Junho de 1949 – Nr.2. p. 181.

²³⁰ Sobre este assunto ver mais em: GREGORY, Valdir. **Os Eurobrasilenses e o Espaço Colonial: migrações no oeste do Paraná (1940-1970)**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

lotes por herança, é apontado como um dos grandes responsáveis pela migração da população camponesa excedente para regiões mais recentes de colonização.²³¹

Léo Waibel, assim como outros observadores²³² das condições das áreas coloniais apontou para o difícil estado em que viviam os camponeses. Segundo ele, estes descendentes de europeus passavam por evidente processo de *cabocliização*.²³³ As duras palavras de Waibel procuravam enfatizar acima de tudo a inviabilidade da manutenção de práticas rudimentares típicas dos caboclos em uma estrutura minifundiária.

O geógrafo alemão fez sua análise quase cem anos após a fundação da colônia Blumenau, entretanto, as condições de vida e produção dos pioneiros da colonização estavam ainda mais próximas das condições dos lavradores nacionais. “As colônias que, por exemplo, se alojaram num contexto eminentemente pioneiro, mergulhadas num mundo de escassas alternativas de articulação com mercados, não puderam fugir a modos de produção com elevado teor de *subsistência*”.²³⁴ A cabocliização de colonos estrangeiros é fato constatado em relação às diversas etnias. A economia de subsistência funciona como força de regressão cultural, pois implica no alijamento de indivíduos em relação a um complexo de informações. Assim, a economia de subsistência cria o caboclo.²³⁵

Ao analisar as práticas rurais adotadas nas áreas florestais colonizadas no sul do Brasil, Léo Waibel, propôs uma divisão em três sistemas agrícolas que representam, teoricamente, estágios sucessivos do desenvolvimento real da paisagem agrícola. No entanto, em função da relação com o período aqui estudado, concentraremos nossas atenções apenas nos dois primeiros estágios. De qualquer forma, segundo o autor, “apenas em poucas áreas o desenvolvimento real da

²³¹ SEYFERTH, Giralda. **Imigração e Cultura no Brasil**. Brasília: Editora da UNB, 1990. p. 30.

²³² LAGO, Paulo Fernando. **Gente da Terra Catarinense – Desenvolvimento e Educação Ambiental**. Florianópolis: Ed. Da UFSC/FCC Edições /Ed. Lunardelli/UEDESC, 1988. p. 100.

²³³ WAIBEL, Léo. Princípios da colonização européia no sul do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**. Ano XI – Abril-Junho de 1949 – Nr.2. p. 181.

²³⁴ LAGO, Paulo Fernando. Op. Cit. p. 100.

²³⁵ Idem. p. 102.

paisagem cultural passou pelos três estágios. A maioria das áreas atingiu somente o segundo estágio, e muitas chegaram a um ponto morto no primeiro estágio”.²³⁶

O primeiro deles, conhecido como *Sistema de Rotação de Terras*, é assim definido por Léo Waibel:

Uma família pioneira começa o ciclo cultural comprando a terra numa área de mata desabitada. Em seguida, derruba e queima a floresta, à maneira dos índios; planta milho, feijão preto e mandioca usando cavadeira e enxada, e constrói uma casa primitiva, primeiramente de folhas de palmeira e, depois, de tábuas, geralmente sem janelas de vidro. A fim de utilizar o excesso de suas safras, criam porcos, e vende a banha ou os porcos vivos, em troca de alguns artigos de que necessita e não produz. [...] Nestas circunstâncias, é muito difícil uma elevação do nível social e cultural da família, e uma estagnação, se não uma decadência, em breve se registra.²³⁷

Léo Waibel destaca que “os alemães, como os demais colonos europeus, receberam dos índios não somente o sistema de rotação de terras, mas também as plantas cultivadas por estes (o milho, o feijão preto, a mandioca, a batata doce) e até a ferramenta indígena, a cavadeira ou o bastão de plantar”.²³⁸

O segundo estágio, definido como *Sistema de Rotação de Terras Melhorada*, é reconhecido depois que a maior parte das matas é devastada, que a densidade da população aumenta, e quando são construídas estradas utilizáveis pelas carroças de quatro rodas dos colonos, e finalmente, a partir do momento em que as técnicas agrícolas e as condições econômicas da colônia melhoram consideravelmente. “A produção agrícola aumentada e a criação do gado elevam

²³⁶ WAIBEL, Léo. Princípios da colonização européia no sul do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**. Ano XI – Abril-Junho de 1949 – Nr.2. p. 182.

²³⁷ Idem, p.182.

²³⁸ Idem. p. 181.

consideravelmente, o padrão econômico e cultural do colono. Isto é claramente expresso pelos tipos de casas que, em contraste com o tipo uniforme de casa dos pioneiros, tem decididamente um caráter nacional e étnico”.²³⁹

Através destas condições, cresce também o uso de implementos agrícolas e um aumento considerável na aquisição e utilização de engenhos, moinhos e atafonas. Através destes, há um crescimento na produção de antigas culturas indígenas de subsistência e a introdução de plantas européias como produtos comerciais. O arado é outro implemento que ganha importância neste estágio. No entanto, seu uso ficou restrito as áreas planas desmatadas há mais tempo, já que era inviável nas terras íngremes ou recentemente desmatadas. Apesar de ser indicativo de avanços no trabalho agrícola, nesta fase a terra arada, ainda não é cultivada junto à criação de gado, impedindo que a terra seja adubada naturalmente. Pelo contrário, a alternância entre campos arados e capoeiras (melhor prova da rotação de terras), é um dos aspectos marcantes deste estágio.²⁴⁰

De acordo com Léo Waibel, esta união entre a criação de gado e a agricultura só é alcançada num terceiro estágio de desenvolvimento agrícola denominado por ele de *Rotação de Culturas Combinadas com a Criação de Gado*. Deve-se levar em consideração que é ainda no segundo estágio que os colonos passam a criar, além de porcos e aves, algumas poucas cabeças de gado que lhes fornecem leite e manteiga, e que são criados em pastos plantados e cultivados em volta da casa do colono. No entanto, mesmo que estes colonos quisessem colocar esterco nos campos não teriam animais suficientes para produzi-lo em quantidade utilizável. Waibel destaca que o modelo de criação de gado adotado pelos colonos no segundo estágio é absolutamente independente da agricultura, fazendo com que as duas principais formas de uso da terra permaneçam separadas esgotando rapidamente o solo.

²³⁹ Idem. .p. 186.

²⁴⁰ WAIBEL, Léo. Princípios da colonização européia no sul do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**. Ano XI – Abril-Junho de 1949 – Nr.2. p. 185.

3.2 - Análise de dados estatísticos da produção rural de Blumenau

O processo de colonização do Brasil meridional através do sistema de pequenas propriedades buscava, entre seus objetivos, o desenvolvimento da policultura para o abastecimento de alimentos nas principais cidades brasileiras. No entanto, a transformação das áreas florestais, onde foram fundadas as colônias pioneiras, em importantes centros produtores vinculados ao mercado foi resultado de um lento processo. Aos primeiros colonizadores, em função das dificuldades de transporte e do reduzido capital para investimentos, restava a possibilidade de uma produção para subsistência com a comercialização de alguns poucos excedentes.

No caso da colônia Blumenau, as primeiras mudanças mais substanciais começam a ocorrer com a transferência de seu controle para o Império em 1860. Este novo contexto proporcionou aumento nos investimentos, acelerou a chegada de novos colonos e, por sua vez, estimulou uma maior participação de sua produção agrícola no mercado catarinense.

Quanto à diversificação da produção, a bagagem cultural dos imigrantes, as condições climáticas e geográficas de cada colônia, a interferência - nem sempre registrada - dos rurícolas nacionais, aliados as relações de mercado de cada produto, determinavam o que seria ou não cultivado. Este conjunto foi decisivo para que a produção de cada colônia possuísse grandes semelhanças, mas também importantes peculiaridades.

Com objetivo de analisar e refletir sobre quais eram as espécies mais cultivadas e que tipo de transformações elas sofrem entre 1850 e 1930, buscamos reunir alguns dados estatísticos sobre a produção agrícola presentes nos relatórios coloniais, provinciais e ministeriais. O crescimento de atividade ou cultura em detrimento da outra é um aspecto de grande importância nesta busca por compreender a relação entre o imigrante e o meio natural.

A análise dos dados estatísticos esteve condicionada as diferentes formas de apresentação destas informações nos diversos relatórios pesquisados. Numa situação ideal, os relatórios apresentariam anualmente as áreas cultivadas com cada cultura agrícola, as áreas de pastagem, os índices de desmatamento e as reservas de floresta. No entanto, como é comum a maior parte dos trabalhos historiográficos,

esta situação ideal não existe e o que temos que montar é uma enorme “colcha de retalhos”. No caso da colônia Blumenau, a composição das áreas coloniais ocupadas com as diferentes plantações só foi localizada apenas nos relatórios de 1861 e 1862. Por isso, concentramos nossas atenções nos dados sobre produção rural da colônia e posteriormente do município. Este tipo de informação oferece fortes indícios sobre as formas de ocupação e transformação das áreas florestais e seus conseqüentes impactos ambientais e paisagísticos.

Mesmo sendo muito mais freqüentes nos relatórios coloniais, a análise comparativa das informações referentes a produção rural nos diferentes relatórios de Blumenau também encontrou consideráveis barreiras. A primeira grande dificuldade encontrada é comum a todos que estudam história econômica do Brasil no século XIX: as unidades de medida. Na análise da agricultura nos deparamos com diversos problemas deste tipo, sobretudo para os anos anteriores a implantação do sistema métrico brasileiro em 1862²⁴¹. Para facilitação da compreensão das transformações na produção buscamos apoio de estudos de História Demográfica e de Estatística que, após intenso trabalho, permitiram a unificação das unidades dos produtos analisados e o estabelecimento de algumas comparações²⁴² importantes entre épocas, produtos e colônias.

Outra dificuldade encontrada está relacionada à mudança na forma de apresentação dos dados. Nos relatórios coloniais os dados estatísticos referiam-se a produção colonial, mas a partir do final do século XIX os relatórios passaram a apresentar apenas os índices de exportação. Neste caso, para interpretação dos dados precisamos separar

²⁴¹ Até 1862 o Brasil utilizava as unidades e medidas de Portugal (ex: vara, braça (extensão), quintal (massa), etc), mas estas medidas nunca foram rigorosamente cumpridas. Em 1862 o Sistema Métrico francês foi adotado em todo o Império, mas somente em 1872 foi aprovado o Regulamento do Sistema adotado.

²⁴² Para viabilizarmos esta análise procuramos, quando possível, uniformizar as unidades de medidas utilizando valores aproximados obtidos através de conversão com base em valores reconhecidos. As conversões feitas procuraram a unificação dos produtos em quilos/toneladas. Para esta conversão e unificação dos dados foram utilizadas as seguintes referências:

LUNA, Francisco Vidal & KLEIN, Herbert S. **Nota a respeito de medidas de grãos utilizadas no período colonial e as dificuldades para a conversão ao sistema métrico.** In: *Boletim de História Demográfica*, ano VIII, no. 21, março de 2001.

PEIXOTO, Aristeu Mendes (Coord.). **Enciclopédia Agrícola Brasileira.** Vol. 4. São Paulo: EDUSP, 2002.

a análise em dois momentos distintos: período colonial e período municipal. As informações referentes a exportações de Santa Catarina, quando relacionadas aos dados blumenauenses também valorizam a análise permitindo a compreensão parcial do papel da antiga colônia do Vale do Itajaí no cenário provincial/estadual.

A produção colonial blumenauense, seguindo os objetivos da colonização européia no sul do Brasil, foi caracterizada pela diversidade própria dos minifúndios dedicados a policultura. Entre os principais produtos estavam culturas agrícolas como o milho, cana-de-açúcar (açúcar e aguardente), tubérculos, mandioca (farinha), fumo, feijão e arroz e produtos de origem animal como manteiga, queijo e banha. As madeiras retiradas da floresta ganharam importância econômica apenas ao final do século XIX, pois durante as primeiras décadas sua utilização estava mais diretamente relacionada ao consumo de lenha e a construção de residências e galpões.

3.2.1 - Produtos do Reino Vegetal

A distribuição dos primeiros lotes da colônia Blumenau a partir de 1852 desencadeou uma progressiva transformação espacial e ambiental nas áreas florestais do vale do Itajaí. A região, anteriormente ocupada por indígenas, lavradores nacionais e alguns poucos imigrantes recebeu um significativo aumento populacional e estímulos públicos e privados para produção agrícola. Entre 1850, ano oficial de fundação, e 1860, ano da transferência da colônia para o Império, Blumenau passou por dificuldades naturais de um período de implantação e pelas restrições financeiras de seu proprietário. Mesmo assim, as lavouras foram progressivamente ocupando extensas áreas florestais por diferentes culturas agrícolas.

Em relatório de 1853, ano seguinte a distribuição dos lotes coloniais, Dr. Hermann Blumenau demonstrava satisfação com os primeiros resultados da produção agrícola. Segundo ele, *as terras do Itajaí, geralmente são celebradas na Província de Santa Catarina pela sua uberdade, e quanto mais o rio acima, tanto mais férteis e mais livres de pântanos elas se mostram; mandioca nos morros e taboleiros e canna de açúcar nas vargens dão admiravelmente, como também o milho, feijão, tabaco, etc. etc. e a batata inglesa ainda oferece boas*

colheitas e no outono (março a julho) mesmo excelentes e abundantíssimos tubérculos (...).”²⁴³

Os cultivos mencionados pelo relatório de 1853 (milho, feijão, fumo, mandioca, batata, tubérculos e cana-de-açúcar) demonstram que desde os primeiros tempos a policultura era base da produção. Estas culturas, em sua maioria, permaneceram como as mais representativas da produção da colônia Blumenau ao longo do período estudado como veremos a seguir.

No capítulo anterior refletimos sobre a ocupação e transformação espacial da floresta subtropical onde foi instalada a colônia Blumenau com a contribuição dos dados sobre o total de áreas cultivadas e de pastagem. No entanto, como afirmamos anteriormente, seria de grande valia para esta análise uma descrição da ocupação por cada cultura agrícola nos relatórios anuais ou mesmo a cada cinco ou dez anos. Infelizmente, este tipo de informação não esteve presente na maior parte dos documentos pesquisados. Apesar desta dificuldade, entendemos que a apresentação da configuração das áreas ocupadas pelos diferentes cultivos nos primeiros anos da colonização já permite contribuições importantes para análise proposta. Mesmo assim devemos estar cientes de que estes índices de informações sobre as áreas cultivadas são baseadas em aproximações e possuem limites, como o próprio Dr. Blumenau afirmou:

Deve-se notar que as áreas acima representam a aproximação de plantação dos citados produtos não sendo possível dá-las exatamente, visto que num complexo de terras são plantados vários produtos, um perto do outro, por exemplo: entre o milho planta-se feijão e entre o aipim também plantas-e o feijão; outrossim costuma-se plantar nos primeiros anos feijão, milho, aipim, etc. entre os cafezais²⁴⁴.

²⁴³Relatórios do Dr. Blumanau. Quarto Relatório da Colônia Blumenau – Ano de 1853. **Revista Blumanau em Cadernos**. Blumenau. Tomo I- nº 6 – abril de 1958. p. 103.

²⁴⁴Ano de 1862: Notas estatísticas sobre a Colônia Blumenau (Província de Santa Catarina) no sul do Brasil do ano de 1862. **Revista Blumenau em Cadernos**. Tomo V – nº 4. Abril de 1962. p Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. p.62.

Mesmo assim, consideramos sua validade e buscamos interpretar este tipo de informação apresentados no *Quadro estatístico da produção colonial* de 1861²⁴⁵ e no Relatório Colonial de 1862²⁴⁶. Os dados apresentados nestes documentos correspondem a um período de transição para Blumenau, já que a partir de 1860 esta colônia deixa de ser particular e passa a pertencer ao governo imperial. Segundo esta documentação, a superfície cultivada²⁴⁷ da colônia Blumenau em 1861 teria sido de 763 hectares e composta justamente por culturas como: milho, tubérculos, mandioca, cana-de-açúcar, café, fumo, arroz, feijão, etc. O destino das áreas desflorestadas neste ano está representado em percentuais pelo gráfico abaixo:

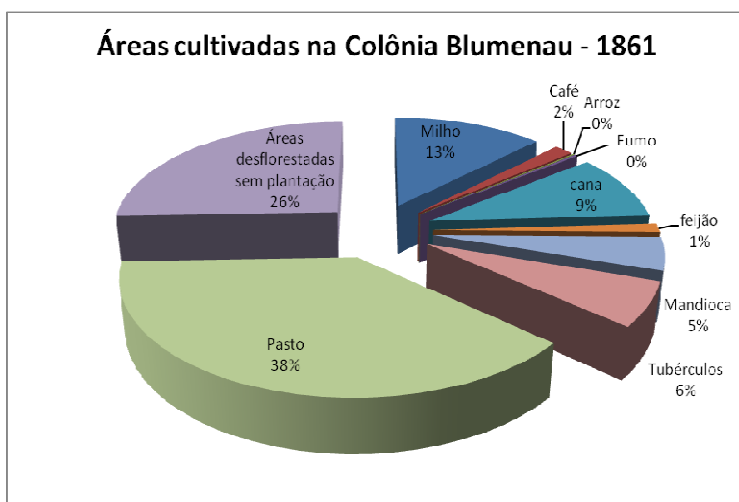


Gráfico 4: Áreas cultivadas na Colônia Blumenau - 1861

²⁴⁵ Dados obtidos no *Quadro estatístico do ano de 1861*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.14 141.

²⁴⁶ Ano de 1862: Notas estatísticas sobre a Colônia Blumenau (Província de Santa Catarina) no sul do Brasil do ano de 1862. **Revista Blumenau em Cadernos**. Tomo V – nº 4. Abril de 1962. p Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

²⁴⁷ Foi feita uma conversão de braças quadradas para hectares. Utilizamos os seguintes valores: 1 braça quadrada = 4,84 metros quadrados; 1 hectare = 10000 metros quadrados.

Fonte: *Quadro estatístico do ano de 1861*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P.02.14 141

Através do gráfico 4 percebemos que entre as áreas já desmatadas em 1861 mais da metade delas não era ocupada pelos cultivos agrícolas. Apesar disso, os cerca de 290 hectares de pasto ainda não eram responsáveis por colocar os produtos de origem animal como os mais representativos da colônia. O crescimento de importância destes produtos ao final do século XIX será analisado posteriormente. Quanto aos cultivos, observamos que as culturas mais plantadas em Blumenau não tinham qualquer relação com a origem europeia dos colonos. Pelo contrário, os cultivos de milho, cana-de-açúcar²⁴⁸, tubérculos (inhame, cará, taiá, etc.) e mandioca estavam diretamente relacionados ao novo ambiente a que passaram a viver e, sobretudo, com as influências de lusos, caboclos e indígenas nas práticas rurais destes imigrantes. Segundo o relatório colonial de 1856, *os tubérculos do país, inhames, taiá, etc. e o aipim também ocupam grandes superfícies, servindo, sobretudo o inhame, para engordar o considerável número de gado cerdum existente na colônia*²⁴⁹. Apesar de existentes, outras culturas como o feijão, o café, o arroz e o fumo ainda ocupavam áreas pouco significativas.

Segundo o Relatório de 1862, a distribuição dos cultivos agrícolas deste ano seguiu uma tendência muito próxima do anterior. A ampliação da área cultivada na colônia aumentou em pouco mais de 100 hectares, chegando a um total de 887 hectares. Diferente do quadro estatístico de 1861, a área desmatada sem plantação não foi registrada, assim como não aparecem informações sobre a produção de arroz em 1862. Neste ano, as terras foram ocupadas na seguinte proporção:

²⁴⁸ Apesar de sua origem asiática, a cana-de-açúcar transformou-se num dos grandes pilares da colonização portuguesa na América. Nos séculos XVI e parte do XVII, o Brasil tinha praticamente o monopólio mundial da produção de açúcar.

²⁴⁹ Relatórios do Dr. Blumenau - 1856. In: **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau: Tomo II. nº 2. 1959. p. 25.

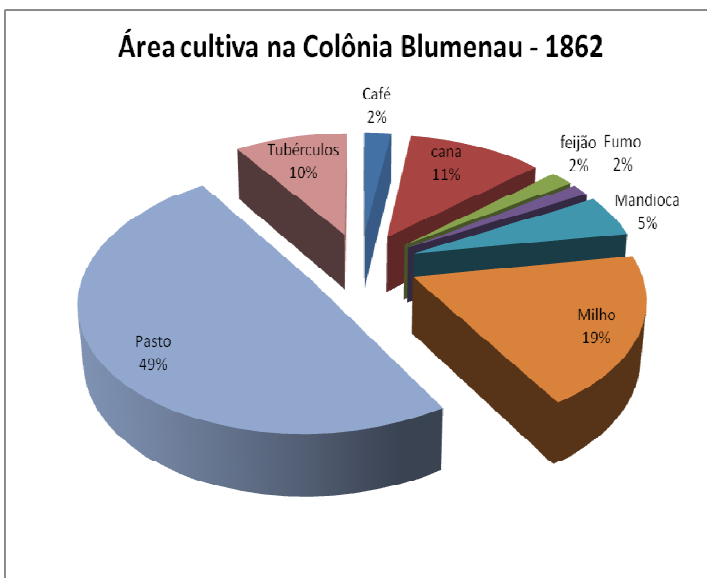


Gráfico 5: Área cultivada na Colônia Blumenau - 1862

Fonte: Relatório da Colônia Blumenau de 1862. In: Revista **Blumenau em Cadernos**. Blumenau. Tomo V – nº4- abril de 1962. P.61-66.

Assim como no ano anterior, as áreas de pastagem representaram metade das terras cultivadas. Culturas nativas como mandioca e tubérculos ganham a companhia da araruta e continuam a representar parte importante da produção. O milho e a cana-de-açúcar permanecem como os principais cultivos de Blumenau. Café, fumo e feijão completam o grupo de culturas agrícolas citadas no relatório de 1862.

As transformações ambientais desencadeadas pela colonização europeia estavam claramente relacionadas à pluralidade das atividades desenvolvidas pelos colonos. Portanto, a incorporação de cultivos nativos ou há muito tempo incorporados as tradições agrícolas brasileiras podia ser percebida nos primeiros tempos após a fundação de Blumenau. Para o prosseguimento da análise levamos em consideração que algumas destas culturas, como o milho e os tubérculos, possuíam tanto a função de alimentação humana como nutrição animal. Esta condição pode ser entendida como um fator determinante para destinação de maiores porções entre as terras cultivadas.

Estas descrições das áreas cultivadas por cada cultura não foram repetidas pelos demais relatórios pesquisados e por isso passamos a concentrar nossas atenções na análise da produção anual da colônia e posteriormente do município de Blumenau. Apesar de não indicar com maior precisão a dimensão dos cultivos, este tipo de informação nos oferece indícios do crescimento ou decréscimo de determinadas culturas no processo de ocupação colonial da floresta subtropical atlântica.

Para análise da produção agrícola de colônia Blumenau, elaboramos um quadro estatístico com os dados encontrados nos relatórios entre os anos 1859 e 1885²⁵⁰. Com exceção da produção de aguardente, todos os produtos tiveram seus dados convertidos para toneladas²⁵¹. A ausência de informações sobre determinados produtos em alguns relatórios foi representada pelo número zero²⁵². Neste quadro, a maior parte dos dados refere-se aos derivados de determinadas culturas agrícolas importantes no contexto da produção colonial.

Tabela 2 - Produção da Colônia Blumenau (1859-1885)²⁵³

Produção Blumenau (em t)	Rel. 1859¹	Rel. 1863²	Rel. 1867³	Rel. 1868⁴	Rel. 1872⁵	Rel. 1877⁶	Rel. 1880⁷	Rel. 1885⁸
Açúcar	51,6	86,7	93,7	110,3	0,0	217,0	349,7	753,2
Milho	278,0	333,0	1924,8	2643,6	4704,8	6318,3	8030,1	12008,9
Farinha de mandioca	43,2	75,5	365,1	417,7	376,5	949,6	1007,9	1287,2

²⁵⁰ O relatório de 1885 foi elaborado após a emancipação da colônia ocorrida em 1882, mas sua inserção neste quadro justifica-se por seus dados ainda seguirem o mesmo modelo apresentado nos relatórios anteriores.

²⁵¹ Nestes casos, fizemos a conversão dos dados apresentados em litros, hectolitros, alqueires, mãos e arrobas para quilos e posteriormente para toneladas. Cabe ressaltar que tratam-se de valores aproximados e que seguem conversões nas referências citadas em nota anterior.

²⁵² A ausência da informação não deve ser confundida com o abandono completo desta cultura no ano citado. Como alguns relatórios eram mais detalhados que outros, os produtos sem grandes colheitas ficavam, eventualmente, excluídos dos quadros estatísticos.

²⁵³ Os dados de produtos derivados da produção animal foram incluídos para contribuir com possíveis comparações.

Feijão	12,2	27,1	49,7	32,3	76,9	137,4	208,3	138,6
Tubérculos	0,0	262,4	3916,2	7873,6	10924,7	7422,0	9163,0	0,0
Café	0,0	1,8	0,2	5,1	2,7	4,5	6,5	0,0
Fumo	0,0	5,1	13,9	19,1	5,8	14,2	16,0	49,4
Manteiga	0,0	5,4	17,5	32,3	36,9	85,0	115,8	0,0
Batata inglesa	6,1	15,7	0,0	27,8	42,2	0,0	0,0	518,1
Araruta	0,0	1,4	6,3	10,0	128,4	17,1	18,2	3,7
Queijo	0,0	3,7	22,1	19,3	0,0	115,0	128,8	0,0
Arroz	0,0	0,0	11,9	24,8	69,4	383,2	516,5	253,6
Cera	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4	0,4	0,3	0,0
Mel	0,0	0,0	0,0	0,0	1,9	2,4	1,9	0,0
Aguardente (medidas)*	10117 med.	12616 med.	27791 med.	30650 med.	47715 med.	370000 litros	670000 litros	376580 litros

Fontes:

(1) Relatório do Presidente da Província de Santa Catharina, Francisco Carlos d'Araújo Brusque apresentado à Assembléia Legislativa Provincial na 2ª Sessão da 10ª legislatura. Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro e Comp. a, 1861. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/948/> acessado em 23/12/2010.

(2) Relatório apresentado á o ex. 1 vice Presidente da Província de Santa Catharina, o commendador Francisco José d'Oliveira pelo exm. Presidente, Pedro Leitão da Cunha por ocasião de passar-lhe a administração da mesma província em 19 de dezembro de 1863. Desterro, Tup. Commercial de J.A. do Livramento, 1863. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/950/> acessado em 23/12/2010.

(3) Colônia Blumenau; Mappa Estatístico do anno de 1868. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.33 332

- (4) Colônia Blumenau; Mappa Estatístico do anno de 1868. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.33 332
- (5) Relatório do vice presidente da província Santa Catharina, dr. Guilherme Cordeiro Coelho Cintra, apresentado á Assembleia Legislativa Provincial em 25 de março de 1872. Cidade do Desterro, 1872. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/959/> acessado em 23/12/2010.
- (6) Mappa Estatístico da Colônia Blumenau sobre fim de 1877. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668.
- (7) Mappa Demonstrativo da Situação, Origem e Condições da Colônia Blumenau, fundada pelo Dr. Hermann Blumenau em 1852 e transferida ao Estado em 1860, na Província de Santa Catarina. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.85 859
- (8) Relatório apresentado á Assembleia Legislativa de Santa Catharina na 1ª sessão de sua 26ª legislatura do presidente, Dr. Francisco José da Rocha , em 21 de julho de 1886. Desterro, Typo do Conservador, 1886. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/971/> acessado em 23/12/2010.

Ao analisarmos os dados da Tabela 2 podemos apontar alguns aspectos importantes para pesquisa. Em primeiro lugar, observamos que para os primeiros anos após a fundação de Blumenau as principais atividades agrícolas estavam relacionadas à subsistência. Entre os produtos apresentados no Relatório de 1859, último antes da transferência da colônia para o Império, registrou-se apenas a produção de milho, farinha de mandioca, feijão, batata inglesa, açúcar e aguardente. Estes dois últimos produtos, por sinal, estão relacionados com os estímulos ao plantio de cana-de-açúcar, observados no *Guia de Instruções aos Futuros Emigrantes* elaborado pelo Dr. Blumenau.

Numa análise global dos produtos apresentados pelo quadro estatístico, identificamos que, em volume produzido, o milho e os tubérculos permanecem como os mais importantes do período colonial. O crescimento destes cultivos estava, geralmente, relacionado com a ampliação da criação de animais. No caso dos tubérculos²⁵⁴, a volumosa produção demonstra que as intervenções ambientais dos colonos foram responsáveis até mesmo pelo aumento da produção de culturas nativas muito comuns na região antes da colonização europeia. Outro indício importante da finalidade destes produtos é a ausência dos tubérculos e a pequena importância do milho nos dados de exportação analisados nos

²⁵⁴ A definição das espécies de tubérculos apresentadas nos relatórios possui uma pequena variação, entretanto, na maior parte das vezes se faz referência ao inhame, taiá, cará e aipim.

relatórios municipais onde produtos derivados de animais ganham grande destaque.

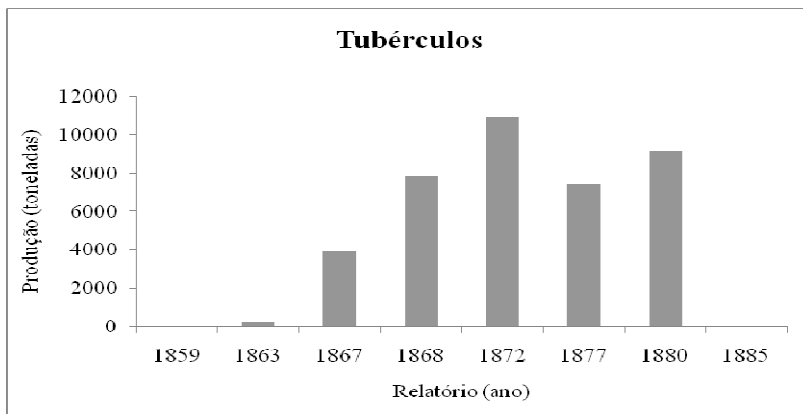


Gráfico 6: Tubérculos

Fontes: (Idem tabela 1)

A pequena produção de tubérculos no início dos anos 1860 era justificada pelas constantes chuvas que atingiam a região e afetavam gravemente as culturas ribeirinhas. Segundo relatório colonial de 1862,

O fim de setembro e os meses de outubro e novembro foram excessivamente úmidos e, caindo chuvas torrenciais, os rios constantemente se conservam muito altos e sobrevieram enchentes que, com intervalo de um mês se sucederam e de que a primeira, no mês de outubro, foi muito forte.

Os seus estragos foram grandes, sobretudo nas partes menos altas da colônia, abaixo do salto e no distrito da povoação, até imensas plantações de tubérculos do país, nas barrancas dos rios e ribeirões, e partes baixas, que servem para alimentação do gado suíno, foram, em parte, arrancadas pelo furor das águas; a consequência

será que a criação desse gado durante 18 meses ficará consideravelmente reduzida.²⁵⁵

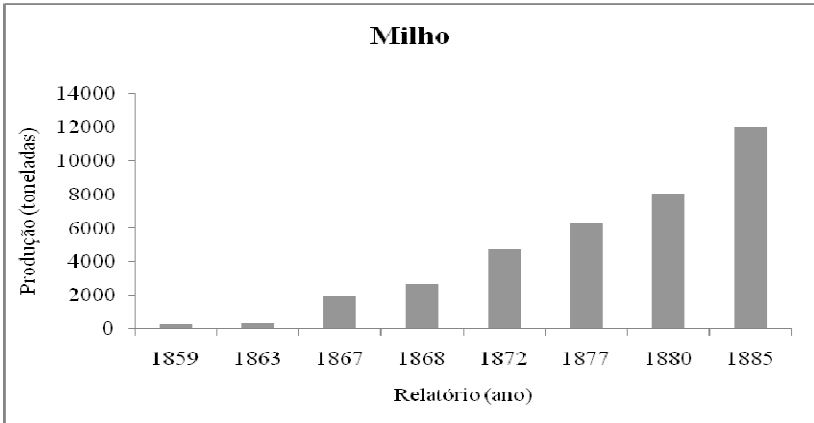


Gráfico 7: Milho

Fontes: (Idem Tabela 1)

O gráfico 7 demonstra o progressivo crescimento da produção de milho da colônia Blumenau. O plantio desta cultura americana já era consideravelmente disseminado como alimento humano e animal no país, mas, a partir da colonização europeia no sul do Brasil o milho ganha importância significativa e suas lavouras ganham grande espaço nas áreas desflorestadas. O milho surge como uma valiosa alternativa alimentar para os imigrantes, especialmente em função das dificuldades do plantio e aquisição do trigo.

Ainda no gráfico sobre a produção colonial identificamos a importância de outra cultura nativa: a mandioca. A farinha de mandioca, principal derivado desta cultura, era um dos grandes produtos na pauta de exportações de Santa Catarina. Tradicionalmente produzido nas cidades litorâneas, a farinha de mandioca também ganhou espaço privilegiado na produção colonial.

²⁵⁵ Relatório da Colônia Blumenau de 1862. In: **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau. Tomo V – nº 4 - abril de 1962. p. 67.

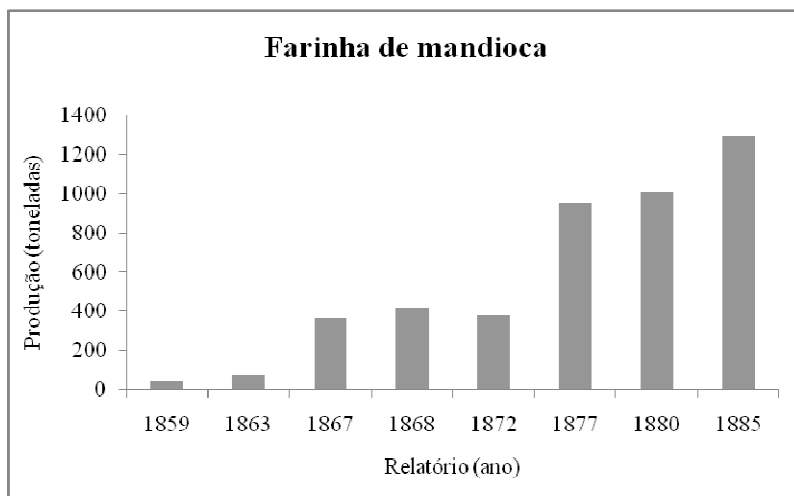


Gráfico 8: Farinha de mandioca

Fontes: (Idem Tabela 1)

Através do gráfico 8, percebemos um grande salto da produção de mandioca entre os anos de 1872 e 1877. Segundo o relatório da colônia Blumenau de 1877, este foi um bom ano para a lavoura local e, neste contexto, as plantações de mandioca e cana-de-açúcar ganharam importante destaque.

Tendo o ano ocorrido menos mal e com boas colheitas, preços remunerativos e prompta venda e extração dos productos, a lavoura tomou notável incremento e continua neste satisfatório ascendente. As culturas da canna e mandioca se alargam, bem que não na proporção desejável e talvez praticável: é que faltam engenhos centrais, bem que de proporções modestas e adequadas às circunstâncias locais, que elaborem os alludidos productos e ainda as raízes de araruta, mas não

existem os fundos para creal-os sem auxílio externo.²⁵⁶

A cana-de-açúcar, produto símbolo da colonização portuguesa no Brasil, possuía espaço destacado na produção das colônias de imigrantes europeus no sul do país. Em relatório colonial de 1856, Dr. Blumenau já apontava a cana-de-açúcar como a cultura mais exercida na colônia²⁵⁷. Esta importância, também registrada na citação anterior, pode ser identificada pela importância de dois dos seus derivados nos índices estatísticos blumenauense: o açúcar e a aguardente. Os engenhos de açúcar e os alambiques estavam entre os mais numerosos estabelecimentos deste tipo em Blumenau.

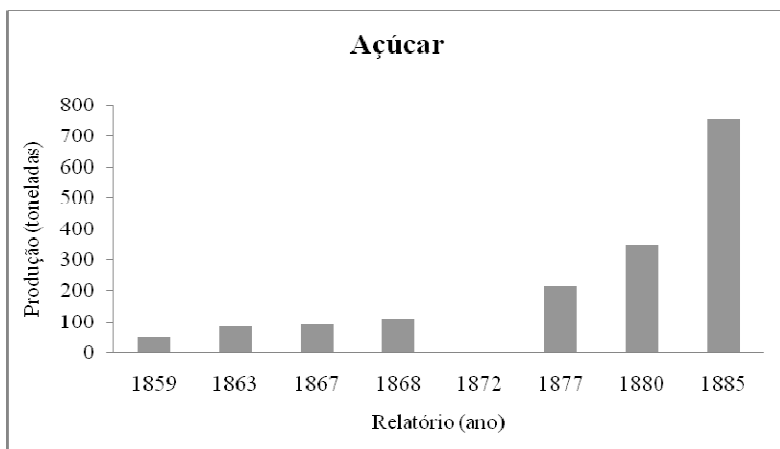


Gráfico 9: Açúcar

Fontes: (Idem Tabela 1)

O gráfico 9 nos oferece dois objetos importantes de análise, o volume produzido e o progressivo crescimento. Apesar da ausência de

²⁵⁶ Mapa Estatístico da Colônia Blumenau sobre fim de 1877. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668.

²⁵⁷ Relatório do Dr. Blumenau – 1856. In: **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau. Tomo II. nº 2. Fevereiro, 1959. p. 25.

informações sobre a produção em 1872, existem bons indícios de que a partir dos anos 1870 os cultivos de cana-de-açúcar teriam recebido um grande estímulo. Em 1885, por exemplo, a produção de açúcar ultrapassou as 750 toneladas.

O crescimento gradativo das áreas cultivadas por culturas como o milho, a mandioca e cana-de-açúcar, citadas anteriormente, aponta para um avanço constante sobre as áreas de mata nativa e por consequência direta, uma rápida transformação na paisagem local. Estas culturas ganharam cada vez maior importância com o aumento no número de estabelecimentos industriais, pois através destes, a comercialização do excedente da produção tornava-se mais vantajosa. Estes empreendimentos, representados por engenhos e alambiques possibilitavam uma maior rentabilidade para os colonos, mas, em função do alto custo, eram mais comuns entre os imigrantes mais abastados.

Apesar de identificar o bom andamento da produção agrícola de Blumenau em 1877, Dr. Hermann Blumenau alertava que para o desenvolvimento da colônia eram necessários mais engenhos para o processamento dos cultivos locais.²⁵⁸ O quadro abaixo apresenta o crescimento no número destes estabelecimentos industriais na colônia Blumenau de 1861 á 1880.

²⁵⁸ Mapa Estatístico da Colônia Blumenau sobre fim de 1877. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668.

Tabela 3 – Estabelecimentos Agrícolas (1861-1880)²⁵⁹

Estabelecimentos	1861	1865	1870	1875	1880
Engenhos de Açúcar	50	53	80	97	154
Engenhos de Farinha de Mandioca	47	47	70	95	142
Alambiques	51	61	68	88	143
Engenhos de moer grãos	2	5	14	19	27

Fonte: COLOMBI, L. V. *A economia de Blumenau nos seus trinta primeiros anos: período pré-industrial (1850-1880)*. IN: **Revista de Divulgação Cultural**, 9 (29), p.1-11, 1986. p.11

A partir da Tabela 3, observamos o maior número de estabelecimentos transformadores de cana-de-açúcar, representados pelos engenhos de açúcar e pelos alambiques, existentes na colônia Blumenau. Em segundo plano, mas também com grande importância, aparecem os engenhos de farinha de mandioca. Os engenhos de moer grãos e as serrarias existiam em quantidade muito menor. O crescimento no número de estabelecimentos nos cinco períodos apresentados seguiu certa estabilidade, acompanhando o crescimento populacional da Colônia Blumenau.

Na década de 1870 o Brasil passou a receber um grande contingente de imigrantes de origem italiana que chegavam ao Brasil fugindo dos graves problemas econômicos e sociais que enfrentavam na Europa. Neste contexto, grande parte deles tinha como destino o trabalho nas lavouras de café no sudeste brasileiro. Outra parte destes italianos, em condições financeiras mais favoráveis, teve como direção o sul do Brasil para vida como colonos proprietários. A colônia Blumenau, até então essencialmente formada por teutos, fundou novos núcleos coloniais em regiões hoje ocupadas por municípios como Ascurra, Rodeio e Apiúna. A colonização destas novas áreas por itálos, além de aumentar as áreas cultivadas, estimulou a valorização de outras culturas agrícolas como o arroz.

²⁵⁹ Os dados de produtos derivados da produção animal foram incluídos para contribuir com possíveis comparações.

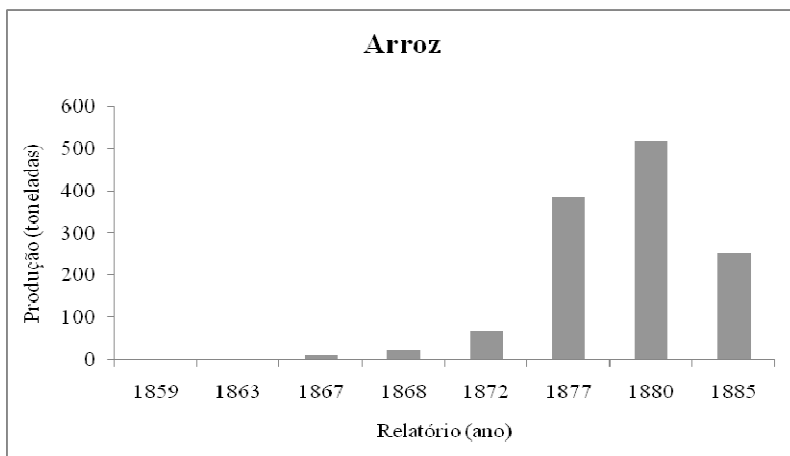


Gráfico 10: Arroz

Fontes: (Idem Tabela 1)

O gráfico 10 demonstra claramente a valorização da rizicultura a partir da chegada dos italianos. Apesar de algumas variações, o arroz torna-se um dos principais cultivos do vale do Itajaí e assim permanece por um longo período. O cultivo de espécies de arroz irrigado foi possível em regiões de várzea que permitiam a inundação através de uma intervenção substancial na paisagem e no meio natural da região. Ainda hoje, a rizicultura é uma das principais atividades econômicas dos antigos núcleos coloniais italianos da região.

O fumo, atividade que tem sua história no Brasil muito vinculada com a pequena propriedade familiar, pode ser reconhecido com um dos cultivos que simbolizaram a produção colonial de Blumenau. As expectativas com sua produção já eram destacadas pelo Dr. Blumenau desde os primeiros anos da colonização em depoimentos como este: *“A cultura do fumo promete na colônia agora bem fundadas esperanças de grande sucesso – os dois homens que mencionei no último relatório, com o dedicarem-se a este trabalho e o fabrico de charutos, colherão folhas para 45 até 50 mil charutos e estão neste momento no fabrico dos mesmos. Principiavam, porém, muito tarde o*

preparo das terras e contam que no presente ano hão de colher bastante folhas para 100 mil charutos pelo menos”²⁶⁰

A importância deste cultivo na história da colônia Blumenau também foi registrada pelo agrônomo italiano Giovanni Rossi, diretor da Estação Experimental de Rio dos Cedros, em sua análise sobre os cinquenta anos de Blumenau. Segundo ele, *“Entre as culturas anuais nos cinquenta anos de Blumenau destaca-se o plantio do fumo (tabaco), que neste ano forneceu para nossa exportação cerca de 200.000 kg de folhas, pagas em média a 10\$000 a arroba. O solo rico de húmus e de potassa, o clima quente e úmido e chuvoso permitem obter folhas muito grandes e finas e combustíveis, próprias para a fabricação de charutos”*. Rossi ainda advertia em seu artigo: *“certamente que o aperfeiçoamento ao qual está sujeito este ramo agrícola, poderá desencadear para o futuro uma produção de alto nível comercial” antecipando a futura instalação de indústrias de beneficiamento de fumo em Blumenau.”²⁶¹*

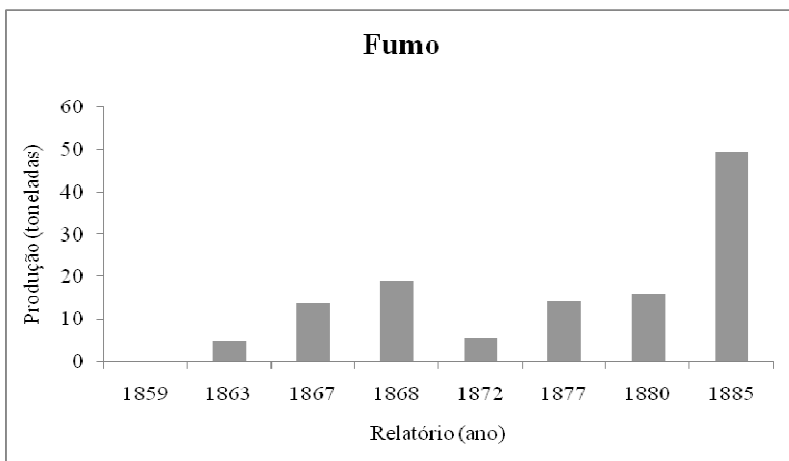


Gráfico 11: Fumo

Fontes: (Idem Tabela 1)

²⁶⁰ Relatórios sobre a Colônia Blumenau. In: **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau. Tomo I- n° 6 – abril de 1958. p. 106.

²⁶¹ ROSSI, Dr. Giovanni. Agricultura. In: **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau. Tomo IXX. n° 11 e 12 – Nov/Dez de 1977.

O gráfico 11 indica que a produção de fumo cresceu de forma significativa a partir dos anos 1880. Este quadro estaria relacionado com o estímulo a sua produção a partir da chegada dos imigrantes italianos em Blumenau. A criação da Estação Experimental de Rio dos Cedros também pode ser identificada como um dos fatores que contribuíram para o desenvolvimento progressivo do cultivo de fumo.

O café, principal produto brasileiro deste período, não estava entre os maiores cultivos de Blumenau, no entanto, sua presença foi registrada em diversos relatórios coloniais. A existência dos cafezais nas paisagens agrícolas do vale do Itajaí ajuda a ilustrar a pluralidade das atividades agrícolas da região. Além disso, vale ressaltar que esta era mais uma cultura agrícola em que o cultivo era praticamente desconhecido dos europeus.

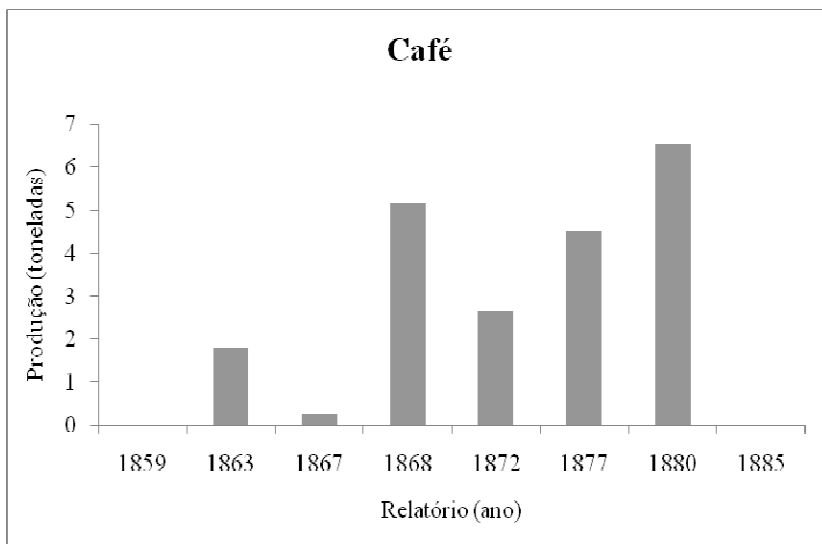


Gráfico 12: Café

Fontes: (Idem Tabela 1)

Segundo os relatórios coloniais, existiam cafezais em algumas propriedades e entre eles costumava-se plantar milho, feijão e aipim. O gráfico 12 aponta para uma oscilação da produção de café nos intervalos analisados. Esta condição estava, geralmente, relacionada a fatores

climáticos como, por exemplo, as geadas nos invernos mais rigorosos. No relatório de 1862, Dr. Hermann Blumenau enfatizou os impactos negativos do clima na produção colonial ao relatar que “*a diminuta produção neste ano de açúcar, cachaça e café, que sofreram com a geada, foi o que mais se fez sentir pois que não atingiu a terça parte da produção que deveria dar, se não tivesse caído a geada.*”²⁶²

Mesmo com as dificuldades dos impactos das geadas, o Dr. Hermann Blumenau não cansava de estimular a atividade. Em 1867, ele fez o seguinte comentário a respeito dos cafezais na colônia:

Quanto à plantação e cultura de cafeeiros, acham-se os lavradores bastante esmorecidos, porque pelas geadas nos anos de 1864 e 1866 quase todas as árvores foram destruídas. Dando-se porém o cafeeiro muito bem nessa colônia e com abundantes frutos, não cansarei em animar os colonos à cultura do café e mandar distribuir mudas no próximo ano, tanto mais que as geadas fortes são raras – nos últimos 15 anos só duas vezes, no ano de 1864 e de 1866 – e além disso há localidades menos expostas às geadas e que por isso são bem próprias à cultura do café.²⁶³

Período Municipal

Como antecipamos anteriormente, a obtenção de dados referentes à produção agrícola de Blumenau a partir da consolidação de sua emancipação exigiu uma estratégia diferenciada. Ao invés da descrição da produção blumenauense, os relatórios municipais apresentavam o quanto o município exportou em cada ano. Esta exportação referia-se a saída dos produtos do município para outras regiões do estado, do país ou mesmo para outros continentes. Em alguns deles, junto à quantidade exportada também aparece o valor arrecadado com cada produto.

²⁶² Relatório da Colônia Blumenau de 1862. In: **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau. Tomo V – nº 4- abril de 1962. P.61-66

²⁶³ Colônia Blumenau: Relatório Geral sobre o ano de 1866-1867. In: **Revista Blumenau em Cadernos** – Tomo XLI – nº 5 – Maio, 2000. p. 24.

Além da mudança na forma de apresentação, enfrentamos dificuldades na obtenção de dados estatísticos para o intervalo entre 1885 e 1908. Em função da ausência deste tipo de informação ou mesmo da própria existência de relatórios de determinados anos nos arquivos pesquisados, o intervalo entre as informações referentes à produção colonial e municipal foi relativamente extenso.

A tabela abaixo apresenta os números da exportação de produtos do reino vegetal entre 1908 e 1928. A escolha deste intervalo é justificada pela própria existência de relatórios e pelo tipo de informação encontrada.

Tabela 4 – Exportação de Blumenau (1908 – 1928) – Reino Vegetal²⁶⁴

Exportação Blumenau (em toneladas)	Rel.1908⁽¹⁾	Rel.1910⁽²⁾	Rel.1915⁽³⁾	Rel.1920⁽⁴⁾	Rel.1925⁽⁵⁾	Rel.1928⁽⁶⁾
Açúcar	10,0	309,8	1138,0	1281,6	1293,6	578,2
Araruta	2,1	0,0	7,0	0,0	0,0	0,0
Arroz	90,9	39,4	313,9	2484,2	3676,9	3088,2
Batata inglesa	0,1	1,3	9,0	0,0	0,0	0,0
Café	0,0	0,0	2,1	40,9	18,0	46,5
Farinha de mandioca	8,8	1,1	241,0	856,3	0,0	508,7
Farinha fina (araruta, tapioca, etc)	0,0	0,0	0,0	330,6	1260,0	1563,8
Feijão	1,9	17,6	20,2	239,9	220,8	161,3
Fio de algodão	0,0	0,0	2,1	0,0	0,0	0,0
Fubá	0,0	0,0	5,1	0,0	0,0	0,0
Fumo em folhas	472,0	104,2	254,1	1460,0	464,0	1405,5
Fumo em rolos (corda)	13,4	8,6	10,5	13,8	14,9	0,0
Erva mate	140,6	0,0	411,5	65,0	171,6	319,8
Milho	0,6	24,2	12,8	426,5	453,2	421,0

Fontes:

- (1)Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1908, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. p.28-29. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.
- (2)Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1910, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. p.28-29. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

²⁶⁴ As estratégias de apresentação dos dados estatísticos variavam conforma cada relatório e, por isso, a ausência de informações sobre determinados produtos (registrada como zero) não deve ser interpretada como um abandono desta cultura.

- (3) Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1915, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. Quadro com Estatística da Exportação do Município em 1915. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.
- (4) Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1920, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Paulo Zimmermann. p.29-30. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.
- (5) Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1925, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Curt Hering. p.18-19. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.
- (6) Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1928, apresentado ao Conselho Municipal pelo Prefeito Curt Hering . p.18-20. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Ao analisarmos a Tabela 4 percebemos algumas diferenças significativas em relação à anterior sobre a produção colonial. Em primeiro lugar, devemos ter clareza que muitos produtos cultivados em grande quantidade em Blumenau não tinham a exportação como seu principal destino. A ausência de informações sobre os tubérculos e a redução da importância do milho são exemplos disso. A valorização destes cultivos pode ser percebida pelo grande crescimento da criação de suínos e a produção de banha que serão analisadas a seguir. Desde os primeiros tempos da colônia, estas culturas eram destinadas basicamente ao consumo interno. Em relatório de 1856, o Dr. Blumenau já afirmava: *a presente colheita de milho será importante; como, porém, o pão de milho forma a base da nutrição da quase totalidade dos colonos e além disso muito se gasta para o gado, não sobrarão muito para exportação.*²⁶⁵

Sessenta anos depois, o milho permanecia com destacada importância para alimentação humana e animal como mostra trecho do relatório de 1916.

A colheita de milho desta anno será inferior à do anno passado, que é classificado excellente. Em todo caso não há motivos de se recear que este anno haja falta deste alimento tão procurado e tão importante para o homem e para os animaes nem

²⁶⁵ Relatório do Dr. Blumenau – 1856. In: **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau. Tomo II. n° 2. Fevereiro, 1959. p. 25.

que alcance preços exorbitantes, visto existirem ainda reservas da última colheita que darão por mais algum tempo.²⁶⁶

Entre os principais gêneros agrícolas exportados por Blumenau nas primeiras décadas do século XX estavam o açúcar, o arroz, a farinha de mandioca, a erva mate e o fumo. Destes, as principais novidades eram justamente os dois últimos. A erva mate, extraída dos ervais catarinenses, ganhou cada vez mais importância com a expansão de Blumenau em direção ao Alto Vale do Itajaí. Esta cultura tem sua prática muito ligada aos rurícolas nacionais - indígenas e caboclos - que há muito praticavam sua extração no planalto. O crescimento da produção e comercialização de erva mate não foi um fenômeno isolado de Blumenau. Neste mesmo intervalo analisado ela aparecia entre os principais produtos exportados por Santa Catarina. A grande quantidade de erva registrada nos dados estatísticos era em sua maioria oriunda de outras regiões e tinha Blumenau como “passagem”. A maior parte dela era exportada para Joinville onde seria beneficiada e preparada. Esta situação foi registrada no relatório Municipal de 1917:

A produção de herva-mate, neste município ainda é muito pequena para exportação e o consumo interno, de maneira que a quantidade de herva-mate que figura na lista de exportação, deve ser considerada em “transito” procedente da região serrana.

Devida á baixa considerável do valor da herva-mate (não beneficiada para exportação) diminuiu a chegada da herva da região serrana em 1917, sendo a exportação de pouca monta em comparação com a dos anos antecedentes.

A herva-mate, aqui recebida, é exportada a Joinville onde é beneficiada e preparada.²⁶⁷

²⁶⁶ Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1916, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Snr. Paulo Zimmermann. p.5 Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

O açúcar, assim como nos períodos estudados anteriormente, aparece entre os principais produtos de Blumenau. Em 1910 e 1915, por exemplo, foi o produto com maior volume exportado pelo município. Vale lembrar que além do açúcar, a aguardente também era produzida pelos colonos blumenauenses e sua exportação foi registrada em diversos relatórios analisados. Segundo os dados oficiais, Blumenau possuía em 1916 405 engenhos de açúcar.²⁶⁸ Estas informações nos permitem concluir que os cultivos de cana-de-açúcar seguiram ocupando espaços importantes no processo de ocupação e transformação ambiental da floresta subtropical atlântica.

A exportação de farinha de mandioca, araruta e farinha fina (araruta, tapioca, etc) demonstra que as culturas nativas avançaram o século XX como cultivos freqüentes nas áreas coloniais. O processamento destes vegetais indica ainda que a relação entre os colonos e estes cultivos não ocorreu apenas nos primeiros anos da colonização européia na região.

Outro aspecto de grande relevância para análise é a significativa ampliação da importância dos cultivos de arroz a partir do século XX. Conforme já mencionamos, os arrozais ganharam espaços privilegiados com a chegada dos imigrantes italianos a partir da década de 1870. O arroz, por exemplo, foi o principal produto em volume exportado por Blumenau nos dados apresentados pelos relatórios de 1920, 1925 e 1928. O relatório da Superintendência Municipal de 1917 destacou o crescimento da rizicultura e apresentou interessante análise sobre a dimensão das áreas de cultivo e os impactos ambientais desta atividade em Blumenau. Neste documento o Senhor Paulo Zimmermann, então superintendente, afirmava:

O cultivo de arroz no Município augmentou de anno em anno. Em alguns districtos – Rodeio, S. Pedro, S. Paulo, Diamante, Guaricanas – os lavradores fizeram grandes canaes para regular a

²⁶⁷ Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1917, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Snr. Paulo Zimmermann. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

²⁶⁸ Idem.

irrigação das plantações de arroz, tendo obtido bons resultados. A terra cultivada e plantada, no ano passado, foi avaliada aproximadamente em 680 a 750 hectares. Os arrozaes, conforme as informações, acham-se em ótimo estado, prometendo para o princípio do ano de 1918 uma colheita maior do que no ano passado.²⁶⁹

De acordo com o mesmo relatório, “*a produção total de 1917, para exportação, semente e o consumo foi calculada em 45000 a 50.000²⁷⁰ saccos de arroz em casca, no valor de 315 a 350 contos de réis (1 sacco – 80 litros²⁷¹ – Rs. 7\$000)*”.

Os dados de exportação de fumo, cultura que teve um papel de destaque no período colonial, nos demonstram que este se manteve entre os mais cultivados de Blumenau. Sua comercialização ocorria em folhas e em “rolos de corda”. Os relatórios municipais e, inclusive os estaduais, registram que este era um dos produtos mais rentáveis para os produtores do vale do Itajaí. Mesmo sendo praticado desde o início da colonização, esta atividade também esteve muito vinculada a colonização italiana na região. Em meio aos impactos no Brasil da Grande Guerra Mundial (1914-1918), os relatórios municipais apontavam esta atividade como uma alternativa.

A conflagração européia, cujos efeitos se fazem sentir em todo o mundo, também exerceu sua influencia assoladora sobre a economia do Brazil. (...) A exportação dificultada prejudicou especialmente aos nossos concidadãos de origem italiana ou austro-italiana, acostumados a venderem seu producto principal – o fumo – ás regias da Áustria e da Itália.²⁷²

²⁶⁹ Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1917, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Snr. Paulo Zimmermann. p.5 Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

²⁷⁰ 3000 a 3335 toneladas (valor aproximado)

²⁷¹ Aproximadamente 66,7 quilos de arroz.

²⁷² Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1915, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. p. 3-4. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Apesar da valorização da produção de fumo os relatórios registravam preocupação com o aperfeiçoamento da fabricação de seus derivados.

A cultura do fumo no Município aumentou novamente nos últimos três annos e a plantação do anno passado, que será colhida em Janeiro até abril próximo dá a esperança d'uma boa safra, tanto em quantidade com em qualidade. (...) Os cultivadores de fumo usam até agora para seccar e fermentar as folhas o systema antiga: pendurar as folhas verdes em edificios mal cobertos e fechados etc., prejudicando assim a qualidade do fumo em folha. Felizmente os lavradores mostram uma enérgica iniciativa para empregar no futuro os processos mais modernos e provados para seccar e fermentar etc as folhas em edificios próprios construídos para esse fim.²⁷³

Como demonstram os dados apresentados, os resultados da produção de café eram pouco significativos. Até 1930, este ainda era o principal produto da economia nacional, mas a produção de Blumenau sofria muito com o clima da região. Em 1927,

a cultura do café, iniciada já nos primeiros tempos da fundação da colônia, especialmente no districto de Gaspar e nos districtos ruraes Rio Texto, Itoupava, Indayal, Encano etc tem diminuído de anno em anno, devida a continuada destruição das plantas pela geada. Existem no município, nos districtos antigos, situados abaixo das serras geral e do mar, numerosas, porém insignificantes plantações, em geral variando entre 5 até 50 árvores. A colheita annual é

²⁷³ Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1917, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Snr. Paulo Zimmermann. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

avaliada em 300 mil kilogramas de café descascado e o consumo corresponde a esta quantidade.²⁷⁴

Observamos que a diversidade da produção agrícola foi uma das características essenciais da produção rural de Blumenau ao longo dos cerca de oitenta anos analisados pela pesquisa. O que foi mais ou menos cultivado estava cada vez mais relacionado às relações de mercado. Entre estes casos, percebemos nos números apresentados o aumento na importância dos produtos derivados da criação de animais como: banha, manteiga, queijo, etc., na economia local e estadual. Esta atividade também foi responsável por impactos significativos no ambiente e na paisagem de Blumenau. Além da ampliação das pastagens, uma série de cultivos, como o milho e os tubérculos, foram ampliados com em função da nutrição animal.

3.2.2 – Criação de animais e produção de derivados

Portanto, ao lado da agricultura, a criação de animais também teve um papel importante dentro da vida rural dos imigrantes. A participação dos animais na economia colonial, assim como nas atividades agrícolas, era caracterizada pela pluralidade. As criações eram destinadas à subsistência, a produção de derivados para comercialização e a utilização como tração e transporte. A estrutura das propriedades coloniais, geralmente, contava com a participação de bovinos, suínos, eqüinos e aves.

Alguns relatórios coloniais apresentavam, assim como a produção agrícola, a quantidade aproximada do patrimônio animal de Blumenau. Estas informações também nos auxiliam na compreensão sobre os impactos ambientais da colonização européia no vale do Itajaí. Entre os animais de criação, apenas vacas, porcos, aves e abelhas possuíam real

²⁷⁴ Idem.

importância comercial. Os cavalos, mulas e as parelhas de bois²⁷⁵ destinavam-se exclusivamente ao transporte e tração, enquanto cabras e carneiros, existentes em escala reduzida, eram basicamente de consumo doméstico. O quadro²⁷⁶ abaixo apresenta o patrimônio animal da colônia Blumenau em seis momentos distintos; 1856, 1862, 1868, 1873, 1877 e 1880.

Tabela 5 - Criação de animais na Colônia Blumenau

Animal	Ano / Quantidade					
	1856 ⁽¹⁾	1862 ⁽²⁾	1868 ⁽³⁾	1873 ⁽⁴⁾	1877 ⁽⁵⁾	1880 ⁽⁶⁾
Gado Vaccum	76	636	2065	3830	8500	9340
Cavalos	11	84	520	820	2500	2405
Cabras		26	70	210	90	38
Suínos	134	1492	6420	12760	24500	27000
Aves domésticas (aprox.)		7900	25120	63120	88000	101800
Muare			60	241	300	402
Carneiros			292	168	95	102

Fontes:

(1) Relatório do Dr. Blumenau – 1856. In: Revista Blumenau em Cadernos. Blumenau. Tomo II. nº2. Fevereiro, 1959.

²⁷⁵ Parelhas de bois é como chama-se um conjunto de dois bois utilizados nos chamados “carros de boi”.

²⁷⁶ A ausência de valores para mulas e carneiros no anos de 1861 indica que ou não haviam animais destas espécies ou que sua quantidade não foi registrada no relatório analisado.

- (2)Dados obtidos no Relatório Colonial de 1862 em: Revista Blumenau em Cadernos. Tomo V- n°4 – Abril de 1962. p.63
- (3)Dados obtidos no *Mapa estatístico da Colônia Blumenau do ano de 1868*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.33 332.
- (4)Dados obtidos em: *MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA BLUMENAU DO ANO DE 1873 IN: FALA DIRIGIDA Á ASSEMBLÉIALEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 25 DE MARÇO DE 1874 PELO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1874*. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 20 de novembro de 2010.
- (5)Dados obtidos no *Mapa estatístico da Colônia Blumenau sobre o fim de 1877*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668.
- (6)Dados obtidos no *Mapa demonstrativo da situação, origem e condições da Colônia Blumenau referentes ao ano de 1880*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.85 859.

A utilização de cavalos estava diretamente relacionada ao transporte e tração, entretanto, a possibilidade de acesso a estes animais é carregada de simbolismo. Nas colônias do sul do Brasil, a posse de cavalos, inacessível aos simples camponeses na Alemanha, torna-se comum entre os imigrantes, sendo utilizados por homens, mulheres e crianças. Para Emílio Willems, “uma camponesa montada em cavalo seria a idéia mais extravagante para o cérebro conservador do alemão rústico”.²⁷⁷

Assim como os eqüinos, o gado vacum também era utilizado para o transporte, entretanto, sua principal função econômica estava vinculada a produção leiteira e seus derivados. Ao contrário do que ocorreu com a agricultura, os lavradores nacionais pouco influenciaram na maneira de criação dos animais. Em 1856, ou seja, nos primeiros anos da colonização, o Dr. Hermann Blumenau fez grandes elogios aos métodos de criação utilizados por um dos colonos. Segundo ele, este teria conseguido sucesso com a adoção do modelo alemã de criação.

Um colono ativo e inteligente já preparava terras para o mesmo fim e fez, além disso, o experimento de tratar uma vaca de leite, inteiramente da maneira que se segue na

²⁷⁷ WILLEMS, Emílio. *Assimilação e Populações Marginais no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940. p. 68.

Alemanha setentrional, isto é, conservá-la sempre num curral coberto e dar-lhe aí forragem, dispensando-se assim qualquer pasto de grama ou capim. Para este fim, plantava também à moda da Europa, o milho de maneira muito apertada e o cortava a meia altura ou depois de 8 a 14 semanas. O resultado foi bem satisfatório; a vaca apesar de não ser acostumada a tal tratamento dava muito leite e se conservava bem gorda, colhendo-se de esterco, livre de sementes de más ervas e em quantidade maior, do que precisava para fortemente estrumar o terreno, que havia produzido o milho comido pela vaca e conservá-lo na mesma e até em maior fertilidade e este terreno foi relativamente estreito. O referido colono, aliás muito ativo e trabalhador, pretende continuar neste experimento, de que espera colher os melhores resultados, tanto para a criação, a produção de leite, manteiga e queijo, como para sua lavoura propriamente dita. Não precisando assim de pasto natural, tem sempre maior extensão de terras para plantar e muito menor pena com a capinagem, pois o capim e a grama custam imenso trabalho a destruir, quando uma vez enraízam em fértil terreno; além disso, é óbvio que em tal sistema de economia nunca pode haver terras cansadas e com o emprego do arado e dos mais instrumentos aratórios de menor superfície, se colhe rendimentos sem aumento e mesmo com redução do trabalho.²⁷⁸

Este modelo de criação com confinamento integral era viável ao frio europeu, mas a potencialidade de pastagens pelo clima do Brasil meridional não poderiam ser desconsideradas pela sua viabilidade econômica. Desta forma, os modelos de criação mais adotados nas

²⁷⁸ Relatório do Dr. Blumenau – 1856. **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau. Tomo II. n.º 2. Fevereiro, 1959. p. 25.

regiões coloniais seguiram uma mescla entre o confinamento e a nutrição pelas pastagens.

A introdução de espécies animais também foi preocupação freqüente das autoridades coloniais e municipais. Em 1856, Dr. Blumenau registrou este tipo de iniciativa:

Das quatro novilhas de raça taurina*, que introduzi e que se conservam em ótimo estado, espero a primeira criação genuína para o ano próximo, com também criação bastarda dos dois touros da mesma raça, que existem, com as vacas do lugar. O melhoramento da raça do gado do país, acertadamente dirigida, contribuirá, vigorosamente, para a prosperidade da lavoura da colônia e, por isso, lhe dedico todos os esforços possíveis. O seu efeito já se evidencia nas aves, sendo que, pela introdução das galinhas de “cochin”, que promovi, faz dois anos, a raça existente se tornou muito mais produtiva e aproveitável. Introduzi, também, algumas cabras da melhor raça da Alemanha, que dão até seis garrafas de leite por dia.²⁷⁹

Observamos que além dos bovinos, a criação e comercialização de aves e seus ovos é registrada nos depoimentos e relatórios oficiais da colonização de Blumenau. Mesmo quando ausentes de uma lógica comercial, a criação de galinhas era recurso fundamental para o consumo da própria família.

As cabras, também citadas pelo diretor, nunca estiveram grande espaço na produção rural blumenauense, entretanto, vale registrar que sua utilização era uma alternativa para produção de leite e consumo de carne para os colonos.

Os suínos, assim como os bovinos de leite, tinham na produção de derivados a sua maior importância. A banha produzida em Blumenau, por exemplo, atinge grande importância da pauta de

* Leia-se aqui raças bovinas.

²⁷⁹ Relatório do Dr. Blumenau – 1856. **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau. Tomo II. nº 2. Fevereiro, 1959. p. 109

exportações de Santa Catarina entre o final do século XIX e início do século XX.

Como já antecipamos em outros momentos, a produção de laticínios foi uma atividade importante da produção rural Blumenauense. Nos primeiros anos, a produção era destinada quase que em sua totalidade para o consumo interno.²⁸⁰ Os dados estatísticos apresentados abaixo demonstram que aos poucos a produção de manteiga e queijo vão ganhando cada vez mais relevância.

Tabela 6 - Produção de Gêneros de origem animal da Colônia Blumenau

Produção Col. Blumenau (em t)	Rel. 1859	Rel. 1863	Rel. 1867	Rel. 1868	Rel. 1872	Rel. 1877	Rel. 1880
Manteiga	0,0	5,4	17,5	32,3	36,9	85,0	115,8
Queijo	0,0	3,7	22,1	19,3	0,0	115,0	128,8
Cera	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4	0,4	0,3
Mel	0,0	0,0	0,0	0,0	1,9	2,4	1,9

Fontes:

(1) Relatório do Presidente da Província de Santa Catharina, Francisco Carlos d'Araújo Brusque apresentado à Assembléia Legislativa Provincial na 2ª Sessão da 10ª legislatura. Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro e Comp. a, 1861. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/948/> acessado em 23/12/2010.

(2) Relatório apresentado á o ex. 1 vice Presidente da Província de Santa Catharina, o commendador Francisco José d'Oliveira pelo exm. Presidente, Pedro Leitão da Cunha por ocasião de passar-lhe a administração da mesma província em 19 de dezembro de 1863. Desterro, Tup. Commercial de J.A. do Livramento, 1863. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/950/> acessado em 23/12/2010.

(3) Colônia Blumenau; Mappa Estatístico do anno de 1868. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.33 332

(4) Colônia Blumenau; Mappa Estatístico do anno de 1868. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.33 332

(5) Relatório do vice presidente da província Santa Catharina, dr. Guilherme Cordeiro Coelho Cintra, apresentado á Assembleia Legislativa Provincial em 25 de março de 1872. Cidade do Desterro, 1872. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/959/> acessado em 23/12/2010.

(6) Mappa Estatístico da Colônia Blumenau sobre fim de 1877. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668.

²⁸⁰ Idem.

(7) Mappa Demonstrativo da Situação, Origem e Condições da Colônia Blumenau, fundada pelo Dr. Hermann Blumenau em 1852 e transferida ao Estado em 1860, na Província de Santa Catarina. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.85 859

(8) Relatório apresentado á Assembleia Legislativa de Santa Catharina na 1ª sessão de sua 26ª legislatura do presidente, Dr. Francisco José da Rocha , em 21 de julho de 1886. Desterro, Typ do Conservador, 1886. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/971/> acessado em 23/12/2010.

A tabela 6 foi baseada nos dados apresentados nos relatórios coloniais e nela percebemos a presença apenas de derivados da bovinocultura leiteira e da apicultura. Esta última atividade foi mais uma iniciativa do Dr. Blumenau que introduziu espécies conhecidas na Europa.

O gráfico abaixo apresenta o crescimento da produção manteiga, principal laticínio produzido em Blumenau desde o período colonial. No capítulo anterior também observamos o aumento das áreas de pastagem para criação de gado a partir de 1868. A produção de laticínios somada à suinocultura e seus derivados tornaram-se a partir do século XX a base econômica do município como demonstrarão os dados analisados na seqüência deste capítulo.

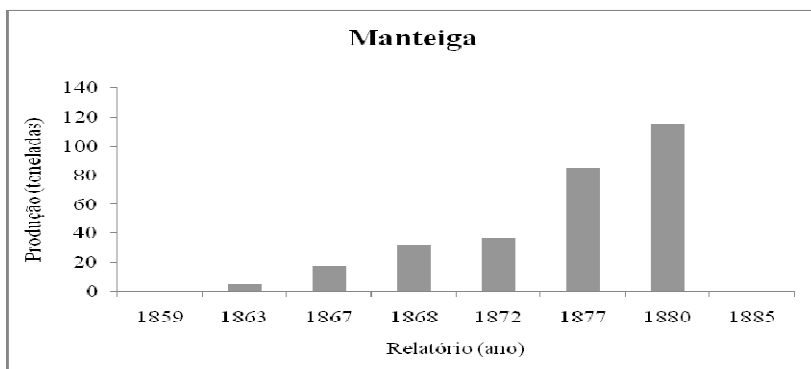


Gráfico 13: Manteiga

Fontes: (Idem Tabela 4)

A criação animal no período municipal esteve ausente da maior parte dos relatórios analisados. Apenas em 1921, localizamos de forma detalhada este patrimônio. É possível observar o domínio significativo dos bovinos e suínos. Veja o quadro abaixo:

Tabela 7 - Patrimônio Animal de Blumenau em 1921

A existência de gado vaccum, cavalar e muar, suíno, lanigero e caprino no fim de 1921 é a seguinte:		
Gado vaccum: vaccas leiteiras, novilhas e terneiros	37 600	46 500
Touros, reprodutores, bois, tourinhos e novilhos	8 900	
Gado cavallar: garanhões reprodutores e cavalos	7 350	14 500
Eguas, potrinhas, eguinhas, etc	7 150	
Gado muar	-	650
Gado suíno na idade de mais de 9 meses	44 000	72 000
Gado suíno na idade de menos de 9 meses	28 000	
Gado lanigero	-	620
Gato caprino	-	580

Fonte: Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1921, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Paulo Zimmermann.p.7. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Para analisar a produção de derivados, apresentamos uma nova tabela com a apresentação em toneladas da exportação de produtos de origem animal de Blumenau para outras regiões de Santa Catarina, do país e até do mundo entre 1908 e 1928. Como já afirmamos, a banha e a manteiga apresentam-se como os principais produtos. Entre as curiosidades importantes está a comercialização de couro, também derivado da bovinocultura.

Tabela 8 - – Blumenau: Exportação de Produtos de origem animal

Produtos (em Toneladas)	Rel. 1908	Rel. 1910	Rel. 1915	Rel. 1920	Rel. 1925	Rel. 1928
Banha	461,6	403,1	836,4	874,5	1381,4	1548,9
Carnes e conservas (suínos)	46,8	31,1	88,7	97,1	168,6	0,0
Sebo	0,1	0,4	0,1	0,0	0,0	0,0
Cera	1,8	1,9	0,2	1,9	5,4	4,7
Couro curtido	0,0	0,0	0,0	0,0	11,4	30,8
Couro Salgado	0,0	0,0	0,0	0,0	12,7	68,4
Couros grandes	0,0	4,9	7,2	47,9	0,0	0,0
Couros pequenos	0,0	1,2	2,8	0,0	0,0	0,0
Manteiga	642,2	595,7	626,8	634,7	721,5	738,6
Mel	0,1	0,1	0,4	3,0	21,6	18,0
Presunto, Lingüiça, Salame	0,0	0,0	0,0	0,0	25,5	41,6
Queijo	0,9	0,1	9,8	76,7	332,7	464,6

Fontes:

- (1)Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1908, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. p.28-29. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.
- (2)Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1910, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. p.28-29. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.
- (3)Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1915, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. Quadro com Estatística da Exportação do Município em 1915. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.
- (4)Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1920, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Paulo Zimmermann. p.29-30. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.
- (5)Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1925, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Curt Hering. p.18-19. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.
- (6)Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1928, apresentado ao Conselho Municipal pelo Prefeito Curt Hering . p.18-20. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

A análise do volume exportado é apenas uma das estratégias para compreensão da ocupação espacial de cada atividade. A importância econômica de cada atividade também pode ser interpretada a partir dos valores de exportação. Na primeira tabela abaixo, por exemplo, observamos a supremacia dos produtos de origem animal nos

anos de 1910, 1913, 1915 e 1918. No ano de 1919, os valores adquiridos com a exportação de produtos do reino vegetal foram um pouco superiores. Esta situação pontual é justificada nos relatórios municipais em função da epizootia* que atingiu o rebanho leiteiro do vale do Itajaí e seu controle ocorreu após grandes dificuldades.

**Tabela 9 - Blumenau: Exportação 1910-1919
(Reino Vegetal x Reino Animal)**

Produtos Exportados					
Ano	Reino animal	Reino vegetal	Mistos fabr.com gêneros importados	Fabr. com matéria prima importada (tecidos etc)	Valor total exportado
1910	1 386:100\$	687:000\$	110:000\$	550:000\$	2 733:100\$
1913	1 091:780\$	659:740\$	139:000\$	700:000\$	3 320:520\$
1915	1 584:349\$	819:116\$	123:200\$	521:000\$	3 047:665\$
1918	1 979:600\$	2 033:100\$	160:000\$	1 000:000\$	5 172:700\$
1919	2 958:300\$	2 608:220\$	167:680\$	1 500:000\$	7 234:260\$

Fonte: Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1919, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Paulo Zimmermann, p.21. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Na tabela a seguir observamos a mesma comparação para os anos de 1919, 1920, 1921, 1922 e 1923. Neste caso, percebemos mais uma vez o domínio dos produtos do reino animal nos quatro anos apresentados. Apenas em 1923 os gêneros de diversas indústrias foram superiores em arrecadação. A novidade destes dados é a ampliação progressiva da comercialização de madeiras a partir de 1922. Os valores adquiridos em 1922 se aproximaram em muito da exportação dos gêneros do reino vegetal. Veja:

* Os relatórios analisados não especificaram o tipo de epizootia que atingiu grande parte dos bovinos de Blumenau.

**Tabela 10 - Blumenau: Exportação 1919-1923
(Reino Vegetal x Reino Animal)**

Comparação dos valores exportados pelo Município de Blumenau na época dos últimos 5 anos (de 1919 a 1923):					
	1919	1920	1921	1922	1923
Gêneros exportados do:	Valor	Valor	Valor	Valor	Valor
Reino animal	2 958:300\$	3 300:890\$	3 556:439\$	4 494:480\$	5 952:219\$
Reino vegetal	2 453:700\$	2 885:680\$	2 059:360\$	2 375:300\$	4 367:240\$
Medeira bruta e appurelhada²⁸¹	354:560\$	261:050\$	254:990\$	1 424:000\$	3 290:240\$
Gêneros de diversas indústrias	1 467:680\$	1 979:600\$	3 531:500\$	4 270:000\$	6 147 610\$
Total	7 234:260\$	18 472:220\$	9 402:288\$	12 563:780\$	19 757:309\$
Aumento de ano a ano	40%	17%	11%	33,6%	57%

Fonte: Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1923, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Curt Hering. p.13. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Outro tipo de informação localizada nos relatórios apresenta de forma ainda mais específica os valores arrecadados com a exportação blumenauense entre 1919 e 1921. Nesta observamos mais uma vez o destaque da manteiga e da banha como principais produtos para economia de Blumenau. Entre os produtos do Reino Vegetal, apenas o fumo aparece com uma importância aproximada.

²⁸¹ Não identificamos o significado de *appurelhada*, mas acreditamos que tratava-se de madeiras beneficiadas.

Tabela 11 - Blumenau: arrecadação com exportação 1919-1921

Gêneros exportados	Valores		
	1919	1920	1921
Reino vegetal			
Arroz beneficiado e em casca	553:600\$	673:280\$	684:000\$
Açúcar, cachaça, melado etc	546:200\$	551:680\$	495:000\$
Fumo em folha e seus preparados	1 040:450\$	1 282:360\$	572:000\$
Farinhas etc. de mandioca, aipim e araruta	248:500\$	279:090\$	213:000\$
Diversos produtos: feijão, milho, frutas, etc.	64:970\$	99:270\$	94:960\$
Madeira e seus preparados	154:500\$	261:050\$	254:990\$
Sa. Gêneros do reino vegetal	2 608:220\$	3 146:730\$	2 314:350\$
Reino animal	1919	1920	1921
Manteiga, queijo, couros etc	1 902:215\$	1 995:017\$	1 997:058\$
Banha e carne de porco conservada	1 022:730\$	1 258:263\$	1 485:540\$
Aves domésticas vivas e ovos	30:005\$	42:490\$	66:960\$
Mel e cera de abelhas	2:350\$	5:120\$	5:280\$
Casulos de bichos da seda	-	-	1:500\$
Sa. Gêneros do reino animal	2 958:300\$	3 300:890\$	3 556:338\$
Reino vegetal e animal Sa.	5 566:520\$	6 447:620\$	5 870:688\$

Tecidos de algodão, camisas de meia, meias etc., cobertores acolchoados e outros gêneros mistos e fio de algodão	1 667:680\$	1 979:600\$	3 531:500\$
Valor total da exportação	7 234:200\$	8 427:220\$	8 402:188\$

Fonte: Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1921, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Paulo Zimmermann. p.7. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

A produção de banha e a manteiga de Blumenau não eram importantes apenas para o Município. Os índices de exportação de Santa Catarina demonstram que estes produtos de origem colonial figuravam entre os mais exportados pelo estado. Em 1909, por exemplo, a manteiga e a banha foram superadas apenas pela erva mate como produtos mais valiosos para exportação catarinense²⁸². Mesmo com o sucesso da manteiga, os relatórios oficiais registravam preocupação com a concorrência da manteiga produzida em Minas Gerais. O principal mercado era o Rio de Janeiro, então capital do país, mas outros destinos como o Mato Grosso começavam a aparecer com alternativa. Em contrapartida, em 1909 a banha estava recuperando mercado com o favorecimento dos catarinenses na concorrência com os Estados Unidos.²⁸³ Esta condição fez com ela voltasse a ser o principal produto exportado na década de 1910.²⁸⁴

A mudança na valorização econômica dos diferentes produtos rurais estava vinculada às relações de mercado, aos fatores climáticos e

²⁸² Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1910, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. p.4. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

²⁸³ Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1910, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

²⁸⁴ Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1915, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

as iniciativas individuais e governamentais no estímulo ao desenvolvimento de cada atividade. No capítulo a seguir dedicamos atenção especial as diferentes interferências no processo de transformação das atividades rurais blumenauense. A criação de associações, sindicatos, estações experimentais e de monta, a organização de exposições e o melhoramento das redes de transporte são alguns exemplos de intervenção analisados na seqüência.

CAPÍTULO 4

TENTATIVAS DE MODERNIZAÇÃO DAS PRÁTICAS RURAIS

Neste quarto e último capítulo da tese as atenções ficam voltadas para identificação de contribuições públicas e privadas para a modernização das práticas rurais nas áreas de colonização do vale do Itajaí. Ao menos até a metade do século XX, os avanços técnicos não atingiram as expectativas dos principais críticos da rudimentarização da agricultura colonial. No entanto, estes mesmos sujeitos testemunharam alguns sinais de mudanças técnicas nas práticas rurais coloniais ao longo dos anos. Estas transformações e seus limites são analisados levando em consideração a permanência de uma série de barreiras naturais, econômicas e culturais que marcaram o processo de colonização no vale do Itajaí.

Outro ponto analisado neste capítulo diz respeito ao papel de associações agrícolas, sindicatos rurais, do poder público e de ações particulares no processo de modernização no vale do Itajaí. Entre as iniciativas do poder público analisadas, está a criação de estações experimentais e postos de monta na região. Estas instituições promoviam a introdução e melhoramento de culturas agrícolas assim como o aperfeiçoamento genético das espécies animais através da aquisição de reprodutores e matrizes de qualidade reconhecida. No conjunto destas ações, identificamos a participação dos colonos e sua produção rural nas exposições coloniais, provinciais e até mesmo nacionais e universais como um interessante recurso de análise sobre as transformações existentes na produção rural regional.

4.1 Avanços técnicos e barreiras naturais, econômicas e culturais

As transformações técnicas ocorridas ao longo do processo de colonização no vale do Itajaí não surpreenderam a maior parte de seus visitantes e críticos. Como já observamos, as práticas agrícolas adotadas nesta região eram consideradas muito rudimentares e típica dos lavradores nacionais. Entretanto, cabe ressaltar que entre os motivos para o diminuto avanço técnico estavam barreiras naturais, econômicas e culturais.

Entre as barreiras naturais mais significativas estavam o relevo acidentado e montanhoso do vale do Itajaí e a exuberante floresta

atlântica da região. Aos olhos de ambientalistas e preservacionistas, uma floresta jamais pode ser entendida como uma adversária, entretanto, no contexto da colonização era ela que deveria dar espaço para plantações. Sendo assim, sobravam, junto a terra fértil, tocos e raízes que dificultavam muito a utilização de instrumentos como o arado. Como observamos no capítulo anterior, esta configuração geográfica pode ser entendida como um dos fatores da não utilização de modernas técnicas agrícolas utilizadas na Europa e a consequente adoção de práticas agrícolas típicas dos lavradores nacionais.

Muitas das dificuldades encontradas pelos primeiros imigrantes foram sendo parcialmente superadas ao longo dos anos. O aumento significativo das exportações de Blumenau para outras regiões do país e do mundo estimulou o crescimento da produção excedentes nas pequenas propriedades coloniais. Algumas atividades agrícolas foram ganhando cada vez mais importância justamente por seu potencial comercial. No entanto, ao mesmo tempo em que crescia a atividade comercial exportadora a necessidade de melhorias nos diversos setores vinculados eram cada vez mais exigidas.

No ano de 1899, o governador Felipe Schmidt alertava para o reduzido desenvolvimento da agricultura catarinense e indicava possíveis soluções.

Pouco desenvolvimento tem tido a lavoura em nosso Estado. (...) Ainda assim muitos lavradores há que, a custa de ingentes esforços, **em luta com a falta de conhecimentos praticos e de meios pecuniarios e dispendo de poucas vias de comunicação**, trazem aos mercados productos que, com prodigalidade, offerece a terra áquelles que a cultivam. **Ao congresso compete levantar a lavoura do abatimento em que se acha, despertando a fundação de bancos destinados a auxiliar os nossos lavradores e creando escolas de agricultura**, distribuídas estas de modo que vão servir a diversas zonas onde se torna necessária a sua existência. Possuimos já uma **estação agronômica**, com sede em Blumenau, inaugurada em princípios do corrente anno. **Que outras sejam creadas com caracter absolutamente pratico** e estou certo de que

novo alento será dado á nossa depauperada lavoura.²⁸⁵

Dificuldades de crédito²⁸⁶, a falta de escolas agrícolas, estações agronômicas e boas redes de estradas eram entendidas como razões importantes para os problemas enfrentados. No mesmo sentido, o então vice-governador do estado, Sr. Vidal Ramos Junior, em mensagem enviada a Assembléia Legislativa em 1904²⁸⁷ apontou aquilo que entendia como os maiores entraves as principais medidas necessárias para aperfeiçoar a atividade agrícola nas áreas coloniais de Santa Catarina.

A industria agricola, base principal da nossa riqueza, reclama bem ponderadas medidas de protecção, que auxiliem a iniciativa particular a dar novo vigor á actividade productora. As medidas que, a meu ver, mais podem contribuir para esse fim são: **a redução gradual dos direitos de exportação**, especialmente dos que incidem sobre productos cujos similares gozam de isempção, ou pagam taxas reduzidíssimas em outros Estados; **o ensino profissional pratico**, encaminhado especialmente no sentido de demonstrar aos agricultores as vantagens da applicação de modernos methodos da cultura e de aparelhos aperfeiçoados, que tornam a producção mais facil e por isso mesmo mais barata; **a introdução de reproductores para o melhoramento das raças de gado existentes**, pois é sabido que a industria pecuaria tem grande valor como auxiliar da agricola; **a instituição de premios para estimular a producção** e o

²⁸⁵ Relatório apresentado ao Congresso Representativo de Santa Catharina pelo Governador Dr. Felipe Schmidt, em 10 de Agosto de 1900. Florianópolis, Typ. Moderna, 1899. p.20-21. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/971/> acessado em 23/12/2010. (**grifos meus**)

²⁸⁶ Sobre as questões de crédito na colônia Blumenau ver mais em: HILLESHEIM, Anselmo Antônio. O Crescimento do Mercado interno numa colônia do Império: o caso de Blumenau 1850-1880 (parte 3). **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau: Tomo XLI. N°7 – julho 2000. p. 43-51.

²⁸⁷ Mais de cinquenta anos após a fundação da colônia Blumenau.

aperfeiçoamento dos productos e do modo de acondiciona-los, o que é de muita importancia para alcançarem vantajosa collocação nos mercados consumidores; **a propaganda para o alargamento do consumo de alguns dos nossos productos**, especialmente o matte; e, finalmente, a boa conservação das vias de comunicação existentes e a construção de novas.

Uma outra providencia urgentissima e de grande alcance para o incremento da nossa agricultura é a que diz respeito á **facilidade de transporte para os mercados consumidores**.²⁸⁸

Através de depoimentos oficiais como estes, observamos que algumas das principais barreiras enfrentadas pela agricultura catarinense eram de conhecimento do poder público do Estado. As medidas sugeridas pelo então vice-governador, assim como a Fala de Felipe Schmidt, coincidiam com as frequentes solicitações nas regiões coloniais produtoras. A necessidade de redução da carga tributária de alguns produtos; o estímulo a implantação de cursos técnicos na área agrícola para contribuir para o aperfeiçoamento das técnicas adotadas; o melhoramento genético das raças de animais; a criação de exposições e premiações para os melhores produtores; a propaganda para busca de novos mercados consumidores; e, finalmente, a ampliação e melhoramento das redes de transporte, ganharam cada vez mais espaço nas discussões políticas estaduais.

Na prática, algumas dessas medidas ganharam força entre o final do século XIX e o início do século XX. A criação de estações experimentais e de monta, a organização de exposições agrícolas e a construções de estradas de ferro foram algumas das medidas mais significativas nesse sentido. As regiões coloniais aos poucos conquistavam mais espaço na pauta de exportações de Santa Catarina. No capítulo anterior vimos que produtos típicos das áreas de imigração, como manteiga, banha e arroz, apareciam entre os principais produtos

²⁸⁸ Mensagem enviada ao Congresso Representativo do Estado de Santa Catarina. Vice-Governador Coronel Vidal José de Oliveira Ramos Junior. 24 de Julho de 1904. p. 32 e 33. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/959/> acessado em 23/12/2010 (**grifos meus**)

exportados pelo estado a partir do final do século XIX. Desta forma, a colonização europeia cumpria parcialmente um dos seus objetivos no Brasil: o abastecimento do mercado interno brasileiro. Mesmo assim, a análise da interferência do poder público nas transformações das práticas rurais deve ser feita de forma muito cuidadosa. A criação de estações experimentais e de monta nas áreas coloniais podem ser vistas como iniciativas de grande importância, mas, os próprios registros oficiais demonstram que estas instituições sofriam com os reduzidos recursos e muitas delas acabaram fechando ou foram transferidas para regiões mais centrais do estado.

Ao lado das barreiras naturais e econômicas identificadas anteriormente, também podemos refletir sobre o que alguns críticos das condições da agricultura colonial consideravam uma barreira cultural. Entre os diversos depoimentos sobre as condições das práticas agrícolas de Blumenau após as primeiras décadas da colonização, uma grande parte deles costumava enfatizar que as gerações mais novas de colonos sabiam cada vez menos as técnicas agrícolas mais modernas e esta situação era justificada pelo desinteresse típico dos brasileiros.

Aborrecido com o baixo interesse dos blumenauenses com o desenvolvimento técnico da região, o Dr. Blumenau criticou os jovens colonos em carta enviada ao seu procurador no Brasil anos depois de seu retorno à Europa. Segundo ele, *os velhos alemães que ainda mais ou menos entendiam de agricultura, vão aos poucos morrendo e os descendentes sempre mais perdem os conhecimentos, capacidade e bons costumes e também vontade.*²⁸⁹

Para o Dr. Blumenau, os blumenauenses não conseguiram aproveitar os conhecimentos científicos produzidos por estudiosos como o naturalista Dr. Fritz Muller. As suas duras palavras também eram direcionadas para o que chamava de “ignorância da brasilidade”. Para ele,

Os altos conhecimentos científicos do Sr. Dr. Fritz Muller trouxeram-lhe merecida fama, mas

²⁸⁹ Kulturverein: dados e informações fornecidas pelo Dr. Blumenau intitulado “PONTA AGUDA” na qual relata suas impressões e informações sobre a situação dos terrenos, agricultura e outros dados da Colônia bem como sobre orientações ao Kulturverein. Julho/1985. Scharf-ecke (Ponta Aguda). Tradução de Edith Sophia Eimer. JUL/1985. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. ASS.3.04

para os moradores de Blumenau, em particular para os do Vale do Itajaí, em todas estas pesquisas, pouco sobrou. Se dentro em breve a emigração não for enriquecida por pessoas de nível cultural mais elevado, principalmente jovens, virá o tempo em que a grande massa de colonos fixada nas margens do Rio Itajaí voltarão para seu país de origem. Então os que restaram sobreviverão na mais obscura ignorância da brasilidade, isto é, esbanjarão o que tem em diversão, é o que mais se oferece neste sentido. Um verdadeiro povo de banana que procura para seus filhos e escolas, professores a 20Rs mensais, mas para casamentos e outras festas insignificantes gastam rios de dinheiro.²⁹⁰

Este depoimento do Dr. Blumenau difere em muito dos demais analisados anteriormente neste trabalho. Esta “estranha” agressividade para com os brasileiros poderia ser justificada pelo contexto que envolve esta correspondência. Esta carta foi enviada pelo Dr. Blumenau 1892, ou seja, em um período em que ele já não era mais diretor da colônia. Além disso, a evidente insatisfação ocorreu logo após sua ciência da desistência do poder público em instalar em Blumenau a Estação Experimental da Ponta Aguda, idealizada pelo próprio Dr. Blumenau desde os primeiros tempos da colônia.

Em artigo sobre o desenvolvimento da agricultura de Blumenau publicado em 1900, Richard Hinsh também destacava o “primitivismo” da agricultura praticada.

Aqui atualmente se conhece somente a forma mais primitiva do preparo da terra. Também o emprego de máquinas para remoção dos troncos depois da queimada não existem e a mão-de-obra é muito cara, razão porque todo preparo, semente e colheita é feita pela própria família.

²⁹⁰ Die entwicklung der landwirtschaft in brasilien (O desenvolvimento da agricultura no Brasil). Publicado no “Urwaldsbote Kalender” de Blumenau Sta. Catarina no ano de 1900 (pág. 90). Tradução: Edith S. Eimer – 1985. p. 01. Acervo: Arquivo José Ferreira da Silva. ASS.3.05

A cultura da roça como foi descrito acima foi praticamente feito por quase todos os emigrantes vindos a Blumenau. Somente os últimos decênios trouxeram uma pequena modificação.²⁹¹

Portanto, diversos depoimentos encontrados enfatizam de forma mais contundente as barreiras para o desenvolvimento agrícola da região. Os avanços técnicos eram considerados insuficientes e esbarravam justamente em questões econômicas, culturais e naturais. Apesar disso, do ponto de vista desta pesquisa, seria um equívoco desconsiderar o papel exercido por instituições públicas e privadas na busca pelo aperfeiçoamento das técnicas e introdução de espécies agrícolas em Blumenau.

4.2 Associações de Agricultores e Exposições Agrícolas

Em 1863, foi fundada na antiga colônia Blumenau uma Sociedade de Cultura (*Kulturverein*). Sua finalidade e atividade, segundo seu estatuto, era melhorar a economia rural, bem como as condições sociais, morais e científicas da Colônia Blumenau. Para conseguir isso, a sociedade promoveria reuniões periódicas nas quais haveria conferências de assunto instrutivo, troca de idéias e consultas mútuas sobre os problemas enfrentados.

De acordo com Frederico Kilian,

(..) não se encontra uma só ata, na qual um outro dos sócios não relata sobre suas experiências obtidas, quer em sentido positivo, obtendo bons resultados, ou negativo quando o êxito não correspondia às esperanças nelas fundadas, experiências estas que ora se referiam à cultura de uma ou outra planta e sua exploração industrial ou utilização no trato dos animais, ora versavam sobre a criação de animais domésticos, as raças mais recomendáveis e o método de seu

²⁹¹ Die entwicklung der landwirtschaft in brasilien (O desenvolvimento da agricultura no Brasil). Publicado no “Urwaldsbote Kalender” de Blumenau Sta. Catarina no ano de 1900 (pág. 90). Tradução: Edith S. Eimer – 1985. p. 01. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. ASS.3.05

tratamento. A estes relatos se seguiam interessantes debates, e em geral um dos sócios era escalado, para na reunião seguinte fazer uma conferência sobre o tema deste debate. Os conferencistas mais citados são: Dr. Eberhardt, Wilhelm Friedenreich, Dr. Blumenau, Pastor Hesse, Tjeodor Kleine, Sametzki, August Mueller, W. Scheeffler, Labes, e outros.²⁹²

Segundo ata desta Sociedade, em sua primeira reunião que se seguiu à fundação foi tratado uma longa discussão sobre a cultura do milho, tabaco, bicho da seda, bem como plantas de frutos oleosos e de fibras. Pelas atas das demais reuniões constata-se que os principais temas de discussão eram a cultura do tabaco, milho, feijão, e das plantas tuberosas, sendo nomeados diversos sócios para fazer experiências referentes à cultura e adubação, a fim de relatarem sobre os resultados obtidos.²⁹³

A criação de gado também mereceu atenção e cuidado especial da sociedade, através dela ocorreu a subscrição para compra de gado bovino e ovino além da promoção de uma exposição específica em 1879²⁹⁴. A produção de fumo era amplamente favorecida pela sociedade, mas ao lado das sementes de tabaco também distribuía com regularidade grande sortimento de sementes de hortaliças. As suas reuniões não se realizavam sem uma ou mais preleções sobre o assunto referente à cultura de alguma planta, preparo de algum produto agrícola, criação e tratamento do gado ou combate às doenças e parasitas.²⁹⁵

²⁹² Cultur-verein: Artigo de Frederico Kilian intitulado – “A Culturverein” - onde faz um relatório sobre as entidades desta Instituição. P.01. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. ASS.3.05

²⁹³ **Atas da Sociedade de Cultura** (acervo AHJFS). In: *Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p. 344-345.

²⁹⁴ *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1879*. p.111. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de novembro de 2010.

²⁹⁵ **Atas da Sociedade de Cultura** (acervo AHJFS). In: *Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p.344-345.

Ao patrimônio da sociedade também fazia parte uma biblioteca com obras especializadas e livros técnicos, referentes à agricultura e pecuária, os quais eram constantemente consultados pelos sócios. A biblioteca era abastecida por doações e, por deliberação da sociedade foi transformada em “Biblioteca pública popular”.²⁹⁶ A existência deste acervo e a acessibilidade ao grande público indica a pontencialidade deste tipo de instituição para o auxílio no desenvolvimento agrícola da região. Entretanto, é difícil de imaginar que os colonos mais distantes, quando conhecedores da leitura, buscassem nesta biblioteca o apoio necessário. Seu alcance, portanto, certamente ficava mais restrito aos membros da sociedade de cultura formada por uma parcela reduzida da colônia.

Em 1892, na mesma carta mencionada anteriormente, o Dr. Hermann Blumenau aponta para necessidade de atuação mais sistemática da Kulturverein na instrução aos agricultores. Segundo ele,

É necessário que o Kulturverein leve sistematicamente novos métodos para a agricultura junto aos colonos. Também não se deve esquecer os tiroleses e os italianos nos quais encontrei muito melhor vontade e também habilidade com inovações do que com os próprios alemães, principalmente os alemães do norte, que já por si são teimosos, assim como os pomeranos. **Como chegariam novos conhecimentos agrícolas entre os colonos, se não existem pessoas que as divulgam e para isto foi fundado o Kulturverein.** Não é só necessário perder tempo com discussões políticas nas quais os diretores do Kulturverein também estão perdendo seu tempo. Para todas as divulgações de novidades entre os colonos, todos deviam tomar parte, mesmo aqueles que não enxergam mais de um palmo diante de seu nariz. Mas entre os chamados “comerciantes” de Blumenau, creio que o senhor encontrará apoio. Seu crescimento, previsão e ampliação da produção, também os “negócios” regridem e a

²⁹⁶ Kultur-verein: Artigo de Frederico Kilian intitulado – “A Kulturverein” - onde faz um relatório sobre as entidades desta Instituição. P.02. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. ASS.3.05

juventude em desenvolvimento **que espécie de juventude se tornará?!! Se ela não chega a saber nem tanto quanto os velhos alemães sabiam!?**²⁹⁷

Observamos mais uma vez o tom das críticas do antigo proprietário e diretor da colônia com o desenvolvimento técnico das atividades agrícolas da colônia. A preocupação com a divulgação dos conhecimentos deveria atingir a todos, inclusive aqueles que imigraram mais recentemente como colonos de origem italiana. Para ele esta deveria ser a verdadeira finalidade da Kulturverein.

E vejo com crescente preocupação que o Kulturverein, dia a dia perde o interesse. Tudo isto significa nada de bom para o futuro dos alemães e seu papel preponderante no sul do Brasil. Quando, por exemplo, se compara a atividade e procura de progresso na Austrália e América do Norte, nós aqui brasileiros por adoção deveríamos chorar e ficar tristes. Em lugares como a cidade de Blumenau é um, lá não existem naturalmente teatros amadores e sociedades recreativas de massa, que para não esquecermos se preocupam em primeiro plano só com diversão e passa-tempo. Mas existem lá muitas sociedades recreativas, muito bem visitadas, onde são debatidos assuntos públicos em geral, agricultura, plantio de árvores frutíferas e hortaliças, progresso dos artífices, ciências e objetos científicos e por último também são realizados animados bailes e sobre tudo acontece nestas reuniões, um pequeno jornal informa a comunidade restante.²⁹⁸

²⁹⁷ Kulturverein: Dados e informações fornecidas pelo Dr. Blumenau intitulado “PONTA AGUDA” na qual relata suas impressões e informações sobre a situação dos terrenos, agricultura e outros dados da Colônia bem como sobre orientações ao Kulturverein. Julho/1985. Scharf-ecke (Ponta Aguda). Tradução de Edith Sophia Eimer. JUL/1985. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. ASS.3.04 (**grifos meus**)

²⁹⁸ Kulturverein: Dados e informações fornecidas pelo Dr. Blumenau intitulado “PONTA AGUDA” na qual relata suas impressões e informações sobre a situação dos terrenos,

Exposições

As associações de agricultores de Santa Catarina também estiveram à frente na realização das exposições coloniais e em suas participações nos eventos provinciais, nacionais e internacionais. A promoção de exposições agrícolas e industriais foi uma tendência mundial durante a segunda metade do século XIX. Além da premiação dos principais produtores, estas exposições atuavam como importante veículo de divulgação de novas técnicas e implementos a serem adotados na indústria e agricultura.

As exposições universais, surgidas em meados do século XIX, com o capitalismo industrial, eram feiras que representavam a força e a utopia modernista. “Sua origem data do final do século XVIII, no entanto só se transformam em mostras internacionais a partir de 1851 em Londres”.²⁹⁹ Nesta primeira exposição os produtos expostos foram divididos em quatro grupos: manufaturas, maquinarias, matéria-prima e belas-artes. Desta forma todos os países poderiam contribuir com a exposição. Portanto, estas “exposições realizadas na segunda metade do século XIX apresentavam progressos alcançados pela ciência, pela tecnologia e pela cultura, além de atuarem como um dos mais importantes espaços de propaganda para as mercadorias produzidas pela sociedade burguesa, numa época em que os meios de informação e de criação de um mercado consumidor não eram tão diversificados como na atualidade”.³⁰⁰

A participação brasileira nestas exposições universais teve início na terceira edição em Londres (1862). A partir daí o Brasil, com grande incentivo e financiamento do Imperador D. Pedro II, um entusiasta do avanço científico, teve presença cativa nestas exposições. Sua intenção

agricultura e outros dados da Colônia bem como sobre orientações ao Culturverein. Julho/1985. Scharf-ecke (Ponta Aguda). Tradução de Edith Sophia Eimer. JUL/1985. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. ASS.3.04

²⁹⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador, D. Pedro II um Monarca dos Trópicos**. p. 388

³⁰⁰ FILHO, Almir Pita Freitas. Tecnologia e Escravidão no Brasil: Aspectos da Modernização Agrícola nas Exposições Nacionais da Segunda Metade do Século XIX (1861-1881). **Revista Brasileira de História**. Vol.22. p. 73.

era colocar o país entre as nações que caminhavam rumo ao progresso industrial. Mesmo tendo levado produtos industriais (maquinaria, materiais para estrada de ferro, telégrafos e armamentos militares) a contribuição brasileira nestes eventos estava concentrada em produtos agrícolas e exóticos. Um exemplo disso ocorreu em sua primeira participação, onde os seus produtos premiados foram o café e a cerâmica marajoara.³⁰¹

Apesar de estarem diretamente relacionadas com os países que percorriam os caminhos da industrialização, as exposições também foram realizadas em países onde este processo ainda estava distante. No Brasil foram promovidas seis exposições nacionais de 1861 a 1888. Estas serviam como preparatórias e classificatórias para a escolha dos representantes brasileiros nas edições internacionais.

Diversas províncias brasileiras também realizavam suas exposições preparatórias. Em Santa Catarina, tanto o governo provincial como algumas colônias de imigrantes promoveram exposições seguindo a tendência internacional. O sistema de premiação também era inspirado nas universais, com a distribuição de medalhas e diplomas para as mais variadas categorias. A primeira Exposição Provincial de Santa Catarina ocorreu em 1866 e contou com a participação de representantes da Colônia Blumenau.³⁰²

Assim como as universais, as exposições brasileiras atuavam na divulgação dos avanços da mecanização na agricultura. Os catálogos agrícolas apresentavam uma diversidade de alambiques, moendas, engenhos e ferramentas. A interação com esta tecnologia e a possibilidade de aquisição poderia transformar significativamente o trabalho rural numa propriedade agrícola.

A participação das colônias de imigrantes de Santa Catarina nas exposições nacionais e internacionais foi premiada em algumas edições. Através de seu diretor Dr. Hermann Blumenau e de alguns colonos, a colônia Blumenau recebeu prêmios em exposições nacionais e internacionais. O acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva,

³⁰¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador, D. Pedro II um Monarca dos Trópicos**. p. 393-394

³⁰² Blumenau na Primeira Exposição. **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau. Tomo IX- nº 10. Outubro de 1968.

em Blumenau, possui certificados e diplomas de premiação nas edições de 1861 e 1875 da Exposição Nacional e nas Exposições Internacionais de Paris em 1867 e Filadélfia em 1875.

A premiação da Colônia Blumenau em Paris 1867 foi tratada com grande satisfação pelo Imperador Dom Pedro II e por seu Ministério da Agricultura. Observamos através de correspondências pessoais³⁰³ e elogios nos relatórios ministeriais³⁰⁴, o prestígio do Dr. Blumenau na corte imperial.

No relatório geral da colônia Blumenau de 1867, elaborado por Hermann Wenderburg, o sucesso da participação de Blumenau na exposição de Paris era visto como uma propaganda positiva para a colonização da região.

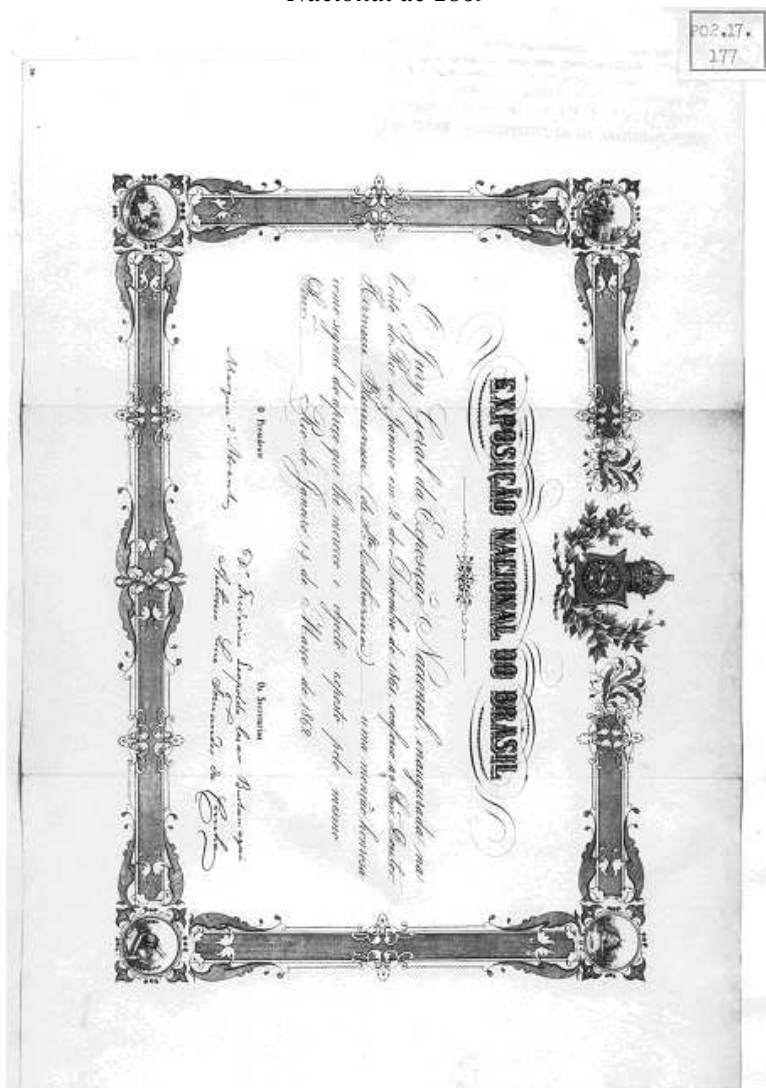
As favoráveis proporções naturais da Colônia já não são desconhecidas neste país como também na Europa, consequência dos relatórios dos empregados do Governo Imperial e dos da Prússia que honraram com sua muito estimável presença a nossa Colônia neste ano e no fim do ano passado; consequência dos contínuos esforços do Dr. Blumenau em favor desta Colônia e da colonização no Brasil em geral; **consequência do grande prêmio concedido á Colônia Blumenau na exposição do mundo em Paris** e finalmente das aumentadas correspondências particulares.³⁰⁵

³⁰³ Correspondência de Dom Pedro II para Hermann Blumenau. **Acervo:** Arquivo histórico José Ferreira da Silva. Pasta 2.32 n° 329.

³⁰⁴ RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1868. p.30. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de novembro de 2010

³⁰⁵ Relatório Geral da Colônia Blumenau de 1867 (autor Hermann Wenderburg). **Revista Blumenau em Cadernos.** Blumenau – Tomo XLI – n°5 – Maio/2000. p.24 (**grifos meus**).

Figura 17: Premiação recebida pela colônia Blumenau na Exposição Nacional de 1869



Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Em 1874, por influencia do governo imperial e seguindo a tendência da segunda metade do século XIX, Dr. Blumenau elaborou uma proposta de um programa para as Exposições Coloniais. Segundo esta, os “desígnios” destas exposições seriam:

- 1- Tornar conhecidos, na possível extensão, quaisquer riquezas e recursos naturais brutos, existentes no respectivo distrito e nas partes adjacentes, que atualmente ou no futuro possam ser aproveitados na indústria e no comércio;
- 2- Animar o progresso e a emulação na lavoura e indústrias por meio de prêmios honoríficos e, em certos casos, de prêmios pecuniários ou da compra de objetos expostos;
- 3- Promover e facilitar a mútua instrução, bem como as relações e os negócios entre os produtores e compradores.³⁰⁶

As exposições inicialmente seriam anuais e a época do evento variaria segundo as condições climáticas, o número da população, a extensão da lavoura e o interesse dos expositores. De acordo com esta proposta, poderiam ser expostos:

- 1- Quaisquer animais úteis para, por seu intermédio, serem introduzidas novas criações ou melhoradas as raças existentes do distrito, e quaisquer plantas úteis ou de ornamento ainda desconhecidas do mesmo.
- 2- Quaisquer máquinas, aparelhos e utensílios ou modelos, que forem ainda desconhecidos ou não fabricados no distrito e que nele, com vantagem, poderiam ser empregados ou fabricados, bem com quaisquer outros objetos, que à população do mesmo possam servir de instrução profissional.
- 3- Tratados relatórios ou breves notas sobre ensaios ou melhoramentos, executados em

³⁰⁶ BLUMENAU, Hermann. Proposta de um programa para as exposições coloniais. **Revista Blumenau em Cadernos**. Vol 5. Blumenau, 2000. p. 43.

quaisquer ramos da lavoura e indústria do distrito, quando os objetos, de que tratam, por sua natureza só com grande dificuldade ou despesa ou de maneira nenhuma podem ser trazidos à própria exposição e sim nos respectivos lugares examinados e apreciados.³⁰⁷

A proposta previa, assim como as grandes exposições, a distribuição de diplomas de honra, menções honrosas e prêmios pecuniários. Os eventos seriam divididos em três classes:

- **I Classe:** Produtos brutos da natureza;
- **II Classe:** Agricultura, economia e indústrias agrícolas e rurais, inclusive a criação assessoria de diferentes animais, a horticultura, pomi e arboricultura e as culturas especiais;
- **III Classe:** Produtos de ofícios, artes e indústrias, indispensáveis ou de primeira importância para o bem estar, a prosperidade e o progresso de qualquer colônia ou apropriados para o melhor aproveitamento dos produtos, tanto espontâneos da natureza, como de trabalho humano.³⁰⁸

A apresentação dos relatórios, notas e ensaios sobre procedimentos e melhoramentos executados na cultura e produção do distrito, formariam o segundo grupo da segunda classe. Estas informações deveriam dizer respeito a uma das três seções propostas:

- **Seção 1:** legumes cereais e plantas alimentícias;
- **Seção 2:** plantas filamentosas, oleaginosas e tintureiras;
- **Seção 3:** café, cacau, fumo, algodão, cana de açúcar e outras plantas sacaríferas.³⁰⁹

³⁰⁷ BLUMENAU, Hermann. Proposta de um programa para as exposições coloniais. **Revista Blumenau em Cadernos**. Vol 5. Blumenau, 2000. p.44.

³⁰⁸ Idem. p.47-53.

³⁰⁹ Idem. p. 48.

A proposta ainda deixa claro que a fonte de recursos para viabilização destes eventos viria do apoio governamental e de possíveis doações particulares. Dr. Blumenau faz referência sobre a responsabilidade das comissões eleitas no bom aproveitamento destes fundos recebidos.³¹⁰

Esta proposta de Hermann Blumenau evidencia, em seu capítulo VII, o papel a ser cumprido pelas sociedades de cultura na promoção das exposições coloniais. Nas colônias, em que existissem sociedades ativas de cultura ou de outra denominação, que tivessem por fim promover os interesses comuns e o progresso na agricultura e indústria, seria confinada a preparação e execução práticas das exposições a uma Comissão Geral, eleita pelas mesmas e composta de pelo menos três membros, a qual seguiria em geral pelos princípios e regras, estabelecidas pelo programa elaborado.³¹¹

Ainda no vale do Itajaí, em 1872 foi fundada em Brusque a Associação Agrícola das colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro. Seu surgimento deu-se por iniciativa do Diretor Dr. Luiz Betin Paes Leme, e seu objetivo era a realização de exposições anuais dos produtos agrícolas das colônias e ao mesmo tempo incentivar nos colonos o interesse pela lavoura. Eram celebradas seções mensais onde eram aplicados trabalhos práticos e ensaios de novos gêneros de cultura.³¹² Esta associação promoveu, segundo documentos existentes na Sociedade Amigos de Brusque, quatro exposições, sendo que a primeira exposição foi realizada em outubro de 1872.³¹³

Os relatórios do Ministério da Agricultura informam que os objetos mais notáveis dos eventos de 1872 e 1873 foram remetidos à

³¹⁰ Idem. p. 53.

³¹¹ BLUMENAU, Hermann. Proposta de um programa para as exposições coloniais. **Revista Blumenau em Cadernos**. Vol 5. Blumenau, 2000. p. 53.

³¹² *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1874*. p. 273 Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de novembro de 2010

³¹³ Álbum do Primeiro Centenário de Brusque. Brusque: Edição da Sociedade de Brusque, 1960. p. 220

Exposição Nacional, sendo alguns deles enviados e premiados na Exposição Internacional de Viena em 1873.³¹⁴

Além destas exposições citadas, as principais colônias de imigrantes alemães de Santa Catarina também participaram das Exposições Teuto-Brasileira de Porto Alegre (1881) e Berlim (1882). A participação do Brasil nesta última, tinha como um dos principais objetivos cunhar uma melhor imagem da emigração para o Brasil (pois esta havia sido arranhada em função do “Reeskript von Der Heydt”, de 1859), especialmente para o sul do país.³¹⁵

Evidentemente, a participação destas colônias, assim como a participação brasileira como um todo, não estavam entre as mais destacadas nestas exposições universais. No entanto, devido às diversas dificuldades de transporte e comunicação que a época oferecia, a simples presença e as modestas premiações podem ter influenciado o trabalho rural nos diversos núcleos coloniais catarinenses. Esta influência pode ter ocorrido diretamente ou mesmo via edições nacionais, provinciais e coloniais destas exposições. As universais também inspiravam a elaboração de artigos agrícolas, feitos, por vezes, com incentivo do governo imperial.³¹⁶

Voltando a realidade local, identificamos que a partir do século XX começam a surgir exposições mais específicas para algumas atividades de grande importância econômica. Este é o caso de uma Exposição Agropecuária realizada no então distrito de Indaial em 1917. Estimulado a promover ainda mais a atividade pecuária na região do vale do Itajaí o governo municipal de Blumenau já projetava seu sucesso antes mesmo de sua realização:

Com o fim de corresponder à iniciativa dos nossos agricultores e criadores de gado, foi

³¹⁴ *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1873*. p. 35. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de novembro de 2010

³¹⁵ *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1881*. 75/76. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de novembro de 2010.

³¹⁶ *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1868*. p. 30. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de novembro de 2010.

resolvido em Dezembro de 1916 promover uma exposição de gado, de machinas e instrumentos para o cultivo da terra, machinas e instrumentos para as industrias agrícolas e de productos da lavoura e da pecuária, exposição esta que deverá realisar-se no Indayal nos dias 22 e 23 de Abril de 1917, tendo esta municipalidade sido convidada para auxiliá-la o quanto possível. Não me iludo de certo, afirmando que esta exposição agro-pecuária está destinada a concorrer muito para o desenvolvimento progressivo da nossa agricultura e pecuária, como também para a melhoria dos nossos productos de exportação. Em tempo Vos darei informações a respeito da organização do plano da exposição.³¹⁷

Este tipo de evento servia para expor os bons resultados obtidos, promover orientações aos produtores e para realização de algumas trocas comerciais. Após o evento, os resultados positivos eram exaltados pela municipalidade. *Quem visitou a exposição pecuária, realizada nos dias 21 e 23 do anno passado, no lugar Indayal, e hoje percorrer os districtos ruraes do Município, confirmará, certamente, as palavras do nosso digno Governador do Estado que reconheceu os cuidados e a intelligencia com que os nossos creadores vão aperfeçoando as raças de gado pelo cruzamento.*³¹⁸

Sindicato Agrícola de Blumenau

O Sindicato agrícola de Blumenau, criado em 1903³¹⁹, seguiu a Sociedade de Cultura no serviço de orientação e amparo aos

³¹⁷ Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1916, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente.p. 6. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

³¹⁸ Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1917, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente.p.12. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

³¹⁹ Entre os documentos pesquisados foram encontradas outras duas datas de criação do Sindicato Agrícola de Blumenau, 1907 e 1912. Optou-se neste caso pela data mais freqüente nos documentos oficiais.

agricultores, com o fornecimento de sementes e distribuição e estacionamento de gado de raça importado. Ao sindicato também se deve outras ações como a fundação da Caixa Agrícola, a construção da Estrada de rodagem da Serra do Trombudo, a instalação do Posto agropecuário do Rio Morto.³²⁰

A importância do Sindicato era frequentemente registrada nos relatórios municipais. Em 1927, por exemplo, o então superintendente municipal Curt Hering destacou alguns dos benefícios desta instituição para o desenvolvimento de Blumenau.

Aproveito a ocasião para registrar os benefícios prestados pelo Sindicato Agrícola em prol do desenvolvimento da lavoura e criação de gado. O Sindicato importou e distribuiu cada ano sementes e plantas a seus numerosos sócios, tendo creado no anno passado uma estação agrícola e zootechnica no lugar Indayal. O Conselho Municipal resolveu em consideração ao grande valor deste estabelecimento, subvencional-o annualmente com a quantia de Rs. 6:000\$000.³²¹

Junto a estas significativas ações, o Sindicato Agrícola também atuou ativamente, durante a década de 1920, no processo de colonização da região com a comercialização de terras e abertura de estradas de rodagem nas povoações de Serralta e Trombudo Central.³²²

4.3 Estações Experimentais e Postos Zootécnicos

³²⁰ **Atas da Sociedade de Cultura** (acervo AHJFS). In: *Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p. 345.

³²¹ Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1927, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente.p.9. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

³²² Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1927, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente.p.19. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Para os agricultores de Santa Catarina, inclusive para os colonos de Blumenau, o acesso a inovações e experimentos agrícolas não ocorreu somente através das exposições e associações agrícolas. Mesmo que de forma pouco contínua e com baixos investimentos, o ensino e assistência agropecuária receberam maiores atenções do poder público ao final do século XIX. Aliás, esta foi uma realidade em diversas regiões do país.

Cinqüenta anos após a instalação do Jardim Botânico no Rio de Janeiro (1808), surgiram, por decretos do Imperador D. Pedro II, os imperiais Institutos de Agricultura. Foram cinco institutos, localizados na Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Sergipe e Rio Grande do Sul. Entretanto, “segundo Gastal (1980), esses institutos, criados entre 1859 e 1861, não vingaram, à exceção do Instituto Bahiano de Agricultura, do qual nasceu, em 1875, a Imperial Escola Agrícola da Bahia”.³²³

Apesar deste insucesso, as iniciativas não pararam por aí, já que ainda antes do início do século XX foram criadas algumas outras importantes entidades de pesquisa agrícola. Em 1883, por exemplo, foi criada em Pelotas uma instituição de ensino de agricultura e veterinária que posteriormente deu origem à Escola de Agronomia Eliseu Maciel. Ao lado desta, por iniciativa do então Ministro da Agricultura, Conselheiro Antônio da Silva Prado, foi fundada em 1885 a Imperial Estação Agronômica de Campinas, transformada, posteriormente, em Instituto Agronômico de Campinas.³²⁴

Na Europa as inovações científicas ganhavam força ao longo do século XIX e eram impulsionadas pelo crescente desenvolvimento industrial. Em meados do séc. XIX, a participação da Alemanha neste contexto passa a ganhar cada vez mais importância. “A Alemanha passou a produzir cientistas bem treinados, manuais e aparelhos para

³²³ *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1868*. p. 30. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de novembro de 2010. p.46.

³²⁴ *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1868*. p. 30. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de novembro de 2010. p.47/48.

suprir não só as suas necessidades, mas, outras para muito além de suas fronteiras”.³²⁵

Ao final do séc. XIX, a Alemanha já figurava como a grande potência do mundo científico. Este domínio era representado pelo seu grande número de universidades, escolas técnicas superiores, e pela diversificada produção de revistas e manuais.³²⁶ A vanguarda alemã também era percebida na pesquisas agrícolas. Sua peculiar estrutura organizacional era formada por estações experimentais financiadas pelo Estado. “Nesse contexto, a primeira instituição de pesquisa agrícola sustentada pelo governo foi estabelecida na Alemanha, e não na Grã-Bretanha. Era uma estação experimental em Möckern, na Saxônia, criada em 1852 com o objetivo de buscar soluções científicas para os problemas agrícolas das províncias alemãs”.³²⁷

“O sistema alemão de pesquisa passou a ser constituído por faculdades e pelas estações experimentais baseadas no modelo de Möckern, que tinham por características não executar a tarefa de ensino e eram apoiadas por organizações de fazendeiros e câmaras de Agricultores”.³²⁸

Esse modelo também foi adotado no Brasil ao final do século XIX. Nestes moldes, em 1895 foi criada em Blumenau, no núcleo colonial de Rio dos Cedros, a primeira Estação Agronômica e de Veterinária de Santa Catarina. De acordo com Lucy Woellner dos Santos, “isto ocorreu, presumivelmente, pela influência do Dr. Hermann Blumenau, diretor da Colônia Blumenau, e que pertencia a uma elite cultural na Alemanha, país que liderava a organização científica na época. Mesmo depois de vir para o Brasil, o Dr. Blumenau mantinha freqüentes contatos com os meios intelectuais alemães, trazendo para a Colônia as inovações correntes na Europa. Essas influências podem ter

³²⁵BERNAL. apud SANTOS, Lucy Woellmer dos. **Estação Agronômica de Veterinária do Estado. (1895-1920): uma abordagem histórica sobre o início da pesquisa agrícola em Santa Catarina.** Florianópolis, Editora da UFSC, 1998. p. 33.

³²⁶ Idem. p. 34.

³²⁷ Idem. p. 38.

³²⁸ RUTTAN. apud SANTOS, Lucy Woellmer dos. **Estação Agronômica de Veterinária do Estado. (1895-1920): uma abordagem histórica sobre o início da pesquisa agrícola em Santa Catarina.** Florianópolis, Editora da UFSC, 1998. p. 39.

sido reforçadas pela comprovada visão tecnocrática do governador Hercílio Luz, que também tinha formação acadêmica na Europa”.³²⁹

Dr. Blumenau teve durante o período em que permaneceu na Colônia, uma preocupação constante em introduzir novas técnicas e culturas. Sua disposição em absorver novas tecnologias pode ser comprovada pela introdução, em 1851, do primeiro arado de Santa Catarina, mas que não podia ser usado ainda, pelos motivos anteriormente expostos.

Mesmo após o seu retorno à Alemanha, por carta a seu procurador no Brasil, em 1892, demonstrava insatisfação com o abandono da implantação de uma estação experimental em terras destinadas a este fim. Esta disposição demonstra que, mesmo à distância, ele acompanhava o que transcorria na antiga Colônia Blumenau, e tinha interesse e preocupação com o seu desenvolvimento agrícola baseado no conhecimento científico.³³⁰

Hermann Blumenau estava frustrado com a falta de motivação dos colonos blumenauenses para o projeto da estação experimental. Lamentava também a diminuição do espaço para artigos agrícolas na imprensa local, reforçando a necessidade de divulgação das inovações nos métodos de cultivo.³³¹ Para ele, esta estação deveria *não só dedicar-se a pesquisas científicas mas igualmente elaborar objetivos práticos e necessários para a região, como por exemplo impulsionar as plantações, fazer experiências neste sentido e fazer com que os moradores tomem conhecimento com novos métodos para eles ainda desconhecidos.*³³²

³²⁹ SANTOS, Lucy Woellner dos. **Estação Agrônômica do Estado (1895-1920): Uma Abordagem histórica sobre o início da pesquisa agrícola em Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC, 1998. p. 155-156.

³³⁰ Idem. p. 85.

³³¹ ALVES, Débora Bendocchi. Notícias de Blumenau: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turíngia. Correspondência. **Blumenau em cadernos.** Tomo XLI – n.11/12, 2000. p114-116.

³³² Culturverein: Dados e informações fornecidas pelo Dr. Blumenau intitulado “PONTA AGUDA” na qual relata suas impressões e informações sobre a situação dos terrenos, agricultura e outros dados da Colônia bem como sobre orientações ao Culturverein. Julho/1985. Scharf-ecke (Ponta Aguda). Tradução de Edith Sophia Eimer. JUL/1985. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. ASS.3.04 (**grifos meus**)

Dr. Blumenau também registrou sua grande insatisfação com o desinteresse dos colonos em aprender novos métodos. Na mesma correspondência ele relata uma dessas experiências.

Até homens como Peter Wager e Peter Lucas, meus vizinhos mais próximos e aos quais estava ligado por laços de amizade, **riam de mim e sacudiam a cabeça por causa de minhas tolices inovadoras.** Quando nos anos 1850 eu **mandei vir um par de arados, pás, etc. não queriam nem emprestados gratuitamente para experiência,** Por esta razão lamento profundamente que, em interesse para os próprios blumenauenses, a estação experimental não venha a se concretizar.³³³

Esta crítica do Dr. Blumenau aos imigrantes e seu desinteresse pelas inovações se contrapõe a imagem dos imigrantes como símbolo do progresso frequentemente propagada pela literatura. Este quadro retratado pelo ex-diretor foi marcado da História do Brasil como atitude típica dos caboclos, vistos como preguiçosos e avessos ao trabalho e as modernidades.

Com já mencionamos, na mesma Blumenau, distrito de Rio dos Cedros foi criada em 1895 uma Escola Agronômica. No desenvolvimento das atividades de pesquisa realizadas por esta Estação Experimental, o nome de Giovanni Rossi ganha destaque. Este agrônomo italiano foi o seu diretor e responsável do ano de sua fundação até 1907. As preocupações de Giovanni Rossi com a introdução de técnicas inovadoras e com a publicação e divulgação de recomendações e orientações aos agricultores e sua atuação está registrada pela publicação de inúmeros artigos e por seus relatórios anuais.

³³³ Culturverein: Dados e informações fornecidas pelo Dr. Blumenau intitulado “PONTA AGUDA” na qual relata suas impressões e informações sobre a situação dos terrenos, agricultura e outros dados da Colônia bem como sobre orientações ao Culturverein. Julho/1985. Scharf-ecke (Ponta Aguda). Tradução de Edith Sophia Eimer. JUL/1985. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. ASS.3.04 (**grifos meus**)

As atenções desta estação estavam concentradas em sua maior parte a pesquisas sobre a cultura do fumo, no entanto, merece destaque nos relatórios de Rossi, as referências ao número e a diversidade de culturas com que a Estação trabalhava. Como exemplo da diversificação de produtos, o Relatório de 1903 destaca as culturas do trigo, milho, arroz, videira, oliveira, maçã, pêra, pêssego, ameixa, caqui, marmelo, e diversas outras espécies frutíferas, além de trabalhos com forrageiras, maniçoba, apicultura e a distribuição de sementes e mudas.³³⁴

Em 1900, em razão das comemorações do cinquentenário da colônia Blumenau, Rossi escreveu um artigo onde considerava que os implementos agrícolas utilizados em Blumenau, ainda eram muito rudimentares, mas correspondiam às necessidades da indústria da época, preparados pelas ferrarias “das nossas valadas”. Nos montes usava-se a foice e a enxada, enquanto nas planícies destocadas, dominava o arado, a capinadeira, a semeadeira mecânica e as enxadas puxadas por tração animal. A única máquina difundida e fabricada na colônia, era a máquina de picar cana e outras forragens, utilizada no preparo da ração animal.³³⁵

Como tratava-se de uma instituição estadual, as condições da Estação Agronômica eram registradas anualmente nos relatórios enviados a Assembléia legislativa pelos governadores. Em 1900, o então governador, Dr. Felipe Schmidt, destacava os bons resultados da Estação, a importância deste tipo de estabelecimento e também reforçava a necessidade de atendimento as demais regiões do estado com criação de outras estações de caráter prático para o desenvolvimento da lavoura catarinense.

Vão adiantados os trabalhos desse estabelecimento agrícola, cujos resultados não podem de prompto surgir. Entretanto, váe já a escola chamando a atenção dos lavradores, que começam a procurar-a para ahi receberem praticamente as lições que mais tarde de grande

³³⁴SANTOS, Lucy Woellner dos. **Estação Agronômica do Estado (1895-1920): Uma Abordagem histórica sobre o início da pesquisa agrícola em Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC, 1998. p. 120.

³³⁵ ROSSI, Giovanni. Agricultura. Síntese e tradução Pe Victor Vicenzi. **Blumenau em Cadernos.** Tomo XVII. n° 11-12, 1977. p. 355.

proveito lhes serão, applicadas ás suas lavouras. Actualmente apenas existe no Estado a Escola Agronomica e de Veterinaria estabelecida em Blumenau, na qual já se têm feito estudos sobre agricultura e ensaios de culturas, achandos-e o edificios em via quase de conclusão na Encruzilhada do Cedro. Seria de grande vantagem que uma outra estação fosse creada n'um dos pontos da parte sul do Estado ou na região serrana, onde os lavradores pudessem ir *de visu* aprender os modernos processos de cultura e assim facilitar o trabalho agrícola e argumentar-lhe os resultados.³³⁶

Assim como acontece até hoje com as instituições de pesquisa e extensão, uma das reclamações mais frequentes era a falta de recursos. Esta situação era percebida pelo próprio governador.

Em documento que foi presente a este Congresso, no anno passado consignei a necessidade que havia em dotar o Estado com mais uma instituto congênere, ao sul ou na região serrana, necessidade sobre a qual agora não insito em virtude da nossa pouco ligeira situação financeira, lembrando, porém que a escola de Blumenau fosse contemplada com uma pequena elevação na verba consignada para a sua manutenção. Não seria improductivo da dotação pelas vantagens reaes que d'ahi adviriam, impulsionando esse estabelecimento, que já vae dando sensíveis resultados.³³⁷

³³⁶ Relatório apresentado ao Congresso Representativo de Santa Catharina pelo Governador Dr. Felipe Shmidt, em 11 de Agosto de 1900. Rio de Janeiro, 1900. p.17/18. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/971/> acessado em 23/12/2010.

³³⁷ Relatório apresentado ao Congresso Representativo de Santa Catarina pelo Governador Dr. Felipe Shmidt, em 22 de Julho de 1901. Rio de Janeiro, 1901. p.17/18. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/971/> acessado em 23/12/2010.

As dificuldades financeiras para instalação de mais uma Estação no estado passaram a estimular o governo do Estado a transferir a Estação de Blumenau para uma região mais central do Estado. Em 1904, o então vice-governador Vidal Ramos Junior apontou as vantagens da mudança para os arredores da capital.

É inadiável a mudança da Estação Agronômica de Blumenau para ponto mais conveniente, nos arredores desta Capital. A experiência tem demonstrado que no lugar onde esta collocada, não poderá satisfazer os fins para que foi creada. Feita a transferencia, o actual estabelecimento poderá continuar como campo de demonstração, para servir o Norte do Estado, devendo crear-se mais dous, um no Sul e outro na Região Serrana. Este assumpto parece-me assás digno de vossa attenção, pois as providencias que lembro muito poderão contribuir para o incremento da nossa agricultura.³³⁸

A dita Estação Agronômica, permaneceu em Blumenau até setembro de 1904, quando foi transferida para São José. Mais uma vez, o Sr. Vidal Ramos Junior reforçava os benefícios da mudança.

Em virtude de auctorisação contida na Lei n.642, de 14 de setembro de 1904, foi transferida de Blumenau para o arraial do Estreito, no visinho município de S. José, a Estação Agronômica.

Foram aproveitados, para sua instalação o edifício e os terrenos da antiga hospedaria de imigrantes.

Estou convencido de que a escolha d'esta situação foi a melhor possível, não só porque a proximidade em que fica da capital permite ao Governo aproveitar melhor para a propaganda agrícola, a actividade do director do estabelecimento, o dr. Giovanni Rossi, como também por ficar accessível a uma extensa zona

³³⁸ Mensagem enviada ao Congresso Representativo do Estado de Santa Catarina. Vice-Governador Coronel Vidal José de Oliveira Ramos Junior. 24 de Julho de 1904. p.32 e 33. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/959/> acessado em 23/12/2010

em que a nossa lavoura mais precisa de estímulo e ensinamento.

Os terrenos de que dispõe actualmente a Estação são insuficientes, e, por isso, o Governo trata de adquirir outros que lhe ficam anexos.³³⁹

Apesar da transferência da Estação Agrônômica de Blumenau para os arredores da capital, vale destacar que o primeiro estabelecimento destes tipo foi instalado no vale do Itajaí e lá permaneceu por quase dez anos. Mesmo após a saída da Estação, o estabelecimento foi transformado em Campo de Demonstração e passou a ser administrado pela Sociedade Agrícola de Rio dos Cedros sob a supervisão da Superintendência do Município de Blumenau. É difícil mensurar os resultados efetivos das ações da Estação e de seu diretor Giovanni Rossi para a transformação das práticas rurais na região, mas, por outro lado, este tipo de interferência não pode ser desprezível. O crescimento da produção de fumo e arroz em núcleos de colonização predominantemente italiana pode estar vinculado parcialmente à atuação da dita estação.

Outra ação interessante do poder público estadual no sentido de aprimoramento das práticas rurais no estado foi a organização de um **ensino agrônômico ambulante**. Alguns professores eram contratados para visitar diversas comunidades agrícolas do estado com objetivo de transmitir novas técnicas de plantio e fabricação e auxiliar na introdução de novas espécies. Em 1912, o governador Vidal Ramos noticiou o sucesso da atuação destes instrutores justamente nas regiões coloniais. Segundo ele, *o ensino agronomico ambulante foi ministrado por cinco professores, sendo dous de lacticínios, um especialista em fumo e um sem especialidade immediata. Esses professores têm prestado excellentes serviços.*³⁴⁰

³³⁹ Mensagem enviada ao Congresso Representativo do Estado de Santa Catarina. Vice-Governador Coronel Vidal José de Oliveira Ramos Junior. 30 de Julho de 1905. p25. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/959/> acessado em 23/12/2010

³⁴⁰ Mensagem enviada ao Congresso Representativo do Estado de Santa Catarina. Governador Coronel Vidal José de Oliveira Ramos Junior. 23 de Julho de 1912. p.52. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/959/> acessado em 23/12/2010.

Como analisamos no capítulo anterior, o plantio de fumo e fabricação de seus derivados era uma das principais atividades econômicas das regiões coloniais de Blumenau. Esta atividade esteve presente desde o início da colônia, mas ganhou muito força a partir dos anos 1870 com a chegada dos colonos de origem italiana. Sobre a atuação dos instrutores neste atividade Vidal Ramos relatou:

O professor especialista em plantio e fabrico de fumo tem percorrido as regiões de Jaraguá , Cedro, Timbó, Ascurra, Pomerania e outras dos municípios de Joinville e Blumenau, onde os colonos se dedicam a essa cultura, levando a cada um, em suas próprias plantações, as instruções mais racionais e práticas para o seu melhoramento, visitando também as fábricas, onde procura instruir os fabricantes, quanto á classificação e preparo das folhas e fabrico dos charutos.

Os cultivadores de fumo têm acolhido com grande interesse as instruções e conselhos do professor, o que faz acreditar no rápido aperfeiçoamento desse produto da nossa lavoura.³⁴¹

Os dados estatísticos analisados anteriormente também os produtos de origem animal eram a base fundamental da economia de Blumenau no início do século XX. A manteiga, por exemplo, figurava frequentemente como o principal produto da antiga colônia. No mercado nacional, a principal concorrente da manteiga blumenauense era a produzida em Minas Gerais, considerada de maior qualidade. Neste sentido, os instrutores ambulantes financiados pelos governos estadual também buscavam aperfeiçoar a fabricação deste valioso produto para região e, por sua vez, estimular ainda mais a pecuária leiteira em Blumenau. Vidal Ramos assim relatou:

³⁴¹ Mensagem enviada ao Congresso Representativo do Estado de Santa Catarina. Governador Coronel Vidal José de Oliveira Ramos Junior. 23 de Julho de 1912. p.53. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/959/> acessado em 23/12/2010

Os especialistas em lacticínios têm se esforçado por modificar os processos empregados no fabrico do queijo e da manteiga nos municípios de Blumenau, Joinville e Itajahy (Luiz Alves).

Actualmente auxiliam a fundação de uma fábrica modelo no lugar Jaraguá.

Os processos de fabrico empregados por esta fábrica e pela que foi fundada ultimamente em Blumenau, vêm eliminar completamente as causas da depreciação dos productos de lacticínios, porquanto os productores não trarão mais a manteiga preparada em dias consecutivos, para serem refundidas na fábrica, mas, constituindo-se clientes desta, fornecerão a nata, em vez da manteiga, recebendo do industrial as desnatadeiras necessárias.

É o systema europeu, tão preconizado, que virá dar melhor cotação a esse importante producto, actualmente depreciado pelas condições inferiores de fabrico.³⁴²

As preocupações com o desenvolvimento das atividades ligadas a produção de gêneros de origem animal tornavam-se cada vez mais frequente nos primeiros anos do século XX. As sociedades de agricultores, sindicatos e os poderes públicos municipal e estadual investiam na aquisição de reprodutores de raça para o melhoramento genético das espécies criadas.

³⁴² Mensagem enviada ao Congresso Representativo do Estado de Santa Catarina. Governador Coronel Vidal José de Oliveira Ramos Junior. 23 de Julho de 1912. p.52/53. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/959/> acessado em 23/12/2010

Figura 18: Criação de gado em Blumenau no início do século XX



Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Os relatórios municipais de Blumenau registram a existência de um posto zootécnico na região entre 1908³⁴³ e 1911. O estabelecimento tinha função de auxiliar os criadores de animais na qualificação de seu plantel. Eram adquiridos, principalmente, reprodutores e matrizes de suínos e bovinos, justamente a origem dos dois principais produtos de Blumenau: a manteiga e a banha. Através dos documentos pesquisados é possível identificar algumas das principais raças importadas da Europa para composição do posto zootécnico. A atuação deste estabelecimento foi assim relatada em 1908:

O nosso posto zootechnico continuava no anno passado a desenvolver-se, como sempre, visivelmente. Foram de novo importados mais um touro da raça de Allgaeu, um varrão da raça Berkshire e outro da raça Cornwall. O touro de Allgaeu, introduzido no anno passado, acclimou perfeitamente bem, de modo que se podia estacionar, para os fins de reproducção, nos lugares mais longínquos do município, como sejam por exemplo Pommeroda e Tiimbo. Porém

não se me poupava a experiência de que não há ninguém que goste de ficar com tal animal por muito tempo, porque do bom e competente trato provem innumeráveis incommodações e trabalhos. O touro de Allgaeu, recentemente importado, que se acha actualmente, estacionado no posto, tinha muito que soffre em consequência do mau tempo deste anno, calor excessivo ao lado de chuvas permanentes; mas aqui a pouco terá passado as dificuldades de aclimatação.

Observa-se que os animais adquiridos pelo posto eram cedidos aos criadores como estratégia de beneficiamento genético e qualificação da produção do município. Os produtores diretamente envolvidos com a criação de gado e produção de laticínios também enviavam sugestões de animais a serem adquiridos pelo posto.

Varios lavradores desejam que além da raça da Allgaeu também seja introduzida a da Hollanda. Ainda às vezes dirigem-se a esta superintendência reclamações e requerimentos, pedindo que no posto zootechnico anualmente se criem bastante numero de novilhos e novilhas, para serem distribuídos nos districtos mais distantes do município. Estes dous desejos não são realizáveis, senão quando o governo do estado conceder uma subvenção considerável ao posto zootechnico, pois, a somma de que se dispunha até aqui somente chegava a manter o posto zootechnico na altura actual, applicando-se a maior possível economia. Além disso cumpre ponderar que, desde a existência do postos zootechnico, os animais de reprodução foram introduzidos à custa dos mesquinhos recursos de que nos mesmos dispúnhamos, visto que como o governo federal, há annos, e apesar de requerimentos repetidamente apresentados, nada restituiu das despesas que o mesmo governo havia de pagar conforme o determinado pelas leis orçamentárias, abrindo uma só excepção quanto às despesas pelo ganhão as quaes foram

restituídas no anno passado. Tal subvenção, em maior ou menor escala,

concedida pelo governo do estado, recommenda-se também pela circunstancia de que no anno passado vários agricultores, moradores em outros municípios, aproveitam-se dos serviços do posto zootechnico, cuja direcção enviou a pedidos animaes nomeadamente para Brusque e Joinville, uma e outra vez também para Itajahy, Desterro e região serrana.³⁴⁴

Figura 19: *Criação de gado leiteiro da raça holandesa em Blumenau no início do século XX*



Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

³⁴⁴ Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1908, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. p. 19-20. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Os elevados custos para manutenção do posto zootécnico e a carência de investimentos relatada no trecho anterior acabaram levando o fechamento deste estabelecimento em 1911³⁴⁵. Eram frequentes os questionamentos dos poderes público estadual e municipal com a falta de apoio do Ministério da Agricultura com as atividades agropecuárias em Santa Catarina. Neste caso, vale lembrar que no período mencionado o café era o principal produto brasileiro e o poder político brasileiro estava nas mãos dos próprios cafeicultores.

Em 1912, portanto logo após o fechamento do Posto Zootécnico de Blumenau, a região foi atingida por uma grave epizootia que durou aproximadamente dez anos. Esta doença atingiu principalmente os bovinos e determinou graves prejuízos a produção de laticínios na região. Existem alguns indícios³⁴⁶ de que esta epizootia tratava-se da popular *febre aftosa* que ainda hoje é uma preocupação dos criadores de bovinos no Brasil. Os relatórios municipais e estaduais dedicavam anualmente algumas páginas para relatar as iniciativas tomadas para controlar o mal que assolava as criações de Blumenau e de outras regiões de Santa Catarina. Vejamos o que dizia o relatório Municipal de 1916 sobre os prejuízos causados pela doença:

Durante os 4 annos passados os criadores e lavradores desta zona tem sofrido graves prejuízos causados pela epizootia. A estatística da mortandade do gado mostra uma perda de 15% das vaccas leiteiras e novilhas existentes no município, facto este que levou muitos criadores a venderem seu gado por preços baixos para fora do Município, procurando desta maneira evitar maiores prejuízos. Pela falta de vaccas leiteiras as receitas provenientes da venda de leite e manteiga foram reduzidas consideravelmente;

³⁴⁵ Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1911, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

³⁴⁶ Apesar de não aparecer este nome, os registros oficiais mencionavam nos casos desta epizootia apenas animais de *casco bipartido*, como bovino e suínos.

vindo alguns criadores que perderam todo o seu gado, a ficarem sem rendimento algum.³⁴⁷

A solução para problemas como estes da epizootia que atingiu Santa Catarina no início do século XX era, geralmente, lenta e na maior parte dos casos o problema era resolvido apenas temporariamente. Ao registrarmos a interferência ou mesmo a preocupação do poder público com a solução de problemas que atingiam diretamente os pequenos produtores catarinenses, aponta para um aumento da preocupação do estado com o desenvolvimento da atividade rural no estado.

Com o passar dos anos, outras estações agrônômicas, campos de demonstração, postos zootécnicos foram fundados no vale do itajaí. Entre estes destacamos o Posto Agropecuário na localidade de Rio Morto, no então distrito de Indaial, criado em 1927 por iniciativa do Sindicato Agrícola de Blumenau. Alguns investimentos em instrução agrícola, através da fundação de escolas e mesmo da atuação do ensino ambulante foram aos poucos ganhando maior espaço. No entanto, foi apenas a partir de meados do século XX que a extensão rural consolidou-se no Brasil e em Santa Catarina.

As mudanças na política nacional ocorridas na década de 1950 foram, em parte, fruto da criação do Escritório Técnico de Agricultura (ETA), com sede no Rio de Janeiro, visando promover o desenvolvimento agropecuário brasileiro. Em Santa Catarina, o ETA deu origem à Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina (ACARESC), e, segundo Glauco Olinger, esta “instituição foi responsável por algumas das principais mudanças ocorridas na política agrária catarinense, na segunda metade do século XX, e, conseqüentemente, na produção agropecuária e na vida das famílias rurais”.³⁴⁸

Portanto, se a modernização das práticas rurais estava longe de atingir os objetivos traçados pelos promotores da imigração, não podemos descartar algumas ações importantes neste sentido. As

³⁴⁷ Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1916, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

³⁴⁸ OLINGER, Glauco. **O desenvolvimento agrícola**. In: *A realidade Catarinense no Século XX*. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2001. p. 271.

associações e sindicatos de agricultores, as exposições agrícolas, os estabelecimentos técnico-científicos e outras ações públicas e privadas, certamente, deixaram alguma parcela de contribuição nos modelos e práticas rurais adotadas pelos colonos do vale do Itajaí.³⁴⁹

³⁴⁹ Cabe ainda destacar que a assistência aos agricultores através de palestras ou trocas de experiências também foi realizada com apoio de instituições religiosas como no caso do Pastor Paul Aldinger em Hansa Hammonia (Ibirama) no início do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do meio rural brasileiro já foi tema de obras clássicas da História do Brasil, como *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda e tantas outras consagradas ou não. Nesta tese, buscamos dedicar mais uma vez atenção especial as atividades rurais através da história da imigração e colonização européia no sul do Brasil. No entanto, este trabalho seguiu objetivos distintos dos clássicos citados e mesmo das diversas obras sobre o processo de colonização no Brasil meridional. Com as atenções concentradas na região do vale do Itajaí, em Santa Catarina, dedicamos nossos “olhares” as transformações ambientais decorrentes da colonização. Para isso, analisamos de forma mais direta o processo de ocupação espacial, assim como a produção e as práticas agrícolas adotadas pelos colonos e suas possíveis mudanças.

A aparente ousadia de reunir as perspectivas da história ambiental e da história da agricultura demonstrou-se viável e de grande valia para pesquisa. Aliás, esta experiência comprova, ao menos para o objeto estudado, a grande conexão existente entre as duas linhas historiográficas. Compreender as mudanças espaciais (modelo de ocupação, colonização e propriedade), por exemplo, é preocupação de trabalhos orientados pelas duas perspectivas. Da mesma maneira, saber quais eram os principais cultivos, as técnicas utilizadas e as mudanças ao longo dos anos são questionamentos comuns a historiadores ambientais e da agricultura.

Até bem pouco tempo atrás, a historiografia brasileira deu pouca atenção a esta perspectiva ambiental para analisar os processos de migração e o avanço de fronteiras agrícolas. A extensa região de mata atlântica onde foram instalados diversos núcleos de imigrantes europeus era considerada um grande vazio demográfico pelo poder público e sua ocupação era vista como uma necessidade emergente. Vastas áreas florestais foram derrubadas para o estabelecimento de colônias. Este espaço passou a ser moldado com a interferência dos novos habitantes, e foi este processo que buscamos entender. Assim, o “fio condutor” deste trabalho foi a compreensão da ação e interação humana (imigrantes) nas regiões florestais onde foram estabelecidas colônias no vale do Itajaí.

Como vimos ao longo da tese, os imigrantes não estavam sozinhos em seu novo habitat. Antes da fundação da colônia Blumenau em 1850, por exemplo, esta região já era ocupada pelos índios Xokleng, por alguns caboclos e até mesmo imigrantes egressos de outras colônias catarinenses já relativamente “caboclizadas”. A devastação florestal do vale do Itajaí após 1850 teve grande contribuição dos novos colonizadores que se estabeleceram nestas áreas justamente para sobreviver da terra através da pluriatividades rural. Não foi objetivo desta pesquisa apontar culpados pela enorme devastação florestal, o que procuramos foi compreender de que forma esta transformação de floresta e área rural colonial foi ocorrendo e se modificando ao longo dos anos. Não tivemos, portanto, a perspectiva da destruição ambiental, mas sim da transformação decorrente da colonização na região. Esta forma de análise compreende o que afirmou J. Pádua em seu recente artigo.

Tal postura aberta deve significar, em sentido fundamental, o abandono da visão catastrófica e do “homem devastador” que a voz das ruas costuma exigir. Simon Schama (1995, p.13-4) já havia criticado o fato de a história ambiental, apesar de “oferecer algumas das mais originais e desafiadoras histórias que hoje estão sendo escritas”, prender-se excessivamente na análise da destruição, quando as relações entre sociedade e natureza podiam também ser construtivas e criadoras, especialmente no que se refere aos vínculos culturais.³⁵⁰

A reflexão feita no primeiro capítulo, sobre as interferências da identidade cultural na construção da paisagem tinha como objetivo indicar as razões para a configuração paisagística da região a partir das influências internas e externas ao novo meio. Definimos esta construção como um processo de *ajustamento*, pois identificamos diversos elementos da bagagem cultural dos europeus assim como a assimilação de hábitos típicos dos rurícolas brasileiros.

³⁵⁰ PÁDUA, José Augusto de. *As bases teóricas da história ambiental*. Dossiê Teorias sócioambientais. **Revista Estudos Avançados/USP**. N.68, 2010.

Desta forma, desde o início, questionamos a ideia - frequente em muitas obras da literatura da imigração - de que nestes locais tenha ocorrido uma direta transposição dos hábitos e costumes europeus. Aspectos como o relevo, o clima e a própria diversidade da floresta subtropical atlântica já eram por si só elementos suficientes para questionar esta teoria. Por outro lado, também não podemos compartilhar da fala daqueles que afirmam ter ocorrido uma adaptação destes colonos ao novo meio. As condições, especialmente dos primeiros imigrantes, eram adversas e o ambiente era visto como inóspito por grande parte deles. Aos poucos, com a demarcação dos lotes e a estruturação das propriedades as condições locais foram sendo formatadas e *ajustadas* levando-se em consideração também elementos importantes de suas bagagens culturais. O que acaba acontecendo é a construção de uma nova identidade estimulada pelo novo meio. Como disse David Arnold, *as características físicas do ambiente influenciam na formação da identidade coletiva de qualquer grupo*.³⁵¹

Como se viu, as extensas florestas, antes encaradas como grande “vazios” selvagens pelas elites nacionais, foram transformadas em colônias e, mais tarde em municípios. A população local (caboclos e indígenas) foram desconsiderados do processo e excluídos do direito a terra por muitos anos. No caso dos indígenas, as preocupações com seus direitos sobre a terra tiveram um grande avanço apenas com a Constituição Federal de 1988. A ocupação destes “espaços vazios” deu-se através chegada de diversas levas de imigrantes europeus, principalmente de origem alemã e italiana. A forma de distribuição espacial dos lotes estava diretamente relacionada com as características geográficas da região e, por isso, também proporcionaram um processo de transformação ambiental resultante de fatores endógenos e exógenos.

Entre os elementos de grande relevância para tese desenvolvida está a conexão de diferentes dados estatísticos para percepção dos impactos da colonização nas áreas florestais do vale do Itajaí. Através deles foi possível observar mais claramente a relação entre as técnicas agrícolas utilizadas (baseadas na coivara) com a ampliação média das áreas de pasto e cultivo em cada propriedade. Esta condição, além de

³⁵¹ ARNOLD, David. **La naturaleza como problema histórico: el medio, la cultura y la expansión de Europa**. México: Fondo de Cultura Económica, 2000. p. 12

questionar o ideal inovador da imigração, demonstra a proximidade dos colonos com práticas típicas dos nacionais e consideradas extremamente rudimentares pelos especialistas.

Por outro lado não podemos desconsiderar a introdução de espécies animais e vegetais pelos colonizadores. Este processo foi iniciado muito antes do século XIX, e ocorreu, principalmente a partir do início da expansão ultramarina européia no século XV. Este tipo de ação deu origem ao que Alfred Crosby definiu com *imperialismo ecológico*, ou seja, a expansão de plantas, dos animais e das enfermidades, que se movem junto com a migração humana. Sabemos que muitas das espécies européias introduzidas nas regiões coloniais catarinenses não conseguiram os resultados esperados, mas, algumas outras se espalharam com facilidade no clima subtropical. Desta forma, o expansionismo europeu, e mais tarde a própria colonização européia do século XIX no Brasil meridional, foram responsáveis por significativas interferências no meio e, portanto, por transformações ambientais importantes.

Outros dados estatísticos sobre produção rural, analisados no terceiro capítulo, mais uma vez indicaram a enorme incorporação de práticas e culturas locais na vida colonial. Por muitos anos culturas nativas como as aráceas e os tubérculos permaneceram entre os principais cultivos dos imigrantes no vale do Itajaí. Além deles, culturas agrícolas há tempo difundidas no Brasil, como a cana-de-açúcar e o café, também estavam entre os produtos coloniais de destaque. Esta situação, ao lado das dificuldades em produzir culturas típicas da alimentação européia como o trigo, reforça a tese apresentada aqui: o processo de transformação ambiental, da produção e das práticas rurais ocorridas no vale não ocorreu a partir da “transposição da Europa” para o sul do Brasil. Diferente disso os colonos incorporaram de forma significativa em seus hábitos alimentares, na sua produção e na sua maneira de cultivar, elementos tradicionais dos nacionais. Infelizmente a influência dos lavradores nacionais em diferentes aspectos da colonização européia no sul do Brasil foi por muito tempo silenciada pela historiografia. Este é um dos trabalhos que buscou resgatar sua importância. De fato, a colônia foi formada pelo machado e pela enxada.

Nos dados estatísticos também visualizamos a acelerada ampliação da produção dos gêneros de origem animal na colônia Blumenau a partir do final do século XX. Além da validade econômica

de produtos como a manteiga, o queijo e a banha, esta situação era possível graças a ampliação das áreas de pastagem – desmatadas e não cultivadas – e da produção de alimentos para nutrição dos suínos, como o milho e os próprios tubérculos. Observamos aqui que as questões econômicas e o desgaste da terra foram sendo cada vez mais importantes na decisão do que deveria ou não ser produzido e, portanto, os impactos ambientais decorrentes da colonização também estiveram muito relacionados a estes fatores.

O que especialistas como o geógrafo alemão Léo Waibel definiram como processo de *cabocliização* dos imigrantes deu origem a diversas críticas aos caminhos adotados pela colonização. Apesar das mais duras terem sido direcionadas ao poder público brasileiro e ao modelo de colonização adotado (lotes muito pequenos!), existiram depoimentos que questionavam a falta de interesse dos colonos pelas inovações tecnológicas nas práticas rurais. Este tipo de crítica contrapõe as imagens construídas do imigrante como símbolo da laboriosidade e do progresso e do caboclo como o ícone do atraso e da preguiça.

Apesar das críticas à atuação do poder público no auxílio aos imigrantes através de ações como o aperfeiçoamento técnico, o melhoramento genético dos animais e a abertura de estradas para escoar a produção foi possível identificar nesta pesquisa algumas ações públicas e privadas neste sentido. No caso do poder público, além da abertura de estradas, este apoio ocorreu por meio da criação e manutenção de estações agrícolas, postos zootécnicos e pela instrução agrícola itinerante. Estas instituições e seus profissionais tiveram, por vezes, seus recursos cortados resultando na transferência de local ou mesmo no fechamento destes estabelecimentos. Mesmo assim, não podemos desconsiderar as possibilidades de influências destas políticas públicas no que e como se produzia nas regiões coloniais de Santa Catarina. Entre as contribuições mais evidentes estava, por exemplo, o estímulo à produção de laticínios em Blumenau e região a partir do início do século XX.

Além das políticas públicas, também devemos destacar as ações das sociedades e sindicatos de agricultores ou mesmo as iniciativas individuais de orientação aos colonos. Estas entidades promoviam reuniões periódicas de orientação aos produtores e exposições agrícolas que acabavam por influenciar nas culturas e técnicas adotadas e, por sua vez, nas transformações ambientais na região. Este conjunto de

interferências não modificou por completo a ideia de que a colonização não conseguiu implantar um dos seus objetivos iniciais: a introdução das modernas técnicas agrícolas européias no Brasil. Enfim, esta tese procurou desvendar elementos importantes e silenciados pela historiografia da imigração e colonização no Brasil meridional. Ao analisar mais diretamente a colônia Blumenau, conseguimos através do olhar ambiental dar visibilidade a aspectos fundamentais para entendermos as transformações ocorridas no vale do Itajaí nos últimos 160 anos. Mesmo que concentrados nos primeiros 80 anos da história blumenauense, vimos o quanto os métodos de cultivo, as espécies cultivadas e as tradições culturais brasileiras e européias interferiram na transformação de extensas áreas florestais em colônias e depois municípios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas. Hucutec/Anpocs/Unicamp, 1992.

Álbum do Primeiro Centenário de Brusque. Edição da Sociedade Amigos de Brusque, 1860.

ALMEIDA JUNIOR, Antônio Ribeiro, HOEFFEL, João Luís de Moraes e QUEDA, Oriowaldo. *A propriedade rural como símbolo*. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

ALMEIDA, Jozimar Paes de. **Ciência e Meio Ambiente: a interdisciplinaridade na constituição do pensamento ecológico**. Vol. 2. - nº 2 - Inverno 1997.

ALVES, Débora Bendochi. **A propaganda dos expedidores concessionários de Hamburgo e a emigração alemã para o Brasil no século XIX**.

_____. **Colhedores de Café: Cartas de imigrantes alemães publicadas nos jornais da turíngia**. Berlim: WVB, 2006.

ALVES, Débora Bendocchi e JOCHEM, Toni Vidal. **São Pedro de, Alcântara, 170 anos depois -1829-1999**. São Pedro de Alcântara: coordenação dos Festejos, 1999.

ALVES, Roselane Maria. **“Se mostram os bugres” Abordagens da imprensa catarinense sobre o indígena (1900-1914)**. Florianópolis 2000. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina.

AMARAL, Luís. **História Geral da Agricultura Brasileira**. Vol I e II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

ANDRIOLI, Antônio Inácio (Org.). **Tecnologia e Agricultura Familiar: Uma relação de Educação**. Ijuí: Editora da Unijuí, 2009.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **Técnica, Trabalho e Natureza na**

Sociedade Escravista. Rev. bras. Hist. vol.18 n.35 São Paulo 1998.

AREND, Silvia Maria Fávero e WITTMANN, Luisa Tombini. O problema dos Xokleng no município de Blumenau (1900-1914) polifonias. **Revista Blumenau em Cadernos.** Tomo XLIII – n 05/06 – Maio/Junho de 2002.

ARNOLD, David. **La naturaleza como problema histórico: el medio, la cultra y la expansión de Europa.** México: Fundo de Cultura Económica, 2000.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões: entre a história e a memória.** Bauru-SP: EDUSC, 2000.

ATLAS de Santa Catarina. Rio de janeiro: Aerofoto, 1986.

BAUER, Guilherme G. Telles. *Sobre as origens da questão agrária brasileira.* **Revista de História Regional.** Vol. 3. - nº 1 - Verão 1998.

BLOCH, Marc. **A terra e seus homens. Agricultura e Vida Rural no Século XVII e XVIII.** São Paulo: Edusc, 2001.

BOSERUP, Ester. **Evolução Agrária e Pressão Demográfica.** Estudos Rurais. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Polis, 1987.

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II.** São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1983-1984.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural.** Coleção Aldus. nº 18. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2006.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Brusque; subsídios para a historia de uma colônia nos tempos no Império.** Brusque: Sociedade amigos de Brusque, 1960.

_____. **História de Santa Catarina.** Florianópolis: Editora Lunardelli, 1987.

CAMILO, Ema Elisabete Rodrigues e SZMERECSANYI, Tamas Jozsef M. K. (orientador). **Modernização agrícola e maquinas de beneficiamento: um estudo da Lidgerwood MFG. Co. Ltd., de 1950 a 1890.** : Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. Dissertação (mestrado). Campinas, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Agricultura, Escravidão e Capitalismo.** Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

_____. **Domínios da História.** Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

CASTRO, Moacir Werneck de. **Missão na Selva: Emil Odebrecht (1835-1812), um prussiano no Brasil.** Rio de Janeiro: AC&M Editora, 1994.

_____. **O sábio e a Floresta.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

CHAYANOV, Alexander V. **La organización de la unidad económica campesina.** Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

COLOMBI, Luiz Vendelino. *Blumenau: da economia de subsistência à industrialização (1850-1880).* **Revista Blumenau em Cadernos.** TomoXLII – N.1/2, 2001.

COSTA, Iraci del Nero da. *Pesos e medidas no período colonial brasileiro: denominações e relações.* **Boletim de História Demográfica.** Núcleo de Estudos em História Demográfica. Ano I, Abril de 1994. Disponível em: <<http://historia_demografica.tripod.com/BHD.HTM >> Acesso em 5 de fevereiro de 2004.

CROSBY, Alfred W. **Imperialismo Ecológico: A expansão biológica da Europa 900-1900.** Trad. José Augusto Ribeiro e Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo, a história e a devastação da mata atlântica Brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **RIO CLARO: um sistema brasileiro de grande lavoura 1820-1920.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

DEL PRIORI, Mary. **Uma história da Vida Rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

DIEGUES, Antônio Carlos. **ETNOCONSERVAÇÃO: Novos Rumos para a Conservação da Natureza**. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

DIEGUES Jr, Manuel. **População e propriedade da terra no Brasil**. S/local: União Pan-americana/OEA, 1959.

DRUMOND, José Augusto. **A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa**. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, vol. 8, 1991/2.

_____. **Devastação e Preservação Ambiental no Rio de Janeiro: os parques nacionais do Estado do Rio de Janeiro**. Niterói: Eduff, 1997.

DUARTE, Regina Horta. **História e Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DUBY, Georges. **Economia rural e vida no campo no ocidente medieval**: [volume 1]. Lisboa: Edições 70, 1987.

_____. **Senhores e camponeses**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ETGES, Virgínia Elisabeta. **Geografia Agrária: a contribuição de Léo Waibel**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

FERRAZ, Paulo Malta. **Como viviam os primeiros colonos**. In: *Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p.145.

FERREIRA, Cristina e Frotscher (org.). **Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes**. Blumenau: Editora Nova Letra, 2000.

FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) **Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil**. Blumenau: Instituto 150 anos, 1999.

FICKER, Carlos. **História de Joinville: Crônicas da Colônia Dona**

Francisca. Joinville: Tupy, 1965.

_____. *Transformação étnica e social do imigrante e da língua alemã em Santa Catarina.* **Revista Blumenau em Cadernos.** Novembro de 1970. Vol.11.

FILHO, Almir Pita Freitas. *Tecnologia e Escravidão no Brasil: Aspectos da Modernização Agrícola nas Exposições Nacionais da Segunda Metade do Século XIX (1861-1881).* **Revista Brasileira de História.** Vol.22.

FOUQUET, Carlos. **O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil.** São Paulo: Instituto Hans Staden, 1974.

FOWERAKER, Joe. **A luta pela terra: a economia política da fronteira pioneira do Brasil de 1930 aos dias atuais.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

Geografia do Brasil: Região Sul. Vol.2. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

GILLIS, John R. **Commemorations: the politics of national identity.** Princeton: Princeton University Press, 1994.

GREGORY, Valdir. **Os Eurobrasileiros e o Espaço Colonial: migrações no oeste do Paraná (1940-1970).** Cascavel: Edunioeste, 2002.

GRENDI, Eduardo. *Repensar a Micro-História.* In: REVEL, Jaques (Org). **Jogos de Escala: a experiência da microanálise.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GÓMEZ-POMPA, Arturo e KAUS, Andrea. *Domesticando o Mito da Natureza Selvagem.* In: DIEGUES, Antônio Carlos. **ETNOCONSERVAÇÃO: Novos Rumos para a Conservação da Natureza.** 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade.* 4ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HERKENHOFF, Elly. *A primeira exposição agroindustrial de Joinville*. In: **Era uma vez um simples caminho**. Joinville: Fundação Cultural de Joinville, 1987.

HILAIRE, August Saint. **Viagem a Curitiba e Santa Catarina**. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Editora da USP, 1974.

HILLESHEIM, Anselmo Antônio. O crescimento do mercado interno numa colônia do Império – O caso de Blumenau: 1850-1880. (Parte 1). In: **Revista Blumenau em Cadernos** – Tomo XLI – nº 5, Maio, 2000.

_____. O crescimento do mercado interno numa colônia do Império – O caso de Blumenau: 1850-1880. (Parte 2). In: **Revista Blumenau em Cadernos** – Tomo XLI – nº 6, Junho, 2000.

_____. O crescimento do mercado interno numa colônia do Império – O caso de Blumenau: 1850-1880. (Parte 3). In: **Revista Blumenau em Cadernos** – Tomo XLI – nº 7, Julho, 2000.

HOELTGEBAUM, Curt. (tradução e transcrição). *As colônias alemãs nos distritos brasileiros de Brusque e Blumenau, publicado por decisão dos membros do Senado 11/1897*. Revisão Anemmarie Fouquet Schünk. **Revista Blumenau em Cadernos**. Fundação Cultural de Blumenau. Tomo XLIII. n. 07/08, 2002.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HUNSCHE, Carlos H. **O Biênio 1824/25 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro – Secretaria de educação e Cultura, 1975.

JOCHEM, Toni Vidal (org.). **São Pedro de Alacântara 1829-1999, Aspectos de sua História**. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999.

KLUG, João. **Imigração alemã, agricultura e meio ambiente no sul do Brasil no início do século XX**. In: *Construindo Diálogos. História, educação e ecumenismo. Homenagem a Martin N. Dreher*

Organizadores Miquéias Henrique Mugge, Erny Mugge e Iria Hauenstein – São Leopoldo: Oikos, 2010. (p. 3001-312).

KLUG, João. **Propostas para a agricultura no início do Império: um estudo comparativo entre as idéias de Friedrich von Weech e Carlos Augusto Taunay.** In: *História: Debates s e Tendências* / Universidade de Passo Fundo, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas., Programa de Pós-Graduação em História. – Vol. 1, n.1, (junho, 2009). (p. 21-35)

KLUG, João e DIRKSEN, Valberto (orgs). **Rio do Sul, uma História.** Rio do Sul: Fundação Cultural de Rio do Sul, 2000.

KUPPER, Agnaldo. **A devastação da cobertura vegetal do Estado de São Paulo.** In: Projeto História. São Paulo: EDUC, nº18, Maio/1999.

LAGO, Paulo Fernando. **Gente da Terra Catarinense – Desenvolvimento e Educação Ambiental.** Florianópolis: Ed. Da UFSC/FCC Edições /Ed. Lunardelli/UDESC, 1988.

LEANDRO, Jose Augusto. *Devastação e tráfico de madeira no litoral do Paraná Provincial.* **Revista de História Regional.** Vol. 4. - nº 2 - Inverno 1999.

LEITE, Miriam Moreira. **A condição Feminina no Rio de Janeiro: séc. XIX.** São Paulo: Hucitec/Ed USP. 1993.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade Nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.** São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história.* In: BURK, Peter (Org.). **A Escrita da História, novas perspectivas.** São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

LINHARES, Maria Yedda. *História Agrária.* In: CARDOSO, Ciro Flamarion. **Domínios da História.** Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

_____ e SILVA, Francisco Carlos Teixeira. **A história da**

agricultura brasileira: debates e controvérsias. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

_____ e SILVA, Francisco Carlos Teixeira. **Terra Prometida: uma história da questão agrária no Brasil.** Rio de JANEIRO: Campus, 1999.

LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar, (re) lembranças de migrantes.** São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

LUNA, Francisco Vidal e KLEIN, Herbert S. Nota a respeito de medidas para grãos utilizadas no período colonial e as dificuldades para sua conversão ao sistema métrico. **Boletim de História Demográfica.** Ano VIII, número 21, março de 2001. Disponível em: <<http://historia_demografica.tripod.com/BHD.HTM >> Acesso em 18 de outubro de 2010.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **A Política de Colonização do Império.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

MAZOYER, Marcel e ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no Mundo: do neolítico à crise contemporânea.** (Tradução de Claudia F. Falluh Balduino Ferreira). – São Paulo: Editora da UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

MOREIRA, Roberto José (org.). **Identidades Sociais: ruralidades no Brasil Contemporâneo.** Rio de Janeiro: Dp e A Editora, 2005.

MOTTA, Márcia. **Dicionário da Terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. *Movimentos rurais nos oitocentos: uma história em (re)construção.* **Revista Estudos Sociedade e Agricultura,** Rio de Janeiro, CPDA, abril de 2001.

NODARI, Eunice Sueli. *Imagens do Brasil na Alemanha do Século XIX.* **Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH) - Anais da XII Reunião.** Porto Alegre, 1992.

OBERACKER Junior, Carlos H. *A colonização baseada no regime da pequena propriedade agrícola*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo II, v. 3, São Paulo: DIFEL, 1967, p. 220-244.

_____. **A contribuição teuta à formação da nação brasileira**. Rio de Janeiro: Presença, 1968.

O’Cronnor, James. *Qué es la historia ambiental? Por qué historia ambiental?* (versão traduzida por Guilherme Castro) In: **Causas Naturales. Ensayos de marxismo ecológico**. México, Siglo XXI, 2001

OLINGER, Glauco. **O desenvolvimento agrícola**. In: A realidade Catarinense no Século XX. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2001.

OLIVEIRA VIANNA. **Populações meridionais do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de Destruição: Pensamento político e Crítica ambiental no Brasil Escravista (1786-1888)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2002.

_____. **As bases teóricas da história ambiental**. Dossiê Teorias sócioambientais. Revista Estudos Avançados/USP. N.68, 2010.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.

PEIXOTO, Aristeu Mendes (Coord.). **Enciclopédia Agrícola Brasileira**. Vol. 4. São Paulo: EDUSP, 2002.

PEREIRA, João Baptista Borges. **Os italianos no mundo rural paulista**. São Paulo: Edusp, 2002.

PESSANHA NEVES, Delma. **A agricultura familiar e o Claudicante Quadro Institucional**. In: LOPES, S. A.; MOTA, D. M. Da; MAGNO DA SILVA, T.E. (Org.). *Ensaio: desenvolvimento e transformação na agricultura*. EMBRAPA, 2002.

PIAZZA, Walter Fernando. **A colonização em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1994.

PIÑEIRO, Diego. (Comp.) **Nuevos y viejos actores para la Modernización Agraria**. Montevideo: CIESU, 1992.

Pioneirismo. **Revista Blumenau em Cadernos**. Maio de 1968. Vol. 9.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. **Revista Estudos Históricos**. Vértice, nº3, 1989.

PORTO, Aurélio. **O trabalho alemão no Rio Grande do Sul**. Estabelecimento Gráfico Santa Terezinha, 1934.

ROCHE, Jean. **A colonização Alemã no Rio Grande do Sul**. Vol. I e II. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

RAMOS, Pedro. **Um Estudo da Evolução e da Estrutura da agroindústria canavieira do Estado de São Paulo**. São Paulo: FGV, Dissertação de Mestrado, 1983.

_____. *Agroindústria Canavieira e Propriedade Fundiária no Brasil*, São Paulo: Hucitec, 1999.

RAMOS, Godophim Torres. **Terras e colonização no Rio Grande do Sul**. Revista de Imigração e Colonização, ano I, n.4, 1940.

RENAUX, Maria Luiza. **O Outro lado da História: O Papel da Mulher no Vale do Itajaí 1850-1950**. Blumenau: Editora da FURB, 1995.

Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 4, n.8, 1991. p149-280.

Revista Estudos sobre Sociedade e Agricultura. vol. 11. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1998.

RICHTER, Klaus. **A Sociedade Colonizadora Hanseatica de 1897 e a colonização no interior de Joinville e Blumenau.** Florianópolis, SC: Ed. da UFSC; Blumenau: Ed. da FURB, 1986.

ROMERO, Ademar Ribeiro. **Meio Ambiente e dinâmica de inovações na agricultura.** São Paulo: Annablume: FAPESP, 1998.

SALOMON, Marlon. **As correspondências, uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí.** Editora da UFSC: Florianópolis, 2002.

SANTOS, Lucy Woellner dos. **Estação Agronômica do Estado (1895-1920): Uma Abordagem histórica sobre o início da pesquisa agrícola em Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC, 1998.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHENTKE, W. **Advertência contra a emigração para o Brasil.** (tradução de Guido Imaguire/ revisão de Valberto Dirksen).

SCHRÖDER, Ferdinand. **A imigração alemã para o sul do Brasil até 1959.** Porto alegre: Editora Unisinos / EDIPUCRS, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador, D. Pedro II um Monarca dos Trópicos.**

_____. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e a questão racial no Brasil (1870-1930).** 3^a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e Cultura no Brasil.** Brasília: Editora UNB, 1990.

_____. **Herança e estrutura familiar camponesa.** Boletim do Museu Nacional, n. 52, 1985.

_____. *Imigração Colonização e Estrutura Agrária.* In:

WOORTMANN, Ellen F. (Org.). **Significados da Terra**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004. p. 69-150.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *História das Paisagens*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

_____. *Repensando a Construção do Espaço*. **Revista de História Regional**. Vol. 3. - nº 1 - Verão 1998.

SILVA, José Ferreira da. **A imprensa em Blumenau**. Florianópolis: IOESC, 1977.

_____. **História de Blumenau**. Florianópolis: Edeme, 1972.

SILVA, Zedar Perfeito da. **O vale do Itajaí**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1954.

SOFFIATI, Arthur. *O Nativo e o Exótico: perspectivas para a História ambiental na ecorregião norte-noroeste fluminense entre os séculos XVII e XX*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, 1996.

SZMRECSÁNYI, Tamás. **Pequena História da Agricultura no Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 1998.

_____. e QUEDA, Oriowaldo. **Vida Rural e Mudança Social**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

TEDESCO, João Carlos. **Memória e cultura**. Porto Alegre: EST, 2001

THEIS, Ivo M., MATTEDI, Marcos Antônio e TOMIO, Fabrício Ricardo de Limas Tomio (Orgs.). **Nosso passado incomum: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia em Blumenau**. Blumenau: Editora da FURB, 2000.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TSCHUDI, Johann Jakob von. **As Colônias de Santa Catarina**. Apresentação e Anotação por Walter Fernando Piazza. Blumenau:

CNPq: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.

WEECH, Friedrich von. **A agricultura e o comércio do Brasil no sistema colonial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WILLEMS, Emilio. **A aculturação dos alemães no sul do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

_____. **Assimilação e Populações Marginais no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

WITTMANN, Luísa Tombini. **O Vapor e o Botoque: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.

WOLFF, Cristina Scheibe e FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A Oktoberfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição*. In: **Os Alemães no sul do Brasil**; cultura, etnicidade e história. Canoas: Editora da ULBRA, 1994.

WORSTER, Donald. *Para Fazer História Ambiental*. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, vol. 8, 1991/2.

WOORTMANN, Ellen F. (Org.). **Significados da Terra**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

_____. & WOORTAMNN, K. **O Trabalho da Terra. A lógica e a simbólica da lavoura**. Brasília, Ed. da UnB, 1997.

_____. **Herdeiros, parentes e compadres**. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora UNB, 1994.

_____. **Identidades e Memória entre os teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico**. Horizontes Antropológicos, n.14, 2000.

_____. e WOORTMANN, Klaas. **Com parente não se neguecia: o campesinato como ordem moral**. Anuário Antropológico/87. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1990.

VASQUEZ, Pedro Karp. **Fotógrafos alemães no Brasil do Século XIX**. São Paulo: Metalivros, 2000.

ZARTH, Paulo Afonso. **Do Arcaico ao Moderno: o Rio Grande do Sul Agrário do século XIX**. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

FONTES

- **Textos**

ABRANTES, Visconde de. **Memória sobre os meios de promover a colonização**. Revista de Imigração e Colonização, ano II, n.2-3, 1941.

ALDINGER, Paul. O problema do índio. **Revista Blumenau em Cadernos**. Vol.2. Blumenau: fev. 1968.

ALVES, Débora Bendochi. **Notícias de Blumenau: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turíngia**. **Revista Blumenau em Cadernos**, Tomo XLI – N.11/12, 2000.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens para Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo**. São Paulo Ed. Itatiaia, 1980.

BETHLEM, Hugo. **Vale do Itajaí**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939.

BLUMENAU, Hermann. **A Colônia Alemã Blumenau na Província de Santa Catarina no Sul do Brasil – 1855**. Organização: Cristina Ferreira; Tradução: Annemarie Fouquet Schünke – Blumenau: Cultura em Movimento; Instituto Blumenau 150 anos, 2002.

_____. *Problemas enfrentados pelo fundador da Colônia: Os bugres atacam e matam Colonos, roubam e raptam crianças*. **Blumenau em Cadernos**. Maio de 1978. Vol. 5.

_____. *Proposta de um programa para as exposições coloniais*. **Revista Blumenau em Cadernos**. Vol 5. Blumenau, 2000.

Blumenau na Primeira Exposição. **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau. Tomo IX- nº 10. Outubro de 1968.

Centenário de Blumenau 1850 - 2 de setembro - 1950. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950.

Correspondência do Dr. Blumenau. In: **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau: Tomo IX. nº 7. Jul. 1968.

Correspondência de Dom Pedro II para Hermann Blumenau.
Acervo: Arquivo histórico José Ferreira da Silva. Pasta 2.32 nº 329.

Cultur-verein: Artigo de Frederico Kilian intitulado – “A Culturverein” - onde faz um relatório sobre as entidades desta Instituição. P.01. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. ASS.3.05

DEEKE, José. **O município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento.** Blumenau: Nova letra, 1995.

Die entwicklung der landwirtschaft in brasilien (O desenvolvimento da agricultura no Brasil). Publicado no “Urwaldsbote Kalender” de Blumenau Sta. Catarina no ano de 1900 (pág. 90). Tradução: Edith S. Eimer – 1985. p. 01. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. ASS.3.05

GANARINI, Arcângelo. *Notícias de Brusque e Nova Trento, isto é colônias Itajaí e príncipe Dom Pedro, na Província de Santa Catarina.* **Revista Blumenau em Cadernos.** Fundação Cultural de Blumenau, 1859.

HINSCH, Richard. **O desenvolvimento da agricultura em Blumenau.** **Revista Blumenau em Cadernos.** Blumenau, Vol. 6. p. 9, 2000.

KIRCHNER, Philipp e KIRCHNER, Rudolph. *Interessante Correspondência.* **Revista Blumenau em Cadernos.** Fundação Cultural de Blumenau, Vol. 7, 1966.

Culturverein: dados e informações fornecidas pelo Dr. Blumenau intitulado “PONTA AGUDA” na qual relata suas impressões e informações sobre a situação dos terrenos, agricultura e outros dados da Colônia bem como sobre orientações ao Culturverein. Julho/1985. Scharf-ecke (Ponta Aguda). Tradução de Edith Sophia Eimer. JUL/1985. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. ASS.3.04

LACMANN, Wilhelm. *Cavalgadas e Impressões no sul do Brasil.* **Revista Blumenau em Cadernos.** Fundação Cultural de Blumenau,

vol. 11, 1997.

_____. **Ritte und Rasttage in Südbrasilien - Reisebilder und studien aus dem Leben der deutschen Siedelungen.** Berlin: Vertag Diertrich Reimer, 1906.

MAITOS, Jacintho Antonio de. **Colonização do Estado de Santa Catarina, dados históricos e estatísticos (1840-1916).** Florianópolis: Secretaria Geral dos Negócios do Estado, 1917.

MULLER, Fritz. **Carta para sua Irmã Röschen.** In: *Centenário de Blumenau 1850 – 2 de setembro – 1950.* Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950.

PRESTIEN, Johan August. *Vida de Colono.* **Revista Blumenau em cadernos.** Fundação Cultural de Blumenau. Vol. 7, p.128, 1965.

ROSSI, Dr. Giovanni. Agricultura. In: **Revista Blumenau em Cadernos.** Blumenau. Tomo IXX. nº 11 e 12 – Nov/Dez de 1977.

RUHE, Rudolf. **A Emigração da Soberania de Rodolstadt ao Brasil na metade do século XIX.** (tradução de André Werle).

_____. *Para a História da Emigração Ultramarina da Soberania Territorial do Antigo Principado de Schwarzburg-Rudolstadt no século XIX.* (tradução de André Werle).

WAIBEL, Leo. *Princípios da Colonização Européia no sul do Brasil.* **Revista Brasileira de Geografia.** Ano XI, n.2, Abril – Junho de 1949.

ZOELLER, Hugo. *Os alemães na floresta brasileira.* **Revista Blumenau em Cadernos.** Fundação Cultural de Blumenau, Vol. 5, 1990.

- **Documentos oficiais**

Colônia Blumenau

Ano de 1862: Notas estatísticas sobre a Colônia Blumenau (Província de Santa Catarina) no sul do Brasil do ano de 1862. **Revista Blumenau em Cadernos**. Tomo V – nº 4. Abril de 1962. p Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Atas da Sociedade de Cultura (acervo AHJFS). In: *Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p. 344-345.

Colônia Blumenau: Relatório Geral sobre o ano de 1866-1867. In: **Revista Blumenau em Cadernos** – Tomo XLI – nº 5 – Maio, 2000. p. 24.

Colônia Blumenau; Mappa Estatístico do ano de 1868. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.33 332

Mappa Estatístico da Colônia Blumenau sobre fim de 1877. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.66 668.

Mappa Demonstrativo da Situação, Origem e Condições da Colônia Blumenau, fundada pelo Dr. Hermann Blumenau em 1852 e transferida ao Estado em 1860, na Província de Santa Catarina. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.85 859

(Mapa) *Quadro estatístico do ano de 1861*. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.14 141.

Mapa estatístico da Colônia Blumenau do ano de 1868. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.33 332.

MAPA ESTATÍSTICO DA COLÔNIA BLUMENAU DO ANO DE 1873 IN: FALA DIRIGIDA Á ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 25 DE MARÇO DE 1874 PELO EXM. SR.

PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1874. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 20 de novembro de 2010.

Mapa demonstrativo da situação, origem e condições da Colônia Blumenau referentes ao ano de 1880. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. P02.85 859.

Relatórios sobre a Colônia Blumenau. In: **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau. Tomo I- nº 6 – abril de 1958. p. 106.

Relatórios do Dr. Blumanau. Quarto Relatório da Colônia Blumenau – Ano de 1853. **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau. Tomo I- nº 6 – abril de 1958.

Relatórios do Dr. Blumenau - 1856. In: **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau: Tomo II. nº 2. 1959. p. 25.

Relatório da Colônia Blumenau de 1862. In: **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau. Tomo V – nº 4 - abril de 1962. p. 67.

Relatório Geral da Colônia Blumenau de 1867 (autor Hermann Wendeburg). **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau – Tomo XLI – nº5 – Maio/2000.

Município de Blumenau

Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1908, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. p. 19-20. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1910, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. p.4. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1911, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1915, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. p. 3-4. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1916, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Snr. Paulo Zimmermann. p.5 Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1917, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Snr. Paulo Zimmermann. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1919, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Paulo Zimmermann. p.21. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1920, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Paulo Zimmermann. p.29-30. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1921, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Paulo Zimmermann.p.7. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1923, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Curt Hering. p.13. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1925, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Curt Hering. p.18-19. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1927, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente.p.9. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1928, apresentado ao Conselho Municipal pelo Prefeito Curt Hering . p.18-20. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Província de Santa Catarina

Relatório do Presidente da Província de Santa Catharina, Francisco Carlos d'Araújo Brusque apresentado à Assembléia Legislativa Provincial na 2ª Sessão da 10ª legislatura. Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro e Comp. a, 1861. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/948/> acessado em 23/12/2010.

Relatório apresentado á o ex. 1 vice Presidente da Província de Santa Catharina, o commendador Francisco José d'Oliveira pelo exm. Presidente, Pedro Leitão da Cunha por ocasião de passar-lhe a administração da mesma província em 19 de dezembro de 1863. Desterro, Tup. Commercial de J.A. do Livramento, 1863. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/950/> acessado em 23/12/2010.

Relatório do vice presidente da província Santa Catharina, dr. Guilherme Cordeiro Coelho Cintra, apresentado á Assembleia Legislativa Provincial em 25 de março de 1872. Cidade do Desterro, 1872. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/959/> acessado em 23/12/2010.

FALA DIRIGIDA Á ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATARINA EM 21 DE MARÇO DE 1875 PELO EXM. SR.

PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DR. JOÃO THOMÉ DA SILVA. CIDADE DE DESTERRO, TYP. LOPES, 1875. p. 93. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de novembro de 2010.

Estado de Santa Catarina

Relatório apresentado á Assembleia Legislativa de Santa Catharina na 1ª sessão de sua 26ª legislatura do presidente, Dr. Francisco José da Rocha , em 21 de julho de 1886. Desterro, Typ do Conservador, 1886. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/971/> acessado em 23/12/2010.

Relatório apresentado ao Congresso Representativo de Santa Catharina pelo Governador Dr. Felipe Shmidt, em 10 de Agosto de 1900. Florianópolis, Typ. Moderna, 1899. p.20-21. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/971/> acessado em 23/12/2010.

Relatório apresentado ao Congresso Representativo de Santa Catharina pelo Governador Dr. Felipe Shmidt, em 11 de Agosto de 1900. Rio de Janeiro, 1900. p.17/18. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/971/> acessado em 23/12/2010.

Relatório apresentado ao Congresso Representativo de Santa Catarina pelo Governador Dr. Felipe Shmidt, em 22 de Julho de 1901. Rio de Janeiro, 1901. p.17/18. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/971/> acessado em 23/12/2010.

Mensagem enviada ao Congresso Representativo do Estado de Santa Catarina. Vice-Governador Coronel Vidal José de Oliveira Ramos Junior. 24 de Julho de 1904. p. 32 e 33. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/959/> acessado em 23/12/2010

Mensagem enviada ao Congresso Representativo do Estado de Santa Catarina. Vice-Governador Coronel Vidal José de Oliveira Ramos

Junior. 30 de Julho de 1905. p25. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/959/> acessado em 23/12/2010

Mensagem enviada ao Congresso Representativo do Estado de Santa Catarina. Governador Coronel Vidal José de Oliveira Ramos Junior. 23 de Julho de 1912. p.52. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/959/> acessado em 23/12/2010

Ministério da Agricultura

RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1868. p.30. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de fevereiro de 2004

RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1874. p. 273. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de novembro de 2010.

RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1873. p. 35. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de novembro de 2010.

RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1879. p.111. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de novembro de 2010.

RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1881. 75/76. Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/content.asp>>> Acesso em 5 de novembro de 2010.